



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA
DOUTORADO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**PARA A CRÍTICA DA TEOLOGIA POLÍTICA
SOBERANIA, LINGUAGEM E INIMIGO**

João C. Galvão Jr.

Orientador

Prof. Dr. Carlos Henrique Aguiar Serra (UFF)

Co-Orientador

Prof. Dr. Joel Birman (UFRJ / UERJ)

2011

**PARA A CRÍTICA DA TEOLOGIA POLÍTICA
SOBERANIA, LINGUAGEM E INIMIGO**

João C. Galvão Jr.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Teoria Política

Orientador

Prof. Dr. Carlos Henrique Aguiar Serra (UFF)

Co-Orientador

Prof. Dr. Joel Birman (UFRJ / UERJ)

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Henrique Aguiar Serra (UFF)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Joel Birman (UFRJ / UERJ)
Co-Orientador

Prof. Dr. Marildo Menegat (UFRJ)
Membro Externo

Prof. Dr. Pedro Villas Boas Castelo Branco (UNIRIO)
Membro Externo

Prof. Dr. Cláudio de Farias Augusto (UFF)
Membro Interno

Prof. Dr. Adriano de Freixo (UFF)
Membro Interno

à todos os *animais* – estão perto os meus filhos

Benjamin Daniel Galvão, as *crianças*

Joel Birman, pela *hospitalidade*

in memoriam

Barbara Goldberg de Freitas (2008 - 2011)

[*Rafaela*]

Walter Benjamin (1892 - 1940)

Resumo

Trabalhamos com a unidade temática determinante daquilo que Carl Schmitt nomeia de *complexio oppositorum* no mundo extensivo, que surge a partir de uma vontade que constrange uma unidade formal, uma realidade em si mesma informe e irreduzível a mediações, ou seja, a partir de uma força agregadora que, determinada como uma *vontade de decisão* [*Wille zur dezsion*] vincula o conceito do político.

Este [*o político*] escondido em Lacan, tem seu *passee* pela linguagem e conceitos formados enquanto *Gestalt* do inimigo [*outro do outro*] a ser apagado ou exterminado.

No mundo inextensivo, um todo que engloba mais do que a soma das suas partes, enquanto manifestação de uma totalidade que um *complexo de imagens* [já sendo uma psicologia das formas] revela todo o seu “poder teológico-político” de mobilização pela organização psíquica da *imago*. Aí residiria a capacidade de mobilizar coletivamente as almas das massas; efeito mobilizador de uma representação e seu mandamento “teológico-político” como resultado concreto, fazendo a prova no comando das massas de forma estratégica num programa universalizador cravado na hierarquia da imagem da decisão [*símbolos*]. *O político* passa ser construção de imagens no domínio das massas e suas almas – psíquico [*Psyche / Seele*]. Tirania das imagens.

Daí a necessidade da desconstrução e destruição destes símbolos. Estas interpretações vivem como espectros de *Nietzsche*, *Freud* e *Marx* nestes escritos. “Marx” em Benjamin; “Freud” em Lacan [na desconstrução derridiana de Lacan]; “Nietzsche” instintualmente em aforismos; numa interpretação sem acabar da *linguagem em geral* [*das coisas*].

Se existe algum tipo de hierarquia instituída culturalmente, existe *Gewalt*. A negação da negação não viria das contradições dos opostos mas sim do espaço sagrado da circularidade da imagem da decisão. Este “estatuto

do nome próprio” ou de uma “soberania interior” deve ser desconstruído e destruído [*desconstrução destrutiva*].

Resumé

Nous travaillons avec l'unité thématique déterminante de ce que Carl Schmitt nomme le *complexio oppositorum* dans le monde extensible, qui surgit à partir d'une volonté qui contraint une unité formelle, une réalité en soi-même, informe et irréductible aux médiations, c'est-à-dire, à partir d'une force jointive qui, déterminée comme une *volonté de décision* [*Wille zur Dezision*], lie le concept du politique.

Celui-là [*le politique*], qui se trouve caché chez Lacan, a sa *passé* à travers le langage et les concepts formés comme *Gestalt* de l'ennemi [*autre de l'autre*] à être effacé ou exterminé.

Dans le monde inextensible, un tout qui englobe plus que la somme de ses parties, pendant qu'une manifestation d'une totalité qu'un *complexe des images* [en étant déjà une psychologie des formes] révèle tout son « pouvoir théologico-politique » de mobilisation pour l'organisation psychique du *imago*. C'est là qui résiderait la capacité à mobiliser collectivement les âmes des masses, l'effet mobilisateur d'une représentation et son commandement « théologico-politique » comme un résultat concret, en faisant la preuve dans le commandement des masses de façon stratégique dans un programme d'universalisation cloué dans l'hierarchie de l'image de la décision [*symboles*]. *Le politique* devient une construction des images dans le domaine des masses et de leurs âmes - psychique [*Seele/ Psyché*]. La tyrannie des images.

D'où on a la nécessité de la déconstruction et de la destruction de ces symboles. Ces interprétations vivent comme des spectres de *Nietzsche*, *Freud* et *Marx* dans ces écrits. « Marx » chez Benjamin, « Freud » chez Lacan [dans la déconstruction derridienne de Lacan], « Nietzsche » instinctivement dans les aphorismes, dans une interprétation continue du *langage en général* [*des choses*].

S' il y a quelque type de hiérarchie instituée culturellement, il y a le *Gewalt*. La négation de la négation ne viendrait pas des contradictions des

contraires, mais de l'espace sacré de la circularité de l'image de décision. Ce « statut du nom propre » ou d'une « souveraineté intérieure » doit être déconstruit et détruit [*déconstruction destructrice*].

Abstract

We work with the set of themes unit determinant of what Carl Schmitt calls the *complexio oppositorum* in the extensive world that appears with the will that constrains a formal unit, a reality in ones self unformed and irreducible to mediation, meaning, that from an aggregated force that, determined as a Will of decision [*Wille zur dezision*] entailed the Political concept.

The one [*the politician*] hidden in Lacan, has his *pass* through languages and formed concepts while *Gestalt* of the enemy [*other to other*] to be extinguished or exterminated.

In the non extensive world, a whole that conglobates more than a some of it's parts, while the manifestation of a totality that a *complex of images* [already being the psychology of shapes] reveals all it's "theological power – politician" of mobilization for the psychic organization of *imago*. There would reside a capacity of mobilize collectively the souls of the mass; effect from the mobilizations of a representation and it's command "theological-politician" as a concrete result, making proof in the command of the mass in a strategic way in a universalized program driven in hierarchy of the images of decision [*symbols*]. *The politician* becomes a construction of images in the dominion of the mass and it's souls – psychic [*Psyche / Seele*]. Tyranny of the images.

Then the necessity of deconstruction and destruction of these symbols. These interpretations live as *Nietzsche*, *Freud* and *Marx's* specters in these writings. "Marx" in Benjamin, "Freud" in Lacan [in the past deconstruction in Lacan]; "Nietzsche" in intuitional aphorism in a interpretation without ending the *language in general [of the things]*.

If some kind of hierarchy culturally established, there exists *Gewalt*. The negation of the negation will not come from the opposite but from the sacred space of circulation of the image of decision. This "statute of my own" or of a "interior sovereignty" must be deconstructed and destroid.

Sumário

Introdução.....	25
1. Sob a sombra da cruz – <i>da procissão dos vencedores</i>	53
2. Ilusão da presença soberana.....	77
3. <i>Complexio oppositorum</i>	94
4. Força da representação – <i>a igreja católica romana como instituição soberana</i>	113
5. [ii] imagem imaginária do mal – <i>ou do homem como um animal de horda</i>	139
6. Sob a sombra da suástica – <i>tecnologia, guerra e fascismo (e cibernética)</i>	166
7. A sagrada soberania – <i>discurso enquanto estratégia do poder</i>	209
8. Por detrás da soberania – <i>ou do “pecado original” do espírito linguístico</i>	279

9. O retorno da <i>linguagem animot</i>	
– <i>sobre o indeterminismo do animot</i>	294
Considerações finais	
– <i>fogo no céu!</i>	314
Anexo I	321
Anexo II	337
Anexo III	33
Bibliografia	339

Agradecimentos

Palavras seriam impossíveis para agradecer ao **Joel Birman**, o que lembro aqui de uma *linguagem como expressão* para deixar registrado meus agradecimentos. Nestes intensos anos de pesquisas e produção da tese, diante do amigo, passagens do quadro negro escrito em sua escritura com espectros freudianos para o quadro branco vazio com espírito lacaniano e vice-versa *na força da escritura: na hospitalidade* de sua escritura tomo a liberdade de apresentar estes estudos traçado na crítica do espírito.

A **Marildo Menegat**, sobre aqueles que não desistiram e resistiram politicamente contra o fascismo de um mundo burguês. Nestes mais de dez anos que freqüentei suas aulas pude experimentar um pouco do *marxismo ocidental*, que para mim, foi fundamental.

Pelo intenso diálogo com **Tereza Callado** sobre o *trauerspiel* benjaminiano, a ambivalência da História, *Engel der Geschichte* – onde historiador e colecionador se confundem. *Der Engel* – o Anjo [*Angesilau Santander*] concentra simultaneamente o satanismo do questionador.

Esperamos, que os cursos de “Ciência Política” ou “Filosofia Política” [ou pelo menos o que se entende por isto] estejam preparados para este tipo de intelectual e um pensamento do “político” que passe pela Filosofia da História [“O Verdadeiro político”] – como diria nosso Benjamin.

Gostaria de agradecer o carinho, as conversas e os *intensos* debates nas noites de quinta-feira na Formação Freudiana - RJ com o **Chaim Samuel Katz**.

Deixo também registrado o importante diálogo com **Jurandir Freire Costa**, diálogo transferencial sobre a *vida*. Agradeço também as primeiras leituras destes escritos, que resultou num outro texto marcado por esta *expressão*.

A **Isabel Fortes** por me acolher em seus cursos sobre o *excesso pulsional*, pelas conversas sobre estas importantes questões na teoria psicanalítica e no político e suas maravilhosas aulas sobre Bataille.

Por estar conectado a **Katia Muricy**, através da magia da linguagem e às alegorias benjaminianas; “pensadores em cena”, uma “reflexão dramatizada” onde vida e obra entrelaçam-se mutuamente.

Gostaria de agradecer também a amiga **Olgária Chain Féres Matos**, pelas conversas sobre a *experiência mística* em Walter Benjamin e suas relações com a “magia negra” em Jung – o “mítico inconsciente coletivo”.

Pelas traduções das Obras de Walter Benjamin, agradeço o amigo **João Barrento**, em especial a tradução *Origem do Drama Trágico Alemão* e os exemplares que muito foram importantes.

A **Cristiana Filizola**, nestes quatro anos de pesquisas e tradução do “*Leviathan schmittiano*”. Este tipo de esforço comum nos exigiu um alto grau de compreensão e capacidade de trabalhar o material sem retirar seu “sentido” profundo – *sentido* que faz parte da estrutura “schmittiana”. Procurando uma ligação com o *ethos* “schmittiano” “secularizado”.

Por outro lado, sua ruptura *na* Tarefa do tradutor. A tradução de “tradução” sendo uma interpretação – *transmutação*.

Que o desejo intenso por uma complementação entre as línguas se expresse neste texto.

Diríamos: *tradução a contrapelo* – que para além da noite e da visita de alguém que saudou o obscuro tenta *desconstruir* – e *destruir* – a forma autoritária de uma *escrita fonética*.

A **Beth Muller**, pelos debates em seu carácter “intensivo” [*intensidade*] nas noites de quarta feira e aos “1000 anos de Lacan” [*Para os 1000 anos de Lacan*]. A presença desta serpente negra e pesada já anunciava o mito do herói falante durante os séculos até a modernidade.

Agradeço ainda o professor **Nilo Batista**, minha admiração e minha felicidade de poder enxergar coisas que alguns anos atrás estavam eclipsadas em minha mente – como diria o amigo João Damasceno: “*Eu sou da Escola de Nilo Batista !*”.

Ao companheiro de doutorado **João Damasceno**, que também, não se submeteu às ordens sacras, resistindo ao autoritarismo numa Universidade [Departamento] dita “laica”.

Expresso e repito suas palavras:

“Giordano Bruno não retificou seu pensamento diante da Inquisição. Apolônio de Carvalho não retificou seu pensamento diante da tortura. Há quem nos orientar quando acreditamos no que pensamos, ainda que nos garantamos a liberdade de mudar de opinião por conta própria”.¹

¹ Carta aberta e pública escrita pelo aluno de doutorado João Damasceno e dirigida ao Departamento de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense - UFF em 31 de agosto de 2009.

Outro companheiro de doutorado, **Maurício Rodrigues de Souza**, nos últimos instantes, pelas conversas sobre o “*estrangeiro*” ou “*inquietante*” e os almoços na UERJ.

Ao músico, **Max Cavalera**, que tanto me inspirou com suas letras e composições, especialmente *Manifest*, expressão cultural da presença do espírito em nossas ditas democracias ou da violência extra-legal; *Ratamahatta* “vamos detonar esta porra”; *Roots bloody roots* “estamos crescendo todo dia / ficando fortes de todas as formas / vou te levar para um lugar onde devemos achar nossas / Raízes sangrentas”; *Arise* “*face the enemy / manic thoughts / religious intervention / problems remain*” e muitas outras.

Ao amigo **Renato Nunes Bittencourt**, filósofo nietzscheano, companheiro de viagem – neste *drama trágico* – que nunca se limitou a ser um “puro” “nietzscheano”, estando a cada instante para além da *tragédia* ao encontro do *trágico* – da vida fantasmática [*espectral*]; como diria nosso Benjamin: “mundo dos espectros e seu tempo” – *de spectris*.

* * *

Sob todos os aspectos, na **UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**, gostaria de agradecer:

Ao coordenador do Departamento de Pós-Graduação em Ciência Política Prof. Dr. **Carlos Henrique Aguiar Serra** e ao Prof. Dr. **Renato Lessa** pela total liberdade de questionamento.

Universidade sem condição – do *sem* poder ou do *sem* defesa como disse uma vez o filósofo Jacques Derrida.

Agradecimento que também se dirige a prudência e neutralidade ou caráter neutral dos eminentes professores da UFF.

Sem as violências da Inquisição.

Esperamos assim.

A História [digo: a História *aberta* do pensamento de Walter Benjamin – “benjaminianas”], sempre aberta numa abertura incondicional – sem representações determinadas – a cada instante de retorno, na repetição desta História [o filósofo Friedrich Nietzsche dirá alguma coisa parecida – não sei mais exatamente onde] na *rememoração* dos criativos, colocará estes, no eterno presente. Repetindo com Derrida: “o direito de responder” [isso retornará eternamente] – quando o hóspede estrangeiro apresenta-se como um *Angesilaus Santander*.

O “Mundo dos espectros” e seu Tempo – *de spectris* – envolvendo esta questão no *trauerspiel* benjaminiano.

Nesta direção sem direção ou fora dos trilhos este pensamento de uma “abertura da História” – não oficial ou a contrapelo [que convide os *espectros* a dialogar] – teria um outro impacto na (des)construção de uma dita “Filosofia Política” embebida na pós-modernidade ainda por um helenismo demasiado “branco” e “falante”, o que já demonstra certa urgência – devido a este *aviso de incêndio* – de um repertório insubordinado nas “Universidades”, a começar por Walter Benjamin nas “ciências sociais”.

Uma mensagem. Um Tempo. Fora das representações.

O retorno para o *inconsciente* fracassa se não for experiência da manifestação da *intensidade*. A subversão desta *força* se torna um aspecto da *redenção* relacionada à verdadeira imanência do mundo – *Angelus Novus* carrega traços do anjo da Justiça como também do *destruktive charakter*.

Mas esta *ética* vai contra a cristianização de Walter Benjamin e Sigmund Freud.

Seja nas Universidades ou *fora* delas, o século XXI será o século *dosdoisDs* – Desconstrução e Destruição – de uma “Grande Família”.

Sobre esta “Família” e sua posição, posições, sua condição, condições, o filósofo Jacques Derrida traz alguma coisa em sua *Escritura e diferença* [especialmente em *Edmond Jabès e a questão do livro*] sobre a Liberdade como coisa da terra e de raiz, sob pena de ser apenas vento, discurso da ordem da retórica.

Mas “creio”, “fielmente”, na verdadeira *verdade* das verdades [Benjamin não tinha nenhum problema com esta palavra], que o que não pode acontecer é continuarmos vivendo sob a sombra de “Lacan” – mesmo sem saber – o que levaria ao fechamento da *Ouverture de L’Histoire* [como dirá o intelectual Michael Löwy num escrito sobre *Romantismo*].

Por entender que a História retorna no Tempo perdido; que a amizade desdobra-se em três tipos de amizade (a mais alta amizade, baseada na virtude, entre dois homens virtuosos; em segundo lugar, a amizade baseada na utilidade, amizade política; e, em terceiro lugar, haveria a amizade baseada no prazer) segundo levanta, desde os gregos, o filósofo Jacques Derrida; da importância do discurso como formadora do poder ou de uma civilização *logocêntrica* [*metafísica da escritura fonética*] que legitimará a eliminação da outridade, segundo o filósofo Emmanuel Levinas, o chamado humano que se distingue no rosto, de uma assimetria da rosteidade; que este passe passa pela relação com o rosto – o *face-a-face* – como linguagem, como aquilo que se apresenta na palavra e que implica Justiça. Mas, com o *animal*, não há responsabilidade; o que o mesmo Derrida em um pensamento de uma Filosofia

da diferença [junto com Nietzsche, Deleuze, Bergson etc, pensadores da intensidade] ou diferença [especificamente derridiano] dirá sobre “o político” no texto *Spectres de Marx* ou em *Politiques de l’amitié*, mas que muitas vezes não é entendido nos muros da Universidade.

Infelizmente.

Nesta “*Jornada da Alma*”, Sabina Spielrein [leia-se: a *criatividade*] deve ser apagada dos registros institucionais. Mas, o confronto intelectual continua, para além dos muros da “Universidade”. Isso retorna – o retorno da *linguagem animot*.

Alguma teoria, em algum lugar – não sei mais exatamente onde – diz que a repetição do mesmo seria um *sinthoma*: “Diante destes amigos professores, na experiência da decisão sendo sempre a decisão do outro, numa incapacidade de decisão” – *politiques de l’amitié*, diria um “Walter Benjamin” qualquer em suas passagens [ou no *Origem do drama trágico alemão*].

Será que posso representar uma Filosofia ou visão de mundo [*Weltanschauung*] que apresenta aspectos interessantes, se, ao mesmo tempo, deixo de ver que este tipo de visão serve de argumento aos estimuladores da *guerra*, aos industriais e à Igreja, aos exploradores e aos tiranos?

Pode parecer difícil acreditar-se nisto quando o interesse é apenas pelo caráter neutral de uma obra, produto desenvolvido na “Fazenda Imperial” do Rio de Janeiro, com direito a honrarias e busca de “imunização” [humanização] aos nomeados “schmittianos”... A busca de “imunização” da produção intelectual é uma busca fascista – em qualquer Tempo.

Para estes pensadores da representação, registra Chaim Samuel Katz: “*Nem sempre a hegemonia política se consegue, mas isto não elimina o Fascismo dos acontecimentos das várias séries de ações e pensamentos*”. Os *fascismos* “passados” e “futuros” sempre foram insurreições de perdedores [ressentidos], os quais modificam as regras para poderem apresentar-se como vencedores durante o *tempo da exceção*.

Neste murado lugar o fascismo é a cultura do ressentimento, política do ressentimento ou da vingança.

Quando o filósofo Immanuel Kant propõe o direito de viajar, por exemplo (e logo ele que nunca saiu da então sua cosmopolita cidade alemã), não é um *slogan* para futuras agências de turismo, murado lugar, *mas* a observação de que a extensão do mundo, tudo e todos os lugares nos pertencem, além do fato de que o asilo político é um direito do homem.

Cantou uma vez um artista brasileiro: “O discurso dos ditadores / esmagando sua vida / regras para matar o desejo / guerra por território” [Territory].

Neste retorno e com isto tudo, enfastiou-se de toda esta visão e deste lugar, e o *leão*, embora necessitando ainda de muito repouso o corpo, ergueu-se para reiniciar a sua marcha, evitando a todo preço a compaixão dos medíocres ressentidos, segundo o uso dos criativos.

E disse então o *leão* aos amigos: – Agora fiquemos de emboscada para vermos sem ser vistos o que possa acontecer neste lugar.

E o *outro do outro* concordou, e onde havia uma montanha que dominava o vale esconderam-se e quedaram-se pacientemente à espera.

E toda *vida* em derredor parecia bem morta, e em parte alguma neste lugar havia sinal de movimento, a não ser um só raio de sol, que brincava na grama verde, esquadrihava a redondeza com humor de uma criança, fragmentado, escondia-se e reaparecia, insinuava-se pelo rasgo na lona.

Abrupto movimento de quebra com os últimos resquícios de obediência e de sideração em torno dos símbolos sagrados da representação dos murados.

Nesta odediência, Baudelaire irá falar dos “Bons cães”,² *king-charles*, empestados e piolhentos, submissos e devotados...

² BAUDELAIRE. C. *Os Bons cães*. In *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 339 - 341.

Não tenho mais nada a dizer, disse tudo o que tinha a dizer: "...a aterrante suspensão de um sopro de alienação violado, tosado, aspirado a fundo por toda a insolente gentalha de todos os apavorados de cagalhões que não tiveram outro regalo para viver" (Artaud).³

– Temos na Universidade os que se apresentam como tolerantes, neutros e prudentes dedicados à busca da felicidade e cujo inconsciente é o local de interdições. O nomeado "*intellectual*" moderno pensa saber que Deus está morto; o que ele não sabe é que, inconscientemente, continua a acreditar em Deus.

* * *

³ ARTAUD. A. *Oeuvres complètes*. Gallimard: Paris, 1974, XII, p. 13 - 14.

Da relação de amizade que eternamente retorna

in memoriam

Wilson Coutinho, escritor, poeta, crítico de arte / sua experiência intelectual / retorna a cada instante com a violência crítica do presente / em seus olhos de imagem / a força da criança que destrói os equívocos ideológicos da arte (re)colocando-a com o olhar do intelectual que sabe saborear a arte / deixou registrado uma amiga *benjaminiana* / neste registro, marcas profundas / de sua não domesticada ou indômita capacidade de se por em cena e tomar posições nas mais difíceis circunstâncias / foi a sua marca, a sua ética guerreira.

“**Carlito**”,⁴ dramaturgo / que com seu teatro / desmistificou as relações da sociedade / provocou fortes emoções / envolveu o público / desenvolvendo uma atitude *do* trágico em relação à peça / uma crítica sempre radical à sociedade burguesa / e de abertura de uma perspectiva nova / é aqui justamente que se *abre* / a meu ver / a amadurecida etapa da atividade artística de Carlito / de um lado / a capacidade extraordinária de penetrar até o âmago do mundo burguês / e dele nos dar / no plano da arte / uma análise face à qual / poucas são as pesquisas políticas que por exatidão científica pode suportar / de outro lado / quando seus personagens em cena / de origem subalterna / tenham todos consciência de classe / e a perspectiva concreta / de uma desconstrução do Estado / a terminar-se no manifesto do artista / “*todos nós estamos indignados !*” (Brecht).

⁴ Carlos Alberto R. Marchon.

Walter Benjamin, a questão do suicídio não passa pelo suicídio e a culpa eterna cristã. O óculos é outro – é o óculos do materialismo histórico e da teologia messiânica.

Como pensador estratégico *na* prática da guerra pensou máquinas de resistência. E para pensar estas máquinas escolheu “Carl Schmitt” para dialogar do diálogo de amizade do outro.

Foi um pensador que atuou *na* prática da guerra contra *a* guerra – nesta *resistência* afirmou a *vida*.

Jacques Derrida, que num momento de profunda e aguda angústia de minha vida – me deu a *mão*.

Gilles Deleuze, por sua audácia em oposição ao já estabelecido, me deu ar, me fez respirar e me motivou muito com a disposição *ou* distribuição de seu texto *Différence et Répétition*.

* * *

Por fim – *sem fim* – gostaria de deixar registrado meus especiais agradecimentos, num outro registro:

à minha mãe, **Lourdes Abido**, pelas importantes conversas.

meu irmão **Daniel Abido Galvão**, professor da Edith Cowan University - ECU; pelas experiências neste novo *território*.

à companheira de meu pai, **Hetty Goldberg**, pelas *semanas das intensidades* e por abrir as portas para esta *grande família*.

à meu pai, **João Carlos Galvão**, pelo exercício livre da *criatividade*.

* * *

*Es warf uns dein Bild in die Augen, Herr.
Augen und Mund stehn so offen und leer, Herr.
Wir haben getrunken, Herr.
Das Blut und das Bild, das im Blut war, Herr.*

*Bete, Herr.
Wir sind nah*

Paul Celan *

**Jogou-nos tua Imagem nos Olhos, Senhor.
Olhos e Boca estão por demais abertos e vazios, Senhor.
Behemos, Senhor.
O Sangue e a Imagem que no Sangue havia, Senhor.**

**Roga, Senhor.
Estamos próximos.**

* CELAN, P. *Cristal*. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2009, p. 68 - 69.

Introdução

O presente estudo de doutorado reflete um eixo temático: a compreensão da cultura numa esfera secularizada encobrindo a violência de conceitos teológicos na esfera do político; uma cultura feita para reger a vida na tentativa de domínio da força pela representação.⁵

Neste aspecto, acreditamos que os *dispositivos*⁶ teológico-políticos do Cristianismo seriam um dos mais antigos elementos estratégicos da *governamentalidade*⁷ das massas na cultura ocidental, a começar pela moral normativa na instituição de uma instância superior mitificada no soberano. Supervalorização circular do problema do soberano enquanto simbólico e dimensionado pelo imaginário *em* relações de força submetidas ao *complexio oppositorum*⁸ de um poder que gera vida e morte para além do real. Desta forma, a salvação das massas de fiéis recodifica-se como salvação desta instância, revelando-se *no* “poder soberano” ou “soberania”; reconhecimento de

⁵ BENJAMIN, W. *Prólogo epistemológico-crítico*. In *Origem do drama trágico alemão* (1925). Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 13.

⁶ DELEUZE, G. *O que é um dispositivo?* In *O Mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1996; *O que é um dispositivo?* Esta fala foi proferida por Giorgio Agamben em uma das conferências que realizou no Brasil, em setembro de 2005, incluído *Sobre a gênese teológica do governo*. O *dispositivo* tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.

⁷ Em um manuscrito sobre a *governamentalidade* (sem título, maço de 11 folhas, sendo a letra de Foucault difícil de decifrar) como “generalidade singular”, só ela possuindo realidade acontecimental, não sendo uma seqüência histórica determinada, nem uma estrutura, mas na medida em que toda relação de poder decorreria de uma análise estratégica, o filósofo dos poderes revela o *político* concebido do ponto de vista das formas de *resistência* ao poder (que por sinal, parece ser o único texto, em que faz referência explícita a Carl Schmitt, muito embora, grande parte de sua obra seja uma tentativa de estabelecer um vínculo entre micropoder e macropoder, dialogando implicitamente com o “poder soberano” em sua reverência inconsciente). O fato é que as disciplinas descritas por Foucault são a história daquilo que vamos deixando pouco a pouco de ser. Ver *Segurança, território, população*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 534, 535; *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004, p. 277.

⁸ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

uma *ordem* ou *reino do simbólico*.⁹ Sob o pretexto da salvação pública, da defesa nacional, da ordem pública, da guerra contra o terrorismo, este “soberano” exerceria o “monopólio da decisão”. O Estado (pólo de transcendência, instrumento de dominação de classe, monstro frio etc) passa a não ser mais a realidade política última. Na “segunda natureza”¹⁰ *em excesso*, onde as forças produtivas transformam-se *em* forças destrutivas, o Estado seria superado e determinado pelo movimento e sua liderança soberana e sagrada com poder de *decisão*. Desta forma, toda pretensa leitura seria feita em decorrência da dita *decisão soberana* – sagrada – ou do sagrado simbólico – que *determina* o “inimigo” que ameaça a existência da coletividade. O “ódio [hostilidade] é sagrado” no combate ao *inimigo*. “Perguntar-nos-emos então o que é uma decisão e *quem* decide. E se uma decisão é, como no-lo dizem, ativa, livre, consciente e voluntária, soberana.”¹¹

Surge aí a importância deste primeiro conceito na dita Filosofia Política: *inimigo*. Neste olhar, da História dos vencedores [*Geist*] na tentativa da “secularização” do poder, provaremos, desconstruindo este discurso, *na* esfera deste “objeto”, que o mesmo seria a idéia de *mal* como resíduo imaginário no comando estratégico das massas. Que “o Demônio propriamente dito só nascera com o Cristianismo”.¹² Este “Espírito” (“*espírito coletivo* que tem sua duração calculada em séculos”)¹³ nada explica, antes, ele que deve ser explicado ou “desconstruído” [esta seria a verdadeira função da *desconstrução?*]. Nesta direção “não sou um filósofo, eu sou um estrategista” (G. Debord) *da* “história dos vencidos” (W. Benjamin) insurgindo-se contra

⁹ DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*. In *A Ilha deserta*. Trad. Hilton F. Japiassú. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 222 - 223.

¹⁰ LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 198.

¹¹ « *Nous nous demanderons alors ce qu'est une décision et qui décide. Et si une décision est, comme on nous le dit, active, libre, consciente et volontaire, souveraine.* » DERRIDA, J. *Politiques de l'amitié*. Paris: Galilée, 1994, p. 15.

¹² JUNG, C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 95.

¹³ *Idem*, p. 88.

máquinas *cibernéticas*¹⁴ e a tradição fonocêntrica [substância fônica e soberana], pois nem tudo o que acontece está arquivado; os vencidos não escreveram seus arquivos ou história, estes foram apagados por *guardiões*¹⁵ do *logos* [palavra ou razão]. Esta História [oficial] ou arquivos passam pelo sistema de poder [“teológico político”] *na construção* ocidental da imagem do inimigo – *mal* “secularizado”.

Daí a importância do “*falar mais de uma língua*” [leia-se: trabalhar com vários pensadores] ou da posição *desconstrutivista* – dialogando com a ética, para tentar sair da evidência fenomenológica da fase do espelho, meio formador do objeto e do sujeito. Este “espelho” captura o *animot*. O ensino didático, com os seus fundamentos racionalistas secularizados, só podem atingir o empírico, mas jamais a atitude ética;¹⁶ atingindo o alvo do empirismo lógico sobre a cientificidade, condição para legitimar tal discurso, determinado enunciado teórico carregado de sentido – *sentido prévio*; em todas as esferas o interesse pelo “método” é um “posicionamento genuinamente burguês”.¹⁷ Quando acontece a “superação” da religião católica pela religião do capitalismo, quando Hegel supera Kant, ou Rousseau, indiretamente, com o seu *Contrato Social*, o constitucionalista Montesquieu, trata-se de um processo que permanece adentro dos limites da teologia, da filosofia, da teoria política, que representa uma etapa na história dessas áreas de pensamento e não sai delas. Ilusão burguesa e reificação do mesmo ou “continuidade histórica reificada” [*continuité historique chosifiée*].¹⁸ Caráter fechado das várias áreas

¹⁴ LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 339 - 354.

¹⁵ Referência à expressão “guardiões” [*gardiens*] de arquivos, processos de arquivos que passam pelo sistema de poder; daqueles que “tinham o poder de interpretar os arquivos” [*Ils ont le pouvoir d’interpréter les archives*]; “os arcontes, aqueles que comandavam” [*les archontes, ceux qui commandaient*]; “discussão arcôntica” [*dimension archontique*]; “função árquica, na verdade patriárquica” [*fonction archique, en vérité patriarchique*]. DERRIDA, J. *Mal d’archive: une impression freudienne*. Paris: Galilée, 1995, p. 13 - 14.

¹⁶ BENJAMIN, W. *O Ensino de moral*. (1913). In *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2002, p. 18.

¹⁷ BENJAMIN, W. *Programa de um teatro infantil proletário*. (1928). In *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2002, p. 112.

¹⁸ Acreditamos nesta nossa interpretação que esta expressão é a forma que Benjamin utiliza-se para fazer sua crítica ao conceito de “secularização”. BENJAMIN, W. *Eduard Fuchs*,

do saber e da produção. Haverá a função de ensino propriamente dita: ensinar a verdade. A verdade do “poder”. Aquilo que se retira ou se colhe à força pelo poder e com o poder como “desempenho” ou execução de uma tarefa, missão, jamais pode medir-se com a improvisação – *criação* – e suas diferenças na expressão. Retorna-se aos perigos do discurso científico secularizado [crítica não religiosa] com a capa do político e da psicanálise que oculta revelando e não revelando um *complexo de oposições* harmonizadas pela eliminação de extermínio das intensidades [*espectros*] – sistema de representação. É preciso que seja um discurso tal que a subjetividade do eterno discípulo possa dele apropriar-se, mesmo “rompendo” no mundo extensivo e que, apropriando-se dele, o discípulo possa reificar o Mestre recalçando o mesmo numa repetição inconsciente. E “não pode ser desprezado o perigo de sermos arrastados das alturas do conhecimento para as monstruosas profundezas da alma barroca”.¹⁹

Neste aviso de perigo – já de incêndio [1916 - 1925] na interminável repetição da “pós-teologia” de uma transcendência que nunca cessa de ser reconduzida à imanência e vice-versa. Atrás de toda a renúncia ao sistema, também onde o pensamento se tenha apresentado como o de um fragmentista, ainda permanece uma tendência sistemática – em toda grande obra existe a necessidade de sua própria epistemologia. Uma tendência (des)construtiva no modo de pensar – mesmo quando aplicada a fatos ou fenômenos destrutivos – criando um estilo *ou* estilística. O evidente mundo do sistema consciente, a função da erudição, com toda a panóplia de notas explicativas, é a de sugerir o mundo de pesadelo que é o do peso dos objetos sobre a ação instintiva. Não haverá palavras mais adequadas para provocar o desassossego provocado pelo começo de qualquer ocupação com a História que mereça o *caráter destrutivo*. Desordem mental pelo desafio ao historiador no sentido de abandonar a atitude tranqüila em relação ao seu objeto para tomar consciência da crítica em que se situam os fragmentos.

collectionneur et historien. Trad. Rainer Rochlitz. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 175.

¹⁹ BENJAMIN, W. *Prólogo epistemológico-crítico*. In *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 44.

Trata-se, portanto, num primeiro momento, de uma “desconstrução” [desconstrução destrutiva] da esfera do *simbólico cristianizado* – estetizado enquanto belo, na busca da imanência viva das coisas e sua linguagem em geral [pois que também não pode ser desprezado o perigo da estetização das intensidades, missão do mundo dos “nietzscheanos”]; não deixando de lado a crítica do imaginário ocidental. Crítica à concepção “teológica política do poder” – *vontade de verdade*.

Em que consiste a arte de governar? Dominar o imaginário – espécie de “governo dos homens” que utiliza-se de *dispositivos teológico-políticos* [o *dispositivo* vem colado com o Cristianismo e seu simbólico imaginário] na administração das massas e suas almas. . *Gouverneur*,²⁰ monarca, imperador, rei, príncipe, soberano, líder, senhor, pai – estão na esfera do simbólico-imaginário, produzindo efeitos reais na prática *do político* e suas relações de força.

Num segundo momento, entender porque este “poder soberano”, durante séculos, *captura* as almas das massas humanas e inumanas, fazendo-as morrer, deixando-as viver; fazendo-as viver, deixando-as morrer numa história de intensidades capturadas por *complexos de imagens [imago]*²¹ – mundo das imagens do inconsciente.²²

Por outro lado, “tudo isso é uma discussão de Filosofia política que se pode deixar de lado, mas que mostra bem como o problema da vida começa a

²⁰ FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 123.

²¹ “Dou preferência intencionalmente à expressão *imago*, ao invés de *complexos*, para indicar também visualmente, através da escolha do termo técnico, aquela situação psicológica que entendo por ‘imago’, aquela independência viva na hierarquia psíquica, aquela autonomia que se cristalizou como particularidade essencial do complexo de sentimentos às custas de experiências múltiplas e que é ilustrada pelo conceito de ‘imago’. Meus críticos viram neste conceito um retorno à psicologia medieval, e o rejeitaram. Este ‘retorno’ de minha parte foi consciente, pois a psicologia de velhas e novas superstições a meu ver fornece inúmeros comprovantes. ‘Imago’ tem apoio no romance *Imago*, de Carl Spitteler, e na antiga idéia religiosa de ‘*imagines et lares*’.”

“Em meus escritos posteriores [“*Instinto e Inconsciente*”, 1918] uso para isto o termo ‘*arquetipo*’, e com isso quero expressar o fato de tratar-se de motivos impessoais, coletivos”. JUNG. C.G. *O Hino ao criador*. In *Símbolos da transformação* (1911 - 1952) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 37 (Nota de rodapé).

²² JUNG. C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 94.

problematizar-se no campo do pensamento político, da análise do poder político²³ – “teológico político”. Vida viva, vida morta, morte viva e morte morta. Para além da(s) filosofia(s), da Filosofia da vida e da Filosofia da morte, na medida em que estas refletem sobre si mesmas filosoficamente – não aceitando ainda a idéia do inconsciente e de suas conseqüências.

Portanto, trata-se da *desconstrução do dispositivo*²⁴ [Dispositivo-Cristo] – desconstrução de um *dispositivo teológico-político* ligado às massas e ao *poder* que se faz e estrutura-se pela alma - psíquico. Diríamos: *soberania da imagem*²⁵ – um controle interiorizado.

Nesta operação estratégica está presente a função do *nome-do-pai* [ou pai simbólico],²⁶ representação formada no inconsciente de forma idealizada; nesta leitura, só há *estrutura do inconsciente* à medida que o inconsciente fala e é linguagem. *Inconsciente humano? [L' inconscient humain]*?²⁷ Na perspectiva (ou sentimento de esperança e medo) de rebanho das massas “estruturadas” nesta estrutura, afetadas ou não, existe uma “essência” ou sentido fundamental ao político (ocidental) – *política sentida* – cabendo a crítica a “desconstrução” deste sentido originário – metafísica que dá efetividade à política ocidental – ao político. Não há dúvida que existem muitos “governos” em relação aos quais o soberano que governa seu estado não é mais que uma das modalidades – num mundo extensivo ou exterior.

Por outro lado, seria importante aproximar este *inconsciente* [formado pela linguagem enquanto dimensão fônica e o simbólico sentido do símbolo] no campo *do político*, abordagem eminentemente estratégica *do* inconsciente no domínio das almas das massas numa política “teologizada”. Deleuze alertava

²³ FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 288.

²⁴ BIRMAN, J. *Uma desconstrução do biopoder?*. In *Gramáticas do erotismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 166.

²⁵ « *la souveraineté de l'image* » BIRMAN, J. *Je suis vu, donc je suis: la visibilité en question*. In *Les Tyrannies de la visibilité*. Paris: Érès, 2011, p. 43.

²⁶ “Já possuíamos muitos pais, em psicanálise: em primeiro lugar, um pai real, mas também imagens de pai. E todos os nossos *dramas* passavam-se nas tensas relações do real e do imaginário. Jacques Lacan descobre um terceiro pai, mais fundamental, pai simbólico ou Nome-do-pai”. DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*. In *A Ilha deserta*. Trad. Hilton F. Japiassú. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 223.

²⁷ DERRIDA, J. *Et si l'animal répondait?* In *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 165.

dos perigos das “*techniques théologiques, scientifiques*”,²⁸ implicitamente, do uso abusivo da Teologia para solução de todos os problemas – crítica ao pensamento da *representação* ou da *identidade*. “Mas para que serve tornar a representação infinita?”,²⁹ repetindo o *mesmo* de forma infinita. No imaginário das massas, numa atualidade espiritual, da *imagem* “daquele” que “decide” sobre a *exceção* [*Soberania da imagem*] a força pulsional seria capturada no sistema de representação – captura da diferença com *e* [*différence*]. Diante da *imagem* da “*decisão*”, decisivo diante das massas humanas e suas almas, é que “Cristo” [*Soberano*] é visto como *símbolo* da totalidade universal; revela-se como *figura humana* e tem seu passe pela linguagem falada.

Na *imagem imaginária* ([ii])³⁰ da estrutura do humano mitológico branco a função da *linguagem fonética* representa efetivamente a manifestação do soberano sofredor enquanto captura das intensidades e revelação do *poder mítico* – o que Walter Benjamin chamará em outro momento de “drama de mártires”.³¹

Portanto, a importância do resgate das idéias “secularizadas” – purificadas na perseverança de um conceito – de Carl Schmitt para Filosofia Política representacional. Diferentemente da maneira pela qual às idéias schmittianas vem sendo trabalhadas pelos schmittianos, ou seja, da idéia estritamente de *soberania* como um instituto político-jurídico, de um mundo puramente extensivo, no desprezo da condição transcendental do conhecimento político e do político no Ocidente como uma missão metafísica do espírito, trabalharemos com a crítica da unidade temática constitutiva daquilo que Carl Schmitt nomeia de *complexio oppositorum*.³² Esta unidade temática, surgiria a partir de uma *vontade* que constrange a uma unidade

²⁸ DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 2008, p. 338.

²⁹ *Idem*. « *Mais à quoi sert-il de rendre lá representation infinie?* »

³⁰ Estaremos usando a expressão “*imagem imaginária*” [ii] durante todo o texto, muitas vezes, ao invés de “*imagem*” e “*imaginário*”, para expressar momentos em que as coisas [imagens] fazem parte do mundo interior e que emergem para o mundo exterior, mas que sua natureza é da ordem das imagens interiores.

³¹ BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 66.

³² SCHMITT, C. *Catolicismo romano e forma política*. Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998, p. 22 e sgs; JUNG, C.G. *Últimos pensamentos*. In *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 283 e sgs.

formal uma realidade em si mesma informe e irreduzível a mediações, ou seja, a partir de uma força agregadora que, determinada como uma *vontade de decisão* [*wille zur dezision*] vincularia o conceito do político.

Mas, com o conhecimento de conteúdos subjetivos do consciente nada sabemos ainda sobre a “soberania” do mundo inextensivo [*Soberania inextensiva*] e sua verdadeira vida subterrânea na alma humana. Para além da ordem do mundo exterior, um todo que engloba mais do que a soma das suas partes, enquanto manifestação de uma totalidade que um *complexo de imagens* revela todo seu “poder teológico-político” de mobilização pela organização de imagens interiores [*Soberania da imagem*].

Num mundo exterior, em função de uma *facultas imaginandi*,³³ produzindo o objeto mesmo *sem* a presença do objeto; num mundo interior, imagens inconscientes consagrando algo pleno de sentido diante de uma experiência a repetir-se entre os homens.

A inflexão transcendental está fortemente presente no discurso calado da subjetividade do intelectual [dos que amam as sombras e sobras do “poder”], principalmente os auto-proclamados “críticos” – seus complexos de sentimentos. A razão suprema [História] ao tentar a todo custo provar seu discurso oficial [dialética da cultura – do espírito] numa importância da prova tal, importância que chega a tal, que a própria prova trás indícios de perfectibilidade e pureza o que já é uma prova rigorosa da prova, inserida num niilismo metafísico. Certas atitudes dos “cientistas” [teólogos “secularizados”], nesta História oficial como *guardiões de arquivos* [*Les archontes*]³⁴ constituem a própria prova da fidelidade ao falo oficial representado pelo Deus cristão³⁵ [soberano], principalmente quando se trata da *língua* [linguagem referida a dimensão fonética]. Tudo o que não é conforme ao seu espírito não pode ser conforme à verdade.

Poderíamos nos envolver aqui no discurso que constrói e mantém categorias metafísicas da História – razão. Por trás dessa *vontade de verdade*,

³³ KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 66.

³⁴ DERRIDA, J. *Mal d'archive: une impression freudienne*. Paris: Galilée, 1995, p. 13.

³⁵ Estes guardiões, os “arcontes”, foram cristianizados; guardião ou superior religioso na cultura cristã.

ressentimento e *crueldade* [crueldade cristianizada], o anseio por um grande inimigo. Imagino o seu título: *Como não falar?* Por isso, para além do calar, a desconstrução torna-se importante, visto que por trás da mascarada da “ciência” o transcendente secularizado, aparentemente retorna, mas sem se deixar reconhecer. Querem primeiramente a prova disso? Mas o que seriam estas pesquisas senão – esta prova? Contudo, nesta pesquisa, a prova torna-se necessária, sob pena de sermos acusados de “retóricos”, castigados pela moralidade cristã dos historiadores.

De fato, em algum tempo – já era tempo de dizer *adeus*; e logo tive a prova disso. O grande Mestre, portador de uma transcendência escondida, na verdade um teólogo desesperado com seu destino, prostrou-se diante da cruz cristã, no mesmo momento em que seus amigos submeteram-se a suástica – poder fascista. Fui eu o único que com ele sofreu? Não importa, para mim esse evento iluminou como um raio o lugar que eu havia deixado e me incutiu o terror que sente todo aquele que inconscientemente passou por um projeto de dominação afetiva – totalitarismo afetivo. Triunfo da “reação” sobre a vida ativa e da negação sobre o pensamento afirmativo. Para a dita Filosofia política as consequências são pesadas. É o momento que o “cientista” deixa de ser “cientista” e revela-se como conservador dos valores admitidos. Considera-se submetido às exigências da verdade, da razão, da História; mas sob estas exigências da razão, observamos muitas vezes forças que não são de forma alguma racionais. Tudo o mais é nimbo histórico. Para esta História [Hiztória] há um só mandamento: seja pura! “A castidade da História”.³⁶ Então, apenas temos uma ilusão de crítica. “O Historicismo arma [propõe] a imagem ‘eterna’ do passado” [*L’historicisme compose l’image ‘éternelle’ du passé.*]³⁷ O essencial não muda, a imagem eterna da “essência” [amor cristão] permanece, quer dizer, as avaliações de que dependem esses valores, velhos ou novos. Convidam-nos sempre a submeter-nos, a sobrecarregar-nos com um peso, a

³⁶ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 152 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da história*”).

³⁷ BENJAMIN, W. *Sur le concept d’histoire* (1940). Thèse XVI. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 441; *Sobre o conceito da história*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 19.

reconhecer apenas formas reativas da vida, as formas acusatórias do pensamento – ressentimento do historiador. Onde se inscreve a fantasia da suprema referência ao pai onipotente, ao “pedagogo da moral”,³⁸ nenhuma pessoa sai impune, senão sob a máscara obrigatória do excomungado e do louco, do criminoso e daquele que perdeu os sentidos – condição prévia da verdade para os teólogos secularizados. Moralizar a situação dizendo que se trata de uma “condição anormal” pode servir para mais uma vez sufocar a expressão daquilo que já estava sufocado e que procura, de algum modo, se expressar. Contudo, se apesar de tudo isto e a despeito de toda reflexão razoável, ainda se queira “ensino de moral”³⁹ nas Universidades ditas “laicas”, então que não se fuja aos perigos.

Dessa forma, este Circo [recinto circular, lugar onde os *animais* são domados] em sua circularidade rodeia-se de uma cerca de lona, de modo que quem não estiver dentro da cerca não poderá ver nada. Ora aparece um qualquer que percebe um pequeno rasgo na lona, através do qual lhe é possível assistir ao espetáculo, pelo lado *de fora*. É necessário, sem dúvida, que o tolerem neste local. Todos nós somos tolerados desse modo por um momento. Sem dúvida, poderemos ouvir a música e igualmente os mugidos dos animais. Até que finalmente tombamos meio mortos de medo nos braços do policial [intelectual] que se aproxima, encarregado de circular e vigiar as cercanias do circo, que bate levemente com a mão no ombro para nos recordar o que existe de inconveniente neste olhar tenso com que olhamos um espetáculo para o qual não despendemos nada.⁴⁰ O “aproximar-se circundando” ou “*circumambulatio*”⁴¹ revela-se através da idéia de circulação [movimento em círculo e delimitação de uma área sagrada]. Mas, este qualquer, *afigura-se* perigoso e imediatamente intolerável. Há que abandonar o círculo, abandonar a organização esférica de todo.

³⁸ BENJAMIN, W. *O Ensino de moral*. (1913). In *Reflexões sobre a criança, o brincar e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2002, p. 17.

³⁹ *Idem*, p. 19.

⁴⁰ KAFKA, F. *Diários* [1910 - 1924]. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, s/ data, vol. 10, p. 165.

⁴¹ JUNG, C.G. *O Segredo da flor de ouro*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 41.

Jamais pensei que numa Universidade pudessem me *censurar* de pretender chegar a uma verdade metafísica. Disso acusaram-me os teólogos [historiadores e “cientistas”], uma vez que o pensamento teológico está habituado a tratar de verdades eternas – guardiões desta razão. Todos disfarçados de “cientistas” *do político* e de “filósofos da política”. Em uma Universidade “laica”. Mas prefiro pensar que tudo não passa de um *mal* entendido – que são apenas não criativos e ressentidos. Apenas isto.

Só uma palavra infeliz, permaneceu nesta Universidade: *ditadura*.⁴²

Esta autoridade soberana do *espírito* faz ser homem, na clara tentativa de virilidade. O corpo-limpo-de-pé-sem-porcaria também faz ser homem. No entanto, é neste “estar-de-pé” como ereção metafórica na obra que tem de ser *destruída*. O *animot* em seu “estar-de-quatro” rompe com esta *linguagem fônica erétil* enquanto discurso e formadora do imaginário do poder e com toda “*razão*” soberana – metafísica dualista que legitimou várias formas de poderes na atmosfera lendária dos *mitos* que escamoteiam a realidade.

E eu vos disse: nada de obras, nada de língua, nada de espírito,
nada.

Nada, senão um belo Pesa-Nervos.

Uma espécie de posição incompreensível e totalmente ereta no
meio de tudo no espírito.⁴³

Nesta (in)felicidade, numa Universidade, em pleno século XXI, a História retorna. O ano é 1781 e Antônio Salieri é o competente compositor a serviço do soberano. Mas quando Mozart é apresentado à Corte, Salieri se surpreende ao descobrir que todos os talentos musicais que sempre desejou, a criatividade, foram dados a um qualquer, uma criança brincalhona. Na morada

⁴² REICH, W. *Escute, Zé-ninguém!* Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 42.

⁴³ « *Et je vous l'ai dit: pas d'oeuvres, pas de langue, pas de parole, pas d'esprit, rien.*

Rien, sinon un beau Pese-Nerfs.

Une sorte de station incompréhensible et tout droit au milieu de tout dans l'esprit »

DERRIDA, J. *La Parole soufflée* In *L'écriture et la différence*. (1967) Paris: Seuil, 2000, p. 275 (Nota de rodapé).

[onde habita] do soberano ou deste “Circo”, “Salieri” [o grande Mestre] declara: “Deus misericordioso. Destruí o amado Dele ao invés de deixar uma pequena parte de mediocridade em Sua Glória. Ele matou Mozart. E me manteve vivo para me torturar; de me ver tornando-me lentamente extinto! Minha música desaparecendo. Cada vez mais até que ninguém a toque mais. E a dele...”

– Falarei por você, padre. Falarei por todos os mediócras do mundo. Sou o campeão entre eles. Seu santo da guarda.

– Mediócras de todos os cantos, eu os absolvo. Eu absolvo vocês. Eu absolvo”.⁴⁴

Mozart acreditava que Salieri estivera fazendo intrigas contra ele desde sua chegada a Viena.⁴⁵ No Mestre “Salieri” há ainda muito Cristianismo, germanismo, escolástica. Mozart tem relação bem diferente com suas melodias: ele não acha suas inspirações ao ouvir música, mas ao olhar a vida.⁴⁶

O “inimigo”, o adversário estratégico: o *fascismo* “secularizado”. Não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini – que tão bem souberam mobilizar o desejo das massas, mas o fascismo que está em nós todos, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora.⁴⁷ O fascismo de “Salieri”. O grande Mestre da Corte [ou do Circo]. O fascismo da *forma*. Nesta questão, para além desta História e destes “historiadores” circulantes, as conseqüências possuem um espectro muito mais amplo: diz respeito à Universidade.

Um lugar *com* condição ou condições – Universidade *com* condição. Condição da *forma fascista* para que as pesquisas sejam aceitas a um grande número de poderes: aos poderes de Estado (e, portanto, aos poderes políticos do Estado e à sua *fantasia* de soberania indivisível com seus estudos estratégicos fundamentados no “inimigo”), aos poderes econômicos (às

⁴⁴ Filme *Amadeus* (1985).

⁴⁵ LANDON, H.C.R. *Mozart: um compêndio*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: JZE, 1996, p. 472.

⁴⁶ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, vol. II, p. 232 [HH II, II, § 152].

⁴⁷ FOUCAULT, M. *Introdução à vida não fascista*, Prefácio In Deleuze, G. & Guattari, F. *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*, New York: Viking Press, 1977.

concentrações de capitais nacionais e internacionais), aos poderes midiáticos, ideológicos, religiosos, culturais e todos os poderes que limitam a “democracia” *por vir*, principalmente aqueles que *falam* em nome da “democracia”. Esta legitimação reificada dos trabalhos universitários passam por estes sistemas de poderes – pelos arquivos e seus *guardiões*. Derrida traz a este estado e esta forma uma “resistência incondicional”.⁴⁸

A Universidade deveria ser o lugar em que nada está livre do questionamento, nem mesmo a figura determinada da “democracia” (burguesa cristã), eis o que Derrida chama de *Universidade sem condição*: o direito de dizer tudo e o direito de dizê-lo publicamente e publicá-lo. O direito de *tudo* dizer publicamente – sem ser perseguido pelas violências da Inquisição secularizada. “Sem condição” ou “incondicional” para que se entenda a conotação do “*sem poder*” ou do “*sem defesa*” – por ser a Universidade independente.

Poderia a Universidade reivindicar uma espécie de “soberania” bem original, uma “espécie excepcional de soberania”, numa época em que a desconstrução do conceito de “soberania incondicional” está em curso? Pois como diz Derrida: “trata-se nesse caso da herança de uma teologia que mal acabou de ser secularizada”.⁴⁹

Como desconstruir a História do *princípio de soberania*, reivindicando o direito a dizer tudo e a colocar todas as questões desconstrutivas que se impõem a respeito do homem e da soberania?⁵⁰ A História da “soberania” assume um novo aspecto quando olhada não só do ponto de vista da razão consciente e da trama das racionalizações, mas também sob o ponto de vista do processo inconsciente.

Por outro lado, devemos falar apenas do que não podemos calar; e falar somente daquilo que superamos.⁵¹

⁴⁸ DERRIDA, J. *A Universidade sem condição*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 17.

⁴⁹ *Idem*, p. 22.

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, vol. II, p. 7.

Portanto, num primeiro momento [já desconstruindo este *princípio de soberania*] trabalharemos com esta unidade temática constitutiva daquilo que Carl Schmitt nomeia de *complexio oppositorum*. Nesta unidade temática, residiria a capacidade de mobilizar coletivamente a ação das massas; efeito mobilizador de uma *representação* coletiva e seu mandamento teológico-político como resultado concreto, fazendo a prova no comando das *massas* de forma estratégica num programa universalizador cravado na *hierarquia da decisão*. Fundamento teológico político do conhecido “Estado de exceção”. Ou seja: a negação da negação [hegeliana] não vem mais do diálogo fraternal ou das contradições dos opostos mas sim da *decisão sagrada* que na “segunda natureza” em excesso tomaria forma mercadológica, incluindo os efeitos da sociedade industrial, que utiliza-se de categorias “teológicas” no fantasma [espectro] ideológico do *inimigo*.

Daí resulta compreender as *realidades* do poder [*relações de força*] na qual o regime de exceção é cada vez mais generalizado *no político* ou nas evocadas “democracias modernas”. “Fundamento”, a princípio, não no “grau de intensidade” schmittiano,⁵² nem em sua reificação ao contrário, reflexo revelado agambenianamente,⁵³ nem exclusivamente na “dimensão transcendental” kantiana,⁵⁴ mas sobretudo na linguagem e técnica na definição da *imagem do inimigo*. Uma tradição por demais “alemã”. Seria importante e de grande relevância frisar à referência lacaniana a dimensão do imaginário-simbólico, por outro lado, a tentativa niilista de Carl Schmitt de definir o âmbito *do político* através do “grau de intensidade” de uma associação ou de uma dissociação, ou seja: a distinção entre amigo e inimigo cravado na “intensidade” [leia-se: *hostilidade*] schmittiana.⁵⁵ Num discurso humano, demasiado humano [posição da *Gestalt* humana] – nesta reificação ao contrário – em que *o político* revelasse presente, “seja o que for, é essencial que a comunidade humana seja

⁵² SCHMITT, C. *O Conceito do político*. (1932) Trad. Alvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1992; *O Conceito do político / Teoria do partisan*. Trad. Geraldo de Carvalho. Belo Horizonte: Del Rey, 2009.

⁵³ AGAMBEN, G. *L'amitié*. Traduit Martin Rueff. Paris: Payot, 2007, p. 38.

⁵⁴ ŽIŽEK, S. & DALY G. *Arriscar o impossível*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2006, p. 35.

⁵⁵ SCHMITT, C. *Teologia política*, Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 76.

definida aqui, diferenciando-a da dos animais”, ou, que “a amizade é, na verdade, uma comunidade, e, como deve de ser, assim também o é com o amigo...”⁵⁶

Neste caso, a *linguagem* referida a dimensão da voz, fonética, discurso, seria um dos mais antigos “*dispositivos teológico-políticos*” no domínio das massas e suas almas, capturada pelo *simbólico sentido* do Cristianismo ou seu significante supremo na supressão da diferença. É a imagem da *política sentida* [*sentimento original*] que irá legitimar na imagem do nomeado *inconsciente coletivo* o extermínio de milhões de judeus; esta *política sentida* [*político sentido*] “secularizada” como resíduo traz a força do simbólico que se repete através dos milênios; força simbólica das [ii] do *mito branco* – e as conseqüências de barbárie *na* identidade deste *mito*.

No complexo de sentimentos das massas, é a imagem do *sofrimento* deste significante supremo, crucificado, que *determinará* a imagem do *inimigo*. Durante aproximadamente os dois milênios desta “cultura”, pelos ensinamentos do Cristianismo, uma sensibilidade, um meio intelectual e afetivo, tornaram possível o grande massacre durante a segunda guerra mundial.⁵⁷

Implícito, o que está em jogo *nestas* relações de força é o domínio através dos séculos das almas das consideradas massas pelo *discurso do sofrimento* [“poder teológico político”] e das estratégias biológicas *da crueldade* [biopolítica], ambos, cruzando-se entre si – aliançados. *Poder soberano* e *biopolítica* no domínio das massas [almas] e gestão da população [corpos]. Do “discurso schmittiano” ao “discurso lacaniano” – lacaniano-schmittiano – o objetivo é a tentativa de dissolver o conflito de classes intensificando o poder fascista numa pós-modernidade que *unifica* o “direito do soberano” com as

⁵⁶ « *Quoi qu'il en soit, il est essentiel que la communauté humaine soit ici définie, à la différence de celle des animaux.* ». O segundo trecho [*palavras*], trata-se de uma parte da *Ética a Nicômaco*, citado por G. Agamben: « *L'amitié est en effet une communauté, et, comme il en est pour soi-même, il en va aussi pour l'ami...* » AGAMBEN, G. *L'amitié*. Traduit Martin Rueff. Paris: Payot, 2007, p. 39 e 28.

⁵⁷ FRIEDMAN, G. *Fim do povo judeu?* Trad. Alberto Guzik, Dora Ruhman, Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 225.

estratégias do “poder biopolítico”. Foucault mostrou esta “união”, estas relações em suas pesquisas.⁵⁸

Por outro lado, neste momento, estar atento à crise de governabilidade – *ingovernabilidade* – retornando numa repetição do mesmo (numa [ii] de secularização) a uma fantasmagoria teológica *do político*; na medida desta *ingovernabilidade* entra a imagem do soberano [*Soberania da imagem*]⁵⁹ no plano religioso, idéias religiosas, retornando-se ao imaginário de soberania religiosa na produção de ilusão. Neste aspecto, conceitos ditos e autoproclamados “secularizados” (inimigo, soberania e linguagem) tem seu ponto de contato com a *governamentalidade*, indicando para além do que se entende por “secularização”, fortes resíduos destes elementos nos mundos extensivos e inextensivos, na criação das imagens imaginárias ([iii]) destes conceitos.

Neste sentido, na imagem da secularização do *mal*, ou seja, na defesa da purificação (teológica e biológica) da comunidade contra o *inimigo*, o nacional-socialismo expressaria integralmente a “nova” matriz de poder: a *exceção soberana* e a *biopolítica* revelam-se de forma imanente de idéias transcendententes como o *político* no combate ao *inimigo*. Na “segunda natureza” em excesso (onde forças produtivas transformam-se em forças destrutivas) existiria uma íntima relação entre as sociedades industriais e as formas de totalitarismo; o Nazismo (assim como outras formas de totalitarismos ocultas, as nomeadas “democracias”) seria expressão social do Cristianismo – uma civilização cristã revelando *as verdades das imagens*; uma verdade que se revela pelo ocultamento e sua cristalização. Se nos dispusermos a tomar a sério a hipótese de que o Nazismo é uma expressão social do Cristianismo seguindo o nascimento do mito branco culturalmente, perspectivas muito interessantes e de grande alcance se abrirão.

⁵⁸ FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285 - 315.

⁵⁹ BIRMAN, J. *Je suis vu, donc je suis: la visibilité en question*. In *Les Tyrannies de la visibilité*. Paris: Érès, 2011, p. 43.

A ordem social dominante, nas suas relações de força, encarna precisamente um *totalitarismo* (teológico e biopolítico) – agora *ciberneticamente*⁶⁰ – *totalitarismo cibernético*.

Se a Alemanha nazista seria paradigma oculto do estado de exceção, que virou a *regra* na “segunda natureza” em excesso, a imagem imaginária do *inimigo* seria a sua realização por excelência, o seu produto final. Apesar das maravilhas da alta tecnologia, da segunda natureza em excesso, as forças destrutivas somente encontram legitimidade na figura do “inimigo” ou bárbaro secularizado. Seria o caso de pensar-se que, após tantos séculos e séculos de combate, o(s) patriarca(s) do Ocidente houvesse purgado o universo de “inimigos”, o que na dimensão imaginária – que produz efeitos na prática – não aconteceu, pois a *guerra* tornou-se um estilo de vida na segunda natureza *naturalizada*.

Existe uma lógica absolutista cravado num viés subjetivo de pureza secularizado numa tradição firmemente assentada que estimula os inimigos a se cegarem para o ponto de vista um do outro. Nesta base, da “ralé” (Arendt),⁶¹ que desejam matar mais a insatisfação dentro deles do que dar cabo do “inimigo”, descubrem *na guerra* o que tinham buscado em vão na monotonia de sua existência comum. Neste viés subjetivo construído secularmente somente existiria um Deus verdadeiro – soberano – os outros deuses não passam de demônios malignos e odiosos, impuros e imperfeitos, imorais. Uma imagem do Deus soberano (ou soberano deus) com poder *de* decisão sobre as almas.

Por outro lado, a principal problemática da *desconstrução* (Derrida) e *destruição* (Benjamin) destas esferas fabricadas pela moralidade normativa (soberania-espírito); o declínio de qualidade de nossa “civilização” em decorrência do fracasso do projeto moral do Ocidente; a questão da condição inumana diante do *soberano espírito ocidental*, o empobrecimento da vida humana na *segunda natureza em excesso* ou *sociedade industrial* em decorrência da ausência de uma dinâmica cultural capaz de proporcionar ao homem um desenvolvimento de seu potencial criativo. *Logo(s)*, neste ponto, o

⁶⁰ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

⁶¹ ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 355 - 389.

conceito de espírito deve ser desconstruído.⁶² Como instaurar um “processo de desconstrução da soberania?”⁶³ “O que se impõe para todos nós é a exigência de ter que reinventar o campo da política, mas fora do campo estrito da soberania”.⁶⁴

Desta forma, problematizamos uma questão de grande importância para o estudo da dita Filosofia política: a relação inerente, “político-teológica”, não menos ideológica, entre o “soberano poder” instituído pela esfera normativa do estado e nos estados da alma e a autoridade moral que lhe é outorgada pela religião oficial. As duas instituições se aproveitam das flutuações afetivas das massas de rebanho despossuída e carente de qualquer senso de superação das suas limitações pessoais, para lhe impor de forma mais intensa o seu *nomos*⁶⁵ ou “poder hegemônico” [*nomos* inconsciente - *nomos consciente*]. Os frutos de tal projeto “civilizatório” se evidenciam pela História do discurso dos vencedores, que é a História do sofrimento e da *crueldade*, articulando-se com a questão da soberania no “teológico-político”, legitimada pelos aparatos normativos dessa moral, negadora da vida e da sua dinâmica intrinsecamente contraditória de forças.

O nomeado “poder soberano” e a “moral teológica” dependem da existência de afetos negativos (medo) no íntimo de cada “ser”, homem [humano] constituinte do rebanho social, para que ela possa manter de forma mais precisa o seu vínculo de *submissão* e obediência resultante de determinado tipo de convenção ideológica. A própria idéia de “moralidade” acaba por ser de forma imediata associada àquele que não se esforça por transformar uma dada situação, preferindo uma “ética” teológica no combate existencial, garantido pela autoridade de um suposto sagrado soberano, um Deus transcendente ao mundo em que vivemos, mas que comanda

⁶² « *Bref, à ce point, le concept d'esprit, ce concept de l'esprit doit être déconstruit* » DERRIDA, J. *De l'esprit*. Paris: Flammarion, 2010, p. 35.

⁶³ Questão levantada por Joel Birman em uma das conferências que realizou no Brasil, em novembro de 2008.

⁶⁴ BIRMAN, J. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 73.

⁶⁵ Todo *nomos* implica alguém que *decide* [ou pelo menos sua fantasia]; o “*nomos* da Terra” seria uma *lei* válida para todo mundo. SCHMITT, C. *El nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005, p. 48.

estrategicamente cada ato dessa realidade concreta. Para essa cruel e sofrida disposição, que se sustenta pelo cultivo de crenças como forma de manter cada fiel submisso ao discurso de fé, toda idéia de existência de um deus imediatamente associado ao mundo em que vivemos seria uma heresia ou uma interpretação teológica rejeitada como falsa por esta instância superior (Igreja, Estado etc), pois impede que o espírito da *crueldade* e do *ressentimento* infiltrado nas instituições eclesásticas seculares estabeleça a sua diretriz sobre a sociedade política de rebanho ou massas. Se porventura a idéia de que “Deus” está vinculado intrinsecamente ao plano da “*intensidade da vida*”⁶⁶ tomasse posse de cada individualidade, a velha ordem moral de mundo certamente perderia sua força retórica e sua dominação sobre a mentalidade dos fiéis ou massas, restando a estas a luta contra a biopolítica na pós-modernidade. “O divino inventado pelo homem foi a intervenção milenar do homem, que acabou por nos corromper o divino”,⁶⁷ na criação de um sistema de representação e experiência de imposições de formas.

Tais estudos de doutorado promovem um debate interdisciplinar entre a crítica da cultura, o político, a psicanálise e a filosofia, tendo como fio condutor uma compreensão intensiva da vida, nas suas mais diversas acepções [*animot*], a começar pela posição estratégica de desconstrução e destruição [*desconstrução destrutiva*] do discurso moralista metafísico de conceitos como “soberania”, “*linguagem*” e “*inimigo*”. Uma contestação do declínio da força cultural de nossa dita sociedade burguesa que para se manter se mantém no excesso – excesso institucionalizado *na exceção*.

Neste excesso da “razão” [leia-se: História] o irracional seria a própria razão tendo como base a dita “Teologia política” *na* formação da subjetividade “secularizada” das massas e seu óleo metafísico construído destes conceitos [soberania, linguagem, inimigo] apresentando-se como uma categoria que dissolve o conflito de classes na manutenção deste projeto civilizacional humanista: sociedade burguesa cristã, por isso *fascista* [no sentido técnico e

⁶⁶ ARTAUD. A. *O Teatro e a cultura*. In *O Teatro e seu duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 3.

⁶⁷ *Idem*.

subjetivo], inserida numa imemorial *época logocêntrica* [*l'époque logocentrique*]⁶⁸ que dura aproximadamente três milênios.

Tempo histórico de longa duração⁶⁹ às análises genealógicas⁷⁰ do “poder teológico-político” na desconstrução de conceitos “científicos” metafísicos afirmando vigorosamente a intensidade do psíquico ao corporal, “mais de uma língua”;⁷¹ *mas* que é orientada por uma exigência ao mesmo tempo epistemológica e teológica: a da *salvação* [*Rettung*].⁷² “Na *rememoração* [*presentificação anamnésica*] fazemos uma experiência que nos impede de conceber a história fundamentalmente de forma ateológica, e também nos proíbe de tentar escrevê-la com conceitos teológicos”.⁷³

A proposta de uma transformação radical de nossa concepção ortodoxa do *político*, ainda completamente sectária da imagem do *espírito* ocidental, ideal normativo da moral religiosa, pautada no sofrimento, no ressentimento, na cruzeldade, na incapacidade de compreender efetivamente a axiologia das diferenças – *différence* – e – *différance* – vem nas entrelinhas na tentativa desconstrutivista e crítica do discurso “teológico político”. Muitas vezes este discurso moralista está escondido na aparente “crítica radical” – que esconde um *ethos* burguês cristianizante. O *político* “secularizado” [missionário ou representacional] depende da autoridade do dito “poder teológico político” na *representação* da imagem do soberano infalível para sustentar o seu controle sobre as massas de rebanho, e toda relação íntima entre ambas as esferas sempre revela uma disposição prejudicial para o florescimento de uma vida intensiva – ética.

⁶⁸ DERRIDA, J. *De la grammatologie*. (1967). Paris: Minuit, 2006, p. 13.

⁶⁹ BIRMAN, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁷⁰ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

⁷¹ “Se tivesse de arriscar, Deus me valha, uma única definição da *desconstrução*, breve, elíptica, econômica como uma palavra de ordem, diria sem frase: *mais de uma língua*”. DERRIDA, J. *Mémoires pour Paul de Man*, Galillé, 1988, p. 38. *O Monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001, p. 2.

⁷² GAGNEBIN, J.M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 12 - 13.

⁷³ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 157 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da história*”, Fragmentos com título.)

Trata-se de saber por que o *político* se deixa explicar pela forma da representação e fundado no *poder mítico* [Gewalt] do estado soberano – relação da *representação* com a *repetição do mesmo* – *imago* ocidental do soberano sofredor [Soberania da imagem]. Repetição da *imago soberana* “secularizada” na linearidade temporal da História oficial e seus arquivos.

O que observamos então é que no crepúsculo e nascimento dos séculos, houve uma adesão dos *sentimentos das massas de rebanho* [e do historiador]⁷⁴ ao estado – cristão-burguês – uma *identificação massiva* com a classe dominante [vencedor], na aceitação naturalizada de uma “segunda natureza”,⁷⁵ impedindo a ação política por daqueles e a criação de uma nova subjetividade.

O “Breve Século XX”,⁷⁶ mais cruel [não menos *sofrido*] da História humana, século de massacres e guerras, molda o atual milênio que entra num futuro problemático, mas não necessariamente apocalíptico, com exceção dos sentimentos, na produção de efeitos na prática político social. A princípio, o colapso da civilização ocidental do século XIX é marcado pelo início da primeira guerra mundial: tratava-se de uma civilização industrial, capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica.⁷⁷ No entanto, ousamos discordar do historiador Hobsbawm, acreditamos que este “colapso da civilização ocidental” vem arrastando-se como uma serpente negra e pesada através dos séculos, na região obscura da religião [idéias religiosas], produzindo na prática sentimentos absolutistas. O fim da segunda guerra, apenas mostra, na

⁷⁴ “...identificação afetiva [l’empathie] do historiador de orientação historicista com o vencedor.” BENJAMIN, W. *Sur le concept d’histoire* (1940). Traduit Maurice de Gandillac. Thèse VII. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 432; *Sobre o conceito da história*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 12.

⁷⁵ Como se mostrará adiante, esta expressão está ligada diretamente com “*sociedade industrial*” ou “*sociedade burguesa*”. Sobre a expressão “*segunda natureza*” ver também LUKÁCS, G. *A Reificação e a consciência do proletariado*. In *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 198, 208. “...essa atomização do indivíduo é, portanto, apenas o reflexo na consciência de que as ‘*leis naturais*’ da produção capitalista abarcam o conjunto das manifestações vitais da sociedade, de que toda a sociedade está submetida a um processo econômico uniforme, e de que o destino de todos os membros da sociedade é movido por leis também uniformes”.

⁷⁶ HOBBSAWN, E. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 16.

⁷⁷ *Idem*.

verdade, através destes sentimentos “secularizados”, que não foi “a democracia liberal” que venceu, muito menos o “Estado racional” (hegeliano), mas o avanço, na prática, de uma política intolerante, que não reconhece o *outro do outro*; o que alguns chamariam de “totalitarismo suave”, ou seja: uma política nazi-fascista na prática sobre os subalternos, disfarçada com a neutra capa negra das instituições “democráticas” e sua estrutura jurídico formal liberal, sustentada por uma economia capitalista. Num mundo extensivo, a implosão do sistema capitalista e sua permanência a qualquer custo, revelou o mal-estar do resto, com uma forte dose “teológica” [idéias religiosas] “secularizada” [resíduos imaginários] num mundo interior.

Não importa como se chame: nazismo, falangismo, integralismo, militarismo ou mesmo democracia, termo utilizado nos últimos séculos para disfarçar a “política de extermínio” [*Anjo exterminador*] representacional da imagem imaginária ([ii]) do soberano.

Marx acreditava que a *sociedade industrial*⁷⁸ havia criado as condições prévias para realização da razão e da liberdade, e que apenas a organização capitalística desta sociedade impedia a realização das mesmas. A plena maturidade das forças produtivas, o domínio sobre a natureza, a grande riqueza material, todos esses eram requisitos prévios do socialismo: e estes estavam criados. Entretanto, Marx pensava que só uma revolução e uma classe revolucionária poderiam levar a termo a transição. Porque, nesta transição, muito mais coisas estavam envolvidas do que apenas a utilização racional das forças produtivas: tratava-se da libertação do próprio *homem*, da abolição da sua escravização aos instrumentos de trabalho e da transformação dos valores dominantes.⁷⁹ No entanto, as contradições internas, foram sendo dominadas pela lei do valor enquanto religião e a classe dos trabalhadores tornou-se parte desta segunda natureza. O próprio desenvolvimento da

⁷⁸ MARCUSE, H. *Raison et révolution - Hegel et la naissance de la théorie sociale*. Trad. Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Editions de Minut, 1968; *Razão e revolução - Hegel e o advento da teoria social*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 370 (Ver o Epílogo da edição brasileira escrito em 1954).

⁷⁹ MARCUSE, H. *Raison et Révolution - Hegel et la naissance de la théorie sociale*. Trad. Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Editions de Minut, 1968. Ver o Epílogo da edição brasileira *Razão e revolução*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 367 - 374.

produtividade capitalista e o mundo da mercadoria, o *fetichê* enquanto forma de dominação, freou o desenvolvimento da consciência revolucionária garantindo submissão ou uma espécie de servidão voluntária.

De democrática revolucionária que era a burguesia, *passa* à reacionária, de jacobina transforma-se em fascista. O fascismo, segundo Trotsky, não é mais do que a caricatura reacionária do jacobinismo, na época do capitalismo em decadência.⁸⁰ A pequena burguesia em 1933 vê-se mobilizada pelo capital financeiro, como um cão de briga contra a classe operária: espera assim vencer a crise que corrói o regime e que leva à miséria, sair da situação desesperada em que se encontra, procurando eliminar os fatores de intensificação da implacável luta que enche o século XIX e XX, travada entre a burguesia e o proletariado. Eis o fundamento do fascismo.⁸¹

Um *espírito* ronda os mundos, a imagem do Deus totalitário do passado que parecia morto se levanta e emerge no altar do político sob a forma de um “totalitarismo suave”. O espírito é *ditadura*,⁸² esta que é a “essência” do *poder* como *violência mítica*, é de “essência” espiritual. Essa faculdade exige uma disciplina interior rigorosa, agostiniana, cristã, assim como uma ação exterior desprovida de escrúpulos [*skrupelloseste Aktion*]⁸³ – nazi-fascista.

O movimento pendular do capitalismo, entre momentos concorrenciais e estatizantes,⁸⁴ *retorna* e *passa* para forma “teológica-política” do *estado de exceção das almas*: a imagem do Deus soberano no controle das almas das

⁸⁰ TROTSKY, L. *Revolução e contra-revolução*. Trad. Mário Pedrosa. CLB: Lisboa, (s/ data), p. 290 - 291.

⁸¹ *Idem*.

⁸² “O espírito – é esta a tese do século – mostra-se [*se manifeste*] no poder; o espírito é a capacidade de exercer a ditadura. E esta capacidade exige ao mesmo tempo uma rigorosa disciplina interior e uma ação exterior sem escrúpulos”. BENJAMIN, W. *O Cortesão como santo e intriguista*. In *Origem do drama trágico alemão* (1925) Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 97; *O Cortesão como santo e como intrigante*. In *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 120; *Le Courtisan, saint et intrigant*. In *Origine du drame baroque allemand*. Traduit Sibylle Muller. Paris: Flammarion, 2009, p. 130; *El Cortesano, santo e intrigante*. In *El Origen del drama barroco alemán*. Trad. José Muñoz Millanes. Madrid: Taurus Humanidades, 1990, p. 85; *The Courtier as saint and as intriguer*. In *The Origin of german tragic drama*. Translated John Osborne. London / New York: Verso, 2003, p. 98.

⁸³ *Idem*.

⁸⁴ KURZ, R. *O Colapso da modernização*, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

massas. Caráter incomparavelmente ambíguo da soberania “espiritual” – *soberania inextensiva ou do mundo interior*.

Marcuse declarava que o sucessor natural do liberalismo é o totalitarismo. E também, os liberais aprenderam muito bem com os soberanos (rei-ditador) o realismo político: o poder de *decidir* sobre a *política de extermínio* fazendo morrer *corpos humanos e inumanos*, fazendo viver corpos humanos e inumanos, com a pesada carga da biopolítica gerenciando estas vidas, muitas vezes mortas na esfera simbólica.

Esta “política de extermínio” [*Anjo exterminador*] de *corpos humanos e inumanos*, no qual faz parte o mecanismo teológico-político-jurídico estado de exceção, trabalha juntamente com *complexos de imagens do bem e mal*; são cruzadas do Ocidente cristão em nome de “Deus”, de um ideal da imagem da pureza construído secularmente *na* esfera da subjetividade, a partir do momento fantasiástico da ida de Maria Madalena para Europa,⁸⁵ legitimando as monarquias absolutistas e seus reis na imagem do puro sangue hereditário de Jesus Cristo: um padrão de pureza subjetivo secularizado – “poder teológico-político” – e suas consequências imagéticas. Todas as culturas foram movidas por *mitos*, o problema maior é quando este *mito* é secularizado num ideal da imagem de pureza para dominação das almas das massas de rebanho. Nesta dimensão das imagens imaginárias – que produz efeitos devastadores na prática – do combate contra o mal e impuro, a “religião do sangue” passa a ser a representação secularizada da “religião pura” e o “frenesi-cristão” não passa de um “frenesi-burguês” que por sua vez é um “frenesi-nazi-fascista”.

A “fé” cristã é a “fé” nazista na figura do soberano absolutista – Rei – encarnando a imagem de um Deus onipotente, que não reconhece a pluralidade de deuses. Imagens de um Deus único que não tolera nenhum outro além dele mesmo. Aqui, a imagem do *sangue* constitui um elemento importante nos mecanismos ideológicos do *poder teológico-político* – sociedade de sangue, honra da guerra, medo do inimigo, triunfos da morte, o

⁸⁵ HOPKINS, M. *Rex deus: o verdadeiro mistério de Rennes-le-Château e a dinastia de Jesus*, Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 38, 41, 44, 53, 80, 84, 88 - 89, 91.

STARBIRD, M. *Maria Madalena e o santo graal*, Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 11, 41, 62 - 63, 74 - 75.

poder fala atravessado pela imagem do sangue. Se há algo que se encontra do lado da lei, da morte, do simbólico, imaginário e da soberania, é a pureza do *sangue*.⁸⁶

Especificamente, é uma “honra política” para a psicanálise freudiana ter suscitado o que poderia haver de irreparavelmente proliferante nesse mecanismo do poder teológico-político: *pai-soberano* – reificado ou repetido por “Lacan”. Lacan também tinha *seu* “Freud”. Como diz Foucault: “a isto a psicanálise deve o fato de ter estado em oposição teórica e prática ao fascismo”.⁸⁷ Toda uma política da educação, da família, do casamento, da hierarquização social, uma série de intervenções permanentes, “secularizadas” ao nível do corpo, das condutas, da vida, receberam então total justificação em função da preocupação mítica do *mito* de ser o *guardião* da “pureza do sangue”⁸⁸ e fazer triunfar a “raça”.

Foucaultianamente, sem dúvida, o Nazismo foi a combinação mais ingênua, por outro lado a mais cruel; enquanto estas pesquisas, estão dispostas, por outro lado, a provar que o Cristianismo, sem dúvida, foi a combinação mais sofrida.

“Fascismos” – os “fascismos” são uma virtualidade.⁸⁹

Este “poder teológico-político” é espécie de *tecnologia humana* que investe sobre os *estados da alma* das *massas humanas e inumanas* quando num momento civilizacional [cultural] existe uma *ingovernabilidade* – crise da governabilidade – suportando o comando destas massas através de um *retorno* a um imaginário da concepção teológica *do político* – que diz respeito a imagem de um “*inconsciente coletivo*”,⁹⁰ complexos de imagens, uma

⁸⁶ FOUCAULT, M. *Direito de morte e poder sobre a vida*. In *História da sexualidade I: A Vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 138.

⁸⁷ *Idem*, p. 141.

⁸⁸ *Idem*, p. 140.

⁸⁹ KATZ, C.S. *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985, p. 263. Sobre a tentativa de desenvolver este conceito ver Capítulo 3 *Complexio oppositorum* sobre um “inconsciente cibernético”.

⁹⁰ O “Sonho da casa” de Jung, além de despertar seu interesse sobre os *mitos*, levou-o pela primeira vez à noção do “inconsciente coletivo”, possuindo um conteúdo coletivo e uma considerável massa de material simbólico. “Por causa desse sonho pensei na existência de um a-

experiência coletiva da alma; a humanidade e a inumanidade herdeira destes complexos, reunião de conteúdos formando uma constelação de sentimentos, pensamentos e lembranças no inconsciente, reponsáveis pela ação.

*Mutter,
Mutter, wessen
Hand hab ich gedrückt,
da ich mit deinen
Worten ging nach
Deutschland?*⁹¹

Divindade qualquer ou da natureza divina *naturalizada* [*imago naturalizada*] na maior parte do tempo: soberano, estado, razão, progresso, ciência, espírito, moral, etc. Na imaginação do mundo externo, longa é a lista dos substitutos da imagem de “Deus”. No estudo deste “poder teológico-político”, acreditamos que a “origem” religiosa *do político* ainda não foi suficientemente ressaltada, principalmente nos “totalitarismos suaves”, onde o controle das almas das massas de rebanho é sempre em nome de uma “razão suprema” que toma o lugar da imagem imaginária deste Deus único. Nesta “razão suprema” a imagem do *ser* histórico será construída devidamente com seus *arquivos*. A [ii] desse Deus *onipotente*⁹² é muito bem representado por Michelangelo no “Juízo Final”,⁹³ onde não fica nenhuma dúvida de que está

priori coletivo da psique pessoal...” JUNG. C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 142 - 146.

⁹¹ **Mãe,
Mãe, que
Mão apertei eu
quando com as tuas
Palavras fui para
a Alemanha?**

CELAN, P. *A Morte é uma flor*. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1998, p. 30 - 31.

⁹² “Um Deus único ator e justiceiro (...) Quando se postula a existência culpada, é necessário apenas um passo para a tornar responsável...” [*Un Dieu unique acteur et justicier (...) Quand on pose l’existence coupable, ils’en faut d’un pas pour la rendre responsable*] DELEUZE, G. *Le Problème de l’existence*. In *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973, p. 25.

⁹³ *Enciclopédia dos museus - museus do Vaticano - Roma*, Arnoldo Mondadori Editore: Milão, 1968, p. 97.

disposto a castigar a humanidade pecadora, levantando o braço direito autoritário. Derrida coloca este estatuto do “nome próprio” em questão. Neste caso, diante das massas, a obra de arte atua como materialização das imagens interiores – imagens inconscientes.

Quando esta razão entrar em *excesso na exceção*, os mil anos do reinado do Terceiro Reich serão os próprios anos secularizados do reinado do Senhor, “antes de todos os séculos, e agora, e para todos os séculos dos séculos.”⁹⁴ Levantando-se um rei, feroz de cara que fortalecerá a seu poder, mas não pela sua própria força; devastando tudo, destruindo os fortes e o povo santo.⁹⁵

Mas na entrada para a Ciência – como na entrada do Inferno – é preciso impor a exigência:

*Qui si convien lasciare ogni sospetto
Ogni viltà convien che sia morta*⁹⁶

⁹⁴ Epístola universal de Judas, 25.

⁹⁵ Daniel, 8:23, 8:24.

⁹⁶ “**Que aqui se afaste toda a suspeita**

Que neste lugar se despreze todo o medo” (DANTE. *Divina comédia*.)

A expressão encontra-se no Prefácio de 1859 de Karl Marx em *Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro*.

*Ao secularizar-se a história no palco
segue-se a mesma tendência metafísica que, pela mesma altura, levou, no campo das
ciências exatas, à descoberta do cálculo infinitesimal.*

W. Benjamin, *Cenário*

[*A Cena Teatral / La Scène / La Escena / Setting*] *

* BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão* (1925) Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 89; *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 115; *Origine du drame baroque allemand*. Traduit Sibylle Muller. Paris: Flammarion, 2009, p. 122; *El Origen del drama barroco alemán*. Trad. José Muñoz Millanes. Madrid: Taurus Humanidades, 1990, p. 79; *The Origin of german tragic drama*. Translated John Osborne. London / New York: Verso, 2003, p. 92.

1. Sob a sombra da cruz

– da procissão dos vencedores

Para boa parte da humanidade secularizada,⁹⁷ um dos piores martírios engendrados pela maldade humana foi o da imagem da crucificação. Os condenados à morte de cruz, depois de açoitados, tinham de carregar o instrumento martirizante até o lugar da execução. Eram presos na madeira, por meio de cordas e pregos que lhes atravessavam as mãos e os pés. Então as cruces eram fincadas ao solo e os suplicados ficavam *suspensos* entre as alturas do céu e as profundezas da terra, esvaindo-se em sangue, em dores incriveis, pelo rasgar dos tecidos humanos, frágeis, que o próprio peso do corpo forçava, torcendo nas horríveis agonias sem fim. Alguns eram abandonados e entregues à voracidade das aves de rapina, que se banquetavam nos corpos antes que a morte os insensibilizasse. Outros tinham a morte apressada por vários processos. É o que faziam os judeus, cujas leis vedavam que ficassem expostos, no patíbulo, os cadáveres depois de cair o sol, devendo no mesmo dia da morte ser sepultados. Meios em uso para abreviar o desenlace consistiam na fratura das pernas, no golpe na cabeça e no golpe no coração. A fratura das pernas chamada *crurifragum*, produzia a morte súbita; os golpes na cabeça e no coração atingiam o mesmo resultado pelo comprometimento de regiões altamente frágeis.

Na *imagem imaginária* ([ii]) da cena, por quanto sofrimento deve passar a humanidade até que o ser humano pare de saciar sua ambição de

⁹⁷ O historiador Carlo Ginzburg para fazer sua leitura de Hobbes segue o caminho idêntico ao de Carl Schmitt ao apresentar o conceito de *secularização*: “A secularização não se contrapõe à religião: ao invés disso, invade seu campo” Ou seja: *secularização* para o historiador e para o filósofo do político significa mascarar, esconder conceitos teológicos. GINZBURG, C. *Paúra, riverenza, terrore: rilegere Hobbes oggi*, mimeo. Niterói: UFF, 2006, p. 16.

Na obra *O Fio e os rastros* de 2006, capítulo 10, *Representar o inimigo*, é o próprio historiador, submetido a sua técnica, que confessa: “Não citarei aqui a conhecidíssima frase de Carl Schmitt sobre o inimigo que encarna as nossas perguntas.”

poder em seus semelhantes e de querê-lo impor sempre aos outros; quer fazer sofrer com o que o faz sofrer.

Nesta questão, quando morreu, Jesus Cristo, ao lado de dois outros condenados, chegaram os soldados e quebraram as pernas destes, ainda vivos, que assim expiraram prontamente. Na vez do Mestre, sagrado senhor, viram que nada tinham a fazer. O corpo estava imóvel, inanimado. Então não lhe quebraram osso algum. Apenas um dos soldados, para verificar a realidade da morte e comprová-la por meio que não admitisse dúvida, com uma lança, lhe abriu um dos lados: a imagem imaginária da “sagrada lança” banhada com o puro sangue de Jesus Cristo.

Que lado teria sido *aberto* no corpo do Mestre? Não importa. Fosse qual fosse o lado *aberto* no Senhor, o sofrimento das [ii], dominou as massas e suas almas séculos após séculos, num sofrimento psíquico – *pathos* cristão⁹⁸ – a própria humanidade foi crucificada, vivendo séculos e séculos sob a imagem da sombra da cruz. “Mundo das imagens”⁹⁹ que se “processam através dos séculos”.¹⁰⁰

Num sutil deslocamento da [ii] deste *sofrimento*, o atual Papa, Joseph Ratzinger, individualiza e transfere este *pathos* para o próprio Senhor, “a partir da cruz e da ressurreição tornou-se claro para a cristandade o que estava acontecendo: Jesus tomou sobre os seus ombros o peso da culpa e de toda humanidade”;¹⁰¹ enquanto num elemento do dito “poder teológico-político” Ratzinger utiliza-se da esperança: “A cruz não é o fim, mas um novo início”¹⁰² *abrindo* o horizonte para uma nova ação de Deus em Cristo que “toma” as “dores” da humanidade. O imaginário da *dor corporal* é tão forte que transforma-se através dos séculos num *sofrimento moral* diante das massas;

⁹⁸ Deleuze lembra que o fato de haver *sofrimento* na vida significa para o Cristianismo que a vida não é justa, que é mesmo essencialmente injusta, que paga pelo sofrimento uma injustiça essencial: é *culpada* na medida em que sofre. Significa também que deve ser justificada, quer dizer, resgatada da sua injustiça ou salva, salva pelo próprio sofrimento que ela acusava: deve sofrer, na medida em que é culpada. DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973, p. 16 - 17.

⁹⁹ JUNG, C.G. *Gênese da obra*. In *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 181.

¹⁰⁰ *Idem*.

¹⁰¹ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 33.

¹⁰² *Idem*, p. 224.

numa dialética dor-sofrimento – “síntese” cristã: o Cristianismo transforma dor *em* sofrimento – *pathos* cristão. “A crucificação é uma ferida mortal de amor, que o Cristo recebeu pela Igreja, a fim de que por sua morte ela se tornasse sua esposa”¹⁰³ e a “cruz é o símbolo cristão da totalidade, sendo um instrumento de martírio que exprime a paixão do Deus que se tornou homem na terra”.¹⁰⁴

Jesus se torna não apenas o Deus dos homens, mas Deus feito homem, cujo ato essencial para a salvação de cada um foi a morte na cruz.¹⁰⁵ Este “escândalo da cruz”¹⁰⁶ diferenciou a fé cristã de todas as outras religiões do mundo. O que principalmente se proclama no “tornar-se cristão” senão o assumir-se a crucificação da carne *em* Jesus Cristo? Este escândalo passa [passe] a ser o rito de passagem para a vida feliz. “Passagens” dos cristãos. A [ii] da pregação do Cristo crucificado passa a ser o *logos* excêntrico da proclamação; o *logos* que sofre a todo momento; a vida cristã, portanto, está no manter-se proclamando essa *crueldade* [crueldade cristianizada]. O que quer dizer que o assassinio do pai [Pai] que *abre-fecha* a História da representação, esse assassinio não tem fim e *repete-se* indefinidamente – começa e recomeça por se repetir – acompanhando sua própria representação. O assassinato de um homem como de uma *figura*, de uma figura modelo em uma lógica do emblema, uma retórica da bandeira ou do martírio. A vida de um homem, assim como sua morte, submetida a um símbolo que repete indefinidamente o mesmo. Na *cruz*, Cristo havia oferecido a sua vida em resgate em favor da humanidade inteira; seu lamentável fim adquiria um sentido.¹⁰⁷ Se era Filho de

¹⁰³ JUNG, C. G. *Será Tomás de Aquino o autor de “Aurora consurgens”*. Trad. Dora Mariana Ferreira. In *Mysterium coniunctionis (Epílogo; Aurora consurgens)*. Petrópolis: Vozes, 2011, vol. 14/ 3, p. 479.

¹⁰⁴ JUNG, C. G. *Mysterium coniunctionis*. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 2011, vol. 14/ 1, p. 144.

¹⁰⁵ LE GOFF, J. *O Deus da Idade média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 38.

¹⁰⁶ HEBECHE, L. *O Escândalo de Cristo*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 218.

¹⁰⁷ VEYNE, P. *Universalismo, universais, epigênese: os primórdios do Cristianismo*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. In *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 109.

Deus,¹⁰⁸ Jesus Cristo fora pregado na *cruz* como um Deus em *forma* [*Gestalt*] *humana*.

Tal escândalo atingiu os judeus, pois com a *cruz*, no “tornar-se cristão” [humano], aboliu-se a Lei, com a proclamação da *cruz* a lei perdeu sua eficácia, articulando-se com a questão de uma *soberania* incondicional e imprescritível; “a lei desaparece diante da fé”.¹⁰⁹ Como Deus e com Deus, suas [ii], o soberano não tem nenhuma obrigação de ser “racional”; assim como Deus é onipotente para criar o mundo, também a vontade do soberano é onipotente para criar o estado. Assim como Deus não está acorrentado pelas leis divinas, também o soberano está acima das leis. Assim como Deus suspende suas próprias leis e interfere no universo pelo milagre, também, em momentos de perigo, ameaça na defesa do estado, a ação do soberano não é retida pelas leis, mas responde à exceção como um ato excepcional, tornando-se a regra ou “razão de estado”.¹¹⁰ O ponto de começo é a imobilidade da “razão”, um “estado de suspensão”.¹¹¹

Mas, o que é preciso esclarecer para os “spinozistas-schmittianos” [liberais-totalitários], é que não se trata de “Deus” ou do “soberano”, *mas* da imagem de Deus e da imagem do soberano. Num mundo externo [extensivo] e interno [inextensivo]: da [ii] de Deus que toda manhã emerge *das* massas¹¹² e anuncia às nuvens a “Lei” orientadora.

¹⁰⁸ HERRMANN. P. *A Conquista da Ásia*. Trad. João Távora e Marina Guaspari. São Paulo: Boa Leitura, s/ data, p. 164.

¹⁰⁹ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do anti-semitismo: Limites do esclarecimento*. In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 165.

¹¹⁰ CHAUI, M. *O Retorno do teológico-político*, In: Cardoso, S. (Org.). *Retorno ao republicanismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 31.

¹¹¹ JUNG. C.G. *O Caminho da cruz*. In *O Livro vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 311.

¹¹² “A confiança na acumulação quantitativa assenta tanto na crença obstinada no progresso [imagem cristalizada de Deus] como na confiança na ‘base de massa’.” BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 154. (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “Sobre o conceito da História”).

Este estado de exceção “mimetiza”¹¹³ a fantasia do poder divino no milagre, de que emana e com que se autoriza; a idéia de imprescritibilidade mimetiza o Juízo Final, dirigindo-se a um “até o final dos tempos”, toda temporalidade determinável (no tempo, um para além do tempo: um tempo até o final dos tempos); o soberano [símbolo] *na* esfera do simbólico e do imaginário mimetiza a imagem do Deus cristão etc. Daí a famosa frase de Carl Schmitt: “Todos os conceitos expressivos da moderna doutrina de Estado são conceitos teológicos secularizados”,¹¹⁴ possuindo o *estado de exceção* um significado análogo ao do *milagre* para a Teologia, “a ordem passa do mundo religioso para o mundo moral e do mundo moral para o mundo político”.¹¹⁵

Existe um *passee* imaginário neste *mimétisme* humano que confunde um sujeito ou grupos com de outra espécie. Nesta direção, o alerta dos perigos *do político* diante da trindade borromeana. “Não há Outro do Outro”, eis que este “Outro” [o do Outro] é considerado não humano ou inumano. As palavras de Lacan revelam-se por si mesmas: “No lugar do Outro do Outro, não há nenhuma ordem de existência (...) Posso pensar que o real está em suspenso, se assim podemos dizer” [*À la place de l’Autre de l’Autre, il n’y a aucun ordre d’existence (...) Je peux penser que le réel est en suspens, si l’on peut dire.*]¹¹⁶

Jesus, intercessor junto a Deus, *passa ser* messias do Ocidente *mitologicamente branco* – iniciando-se uma “cristianização planetária”,¹¹⁷ mito da invenção da escrita fonética precedendo a escrita; uma História devidamente construída e arquivada ligada a esta *metafísica da escritura fonética* e a toda cultura de que é inseparável. Nessa “dimensão cristã ou

¹¹³ DERRIDA, J. *O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*. Trad. Evando Nascimento. In *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 54.

¹¹⁴ SCHMITT, C. *Teologia política*. In *A Crise da democracia parlamentar*. Trad. de Inês Lohbauer. São Paulo: Scritta, 1996, p. 109.

¹¹⁵ CORTES, D. *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*. Buenos Aires: Americalee, 1943, p. 38.

¹¹⁶ LACAN, J. *De L’inconscient au réel* (1976) In *Le Sinthome*. Paris: Seuil, 2005, Livre XXIII, p. 134.

¹¹⁷ DERRIDA, J. *O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*. Trad. Evando Nascimento. In *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 55.

cristianizadora”¹¹⁸ a *linguagem* enquanto discurso é intensificada pelo *símbolo mestre*, Cristo – “Dispositivo-Cristo” articulado ao “mistério cristão”. Jesus torna-se a vítima sacrificial desse momento arquivado no Ocidente.

Em seus arquivos teológicos,¹¹⁹ Hegel observa um esforço de Cristo para se elevar *suspendendo-se* acima da totalidade do destino judeu;¹²⁰ Hegel é o filósofo cristão.¹²¹ Em sua humanidade e subjetividade, Cristo *representa* a dissociação judia à letra da Lei; a lógica oculta do Cristianismo é a de que uma “exceção ‘irracional’ sustenta a nossa racionalidade”,¹²² ou seja, o saber cristão “não só descobriu a lei, mas soube também prever as exceções”.¹²³ Resta saber aqui se a posição de Slavoj Žižek não seria a mesma de Carl Schmitt, quando afirma: “Só a exceção nos permite compreendermos o milagre da regra universal”,¹²⁴ salvando a razão mantendo a sua exceção fundadora.

A [ii] do *sofrimento* de Cristo daria à vida *um* sentido final, interpretando Hegel que o Cristianismo teria uma função decisiva *na* História do mundo: criar para o homem um novo “centro absoluto”¹²⁵ – *no político* (soberano, estado, razão, inimigo, exceção etc) “*para além*” deste “*político*” (transcendência, moral, Deus, milagre, mal etc). No Cristianismo o próprio Deus se faz homem, o homem tendo o poder de se tornar Deus, divinização do homem *em* humano; usurpando um poder essencialmente simbólico, levantando a *voz* de um significante usado como disfarce intelectual; quando há uma divinização do *grande outro* todos os homens são reduzidos a

¹¹⁸ *Idem.*

¹¹⁹ “O que descobrimos nos escritos de juventude de Hegel é a verdade final da dialética: a dialética moderna é a ideologia propriamente cristã” [“*Ce qu’on a découvert dans les écrits de jeunesse de Hegel est aussi bien la vérité finale de la dialectique: la dialectique moderne est l’idéologie proprement chrétienne.*”] DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973, p. 21.

¹²⁰ DERRIDA, J. *O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*. Trad. Evando Nascimento. In *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 90.

¹²¹ ŽIŽEK, S. *A Monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?* Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2008, p. 120.

¹²² *Idem*, p. 92.

¹²³ CHESTERTON, G.K. *Orthodoxy*. San Francisco: Ignatius Press, 1995, p. 105.

¹²⁴ ŽIŽEK, S. *A Monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?* Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água, 2008, p. 92.

¹²⁵ MARCUSE, H. *Les Écrits théologiques de jeunesse (1790 - 1800)*. In *Raison et révolution - Hegel et la naissance de la théorie sociale*. Trad. Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Editions de Minut, 1968, p. 81.

excrementos no excrementício alienado *como* significante. Esta função da Teologia política conduz massas, de soberano simbólico, de *leader* que manipula adeptos reunidos numa seita de linguagem e sentido. Transmite-se o auto-anúncio da liderança do sucesso do *ser na fala* [*ser da fala*] como manifestação mítica do poder-violência (violência mítica).

Em toda parte, a *linguagem* referida a dimensão da *voz* e o *símbolo* aparecem ao mesmo tempo como sintoma e dispositivo. O *símbolo salvador*, a palavra, *mas* se a palavra for um símbolo, significa tudo. “Seu [símbolo] tornar-se é como o tornar-se do ser humano no ventre da mãe (...) mas quando a profundidade concebeu, o símbolo cresce por si e nasce da cabeça, como convém a um Deus”.¹²⁶

O anúncio da salvação através do Filho de Deus *captura circularmente* consciente-inconsciente na evangelização cristã – a *mensagem* cristã é adaptada numa composição e harmonia [*complexio oppositorum*]¹²⁷ “secularizada” às necessidades da glória de um *ethos* de poder. Neste símbolo está a salvação das massas humanas e suas almas que luta num imaginário de escuridão. Tendo como fundo a *voz* do espírito de Hegel em *off*, eis “Lacan-Schmitt” na identidade e purificação deste movimento – *nomos* [imagem imaginária do *nomos*].

Toda *fala* [palavra falada] revelada pela metafísica gravitando em torno de um imaginário ocidental: o mundo das imagens interiores do soberano senhor sofredor assassinado. Alguns *conteúdos* do inconsciente avocarão uma relação não indiferente com a atitude do consciente. Este “*processo supra-pessoal*”¹²⁸ – cultural – fechará as portas às interpretações diferentes da História, reificando a *mensagem* cristã da imagem da identidade – a questão do Cristo como forma ou “figura psicológica”.¹²⁹

Destas imagens interiores e imagens imaginadas externas a atitude do consciente revela sua face mais *cruzel* [crueldade cristianizada] no século XX:

¹²⁶ JUNG. C.G. *O Caminho da cruz*. In *O Livro vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 311.

¹²⁷ Ver Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

¹²⁸ JUNG. C.G. *Gênese da obra*. In *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 182.

¹²⁹ *Idem*, p. 185.

a consciência tende a um processo de totalização que implica na possibilidade da consciência se representar.

A agonia do Senhor [Mestre] é longa e dolorosa: seus sofrimentos físicos se prolongaram *cruelmente* secularizando-se no sofrimento psíquico da humanidade. A [ii] da morte é prolongada de todas as formas e o número das massas de fiés multiplica-se aos que estavam ao pé da cruz; toda a importância da crucificação não é que o corpo de Cristo seja apenas exposto às massas,¹³⁰ mas que sua [ii] percorra o movimento de circulação consciente-inconsciente através dos séculos.

Na época do Imperador Constantino são 10 milhões:

Uma nova religião mundial não se fabrica, porém, assim, por decreto imperial. A nova religião mundial, o cristianismo, fora forjando-se, em silêncio, durante, esse período, de uma mistura da teologia oriental universalizada, em particular da judaica, com a filosofia grega vulgarizada, sobretudo da estóica.¹³¹

O Cristianismo não se satisfaz em erigir os seus altares, mas viu-se na contingência de proceder à eliminação dos altares dos pagãos. Só essa fanática intolerância tornou possível construir uma “fé adamantina” – inatacável, um diamante puro, condição essencial de sua existência.¹³² As religiões de lamentação [*Religions funèbres*]¹³³ não só marcaram a face da Terra como marcaram o *pathos* da humanidade e no Cristianismo receberam uma validade universal. O que lhes terá proporcionado sua singular perseverança estendendo-se por séculos?

A lenda em torno da qual elas se formam é a de um ser humano ou deus morto injustamente. Trata-se sempre da história de uma perseguição, seja ela uma caçada ou um

¹³⁰ ŽIŽEK, S. *A Monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?* Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2008, p. 115.

¹³¹ ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, In *A Ideologia alemã*, São Paulo: M.C, 2004, p. 135.

¹³² HITLER, A. *Minha luta*. São Paulo: Centauro, 2005, p. 340.

¹³³ CANETTI, E. *Masse et puissance*. Traduit Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1995, p. 153.

acossamento. Um julgamento injusto poderá também estar vinculado a ela.¹³⁴

O mundo das imagens da morte de Jesus Cristo torna-se “realidade lacaniana”: um símbolo psicológico portando o falo do pai, que secularizado atravessa os tempos no domínio das massas e suas almas; um símbolo da agonia: o Senhor *na* imaginação das massas sofrendo para todo sempre. O domínio imaginário *do* martírio, *da* crueldade humana, *da* crucificação intensificam o *pathos* na secularização destas fantasias formando um profundo mal-estar psíquico, afetando a ação política. A pluralidade de nomes violentado “*em nome do pai...*”.¹³⁵ A **[ii]** do caminho da cruz, da morte, do sofrimento como uma psicologia das massas. No eterno retorno do idêntico não está apenas o sentido, mas o modo de transfiguração do tempo. “Tudo é sempre a mesma coisa e, no entanto, não é a mesma coisa, pois a roda vai girando sobre a longa estrada”¹³⁶ através dos séculos.

Os *nomes* são vários (razão, estrutura, espírito, ciência, moral...) *mas* a imagem do pai é um só. Em clima de “Igreja”, o grande psicanalista inicia sua *fala* pedindo silêncio *absoluto* durante a sessão.¹³⁷ Neste seminário, fala dos *Nomes-do-Pai* e da forma intacta com que a Igreja se mantém. Obviamente neste clima, infinitamente mais profundo, mais *estrutural*, que a baliza que foi colocada sob a forma do mito do assassinato do pai. Nessa lacunosa leitura, observa-se o “teológico-político” na representação da ordem eclesiástica, no que se refere ao pai – ao pai deles, os padres da Igreja e do saber oficial. Num íntimo momento, confessa, desde a idade pubertária, a prática da leitura de Santo Agostinho. Em nome do *nome* e da *voz* diz ser importante colocar no nível do *pai* um termo que vai mais longe do que jamais se fizera até o presente, isto é, a *função* do *nome próprio*. O violento ato mítico do poder de

¹³⁴ “*La légende autour de laquelle elles se forment est celle d’un homme ou d’un Dieu qui a péri injustement. C’est toujours l’histoire d’une persécution, qu’il s’agisse d’une chasse ou d’une poursuite. Il peut s’y rattacher aussi un procès inique*”. *Idem*, p. 153.

¹³⁵ “*Em Nome do Pai...*” comunicação apresentada por nós em 2008.2 no *III Encontro Nacional de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise* (UFF - UFRJ).

¹³⁶ JUNG. C.G. *O Caminho da cruz*. In *O Livro vermelho: Liber novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 311 (*esboço* da Nota de rodapé).

¹³⁷ LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 57.

nomear. “Dentre todos os seres, o ser humano é o único que dá ele mesmo um nome aos seus semelhantes...”¹³⁸

E qual a *função* do pai, do ser supremo – soberano? Lacanianamente falando, o Deus eterno ou sagrado soberano tem um desejo como interessado na ordem do mundo. Esta esfera, do “poder teológico-político”, faz-se diretamente ligado com a questão do poder e soberania no político e suas relações com a exceção “schmittiana” – *nomos* da Terra. O gozo de “Deus” é o gozo da imagem do Deus cristão, presente no mundo interior de Lacan e Schmitt, representantes fiés da moral ocidental.

Como fala o próprio Lacan, para preservar a pureza do que tem a falar a seus fiés ouvintes, as imagens estão suficientemente em leque para encontrar nelas esta metáfora paterna – da “soberania sagrada” ou *soberania inextensiva*. A famosa tríade dialética (real-simbólico-imaginário) que sustentará de ponta a ponta a elaboração lacaniana ao longo de três décadas, até se tornar seu objeto essencial, sob a forma do *nó borromeano*, seriam os verdadeiros *Nomes-do-Pai*.¹³⁹ Perversão: versão em direção ao pai.¹⁴⁰ Da mesma forma que a *gestalt* já estava na *imago*, o nó dito borromeano já estava no brasão dos Borromeus e Lacan tira a consequência disso: o nó feito *no espírito*. A *função* do nó como o tríplice do simbólico, do imaginário e do real.

Numa passagem obscura, em “O Espírito dos Nós” [*L’Esprit des Noeuds*], *fala*¹⁴¹ sobre a *função* da reta parente de um círculo e que este teria uma função bem conhecida da *polícia*, servindo para circular, por isso, a polícia conta com um apoio que não data de ontem. Hegel perbeceu muito bem sua função em sua *eticidade* social burguesa [*La moralité sociale*],¹⁴² mantendo-se

¹³⁸ “De tous les êtres l’homme est le seul qui donne lui-même un nom à son semblable...”. BENJAMIN, W. *Sur le langage em général et sur le langage humain* (1916). Trad. par Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000, p. 155.

¹³⁹ LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 8.

¹⁴⁰ A palavra francesa *perversion* (“perversão”) admite homofonias com *père* (“pai”), *vers* (“em direção a”) e *version* (“versão”). LACAN, J. *O Espírito dos Nós* (1975). In *O Sinthoma*. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: JZE, 2007, Livro 23, p. 21.

¹⁴¹ “Le cercle, il faudra assurément que j’y revienne aussi. Il a une fonction bien connue de la police. Le cercle, ça sert à circuler.” LACAN, J. *L’Esprit des noeuds* (1975). In *Le Sinthome*. Paris: Seuil, 2005, Livre XXIII, p. 25.

¹⁴² HEGEL, G.W.F. *Précis de l’encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 275.

a princípio, sem coerção. Como Hegel definiu, todos são fracos vis-à-vis todos os outros; todos sabem que qualquer um pode abater o outro – segundo um hegelianismo de Carl Schmitt,¹⁴³ cada um seria portanto o *inimigo* e o adversário de todos os outros – o conhecido *bellum omnium contra omnes* [guerra de todos contra todos].

Na condição burguesa, de um “Estado cristão”,¹⁴⁴ todos os “cidadãos” estão seguros em sua existência física: nela reina a paz, a segurança e a ordem. Essa, segundo Schmitt, seria uma definição bastante conhecida de *polícia*; o Estado moderno e a polícia moderna passaram a existir simultaneamente e a instituição mais vital do Estado seguro seria a *polícia*, segundo o teórico do fascismo. Estrategicamente evita-se a turbulência no seio das massas, o povo armado, proletariados e “últimos escravizados” (Benjamin) “na rua e a rua investindo contra o poder”,¹⁴⁵ ligando-se, muito embora por caminhos diversos, ao pensamento do “direito achado na rua” de Roberto Lyra Filho. Obviamente a “rua” pertence à cidade e esta não dá conta de uma potência que vem *de fora*. Assim como a “rua”, pertence à cidade as igrejas ou seria a própria *condição da cidade*, não reconhecendo uma violência forjada *na* potência – *de fora*. A função deste sistema penal burguês é muito bem revelada por Foucault nos meios de *extração da população*, com reforço da *polícia*. A burguesia, o grande industrial, sempre procurou manter uma oposição entre o exército e o proletariado, no entanto, este exército nas “democracias modernas” ou “totalitarismos suaves” já não pode desempenhar o mesmo papel que outrora no âmbito da *sociedade civil burguesa*. Sem [ii] não há inimigo, sem inimigo não há polícia, sem polícia não há “eticidade” hegeliana, mantendo-se este tripé (família-sociedade civil-sociedade política)

¹⁴³ SCHMITT, C. *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes - sentido e fracasso de um símbolo político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008.

¹⁴⁴ MARX, K. *Sobre a questão judaica*. Trad. Nélio Schneider Bensaïde e Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 37, 39 etc.

¹⁴⁵ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004, p. 51.

não sem coerção, mas em nossa contemporaneidade, pela “violência espiritual da polícia”¹⁴⁶

O que torna a presença policial, o controle policial tolerável pela população se não o medo do delinqüente [inimigo]? (...) Esta instituição tão recente e tão pesada que é a polícia não se justifica senão por isto. Aceitamos entre nós esta gente de uniforme, armada enquanto nós não temos o direito de o estar, que nos pede documentos, que vem rondar nossas portas. Como isso seria aceitável se não houvesse os delinqüentes [inimigos]? Ou se não houvesse, todos os dias, nos jornais, artigos onde se conta o quão numerosos e perigosos são os delinqüentes [inimigos]?¹⁴⁷

Nesse sentido, Derrida manifesta espectros benjaminianos ao lembrar de uma “tese” definida na *Origem do Drama Trágico Alemão* (1925): “O espírito [Geist] manifesta-se no poder [weist sich aus in Macht]; o espírito é a faculdade de exercer a ditadura [Geist ist das Vermögen, Diktatur auszuüben]. Essa faculdade exige uma disciplina interior rigorosa, assim como uma ação exterior desprovida de escrúpulos [skrupelloseste Aktion].”¹⁴⁸ Sobre a manifestação desse espírito em nossa sociedade industrial ou segunda natureza em excesso, este se mostra exteriormente sob a forma do poder – violência mítica.¹⁴⁹ E é preciso também estar atento a “hostilidade do espírito”¹⁵⁰ própria do espírito, que se torna extremamente controlado e controlador na presunção de ser a salvação.

¹⁴⁶ DERRIDA, J. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 105.

¹⁴⁷ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004, p. 138.

¹⁴⁸ DERRIDA, J. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 106.

¹⁴⁹ BENJAMIN, W. *Crítica da violência - crítica do poder*. (1921) Trad. Willi Bolle. In *Documentos de cultura, documentos de barbárie*, São Paulo: USP, 1986, p. 175; *Critique de la violence*. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000, p. 243.

¹⁵⁰ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento*. Tese IV. In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 167.

Esta *política do espírito* [o *político* do espírito] define-se num mundo extensivo como reino cristão¹⁵¹ (*nomos* da Terra: reunião da cristandade e seus territórios) de ordem, segurança e estabilidade, realizado e garantido com eficácia pelo domínio de poder do príncipe – sagrado soberano e pelo domínio de autoridade da *vontade de decisão* sagrada do Papa. *Ordem* pelo poder soberano do sagrado líder *com* poder de decisão na determinação do *inimigo* – na defesa deste reino contra o *anti-cristo*. Na defesa desse *poder mítico*, Carl Schmitt revela a importância da teoria do *kat-echon*¹⁵² como *poder histórico*, num contexto de força histórica capaz de deter a aparição do *anti-cristo – mal*.

Em uma das passagens *da* escatologia católica, São Paulo expressa que antes da vinda de Jesus Cristo, haveria de vir o anti-cristo, através da *apostasia*, levantando-se contra o católico e sagrado, constrangido somente por aquilo que o detém – *kat-echon*:

Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, da iniquidade, o filho da perdição; adversário que se levanta contra tudo o que se chama Deus, o que é divino e sagrado; de sorte que se assentará como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco? E agora vós sabeis *o que o detém*, para que a seu próprio tempo seja manifestado. Porque já o mistério da injustiça e iniquidade opera: somente há um que agora resiste até que do meio seja tirado; e então será revelado

¹⁵¹ SCHMITT, C. *El nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005, p. 39.

¹⁵² *Idem*, p. 41.

o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor se sua vinda.¹⁵³

A existência do *poder mítico* manifestado pelo reino cristão se dá para Carl Schmitt pela visão histórica do *kat-echon*, uma crença de que uma barreira retardaria o fim do mundo, impedindo a apostasia e a perversão da ordem, numa “paralisação escatológica”¹⁵⁴ de todo acontecer humano, *transfiguração do tempo*, uma força histórica extraordinária como o Império Cristão, prolongação do Império Romano e secularizado na Alemanha Nazista, conservando este *poder mítico* frente o imaginário poder avassalador do *mal*. Nesta política do espírito na defesa do reino cristão, Schmitt não crê que seja possível, para a fé originalmente cristã, nenhuma outra visão histórica que a do *kat-echon*, mantendo permanentemente este *poder mítico* na *unidade* deste reino universal. Algo “essencialmente neutralizante” (Lacan), pois que “o importante é dar-mo-nos conta de que há algo que podemos atingir em sua pureza [*pureté*], e onde já se manifestam leis, leis completamente indecifráveis até intervimos nelas para colocar o sentido. E que *sentido?* [*Et quel sens?*] O sentido de algo com o qual nós inteiros temos de lidar. É a maneira pela qual nos introduzimos na sucessão temporal [*succession temporelle*]. Trata-se de saber de que tempo se trata”.¹⁵⁵

Obviamente, tanto para Carl Schmitt (teólogo da política) quanto para Lacan (teólogo da psicanálise) trata-se da [ii] da *transfiguração do tempo* na manutenção deste reino universal, *poder mítico* no combate ao *inimigo* (simbólico-imaginário). Para ambos, que aderem à imagem desta estrutura e sua forma, esta *causa* do sentido será identificada como sendo a estrutura significante.

Este uso freqüente da metáfora e citações bíblicas deve ser levado a sério na obra “schmittiana-lacaniana” – sua ambição compara-se à missão de Cristo e consiste em trazer aos homens uma espécie de salvação terrena que

¹⁵³ Segunda epístola do apóstolo São Paulo - Aos tessalonicenses 2:1-8.

¹⁵⁴ SCHMITT, C. *El nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005, p. 41.

¹⁵⁵ LACAN, J *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 330.

seria a paz através do soberano.¹⁵⁶ Se a Igreja, segundo dizem os padres e a maioria dos estadistas é necessária à salvação da alma, o Estado, nas mãos do sagrado soberano, por sua vez na manutenção deste poder mítico, seria necessário a conservação da paz, da ordem e da justiça, momento em os debates terminam [*complexio oppositorum*] e começa a ação *do político do espírito através do poder mítico*.

Ainda na primeira fase (1916-1925) de seu pensamento, Benjamin em 1921 escreveu o ensaio “Para uma crítica da violência” [*Zur Kritik der Gewalt*] que aparece em inglês como “The Critique of Violence”. *Gewalt* denota não apenas *violência*, mas também o conceito de *poder*, domínio ou a soberania do poder legal, a autoridade autorizante ou autorizada: a força de lei e que dadas as suas sinistras ambigüidades continua a ser um dos textos mais problemáticos da obra de Benjamin. Neste texto a semântica de *gewalt* oscila constantemente entre esses dois pólos: *violência* e *poder*. Todo o ensaio então é construído sobre a ambigüidade da palavra *gewalt*, onde a intenção de Benjamin é mostrar a origem *do* direito (e do Poder Judiciário) a partir do *espírito da violência*.

A lei, que a todo o momento *reafirma-se* a si mesma, através da violência, revelando algo de podre nesta mesma lei. A decadência interna da lei é o fato de que o preceito legal é desprovido de legitimação, de que o próprio espaço do raciocínio jurídico dentro do qual prevalece o preceito legal é sustentado por uma dimensão de *força, poder e violência* que acabam por ocupar o lugar dos fundamentos que faltam. Raciocina corretamente Benjamin, *negando* a lei, que é fonte de um desequilíbrio e degeneração institucional crônico, quando se auto-reafirma no enunciado: “A lei é a lei!”.

Benjamin distingue dois aspectos dessa dimensão da lei: a *violência instauradora da lei* [*rechtsetzend Gewalt*] e a *violência mantenedora da lei* [*rechtserhaltende Gewalt*]. A *violência instauradora da lei* marca pela primeira vez a fronteira entre o que será considerado legal e ilegal, enquanto a *violência mantenedora da lei* serve exatamente para regular e manter as fronteiras entre

¹⁵⁶ Com relação a Hobbes, posição parecida encontra-se em RIBEIRO, R.J. *A Marca do Leviatã*, São Paulo: Ateliê, 2003.

os atos legais e ilegais. Benjamin dá a essa violência (que *instaura e mantém* o direito) o nome de *violência mítica* (“poder sangrento sobre a mera vida em nome da violência”), usando o conceito de *mito* para entender os efeitos de poder *das* representações.

Esta *violência* [ou *poder mítico*] seria digna de reprovação, pois instituindo um direito, poderia ser chamada de dominante; devendo ser rejeitado, todo *poder mítico*, o poder instituinte do direito, que pode ser chamado de um poder que o homem põe [*schaltende Gewalt*]. Para Benjamin, esta *polícia* representa uma espécie de mistura espiritual dessas duas formas de violência; a *polícia* é o lugar em que a *violência extralegal* da qual depende estruturalmente o preceito legal manifesta-se da maneira mais clara; sua presença é “fantasmagórica” na vida dos estados civilizados. No começo da lei, portanto, há um certo fora-da-lei, um certo real da violência que coincide com o próprio ato de instauração da lei: a verdade última sobre o império da Lei é a de uma usurpação, e todo o pensamento da dita Filosofia política repousa num desmentido desse violento ato de “fundação”:

“a violência ilegítima através da qual a lei se sustenta deve ser escondida a qualquer preço, pois essa ocultação é a condição positiva do funcionamento da lei: ela funciona na medida em que seus sujeitos são enganados, na medida em que vivenciam a autoridade da lei como ‘autêntica e eterna’, passando-lhes despercebida ‘a verdade sobre a usurpação’”.¹⁵⁷

Nesse contexto, Nietzsche influencia fortemente Benjamin, no que diz respeito a *violência instauradora da lei*:

Mas o decisivo no que o poder supremo pratica (autoridade suprema) (...) é a instituição da *lei*, a declaração imperativa do que figura em geral como permitido e justo a seus olhos, e do que figura como proibido, injusto: depois de haver instituído a lei, ele

¹⁵⁷ ŽIŽEK, S. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: JZE, 1992.

trata a violência e os atos caprichosos por parte dos indivíduos ou grupos inteiros como delitos contra a lei, como uma rebeldia contra o próprio poder supremo. (...) “Justo” e “injusto”, por conseguinte, só existem depois da instituição da lei. (...) Falar em justo ou injusto em si é perfeitamente sem sentido.¹⁵⁸

Os verdadeiros *estados de emergência ou de exceção* [*Ausnahme-Zustände*] são inaugurados pela própria ordem legal, e não por qualquer ato criminoso perpetrado contra ela, diz Nietzsche. Benjamin raciocina corretamente, *negando* esta lei:

... violência como “meio puro”, isto é, como figura de uma paradoxal “medialidade sem fins”: isto é, um meio que, permanecendo como tal, é considerado independentemente dos fins que persegue (...) É pura a violência que não se encontra numa relação de meio quanto a um fim, mas se mantém em relação com sua própria medialidade.¹⁵⁹

Benjamin destaca a diferença entre a violência de um movimento revolucionário que tenta tomar o poder estatal e a violência de um movimento que, ao contrário, tenta destruir o poder do estado rejeitando qualquer relação com a lei. Essa segunda forma de violência seria “pura” ou “imediata”, no sentido que não presta atenção a nada que seja externo, a *nenhuma representação*. Benjamin tenta entender positivamente esta violência em termos duma “violência divina” [*die göttliche Gewalt*]: poder puro sobre a vida toda em nome dos vivos, exprimindo a própria vida fora da lei, na forma do vivo, nunca sendo um instrumento de execução sagrada, chamada de soberana [*mag die waltende heissen*].

A postura político-teológica de Benjamin mantém-se a mesma em toda sua obra, relacionando esta “violência pura” [*violência divina*] com a segunda

¹⁵⁸ NIETZSCHE, F. *A Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 64 - 65, [GM, II, § 11].

¹⁵⁹ AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 95.

fase de seu pensamento (1925 - 1940), momento que esta violência aparece sob a forma de um “verdadeiro [real] estado de exceção” [*le véritable état d’exception*]¹⁶⁰ numa perspectiva histórica na luta contra este poder fascista – “*schmittiano-laciano*” [ou violência mítica *na* suspensão do direito, simbolicamente, representando a suspensão *na* cruz do sagrado soberano] na tentativa destrutiva do poder das representações.

Quando Derrida retorna à Benjamin no final do século XX [1990] na abertura do colóquio “O Nazismo e a Solução Final: os Limites da Representação”, propondo uma leitura arriscada do “*Zur Kritik der Gewalt*”, inscreve uma assinatura numa perspectiva que opõe a *violência pura-divina*, inscrita numa ética da judeidade na desconstrução da *violência mítica* [*poder mítico*] fruto da moralidade cristã. Uma das questões importantes sobre a “desconstrução” e seus limites – a *divinidade* da *violência divina* [*die göttliche Gewalt*] para além do caráter desconstrutivo com caráter destrutivo. Por outro lado (no combate a desconstrução e a destruição) esta moralidade cristã tem interesse em conservar esta *violência mítica* ou *poder mítico*, representando simbolicamente o interesse que justamente ela representa: a possibilidade de *suspensão do mito*.

Neste interesse, nestas posições cristianizadas, esta tríade *hegeliana-laciana-schmittiana* faz com que os indivíduos angustiados aproximem-se uns dos outros; seus medos se elevam ao extremo; uma centelha de razão surge e de repente diante deles aparece um novo soberano-deus. Quem é esse pai – sagrado soberano, *espírito absoluto*, que traz paz e segurança às pessoas atormentadas pela angústia, que transforma lobos em “cidadãos” e com esse milagre prova ser um Deus, obviamente um “deus”, um *deus mortalis*, como Hobbes o denominou? Este soberano teria um desejo *na ordem* do mundo. Esta tríade aposta tudo *no* medo, que aproxima os homens desejosos de paz, enquanto as ambições os separa; o temor, está na raiz do estatuto indivisível deste *poder mítico*, tem de ser tudo na dita Filosofia política,

¹⁶⁰ BENJAMIN, W. *Sur le concept d’histoire* (1940). Thèse VIII. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 433; *Sobre o conceito da história*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 13.

e os regimes, ninho de conflitos, são reduzidos a *decisão* técnica. A *serpente negra e pesada* com “poder de decisão” no mundo da técnica.

Nas imagens imaginárias das massas, o pensamento a respeito do Espírito [*Geist*] inscreve-se nos contextos de alta estatura *do político* e *decide* o próprio sentido *do político* indicando o lugar [mundos] de tal decisão, como se fosse possível, neste delírio do poder – sentimento de onipotência.

A existência de um *Geist*, de um Espírito Santo [*Saint-Esprit*],¹⁶¹ um problema que recordou Lacan, levanta a intervenção do elemento acústico, dimensão da voz ou tradição fonocêntrica. Lacanianamente falando, este espírito santo seria a entrada do *significante* no mundo [*Le Saint-Esprit est l'entrée du signifiant dans le monde*],¹⁶² ou seja, a *linguagem* referida a *dimensão da voz*.

O que com efeito caracteriza esta *linguagem* seria o sistema do *significante* como tal. Neste sentido, o *significante* só se relaciona com outros *significantes*, politicamente falando, somente é possível relacionar-se com o *outro* que fala nossa língua – *humano*. *Logo(s)*, podemos perceber onde estaria o “inimigo” lacaniano. Nesta tradição da *linguagem fonética*, este “Espírito Santo” (soberano *significante* ou *significante mestre*) seria a entrada do sopro de poder no mundo.

A História e seus arquivos ocidentais estão cheios de exemplos deste sistema do “ouvir-se falar” através da substância fônica [*substance phonique*]¹⁶³ – que se dá como *significante*: Cristo, Hitler, Bush, Obama etc., todos inseridos numa tradição da *mitologia branca*,¹⁶⁴ submetidos ao *monolinguismo*¹⁶⁵ e falando uma única língua própria inerente a esta mitologia.

Na psicanálise – lacaniana – (a)política, Lacan define seu *estado de exceção* em “O Significante e o Espírito Santo” [*Le signifiant et le Saint-Esprit*]:

¹⁶¹ LACAN, J. *Le signifiant et le Saint-Esprit* (1956) In *La relation d'objet*. Paris: Seuil, 1994, Livre IV, p. 48.

¹⁶² *Idem*.

¹⁶³ DERRIDA, J. *De la grammatologie*. (1967). Paris: Minuit, 2006, p. 17.

¹⁶⁴ DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto: Rés, s/ data, p. 265.

¹⁶⁵ DERRIDA, J. *O Monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

“As relações do homem com o significante no seu conjunto estão muito precisamente ligadas a essa possibilidade de supressão, de colocação entre parênteses de tudo aquilo que é vivido”.¹⁶⁶

Na esfera *do político*, o que Lacan esconde é um *significante* que tem suas leis próprias, reconhecíveis ou não, representadas simbolicamente pelo cruel soberano ou imaginariamente pelo cruel Deus cristão; numa relação *complexa* e imaginária de totalidade a totalidade, ou mais exatamente de sistema inteiro a sistema inteiro, de universo do significante a universo do significante. O *nomen* seria uma totalidade significante reconhecendo e estabelecendo o “pacto” e o acordo da Europa cristã; a *identidade* do homem e de Deus será a *identidade* da [ii] do humano em Cristo [soberano]. Nesse sentido o *nomen* se exerceria no plano do reconhecimento, pois a dialética do reconhecimento seria essencialmente *humana* e como Santo Agostinho, se situa numa dialética que não é atéia.¹⁶⁷

Portanto, nesta posição, a *palavra falada* reenvia à *palavra falada* que se endereça com sua mensagem ao ouvido de maneira que se enderece ao *espírito*. Este ocultamento oculta a própria *escrita*, “a linguagem falada é a linguagem original” [*A propos du langage vocal, qui est le langage primitif*];¹⁶⁸ escrita colocada somente a serviço desta *palavra* numa tradição do político com seu supremo momento no sistema hegeliano. O Deus que morreu na cruz ressuscita sob a forma do espírito da *comunidade religiosa sonora*. Um avanço geral do Espírito.¹⁶⁹ A *palavra* desde que se instaura, se deslocaria na dimensão da verdade, ou lacanianamente, seria ela que faz a verdade. A [ii] da perfeição desta estrutura dialética é desenvolvida por Hegel em sua *teoria da*

¹⁶⁶ “Les rapports de l’homme avec le signifiant dans son ensemble sont très précisément liés à cette possibilité de suppression, de mise entre parenthèses de tout ce qui est vécu.” LACAN, J. *Le signifiant et le Saint-Esprit* (1956) In *La relation d’objet*. Paris: Seuil, 1994, Livre IV, p. 48.

¹⁶⁷ “La dialectique de la reconnaissance est essentiellement humaine” LACAN, J. *De locutionis significatione* (1954) In *Les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil, 1975, Livre I, p. 281.

¹⁶⁸ HEGEL, G.W.F. *Précis de l’encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 255.

¹⁶⁹ VEYNE. P. *Universalismo, universais, epigênese: os primórdios do Cristianismo*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. In *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 107.

linguagem onde o *som* articula-se com *representações determinadas*, a *palavra* e seu sistema, a *linguagem* – “Reino da Representação” [*Sphère de la représentation*].¹⁷⁰ Ao passo que o *significante* em seu *pas*se, desliza incessantemente, ao referir-se aos outros significantes da cadeia, concebendo na imaginação ou inventando um *efeito de sentido*.

Essa [ii] de Deus (soberano, pai etc) realiza o *político* de uma forma absolutamente inadmissível e autoritária frente ao *animot*. Um monge do Monte Athos dizia “que muitos receberam o Espírito Santo no alto da cabeça, alguns um pouco abaixo da cabeça, alguns o receberam no coração, outros no ventre. Mas é raro encontrar alguém no qual o Espírito Santo tenha descido no sexo ou no ânus”.¹⁷¹

Mas, o que Lacan não percebe (ou tem plena consciência em seu “*Do símbolo e de sua função religiosa*”¹⁷²) é que esta *palavra* pode ser um *símbolo* [“Da boca sai a palavra, o sinal e o símbolo. Se a palavra for um sinal, então não significa nada. Mas se a palavra for um símbolo, significa tudo. (...) O símbolo é a palavra que sai da boca, que a gente não fala.”]¹⁷³ Sua “psicologia da forma” [*Gestalt*] é *imago* ou *complexos de imagens*.

Por relação a isto acima, temos que pensar se o chamado apoliticismo, a dita neutralidade do movimento lacaniano, a postulação da “*Ética*” como afirmação de um absoluto inalcançável (não passa de uma retórica moralista repetindo palavras de *ordem* sob a capa da crítica) não foram constitutivos importantes para *estruturação* do estado ([ii] do poder soberano) e dos movimentos no período da Europa fascista. Mata-se o imanente pai primitivo da horda, que gozava com todas as mulheres e também com as proibições excessivas aos seus filhos, para que ele se transforme em nome do pai, em

¹⁷⁰ HEGEL, G.W.F. *Précis de l'encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 254.

¹⁷¹ LELOUP, J-Y. *O Corpo e seus símbolos*. Trad. Regina Fittipald. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 71.

¹⁷² LACAN, J. *Do símbolo e de sua função religiosa* (1954) In *O Mito individual do neurótico*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: JZE, 2008.

¹⁷³ JUNG, C.G. *O Caminho da cruz*. In *O Livro vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 310.

nome do nome do poder de nomear, distribuidor universal da lei soberana.¹⁷⁴

Lacan sempre se recusou a retomar o tema deste seminário, espíritosismo, e até em publicar em vida o texto da única *fala* pronunciada que desvendava o “fundamento” e a “origem” da psicanálise; como um bom teólogo, era submisso ao clero eclesiástico. O próprio Lacan *fala*¹⁷⁵ que se quisesse tomar a questão do *símbolo*, partiria do túmulo do chefe – sagrado soberano, pois o que caracteriza a *espécie humana* seria justamente cercar o cadáver de algo que constitua uma sepultura, de sustentar o fato de que isso durou por séculos, sendo *humanizante*. Ou seja: o Cristianismo o único sistema *humanizante* capaz de reconhecer o humano e sua condição humana e *forma humana*. O *símbolo* por si mesmo da onipotência do pensamento “lacaniano”, a [ii] do Senhor Mestre que tem a verdade.

É o “*Drama de mártires*”,¹⁷⁶ de quem *sofreu* tormentos por sustentar a fé cristã. Orientam-se pelo sofrimento, tortura física e pelos tormentos da alma – uma soberana crueldade *cristianizada*. Crueldade da cruz [*cruzeldade*] – aqui a *cruel crueldade* é violentada com a *violência mítica* da cruz e todo seu mundo das imagens no sofrimento criacionista dos significantes.

Ao pensar a prática de uma *teoria da soberania*,¹⁷⁷ Walter Benjamin “desconstrói” este discurso soberano, capaz de um dia destruir a terra com a violência de uma catástrofe, numa tensão entre a imanência do mundo e a transcendência, mostrando através do retrato de um príncipe político cristão como metaforicamente foi transferido a definição jurídica do *lugar* do soberano num país para o ideal grandioso da soberania universal. O *espírito* dos dramas de príncipe manifesta-se claramente no fato de este fim típico do rei cristão se enredar nos caminhos *do* drama de mártires. O herói deve ser um exemplo acabado de todas virtudes, afligir-se e atormentar-se com a deslealdade dos seus amigos e inimigos, mas isso deve acontecer de tal modo que ele se mostre magnânimo em todas as situações e seja capaz de superar

¹⁷⁴ KATZ, C.S. *Para os 100 anos de Lacan*. Disponível na Internet: www.estadosgerais.org

¹⁷⁵ LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 36.

¹⁷⁶ BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 66.

¹⁷⁷ *Idem*, p. 57.

corajosamente a dor, manifestada em suspiros, elevação da voz e muitas lamentações. Aquele que se aflige com a deslealdade dos seus amigos e inimigos: a expressão poderia aplicar-se à paixão de Cristo. Do mesmo modo que *Cristo-rei-soberano* sofreu em nome da *humanidade*, sofre(m) o(s) soberano(s) *em geral*.¹⁷⁸

Posteriormente, como forma *do político* ou um conjunto dos termos substituíveis entre si numa mesma posição ou oposição desta estrutura a que lhe pertencem no paradigma do poder soberano *na exceção*, iremos mais a fundo na investigação para perceber como em cada *drama de tirano* se esconde um elemento do sofrimento de mártires – *pathos* cristão. Existem *dramas* que seriam ininteligíveis sem o conhecimento do que se passa por trás do pano. A vida psíquica da criatura faz parte desse dramas. O que se desenrola em cena, em plena luz da consciência, corresponde a fragmentos e pedaços da vida psíquica; inconcebível de ser, se não existisse tudo o que se passa nos bastidores dos processos inconscientes.

¹⁷⁸ *Idem*, p. 66.

Mas o sentido supremo é o trilho, o caminho e a ponte para o porvir. É o Deus que vem – não é o próprio Deus, mas sua imagem que se manifesta no sentido supremo. Deus é uma imagem, e aqueles que o adoram devem adorá-lo na imagem do sentido supremo. O sentido supremo não é um sentido e não é um absurdo, é imagem e força ao mesmo tempo, glória e força juntas. O sentido supremo é começo e meta. É ponte de passagem para o outro lado e realização.

C. G. Jung, *O Caminho daquele que virá* *

* JUNG. C.G. *O Livro vermelho: Liber novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 229 - 230.

2. Ilusão da presença soberana

Num primeiro momento, a questão da *soberania* é colocada como *ilusão* com efeitos na realidade através do transcendental na transcendência da arte como visibilidade do invisível como tal, a exemplo da imagem imaginária visível do Deus invisível num *complexo de imagens*. Nas [ii] secularizadas da crucificação, dimensão imaginária cristianizada, os sofrimentos físicos reais do Senhor [Mestre] são revelados na arte sacra através de vários artistas, na criação de uma totalidade da realidade na dominação das massas: Jesus Cristo. Um mundo em que a imagem imaginária pode formar a realidade, uma dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia. Num segundo momento ou instante anterior àquele, este *complexo de imagens* enquanto *imago* permitem ilustrar de uma forma particularmente simples na arte, o que resulta da intrincação estreita do mundo extensivo imaginário cristão e do mundo das imagens interiores na economia psíquica da dominação política das massas e suas almas.

Este *complexo de imagens* já é uma *psicologia da forma* [Gestalt]. Cristo-rei-soberano sofrendo em nome da humanidade. Esta *imago* – num movimento de repetição – representada por estes *complexos de imagens*, na arte [como representação das imagens do inconsciente], pinturas da imagem do sofrimento soberano (na formação de subjetividades “secularizadas”) revelam um tipo de *dispositivo* – “Dispositivo-Cristo” – no domínio das massas humanas de rebanho através de suas almas.

A “*mensagem poderosa*”¹⁷⁹ destas *imagens* é que existem elementos que não dizem respeito a uma única pessoa, mas também a muitas outras pessoas – à uma comunidade. Este *complexo de imagens* emergem de tempos em tempos e não se encaram as consequências éticas que elas suscitam.

¹⁷⁹ JUNG. C.G. *Confronto com o Inconsciente*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 170.

Desta forma aparecem os efeitos negativos do inconsciente [*inconsciente de barbárie*]¹⁸⁰ – as pestes emocionais da humanidade.

Nestas representações a arte *passa* a tornar o invisível – visível; que a arte seja bela será a exigência primeira deste projeto secularizado; uma concepção que se baseia num conceito de belo como harmonia, hierarquia e ordenação, que não apreende as contradições internas da obra de arte; uma visão estética da História revelando significantes numa visão embelezada da História, ou seja, a obra de arte aparece aí enquanto modelo de uma *forma* de como a sociedade deveria ser: a interação harmônica e simétrica, perfeita e pura, em que todas colaboram para um funcionamento do todo. Toda a arte participa da cultura, que sempre acaba sendo de algum modo ajustada ao *status quo*; os bens culturais – e a arte com eles – transformam-se em *documentos de barbárie* à medida que participam da procissão dos vencedores, sufocando a dor dos derrotados, daqueles que tiveram seus arquivos apagados, silenciados à força. Desta forma, a estética, enquanto “ciência do belo”,¹⁸¹ acaba sendo uma ideologização da arte e da ordem sacerdotal cultural.

A *imago* é repetida [*repetição do mesmo*] criando e recriando e mantendo permanentemente a estrutura simbólica da subjetividade – nesta arte ocidental cria-se uma subjetividade cristianizada, um sentimento *de* união *dos* humanos e suas massas humanas. Neste primado *da* representação existe uma experiência de impor um “fascismo da forma”,¹⁸² “pacto” fascista a determinado território (agora universal – *ciberneticamente*),¹⁸³ imagem gregária do pertencimento a uma comunidade espiritual de produção de identidade; relações entre a *arte*, a *vida* e o *político*. Estes arquivos da arte enquanto belo

¹⁸⁰ Tive a imagem desta expressão, “**inconsciente de barbárie**”, num sonho de 30 de janeiro de 2011. Num campo de concentração encontravam-se as figuras de Kant, Jung e Celan. Os três estavam detidos e conversavam. O conteúdo da conversa era a imagem dos próprios três pensadores: produção mental consciente do mundo extensivo (Kant), complexo de imagens do mundo inextensivo (Jung) e inconsciente negativo ou inconsciente de barbárie (P. Celan). Toda referida experiência encontra-se em carta da mesma data enviada à Joel Birman.

¹⁸¹ CELAN, P. *Hermetismo e Hermenêutica - Poemas II*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985, p. 60.

¹⁸² KIFFER, A. *Artaud, momo ou monstro?* In Revista Lugar Comum, UFRJ, n.o. 25-26, maio-dez, 2008, p. 237 - 243.

¹⁸³ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

além de carregarem um poder simbólico na captura das massas, estruturam suas almas pela força do símbolo, submetendo as mesmas e por elas mesmas a este domínio enquanto *forma (poder-violência [Gewalt] mítica* que faz parte do mundo das representações).

Este *complexo de imagens*, num “determinado” momento, nada mais tem a representar – representando – remetendo, nesse domínio “teológico-político”, ao código existente da Igreja, reduzindo-se em “sensações” celestes, infernais ou terrestres. Pinta-se o sentimento religioso – produto social – com todas as cores do mundo, principalmente o vermelho. Não se deve dizer que “se Deus não existe, tudo é permitido”, *mas* exatamente o contrário: se Deus existe, tudo é permitido.

Indo só moralmente, pois as violências e infâmias encontram sempre uma santa justificação, mas esteticamente, de maneira muito mais importante, pois as Figuras divinas são animadas por um livre trabalho criador, por uma fantasia que se permite qualquer coisa. O corpo de Cristo é realmente trabalhado por uma inspiração diabólica que o faz passar por todos os “domínios sensíveis”, por todos os “níveis de sensação diferentes”.¹⁸⁴

Exteriormente e interiormente, o domínio cristão da esfera do “poder teológico-político” através da arte começa quando o homem *passa* a se ver totalmente como uma **[ii]** da “essência”; “...a própria essência da divindade [o amor]. Qualquer que seja a interpretação erudita da frase ‘Deus é amor’, seu próprio enunciado confirma a divindade como *complexio oppositorum* – complementaridade, convivência dos opostos”.¹⁸⁵

A Europa fez retumbar repetidamente sua voz com mais força que qualquer outro lugar – vozes que acabaram por fundir-se no inconsciente numa harmonia estrutural de um *complexio oppositorum*¹⁸⁶ na esfera da *estética* –

¹⁸⁴ DELEUZE, G. *Francis Bacon - Lógica da Sensação*. Rio de Janeiro: JZE, 2007, p. 18.

¹⁸⁵ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 305.

¹⁸⁶ Ver Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

reflexão a respeito da beleza sensível. A captação da beleza e das formas artísticas direcionadas estrategicamente ao sofrimento do Cristo soberano. A *visibilidade* ligada com a questão da *forma* e ao espaço da *representação – pensamento da imagem*. Aqui, o *pensamento da identidade* forma-se fundando-se nesta *imago mental* “secularizada” no domínio das massas *humanas*. Todas as intensidades ficam *de fora* da representação, capturadas por este domínio específico da política católica romana. Neste programa estratégico o que está em jogo é a fragmentação psíquica das massas *humanas* e suas almas numa *reificação repetitiva* do mesmo. Esta humanidade é marcada pelo *automatismo* de um “dispositivo” [símbolo] que repete-se inconscientemente; aqui o inconsciente *das* massas é estruturado como fala e linguagem vinculados ao espaço simbólico da representação – *visível-invisível*. Na fantasia deste domínio absoluto – neste *Reino Branco* – o *inconsciente pulsátil* é submetido ao campo da *linguagem fonética*; a *imago* soberana e suprema identificando-se como espírito absoluto [que tem seu ponto de chegada com Hegel]. Existe aqui uma impossibilidade deste reino de *sair* da soberania ou do mundo da representação – da morte de Deus.

A tese cristã – moralista – é da impossibilidade da morte de Deus onde a autoridade não perde sua força; a regulação e captura das intensidades neste território é feita por este *complexo de imagens*. Portanto, fica bem claro para o intelectualismo europeu a vitória “schmittiana-lacanianiana” com sua suave truculência do extermínio espectral “nietzscheano-freudiano” (muito embora os “nietzscheanos” não entendam *isso*). “Deus é uma imagem”¹⁸⁷ – sua impossibilidade de morte vive enquanto [ii] nas massas e suas almas. A questão primordial em uma obra de arte é de que profundidade de vida ela tenha brotado.

¹⁸⁷ JUNG, C.G. *O Caminho Daquele que Virá*. In *O Livro Vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 229.

Tomamos a pintura *Batismo de Cristo*¹⁸⁸ de Perugino apenas como um primeiro ponto de referência para além do qual era preciso remontar esse mundo exterior ou “dimensão fantasística imaginária”¹⁸⁹ ou ilusão “causada pela força da imaginação”.¹⁹⁰

A cena é o paralelo tipológico da *Circuncisão do Filho de Moisés*. As duas cenas laterais, representando João Batista pregando, à esquerda e Jesus Cristo pregando, à direita, são tidas como alusão à plenitude do trabalho de redenção. Enquanto o batismo dado por João servia como estímulo para o arrependimento, a remissão dos pecados somente se poderia dar pelo batismo cristão.

Vejamos mais alguns exemplos: deusas com purezas da Nossa Senhora com significado de lições morais, à luz de seus princípios cristãos, Botticelli transformou a mitologia e pintou obras da arte religiosa; uma arte inspirada da fé *no* mito. *A Lamentação*¹⁹¹ têm uma intensidade de sofrimento, onde o espaço sufocante estreito, delimitado por frios blocos de pedra, contribui para tornar ainda mais comovente a cena vivida por Cristo.

Na pintura *Natividade Mística*,¹⁹² Botticelli no alto da tela trás uma inscrição em grego referindo-se aos “problemas da Itália” e alude ao Apocalipse, pois grande parte das pessoas acreditavam que o mundo acabaria em 1500, expressando desespero e desprezo do mundo. Não se conhece o exato significado do quadro, mas reflete, nesta dimensão do imaginário, um clima de paz que reinará entre os homens *após* a segunda vinda de Cristo; a impressão de paz é total que provém da observação dos anjos e do movimento de dança no céu. Parece que o artista conhecia algumas verdades que se revelam pelo ocultamento; alguns segredos relativos a harmonia na produção

¹⁸⁸ *Enciclopédia dos Museus – Museus do Vaticano – Roma*, Arnoldo Mondadori Editore: Milão, 1968, p. 69. (Anexo I).

¹⁸⁹ ŽIŽEK, S. & DALY G. *Arriscar o Impossível*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2006, p. 14.

¹⁹⁰ KANT, I. *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 76.

¹⁹¹ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 94 (Anexo I).

¹⁹² *Idem*, p. 95 (Anexo I).

de uma sensação agradável e de prazer atuando diretamente sobre o imaginário.

Mas é a *Madona do Magnificat*¹⁹³ que é tida como a mais perfeita e majestosa das muitas *representações* que Botticelli fez da Virgem com o menino Jesus – a mulher perfeita e pura. O *Magnificat* do título refere-se a um cântico entoado por Maria, que se inicia com a seguinte frase: “A minha alma glorifica o Senhor” (Lucas 1:46), lembrando que a vida de Maria foi uma sucessão de maravilhas, das quais a maior foi a encarnação do Verbo, atestando a própria Virgem, no canto do “Magnificat”. Maria mãe de Deus, mãe de todos os homens.

Em *A Transfiguração*,¹⁹⁴ último grande trabalho de Rafael, o artista não mediu esforços para conseguir a perfeição máxima do belo. Dois episódios bíblicos interligados estão aqui descritos: no plano superior, Cristo, ladeado por Moisés e Elias, ascende aos céus; no plano inferior, todos apontam para um jovem possuído pelos maus espíritos que é trazido para ser curado e purificado. Nesta arte dramática o céu do quadro é azul com suas laterais carregadas de escuro; o drama nascendo no céu, se passa no céu, na particular iluminação da tela e seu soberano, abaixo, os reflexos do emaranhado de formas, impressão que se tem de longe, reprodução distorcida da natureza celestial, anunciando uma espécie de drama da natureza humana.

Doménikos Theotokópoulos, conhecido como El Greco,¹⁹⁵ nasceu em Creta, em 1541, no seio de uma família abastada de religião católica. Seus familiares eram funcionários da Senhoria de Veneza, à qual, na época, pertencia Creta. A dominação veneziana implicava também a religiosa, posto que o arcebispo de Creta era um veneziano designado pelo papa. Neste ambiente cretense de sua primeira formação, assimilaria uma concepção arcaizante de pintura, de raízes medievais e evidentemente alheia à representação da realidade profana, segundo a qual o pintor deve transcender em suas obras a realidade visual, considerando somente aquilo que tivesse referência no mundo do espírito. A estilização, a representação simbólica do

¹⁹³ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 96 (Anexo I).

¹⁹⁴ *Idem*, p. 120. (Anexo I).

¹⁹⁵ *Gênios da Arte - El Greco*, São Paulo: Girassol, 2007, p. 7.

transcendente regem toda a plástica bizantina, idéia que permaneceria na obra de El Greco. Em sua “espiritualidade bizantina”,¹⁹⁶ sentia-se agredido pela intensidade dos nus e a excessiva humanização profana das personagens e dos fatos religiosos.

Dono de uma obra tecida simultaneamente com a febre do sonho e a pureza da revelação, El Greco ilustrou a temática religiosa de um modo inconfundível. Na *Vista de Toledo*,¹⁹⁷ pintou ainda no século XVI a Catedral e o Palácio de Alcazar, realçando a importância da cidade de Toledo como núcleo do cristianismo e da monarquia. É quase única a idéia social que a pintura contém, naturalizando no imaginário a aliança entre o cristianismo e os príncipes terrenos; sua grandeza poética e eficácia concreta provém do fato de serem metafísicas e que sua profundidade espiritual é inseparável da harmonial formal do quadro. El Greco se situou comodamente no ambiente toledano, que o acolheu sem reservas. Sua pintura bebeu de Toledo ao ponto de chegar a se tornar seu melhor intérprete. Toledo bebeu e bebe ainda hoje de El Greco, produzindo uma interação imaginária perfeita. Assim, a partir de sua decisão de ficar em Toledo, a silhueta da cidade, transfigurada no imaginário de sua arte, inclusive como “cidade celestial”,¹⁹⁸ apareceria com extraordinária frequência em seu trabalho.

Outra pintura não menos arcaizante é a *Adoração do Nome de Jesus* [O *Sonho de Felipe II* ou *Alegoria da Santa Liga*]¹⁹⁹ que dá magnitude ao monarca Felipe II e aos participantes na coalizão formada contra os inimigos turcos. Além do monarca espanhol, pode-se identificar o Papa Pio V e dom João da Áustria. Todas as figuras representadas em atitude de oração, adoram uma visão de glória centrada *no nome* de Jesus. Também os anjos adoram o *nome* do Senhor [Mestre]. Sua ausência não é uma lacuna, pois ela não cessa jamais de ser habitada e de o ser realmente pelo ser. O material pictórico que ilustra o tema, uma proposta de tendência medieval, recorda um Juízo Final

¹⁹⁶ *Idem*, p. 16.

¹⁹⁷ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 128 - 129. (Anexo I).

¹⁹⁸ *Gênios da Arte - El Greco*, São Paulo: Girassol, 2007, p. 24.

¹⁹⁹ *Idem*.

pelas faces abertas do Leviatã, que devora os condenados no ângulo inferior direito.

Em *A Ressurreição* (1584-1594),²⁰⁰ painel do altar da igreja de Santo Domingo el Antiguo, El Greco pintou Santo Ildefonso de tal modo que fica no mesmo plano do padre que estiver diante do altar, remontando o poder desta dimensão fantástica imaginária na ligação entre o mundo dos homens e o mundo divino ou a *Cidade de Deus* agostiniana, antecedendo séculos o filósofo da política Thomas Hobbes. Nesta pintura, Cristo e seu estandarte, cercados pela aura de luz, formam uma espécie de cunha perpendicular ao eixo da parte inferior da composição. Oito figuras de soldados estão dispostos em diagonais ao eixo central e em violento contraste são atiradas longe, ou fogem, ou são derrubadas pelo esplendor do ressurreto. A construção dos corpos expressa o ímpeto violento dos movimentos captados, contrastando com a composta e serena figura de Cristo *suspenso*. A atmosfera inferior é carregada de uma tempestuosa luz, instantânea como um raio.²⁰¹ Seja como for, essa luz, que emana uma impressão de inteligência e de maldade que ninguém poderia perceber, serve, por sua própria violência mítica, de contrapeso no espírito para a estabilidade moral do resto.

Foram diversas as ocasiões em que El Greco se interessou por esse tema. Em *Cristo Abraçado à Cruz*,²⁰² destaca-se, nessa versão, a serenidade do rosto de Cristo envolto em luz divina, que parece *sustentar* ou manter *elevada* a cruz sem nenhum esforço. Em *Cristo Crucificado*,²⁰³ o corpo de Jesus, ainda vivo, destaca-se fortemente iluminado, sobre o fundo de escuras nuvens. Ao pé da cruz, dois crânios e vários ossos – a luz de El Greco que ilumina, produz sombras e uma dimensão da realidade que a própria luz, enquanto temática religiosa, materializa-se na textura da matéria, que faz com que a emissão da luz do quadro seja essencialmente real numa produção de fantasias.

²⁰⁰ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 128 - 129. (Anexo I).

²⁰¹ *Enciclopédia dos Museus - Prado - Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 65 - 66. (Anexo I).

²⁰² *Gênios da Arte - El Greco*, São Paulo: Girassol, 2007, p. 31.

²⁰³ *Idem*, p. 39.

A Assunção da Virgem,²⁰⁴ uma das obras mais significativas de El Greco, representa o *dogma* da igreja católica, segundo a qual a Virgem após sua morte, teria sido levada de corpo e alma aos céus.

Em *A Santíssima Trindade* (1577),²⁰⁵ sobre nuvens que parecem crescer e encolerizar-se, tem lugar um drama extraordinariamente intenso: Deus, o senhor, cercado de anjos, *suspende* o corpo do Cristo morto; a visão de Seu martírio sobrepõe-se àquela do majestoso símbolo bíblico. Transfigura em sua execução um expediente que Michelangelo usou em Pietá: o *corpo* de Cristo em composição triangular. El Greco transforma a idéia de Michelangelo na torção dolorosamente forçada de cada ponto da obra *no* sofrimento do senhor.

Em 1586, a igreja de Toledo, encomenda a El Greco um quadro comemorativo do enterro de seu benfeitor, o Conde de Orgaz, morto em 1323. O Conde, na época, havia doado terras e dinheiro à Ordem Agostiniana e legara um donativo anual à Igreja. Conta a lenda que, no momento de seu enterro, Deus operou um milagre para recompensar o Conde por sua generosidade: quando seu corpo descia ao túmulo, Santo Agostinho desceu do céu e o colocou na tumba. Na esfera da teologia política, o *poder* da dimensão fantasística imaginária dá o tom de dominação; nesta pintura, *O Enterro do Conde de Orgaz*,²⁰⁶ El Greco passa das figuras terrestres para o tom supra-realista das figuras celestes, onde anjos protegem o Senhor com o *poder espiritual* enquanto diante do *poder terrenal* os padres seguram o Conde. Durante o funeral a alma do Conde é levada ao céu por um anjo, onde será recebida por uma corte de santos, presidida pela Virgem, regozijando pela salvação.

²⁰⁴ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 136. (Anexo I).

²⁰⁵ *Enciclopédia dos Museus - Prado - Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 61 - 63. (Anexo I).

²⁰⁶ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 138. (Anexo I).

Em *A Crucificação* (1600)²⁰⁷ ladeado pela pura Virgem e por São João Evangelista, Cristo na cruz, a seus pés, Maria Madalena e um anjo enxugam seu sangue, o artista elabora sua composição sob o clima do poder da imaginação. Observa-se dois anjos ao lado *suspendendo* o Senhor (suspensão do simbólico) reafirmando o poder imaginativo do artista. Seu Cristo está disponível a afetos reativos de uma Europa “branca” – cristianizada, oficializada pela Igreja na “*limpieza de sangre*”,²⁰⁸ permanentemente nas repetições *do mesmo* desta *imago* mental que servia para distinguir os cristãos da *Cidade de Deus* dos judeus e dos ímpios.

A Adoração dos Pastores,²⁰⁹ executada pelo artista para ornar seu próprio sepulcro na Igreja de Santo Domingo el Antigo, um velho pastor ajoelhado junto a sagrada família, diante da pura Virgem e da criança Jesus dimensionam a imaginação através dos anjos na pintura. O *humano* e a família *humana* são tomados como algo universalizante, sacralizados na pureza da bondade, de um espírito fraternal e caridoso.

Em *Pentecostes*,²¹⁰ El Greco dimensiona a imaginação numa espécie de calorosa emoção realçada pelo colorido luminoso, dos agitados apóstolos até a Madona entre os discípulos. Há uma indescritível agitação ao redor da Virgem, transmitida pelas figuras comprimidas no pequeno espaço, que brilha acima num movimento *circular* do turbilhão dos apóstolos tomados pelo evento milagroso.

É interessante observar que no momento em que nos principais centros de Paris, aparentemente triunfa uma arte inspirada na tradição do renascimento, a pintura espanhola expressa os ideais espirituais de uma sociedade profundamente ligada a valores transcendentais, impregnado por um respeito religioso em todos os aspectos da criação divina. Busca da *vontade de verdade* numa forte moral de obediência religiosa, portanto, política, no que diz

²⁰⁷ *Enciclopédia dos Museus - Prado - Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 68 - 69; *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 139. (Anexo I).

²⁰⁸ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 103.

²⁰⁹ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 144; *Enciclopédia dos Museus - Prado - Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 62 - 63. (Anexo I).

²¹⁰ *Enciclopédia dos Museus - Prado - Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 66, p. 69. (Anexo I).

respeito aos sentimentos religiosos como *forma* social, modelos universalizantes de controle do rebanho que se introjetam desde cedo no inconsciente das massas através da *imago*. Rememoremos que em 1492, desde o édito real, os judeus foram expulsos da Espanha; o estatuto do *simbólico*, neste caso, funciona estrategicamente como conjunto homogeneizador de várias ordens, ocupando um lugar central na construção e estruturação *do* imaginário *da* cidade de Deus.

A autoridade simbólica que legitima a *unidade* social como a cidade viria através da *repetição* da *imago mental* do líder que catalisasse as massas com suas próprias imaginações e imaginários. *Lei* e *suspensão* simbólica ou não desta “lei” internalizada moralmente à qual as massas deveriam obediência inconsciente. Da massa que se une ou é unida pela caridade e aceita o estado de Deus ou a *Cidade de Deus* celeste, incluem-se em uma *comunidade espiritual* – *representada* simbolicamente por uma *unidade* em torno do único, um só Deus a quem se deve o culto e a servidão. A vontade e a razão devem seguir os mesmos princípios morais que nascem de uma fonte única: Deus. Todos que estão *de fora* da cidade de Deus e de suas muralhas imaginárias e simbólicas serão excluídos ou desligados do Cristianismo que emerge, considerados bárbaros, pois vivem longe da cidade e da cultura, das regras determinadas desde a lei divina através dos interpretes oficiais. Assim caminha o Cristianismo.

Ao longo dos séculos, *na* sociedade europeia, a pintura europeia sofreu uma das mais profundas transformações como resultado de dois movimentos desenvolvidos em Flandes e na Itália. Nos mesmos anos em que Brunelleschi, Donatello e Masaccio assentavam em Florença as bases do Renascimento italiano, os irmãos Van Eyck, o mestre de Flémalle e Roger van der Weyden, renovaram profundamente a pintura ao Norte dos Alpes com obras que ainda hoje continuam a surpreender pelo seu brilho técnico e pela agudeza de visão e que, ao longo de todo século, exerceriam na Alemanha, na Áustria, na França ou na Espanha uma influência maior do que a dos artistas italianos.²¹¹ Estes fenômenos descansavam sobre uma mesma base

²¹¹ *História Geral da Arte - Pintura I*, Prado: Ediciones del Prado, 1995, p. 91.

sociológica (o desenvolvimento da mentalidade burguesa, o auge do comércio, a evolução ideológica para novas formas transcendentais). No entanto, em Flandes, o alcance da renovação foi ideologicamente muito menos profunda e não chegou a colocar em questão as bases da concepção medieval do mundo. À margem dos aspectos técnicos, a pintura flamenga opô-se à italiana pela atenção que prestava ao particular perante o geral, e pelo seu aspecto religioso, impregnado de *piiedade*. A eclosão da escola flamenga, por volta de 1420, é um fenômeno ainda cheio de interrogantes, muito embora, durante séculos, a situação parecia, estar bastante clara: Jan van Eyck seria o fundador da escola e Roger van der Weyde o seu mais importante continuador.²¹²

Rogier van der Weyden nasceu em Tournai em 1399 ou 1400. Conhece-se muito pouco sobre sua vida antes do seu estabelecimento em Bruxelas (1435). Calcado em sua meticulosa observação, o artista Rogier van der Weyden, com sua *representação* sóbria e precisa do *sentimento religioso*, constitui uma das grandes vertentes da pintura dos anos de 1400. Essencialmente religioso, sempre inclinou-se para o lado sombrio da religiosidade cristã: suspensões e deposições da cruz, cenas de martírio da paixão foram seus assuntos frequentes. Por isso, sua nota mais pessoal se firmaria nos quadros religiosos, abrindo um caminho que seria ampliado com mais imaginação pelo próprio El Greco. Weyden renuncia a colocar a cena em campo aberto perante um fundo de paisagem e desenvolve-se num espaço de profundidade limitada a força do simbólico, à maneira de um estreito cenário onde nada possa distrair a contemplação da tragédia, impondo as massas o poder da imaginação. Sua pintura é definida a um modo de sentir, procurando comover com a finalidade de provocar a reflexão moral dentro de um tom de exaltado sentimetalismo; pinta quadros em que as cenas de Cristo soam como episódios de uma vida burguesa, onde, por exemplo, o anjo que vem anunciar à Virgem o nascimento de Jesus (*Tríptico de Santa Columba*)²¹³ parece fazer uma visita a uma senhora de elegância sóbria. Na dimensão do poder da imaginação é a *humanização* dos temas sacros que esta pintura inaugura. Sem

²¹² *Idem.*

²¹³ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 214. (Anexo I).

nada ceder ao devido respeito à divindade imaginária, instaura uma relação íntima entre anjos e mortais, santos e senhores, todos lado a lado em cada tela.

Weyden transmite através do imaginário cristianizado o significado religioso, especialmente por meio das atitudes e das emoções de suas figuras, compondo a tristeza, por exemplo, na figura retorcida de Maria Madalena em *A Deposição* (1435/40).²¹⁴ No mundo inextensivo das imagens interiores, após a exceção dada pela *suspensão* na cruz, esta obra acima, também conhecida como a *Descida da Cruz* (ou *Descendimento da Cruz*), é reconhecida universalmente como uma das obras primas do século XV na criação do imaginário das figuras do mundo exterior. As figuras, em tamanho quase natural, expressam uma angústia tão profunda que emocionam e tocam o imaginário do sentimento. Uma obra que se justifica num mundo exterior pela força do imaginário, tanto pelo tipo de espiritualidade que exprime como pelo seu sentido de forma.

Neste mundo exterior ou extensivo não é difícil perceber a *ilusão* da presença soberana, a idéia de um sentido preexistente, condição da idéia de verdade. Ao renunciar a uma profundidade e centrar-se na disposição dos personagens, consegue conciliar a representação de um máximo de volume corporal com a representação imaginária do simbólico.

O ritmo e a dinâmica dessa composição surgem das massas diametrais e paralelas dos corpos que se tocam com extraordinária suavidade: o de Cristo morto e o da Virgem. As expressões são todas de *sofrimento*. E a simbologia medieval das cores acentua o clima sofrido: o vermelho do manto de São João Evangelista é um símbolo recorrente a Paixão; o azul do manto da Virgem representa a perseverança na Fé; os trajes luxuosos da figura que parece ser um nobre chamado. A figura mais expressiva é o próprio Cristo: gotas de sangue mancham seu rosto e seu corpo, enquanto sua boca entreaberta ainda parece em sofrimento. As mãos da Virgem e de Cristo compõem uma expressiva justaposição, que se torna ainda mais tocante pela

²¹⁴ *Enciclopédia dos Museus - Prado - Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 118; *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 210 - 211. (Anexo I).

presença do ferimento; a mesma posição da Virgem e de Cristo simbolizam o mesmo intenso sofrimento *nas* imagens mentais.

Assim, perfeitamente organizado, em estreito espaço, com reduzido volume, assume um agitado e dramático sofrimento, mediante a contenção dos ritmos volumétricos. Isso é reforçado, nas íntimas conexões das idas e voltas, requerendo um itinerário visual, rico em quebras e contrastes. A esse *sofrimento*, acrescentam-se elementos plásticos das figuras e trajes e o descontínuo ritmo das distâncias: ambos acima e abaixo das lacunas e do sólido chão de pedra. O artista não poupa os efeitos brilhantes da imagem, nessa representação do sofrimento do Cristo – *pathos cristão* – que alcança a dimensão fantástica imaginária depois da *suspensão* ou *exceção soberana*; *tiranía da imagem* enquanto estratégia de dominação da cultura.

O que nos fez perder a cultura foi nossa idéia ocidental de arte e o proveito que tiramos dela. Arte e cultura não podem andar juntas, contrariamente ao uso que se faz delas universalmente!.²¹⁵

Não o fim da arte, mas a arte não é uma expressão cultural. Por outro lado, desperta-se aqui neste momento o interesse pela unidade da pintura que reflete-se no campo *do político* e da psicanálise, culturalmente como imagem da *unidade de soberania* no imaginário das massas e suas almas. Apesar das disparidades das escolas das pinturas, o que queríamos mostrar era que um quadro de Rafael e um de El Greco, enquanto tais, evidenciam marcas essencialmente coincidentes no que diz respeito ao poder do imaginário e da repetição da *imago* soberana [*Soberania da imagem*]. O problema da força do poder simbólico das representações das formas na pintura estariam ligadas ao grande domínio da *linguagem* enquanto reificação da força e fragilidade de um aparelho psíquico fundado nesta dimensão fônica. Complexos de imagens e *imagos* mentais – a forma pela qual o outro semelhante se inscreve num automatismo de formas fundado no campo da linguagem; o poder da voz e da

²¹⁵ ARTAUD. A. *O Teatro e a Cultura*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 5.

força do poder simbólico nestas [ii] enquanto reunião de conteúdos, sentimentos, emoções, pensamentos e lembranças.

As repetições deste complexo de imagens através da arte elevam o sentimento de identificação e compõe uma *unidade cultural*. Existiria aí um “*inventário psíquico*”²¹⁶ de uma civilização branca e cristã com suas idéias ou representações religiosas ou ilusões *no* sobenaro mito branco – existiria uma *tiranía da imagem* enquanto estratégia de dominação da cultura.

Aqui o *conceito de obra de arte* seria a representação que ela produz, com todos efeitos políticos culturais. Uma produção *no* real de uma presentificação visual que a arte produz na sua eterna repetição *do* mesmo. O símbolo é repetido com toda sua força no domínio das almas das massas. Então, os “arquivos da arte” enquanto belo carregariam um poder de simbolização que seria aceito enquanto *forma*. Começa nesta civilização “secularizada” o manejo estratégico do que se chama de “Dispositivo-Cristo”, que consiste na imposição do imaginário – ordem de uma autoridade superior na determinação do imaginário da soberania através das cenas de sofrimento de Cristo no mundo exterior. Comemoração daquilo que é vivo na cultura – temporalidade de milhares de anos de imagens interiores das almas.

É “soberano” aquele que tem sua *imagem [imago]* ou *complexo de imagens* repetidas durante séculos, trazendo o problema da *soberania inextensiva* [mundo da alma] e da *repetição* para o político e para a psicanálise [para além da trama das racionalizações].

O mundo de “*imagens inconscientes*”²¹⁷ que é a matriz da *imaginação* criadora de mitos. A *imagem*²¹⁸ de Deus na alma humana.

²¹⁶ FREUD, S. *El porvenir de una ilusión* (1927) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 14.

²¹⁷ JUNG, C.G. *Confronto com o Inconsciente*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 167.

²¹⁸ “O paralelo teológico é a idéia da *imagem sempre igual de Deus*. Só existe uma *imago Dei* que pertence à razão de ser de todos. Não posso falar da ‘minha’ *imago Dei*, mas apenas da *imago*. Ela é o princípio da formação do *ser humano*, uma e a mesma, imutável e eterna. (...) Quando, há mais de 30 anos, falei de Deus como um ‘complexo de representações’, portanto uma *imagem*, minha intenção era dizer que havia na *pessoa humana* uma imagem de Deus e, bem entendido, não em sua consciência, mas em seu inconsciente”. JUNG, C.G. *Cartas (1946 - 1955)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 2, p. 13 - 14.

A casa [*linguagem*] fez-se pela verdadeira arte sacra [*imagem*].

Só que em todas as pedras da “Casa” (“*De que pedreira teriam vindo?*”²¹⁹), fragmentadas, marcadas, riscadas por inscrições dos considerados “bárbaros” [*outro do outro*] – eternidade superior à da Casa.

²¹⁹ KAFKA, F. *A Construção do Templo*. In *Parábolas e fragmentos*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987, p. 32.

[*No começo, era instinto
depois, cibernética
mas o que salvará o homem serão seus instintos*] **

[*A Aurora do Homem*] *

* *2001: A Space Odyssey* (1968)

Acima, nas duas “epígrafes”, remeto a não epígrafe, a não palavra, a não fala, a não escrita, sem colocar alguma ordem, faço referência apenas ao momento “A Aurora do Homem” no filme de Stanley Kubrick.

** A primeira “epígrafe” ou “fragmento de texto” do autor [João C. Galvão Jr.], também é uma não epígrafe e deve ser interpretada como uma não fala e uma não escrita, apenas para entendermos a proposta do próximo Capítulo do Homem [digo: do Capítulo 3 destes estudos].

Portanto, não existe nada escrito e nem falado nesta página, a mesma deve ser entendida como uma página em branco [na civilização], sem nada ou plenitude.

Alguém se arriscaria a *nomear* o próximo “Capítulo” do Homem?

3. *Complexio oppositorum*

Em algum momento nos aproximamos do mito como de uma primeira verdade, descrição viva das imagens e minuciosa de uma coisa mental ou física percebida pelos sentidos para a qual converge o pensamento ocidental num sentimento de uma ação realizada com a enumeração de suas particularidades sensíveis, reais ou fantasiosas; fonte luminosa ou corpo cuja imagem se pode formar através de um sistema óptico; o que se chama um mito, seja ele religioso ou folclórico, produzindo efeitos de transcendência, em qualquer etapa de seu legado que se o considere, apresenta-se como uma narrativa, podendo-se falar nesta fala muita coisa sobre esta narrativa e tomá-la sob diferentes aspectos estruturais²²⁰ na desconstrução desta *estrutura sagrada* – humanizada. O mito *passa ser* produto cultural: “narrado por muitos e ouvido por muitos”.²²¹

Lacanianamente, o mito se apresenta com um caráter inesgotável próximo da “estrutura” e se reencontra e se reaplica, no sentido mais material da palavra, sobre todas as espécies de dados, com uma *eficácia* ambígua que o caracteriza diante das massas e seu espírito de rebanho. “Mas em que mito vive o homem de nosso dias? – No mito cristão, poder-se-ia dizer.”²²² Esta categoria mítica cristianizada assume uma *verdade tal* que deixaria aparentemente *esta* moral insatisfeita ao relacioná-la com a imanente leitura dos spinozistas – “potência” da “multidão”. Neste projeto estrutural da razão *fala-se* de um projeto da “potência sagrada” [*puissance sacrée*]²²³ diversamente designada nos relatos míticos que explicam como o homem adveio em relação

²²⁰ LACAN, J. *À quoi sert le mythe* (1957) In *La relation d’objet*. Paris: Seuil, 1994, Livre IV, p. 253.

²²¹ JUNG, C.G. *Cartas (1956 - 1961)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2003, vol. 3, p. 195.

²²² JUNG, C.G. *Confronto com o Inconsciente*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 152.

²²³ LACAN, J. *À quoi sert le mythe* (1957) In *La relation d’objet*. Paris: Seuil, 1994, Livre IV, p. 254.

a ela, *representando* para Lacan uma *identidade* manifesta com o *poder da significação* e de seu *instrumento significante*. O que se é e o que o homem parece ser só pode ser expresso através de um mito.²²⁴ “O mito é aquilo a que se refere um dos Santos Padres: ‘*Quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est*’”.²²⁵

Muitos destes relatos míticos e dessas interpretações e transformações pertencem à natureza das imagens míticas; metamorfoses contínuas, “*in nova mutatae formae*”,²²⁶ que seriam sinais de seu *poder* e *eficácia*. No caso do *Leviatã* como símbolo político e imagem de poder [violência] mítico as interpretações teológicas e históricas são simplesmente imensa. Da mesma maneira que ele pode ser um animal marítimo com o *poder* de a tudo devorar, até mesmo o mar, também poderá expelir os mortos durante o Juízo Final, conforme interpretações ilustradas das imagens bizantinas do Dia do Juízo; no fim do mundo a [ii] do *Leviatã* engolirá o Universo e todos aqueles que não conseguiram alcançar desprendimento das coisas mundanas. Um desenho do século XIV feito por Opicinius de Canistris associa o *Leviatã* ao Mar Mediterrâneo, o *diabolicum mare*.²²⁷

Apesar das fantasias freqüentemente desses mitos, o *Leviatã* permanece associado ao mar e a partir de um complexo de imagens – psicologia das formas – emergiram então no decorrer da Idade Média sua principal interpretação: a simbolização cristã dada pelos padres da Igreja na baixa Idade Média. A interpretação dada a este símbolo político durante a Idade Média cristã foi inteiramente direcionada até o período do escolasticismo pela Teologia: pelo fato de Cristo ter morrido *na* cruz, o Diabo perdeu sua batalha contra a humanidade, pois, enganado pela figura humilde de Deus escondido na carne, tentou devorar o Deus-Homem crucificado mas foi

²²⁴ JUNG. C.G. *Prólogo*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 19.

²²⁵ “**Aquilo que é acreditado em toda parte, sempre e por todos**”. JUNG. C.G. *Símbolos da Transformação - Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1911) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. XIV (Prefácio de 1950).

²²⁶ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes - Sentido e Fracasso de um Símbolo Político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 193.

²²⁷ *Idem*.

capturado *pela* cruz como um peixe fisgado por um anzol. A imagem do peixe “fisgada” capturada pelo imaginário do peixe. O Diabo aqui é retratado na figura do *Leviatã*, ou seja, como um peixe gigantesco que foi atraído e *capturado* pela imagem do Deus cristão. Este relato mítico foi responsável pela transmissão dessa interpretação aos séculos subseqüentes. As ilustrações de livros medievais mostram este *Leviatã*, a “baleia gigante”, somente sob a interpretação patrística. Esta imagem mítica da *Gewalt* também aparece com essa forma nas pinturas desta época: Deus é *representado* como um pescador, Cristo *na* cruz como a isca em um anzol, e o *Leviatã* como um peixe enorme que engole a isca. Durante as cruzadas os peregrinos alemães cantavam: “Ó cruz abençoada / feita da melhor madeira / em você foi fisgado / o voraz *Leviatã*”.²²⁸

Nestas [ii], tendo sempre como “fundamento” inconsciente à criação do homem, esse complexo de imagens era considerado relevante no domínio das almas da massa cristã. “Transformação de situações humanas em mito”.²²⁹ Este mito visa sempre não a origem individual do homem *mas* à sua origem específica de uma espécie (“quiquilharia ideológica”²³⁰), à criação do *homem humano*, à invenção universal dos grandes recursos humanos, à domesticação *do animot* [colocar um freio no *animot*]. Contra a profanação da liberdade e do *animot* que logo somos, na impossibilidade de revolta dos espectros [*animais*] nietzscheanos. “A concepção que está na base do mito é a do mundo como punição”.²³¹ Lacanianamente, encontra-se também aí a relação deste “humano” [sujeito] com uma força secreta, “maléfica ou benéfica” – *moralizadora* – *mas* essencialmente caracterizada pelo que tem de sagrado. Nesta sacralização do pensar e de seus templários extemporâneos, a [ii] do “poder teológico-político” e sua [ii] de “secularização” maneja estrategicamente o significante,

²²⁸ *Idem*, p. 194.

²²⁹ JUNG, C.G. *Cartas (1946 - 1955)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 2, p. 374.

²³⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Contra o mito e a tragédia*. In *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010, p. 393.

²³¹ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 156 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da história*”, Novas Teses C.)

submetendo o homem ao significante representacional. O *mito*²³² torna-se realidade Histórica, o soberano sofredor permanece vivo num complexo de imagens “secularizadas” do sofrimento, intensificando o *pathos* e deixando vulnerável as *massas* para retomada da ação no político. É preciso que a representação da imagem soberana seja inflada com todo o poder do mito [*representação mítica*];²³³ “Não há vida possível no mito. Só o mito pode viver no mito” (...) “*por que retornar ao mito?*”²³⁴

Um complexo de imagens capaz de mobilizar as almas das *massas* numa resiliência política ou no direcionamento da ação sob um mito apocalíptico. “E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me [me lancei] aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar”.²³⁵ Um todo que engloba mais do que a soma das suas partes, enquanto manifestação de uma totalidade que um complexo de imagens revela todo o seu “poder teológico-político” de mobilização. Determinado complexo de imagens capaz de mobilizar coletivamente a ação dos homens; um efeito mobilizador de uma representação coletiva e seu *mandamento* “teológico-político” como resultado concreto, fazendo a prova no comando das *massas* de forma estratégica num programa universalizador cravado na [ii] da hierarquia papal da decisão. Se existe algum tipo de hierarquia instituída socialmente, existe algum tipo de violência.²³⁶

A negação da negação não vem mais do diálogo fraternal e das contradições dos opostos mas sim da “decisão sagrada”, da imagem da decisão que é a imagem da *vontade infalível* do papa. “Um homem ou uma mulher despreparados para os desafios de uma correta interpretação da vida cristã serão presas fáceis a todos os assaltos do materialismo e do laicismo”.²³⁷

²³² Obviamente para Joseph Ratzinger “o ministério de Jesus não deve ser visto como algo mítico”, mas sim como “um acontecimento histórico datável com rigor...”. RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 29.

²³³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Contra o mito e a tragédia*. In *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010, p. 393.

²³⁴ *Idem*, p. 394.

²³⁵ Apocalipse, 22:8.

²³⁶ “Derrida e a Psicanálise”. Curso ministrado por Joel Birman no Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos - EBEP, Rio de Janeiro, 2008.

²³⁷ Declaração do Papa Bento XVI à sua vinda ao Brasil. *Jornal do Brasil*, n.o. 33, Rio de Janeiro, 11 de maio de 2007.

Esta unidade constitutiva, que Carl Schmitt nomeia em sua Filosofia Política de *complexio oppositorum*,²³⁸ surgiria a partir de uma vontade que constrange a uma unidade formal uma realidade em si mesma informe e irreduzível a mediações, ou seja, a partir de uma força agregadora que, determinada como uma *vontade de decisão* [*Wille zur dezision*] concretiza-se especificamente na doutrina católica romana da *infallibilidade papal*.²³⁹

O imaginário da força do simbólico da “infallibilidade papal” na teologia católica consiste *no* dogma que afirma que o Papa quando delibera solenemente algo em matéria de *fé* ou *moral*, *ex cathedra* (ou seja, oficialmente e como Pastor da Igreja universal), está *sempre* correto. Este dogma foi explicitado na *constituição dogmática pastor aeternus*, sobre a *infallibilidade* do Papa, promulgada pelo Concílio Vaticano I, sendo o *dogma* referente às questões que dizem respeito à *fé* e a *moral*. A parte *dispositiva* do documento tem o seguinte teor:

O Romano Pontífice, quando fala "ex cathedra", isto é, quando no exercício de seu ofício de *pastor* de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define uma doutrina de fé ou costumes que deve ser sustentada por toda a Igreja, possui, pela assistência divina que lhe foi prometida no bem-aventurado Pedro, aquela *infallibilidade* da qual o divino Redentor quis que gozasse a sua Igreja na definição da doutrina de fé e costumes. Por isto, ditas definições do Romano Pontífice são em si mesmas, e não pelo consentimento da Igreja, irreformáveis.²⁴⁰

Esta noção de *complexio oppositorum* seria a dialética hegeliana sem sínteses de antíteses, não existindo, a princípio, uma síntese a partir da mediação dos vários opostos no sentido da *Aufhebung* hegeliana. “A

²³⁸ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Lisboa: Hugin, 1998, p. 22 e sgs.

²³⁹ O Concílio do Vaticano I de 1869 - 1870 definiu o *dogma* da “Infallibilidade Papal” pelo qual os pronunciamentos solenes do Papa a respeito da fé e da moral *não* apresentam possibilidade de erro.

²⁴⁰ Revista Pontifício Instituto Missões Exterior - P.I.M.E, n.o. 20, 2005, p. 9.

confrontação entre os opostos chega ao limite do suportável quando é levada a sério ou quando se é levado a sério pelos opostos. O *tertium non datur* [não há um terceiro termo] da lógica se confirma: é impossível entrever uma terceira solução”.²⁴¹ A “*vontade de decisão*” transformaria essa “*unidade de realidade*” numa *síntese sem síntese* ou “síntese” “schmittiana” que nasce da imagem da *decisão sagrada* ou *infallibilidade papal*: “Em nome do Pai [tese], do Filho [antítese] e do Espírito Santo [síntese]”, sem diálogo e contradições *mas* sim diante da imagem de uma *decisão* sagrada, especificidade da política católica romana: *complexio oppositorum*. “A isso se acrescenta, então, a proclamação que vem de Deus, do Pai, da missão de Jesus, a qual, porém, não explica uma ação, mas sim o seu *ser*. Ele é o Filho muito amado, sobre o qual repousa o bom agrado de Deus... aqui nos encontramos com o Filho, com o Pai e com o Espírito Santo: o mistério do Deus trinitário insinua-se”²⁴² num complexo de oposições onde a *Wille zur dezision* realiza-se na política papal da perfeição de sua infalibilidade. A imagem e o imaginário da *decisão* adquire sua sacralidade no comando estratégico das massas e suas almas – a *decisão* adquire força da força da imagem do simbólico. A “*decisão*” passa a fazer parte da [ii]:

Entretanto, quando tudo se processa de modo satisfatório, esta terceira solução se apresenta de maneira espontânea, naturalmente. É então – e somente então – convincente, sentida como aquilo que se chama “graça”. A solução que nasce da confrontação e da luta dos opostos é, na maioria das vezes, constituída por uma mistura inextricável de dados conscientes e inconscientes, e é por isso que se pode considerá-la um “símbolo”. Esta solução representa o resultado da cooperação entre consciente e o inconsciente; representa uma *analogia* com a imagem de Deus....²⁴³

²⁴¹ JUNG. C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 289.

²⁴² RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 38.

²⁴³ JUNG. C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 289 - 290.

Para além da simples vontade do mundo exterior [*extensivo*], estas complexas oposições trazem em si na sua “essência” “teológica política” a imagem “secularizada” do sofrimento do mito. “O desenvolvimento posterior do mito deveria, sem dúvida, reportar-se ao momento em que o Espírito Santo se revelou aos Apóstolos, fazendo-os filhos de Deus”.²⁴⁴ Aquilo que se *repete* através dos séculos é esta *imago* como um complexo de imagens inconscientes. As almas das massas são *capturadas* pela *imago* enquanto produto da imaginação inconsciente; sendo essa repetição uma *repetição simbólica do mesmo* constituindo as massas secularizadas. Existe um “símbolo” escondido que repete-se. Lacan irá falar em “automatismo de repetição” [*l’automatisme de répétition*] [*Wiederholungszwang*],²⁴⁵ algo obrigatório a se repetir nestas incidências imaginárias relacionadas à cadeia simbólica que as orienta; daí a importância das *inflamações imaginárias* da alternativa simbólica *na estrutura do significante e seu sentido*. Do caminho secular da imagem do significante à determinação fundamental que as massas recebem, nascem da ordem simbólica, criando *repetições intersubjetivas do mesmo* no revezamento secularizado do *simbólico significante incontaminado*, não corrompido ou pervertido.

Esta *vontade de decisão* [*Wille zur dezision*] se faz presente na esfera do simbólico com *poder de decisão* sobre as massas. Antes de mais nada, “a ligação se processa mediante símbolos”²⁴⁶ nas almas das massas. As massas seguem o *eixo* ou a linha reta ou imaginária do simbólico; no mundo exterior, essa *repetição do mito* é uma *repetição simbólica* na *aliança* firmada da Europa cristã, nazista ou fascista. Nesta leitura do *complexio oppositorum* vinculado a *imago* na *estética do político*, eis que sua própria origem, segundo Carl Schmitt seria teológica, forçoso é reconhecer através destas provas que existe um caráter impressivo do *mito* atravessado pela arte cristã; o aspecto de um *complexo de imagens* que corresponde-se com outros sistemas de óptica na dominação das massas e suas almas e formação estrutural *da* forma inicial de

²⁴⁴ *Idem*, p. 287.

²⁴⁵ LACAN, J. *Le séminaire sur « la Lettre volée »* (1956) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 11, 15, 29, 45.

²⁴⁶ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 289.

sentidos. “A *complexio oppositorum* [complementaridade dos opostos] no seio da imagem de Deus, penetra assim no homem, e isso não sob a forma de uma unidade, mas de um conflito, a metade tenebrosa da imagem se chocando com a representação já recebida de que Deus é ‘luz’. É esse o processo que se desenrola em nosso tempo”.²⁴⁷

Ao “*complexio oppositorum*” poderíamos fazer uma *analogia* aos “*complexos emocionais*”²⁴⁸ tendo como componentes sentimentos e sensações. O que um “*sentido* extralinguístico” poderia fazer seria a própria mitificação do simbólico; o complexo de atividades psíquicas chamadas de “afetivas” ou “emoção” *encontram-se* cristianizadas a medida que a imagem de Deus é psicologicamente uma ilustração e uma manifestação das profundezas da “*alma humana*” [psíquico cristão].²⁴⁹ Que o afeto é o afeto humano ou o afeto humanizado; que o afetar *ao* afetar-se encontra-se afetado por cultura (e seu outro lado: barbárie); a “multidão” afetada será a multidão de humanos desesperados, prestes a se deixar moldar, para serem massas humanas na elisão das massas inumanas; afeto humano fascistizado.

Num mundo das representações e suas formas, não existe espaço para *multitudo animot* [ou do homem como um animal de horda] – a diferença é exterminada. Esta forma de *ser humana*, de ser *um ser humano*, “onde só o ‘homem’ simboliza”, neste humanismo (*trans-humanismo* ou *pós-humanismo*), elide a dimensão ética, ao apagar as questões sobre o Tempo [*rememoração*] e as intensidades do *animot*. A dimensão ética de todo e qualquer pensamento está para além da revelação de um compromisso de representação e representatividade como únicos recursos do pensamento. Para a Filosofia da História: “*ação destruidora*”.²⁵⁰ Portanto, para além da trama das racionalizações da dita “Filosofia Política” e de uma História *fechada*, de uma multidão burocrática e de uma multidão humana, dos afetos da ordem do

²⁴⁷ *Idem*, p. 288.

²⁴⁸ COSTA, J.F. *O Sentido de “Sentido” em Psicanálise*. In *O Risco de Cada Um: e Outros Ensaios sobre Psicanálise e Cultura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 102.

²⁴⁹ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 289.

²⁵⁰ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 154 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da História*”, Tese XVII a.).

discurso, é preciso descolar Spinoza de “spinozistas” quem fazem de sua imagem seu culto, para o encontro do instante da ruptura na rebeldia do pensar.

No encantamento “teológico” da mitificação da dimensão imaginária, a dimensão lacaniana transforma-se numa esfera reduzida da política no combate resiliente contra o “mal”, ou seja: o político passa a depender do combate através de um poder transcendente, uma “dimensão fantasística imaginária”.²⁵¹ Neste pensamento do mundo exterior ou extensivo, num contexto mental: *força da imaginação*²⁵² ou *faculdade de imaginação* [*Einbildungskraft*]²⁵³ Na política dualista [*amigo-inimigo*] fundamentalista de base agostiniana [*bem-mal – objeto* identificando-se como *hostil*], a realidade passa a fazer parte do *domínio da inflexão transcendental*. O transcendental quer levar à representação do transcendente que não existe mas passa a existir pela representação.

Num mundo interior, é a imagem de Deus revelando-se na alma [psíquico] humana através de um *complexo de imagens*. Por outro lado, num mundo exterior, ninguém recebeu revelação de Deus sem o auxílio da imaginação. Seja em “Lacan” ou “Schmitt” [leia-se: pensamento da representação] a *forma* é dominada pela função do verdadeiro na busca da *vontade de verdade*. Este ponto de referência reconstrói-se e estrutura-se com esta *força da imaginação* ou faculdade da imaginação. “A ilusão causada pela *força* da imaginação do ser humano vai frequentemente tão longe, que acredita ver e sentir fora de si o que só tem no próprio cérebro”.²⁵⁴

Quando a *massa humana* (incluído aí seus intelectuais e missionários historiadores) ouve os ecos do “mal secularizado” das hordas mongóis, coisas

²⁵¹ ŽIŽEK, S. & DALY G. *Arriscar o Impossível*. São Paulo: Martins, 2006, p. 14.

²⁵² KANT. I. *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 76.

²⁵³ “A expressão aparece nos três livros de Kant: *Crítica da Razão Pura*, *Crítica do Juízo* e *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*. *Einbildung* poderia ser traduzida como ‘configuração, imaginação’; *Kraft* ‘força’. A tradução mais freqüente é *força da imaginação* ou *faculdade de imaginação* ou seja, trata-se da força ou faculdade imaginativa, de formação de imagens, de representações imagéticas, própria do sujeito transcendental. Esta faculdade age diretamente sobre as formas puras a priori da intuição: o espaço e o tempo” (Marcos Sinésio).

²⁵⁴ KANT. I. *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 76.

repugnantes (por exemplo quando os mongóis comiam as criancinhas e estupravam as mulheres santas) que provocam indignação moral neste reino (moral *deste* reino) afetarão reativamente estas massas, estruturando-se conscientemente num reino universal; inconscientemente, na *imago* do bem supremo como salvação das almas humanas. Neste *movimento de circulação* aquele que representa a *identidade* da “luz” na Terra com poder de decisão dominará as massas estrategicamente compondo-as num *complexio oppositorum* ou *complexos emocionais*. O *imaginário* e o *mundo das imagens interiores* da “essência” da divindade ou soberano.

A fórmula condicional de São Paulo: ‘... se eu não tiver amor...’ parece-me ser o primeiro de todos os conhecimentos e a própria essência da divindade. Qualquer que seja a interpretação erudita da frase: ‘Deus é amor’ (João IV, 8-16), seu próprio enunciado confirma a divindade como *complexio oppositorum* – complementaridade, conviência dos opostos.²⁵⁵

A esta convivência “harmônica” dos opostos, carente de *violência mítica* [“apenas” o *discurso* do *mito* presente nestas relações internas e externas], este seria o sentido primeiro da força do simbólico de um significante supremo. Esta é a imagem de um significante soberano que caminha *por complexos* [decisão sobre a emoção] sobre as massas e suas almas; que para além da consciência, através da *imago*, (des)politiza as massas numa *ação de decisão* (que inicia-se da imaginária *vontade de decisão* “infalível”) coordenada das forças militares, políticas, econômicas e morais implicadas na condução de um conflito ou na preparação da defesa de uma *comunidade espiritual de nações – União das Nações*²⁵⁶ [– chegando em condições vantajosas, à presença imaginária do *inimigo* – que legitima toda esta máquina infernal, difícil de suportar].

²⁵⁵ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 305.

²⁵⁶ RATZINGER, J. *A União das Nações*. Trad. Frans van de Vater. São Paulo: Loyola, 1975.

“*Nation des fascistes*”²⁵⁷ que longe de iluminar-se com a luz da técnica, manifesta sua identidade mais ameaçadora. Nesse *sentido* também Carl Schmitt e Jacques Lacan caminham *aliançados*. Este “*complexio*” é uma mecânica ideológica católica do poder que se faz representar com poder e pelo poder, sempre com a imagem poder. Esse fenômeno da imagem, pela complexidade de sua operação manifesta-se como “função de informação” [*fonction d’information*]²⁵⁸ sendo a *imagem* o *espírito* do sistema, um *esqueleto de imagens* – na esfera da nomeada “Teologia política”: *mecanismo metafísico*.

Mas, é necessário que se diga, que esta *imagem* já é o “espírito do sistema” porque são *imagens inconscientes*. Na verdade, o que está em jogo aqui são as relações da simbologia do inconsciente com a cultura [cristã] – a questão do “Cristo” diante das massas como figura psicológica e sua *mensagem* para a massa humanizada do Ocidente. Esta *mensagem* “deve ser vista sob um novo ângulo, que corresponda às transformações seculares dos espírito contemporâneo”²⁵⁹ – a *cibernética*.

Como alertará Walter Benjamin:

O ritmo acelerado da técnica [*cibernética*], faz emergir muito mais depressa do que antes o que há de inconsciente coletivo, o rosto arcaico de uma época [AION], e fá-lo tendo em vista já a época que se segue”²⁶⁰.

Em busca da vontade de verdade na definição da [ii] do *inimigo* – mal “secularizado” – impõe-se toda uma cultura criada da moral cristã que foi e continua a ser para a ciência e seus estudos estratégicos uma condição de

²⁵⁷ BENJAMIN, W. *Teorias do Fascismo Alemão*. (1930). Trad. Ilka Roth e Willi Bolle. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*. São Paulo: USP, 1986, p. 136; *Théories du Fascisme Allemand*. Trad. Pierre Rusch. In *Oeuvres II*, Paris: Gallimard, 2000, p. 212.

²⁵⁸ LACAN, J. *Au-delà du « Principe de réalité »* (1936) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 77.

²⁵⁹ JUNG, C.G. *Gênese da Obra*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 185.

²⁶⁰ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 157 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da história*”, Fragmentos com título).

existência. O que seria do “Automaton”, “Leviathan” ou “Máquina cibernética” se não repetissem o mesmo [mesmo nas universidades com condição ou igrejas secularizadas] ou da falta no mundo da [ii] de um mal absoluto? As operações do Autômato são reguladas pelo *espírito*.²⁶¹ Da mesma forma que Cristo curou, Lacan cura pela leitura secularizada do significante, Hegel através do espírito, Schmitt *no* inimigo, Hobbes *no* medo, Agostinho na pureza, Hitler pelo ressentimento – *humanos* que recusam de renunciar à fé cristã ou a qualquer de seus princípios; como diria Walter Benjamin: “*drama de mártires*”²⁶² ou como nas definições dos manuais – a descrição do drama de mártires: orientadas pelo *sofrimento* do herói.

Este Reino Cristão [“*União das Nações*”²⁶³] reveste-se de uma armadura tecnológica de “essência” “teológica” “secularizada”; a *mensagem* – de humano *para* humano, de uma massa humana *para* outra massa humana, estes últimos sempre sujeitos ao movimento imaginário do significante, possuindo um lugar e um sentido próprios que formam a condição, a origem e a direção de toda *circulação*, assim como de toda lógica do significante.²⁶⁴ Este *lugar* próprio está para além de um lugar objetivo, determinável numa topologia empírica e ingênua, no mínimo, o domínio fantasístico do mundo através da imagem mental de um *nomos* universal. No medievo dos templários, assim como no início da sociedade industrial dos templários extemporâneos, este domínio exercia-se pelo simbólico representacional, muitas vezes presentificado, *repetido* secularmente na mesma *imago* mental soberana. A *carta*, respectivamente seu conteúdo simbólico, poderiam *não* chegar ao destino.

Com a automatização do significante numa linearidade progressiva ideológica, retornando ao mesmo lugar, repetindo o mesmo, a carta e sua mensagem, *enviadas* agora ciberneticamente por uma máquina universal,

²⁶¹ POE. E.A. *O Jogador de xadrez de Maelzel*. In *Histórias extraordinárias*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Victor Civita, 1981, p. 406.

²⁶² BENJAMIN, W. *Origem do Drama Trágico Alemão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 63.

²⁶³ RATZINGER, J. *A União das Nações*. Trad. Frans van de Vater. São Paulo: Loyola, 1975.

²⁶⁴ DERRIDA. J. *O Carteiro da Verdade*. In *O Cartão-postal: de Sócrates a Freud e Além*. Trad. Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 484.

podem correr o risco de “sempre chegar”²⁶⁵ *ao seu* destino. Ao mesmo tempo que esta máquina significante – monstro cibernético – regula as pulsões, a vida viva por outro lado é capturada numa cadeia de automatismo onde o pulsátil é exterminado num projeto *totalitário cibernético*. O que por si só já é uma fantasia do poder. Esta máquina cibernética é um monstro – *Leviathan* cibernético – sem afetos ou na pior das hipóteses de afetos reativos – afetos fascistizados. Um grande “Peixe”. O instante *dos* instintos das massas humanas e inumanas passa a ser capturada por uma *relação cibernética* (poder virtual) muito mais afetuosa ao mesmo tempo fria e transparente como o vidro, virtual; a *cibernética* captura as pulsões, as mensagens passam a sempre chegar, mesmo a carta estando vazia de real.

Onde os dez dedos estão abertos e indefesos transmitindo suas mensagens inconscientes virtualmente *a escritura* não tem lugar. A própria folha está capturada em sua brancura ou branquidade passada industrialmente num *passe* privado por empresas de celulosas – sairíamos desta jaula de ferro ou casa do desespero com “*papiros*”? Ao menos um aparelho psíquico (resistindo politicamente) forjado *na escritura*. “Podem-se queimar os suportes de papel, o papiro, os pergaminhos, as bibliotecas de subjétil, não se destruirá a força”.²⁶⁶ A faculdade de reencontrá-las (das forças)²⁶⁷ será eliminada por algum tempo, mas não se suprimirá a energia delas. A solidão cibernética não existe – massas individuais pastando em suas residências burguesas; “o *burguês virtualmente o nazista*”.²⁶⁸

O *envio* inconsciente da mensagem da carta é emitida por significantes; nesta esfera pós-moderna do domínio cristão a *mensagem* sempre chega a massa individual através da cibernética que domina almas

²⁶⁵ “*C’est ainsi que ce que veut dire ‘la lettre volée’, voire ‘en souffrance’, c’est qu’une lettre arrive toujours à destination*” [Assim, o que quer dizer “a carta roubada”, ou “não retirada”, é que uma carta sempre chega a seu destino]. LACAN, J. *Le séminaire sur « la Lettre volée »* (1956) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 41. *En souffrance*, também “não reclamada” ou “**em suspenso**”.

²⁶⁶ DERRIDA, J. *Enlouquecer o Subjétil*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: UNESP, 1998, p. 13.

²⁶⁷ ARTAUD, A. *O Teatro e seu Duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 5.

²⁶⁸ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas*. In *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 145.

fabricando subjetividades eclipsadas, reificadas. Nesta *pós-modernidade cristianizada*, fundada virtualmente, entre o poder da *imago* e falos simbólicos, a massa individual de humanos e inumanos transmitem suas *mensagens* inconscientemente através de *significantes cibernéticos*: significantes sem real mas *transcendentais cibernéticos*. O significante dos significantes – *significante transcendental cibernético*.

À proteção dessa ameaça, Derrida chamou em sua *Grammatologie*,²⁶⁹ “A escritura antes da letra” [*l’écriture avant la lettre*], onde o privilégio da fala plena é desconstruída por um aparelho psíquico em que a escritura resiste politicamente. Ninguém conseguiria *passar* com a mensagem de um morto...²⁷⁰ Mensagens que afinal perderam o sentido.²⁷¹ No entanto, no mundo das *representações cibernéticas* o encanto e sua construção parece elevar-se na paisagem como uma voz, um Hino aos seus muitos séculos de vida.

A *cibernética* é a última revelação [e a mais forte] da dita imagem do “poder soberano”. À resistência a esta máquina espiritual “secularizada”, Walter Benjamin irá forjar sua máquina histórica material [*Thèse I*]²⁷² com a ajuda de um anão corcunda, pequeno e feio, intensificando esta ruptura histórica, dando amplitude as pulsões com o serviço da teologia; uma propulsão impelindo uma força psíquica levando a uma ação, uma contrapartida filosófica desse mecanismo de resistência. Jogo de forças entre o *automaton laciano* [cristão] e o *autômato benjaminiano* [judaico] – vencer o inimigo *histórico* – o *fascismo*. Contudo, a questão do *modus operandi* [modo de operar] ainda não se acha resolvida.²⁷³

Em 1947 Marcuse irá tentar forjar sua *máquina de resistência* (poder antifascista, Tese 20) num contra-aparato militar e político (Tese 6) diante do

²⁶⁹ DERRIDA, J. *De la grammatologie*. (1967). Paris: Minuit, 2006, p. 9.

²⁷⁰ KAFKA, F. *Uma mensagem imperial*. In *Parábolas e fragmentos*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987, p. 24.

²⁷¹ KAFKA, F. *Correios*. In *Parábolas e fragmentos*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987, p. 27.

²⁷² BENJAMIN, W. *Sur le concept d’histoire* (1940). Thèse I. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 427; *Sobre o conceito da História*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 9.

²⁷³ POE, E.A. *O Jogador de xadrez de Maelzel*. In *Histórias extraordinárias*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Victor Civita, 1981, p. 401.

“capital fascistizado” ao massivo aparato político-militar do Capital.²⁷⁴ Os estados se tornaram fascistizados; diante das massas a classe dominante industrial sobrevive econômica e politicamente *da* guerra (aqui a guerra deve ser vista como um elemento essencial do processo capitalista em seu conjunto);²⁷⁵ um aparato militar e policial onipresente não menos eficiente que a identificação afetiva das almas das massas, identificação econômica, política e teológica das massas humanas, acompanhada de uma identificação “cultural” não menos decisiva.

Desde seus últimos escritos de 1939, Benjamin alertava dos perigos desse “*automatismo*”²⁷⁶ estritamente regulamentado, “desse caráter rigorosamente típico, que, lentamente adquirido, solidamente estabelecido, que lhes irá permitir, um século mais tarde, ufanar-se de uma desumanidade e de uma crueldade inauditas”. O indivíduo apresentado na sua multiplicação sob a forma do “*sempre-igual*” transformando-se em massas [“*multidões escravizadas*”]²⁷⁷ – esta a fantasmagoria angustiante, o *outro igual* a multiplicar-se vindo do mesmo Inferno – da grande cidade. “O que fizerdes com os deuses [criação do deus único] será feito convosco. Ficais todos iguais [massificação] e assim frustrais vossa natureza [individualização].”²⁷⁸ Um alerta dos perigos da “*mensagem significativa*” que regula o pulsátil; onde a *vida* é tomada numa cadeia de *automatismo*. Os perigos de um mecanismo onde o pulsátil não tem lugar. As massas capturadas pelos *efeitos* significantes.

A *violência mítica* é de tal ordem no comando das massas que esta “máquina” transforma-se num “monstro cibernético” – *Leviathan cibernético*.
Mundo dos peixes:

O homem enquanto indivíduo e as comunidades culturais de hoje encontram-se diante de uma ameaça semelhante de

²⁷⁴ MARCUSE, H. *Guerra, Tecnologia y Fascismo*. Medellín: Universidad de Antioquia, 2001, p. 262.

²⁷⁵ *Idem*, p. 264.

²⁷⁶ BENJAMIN, W. *Notas sobre os “Quadros Parisienses” de Baudelaire*. In *A Modernidade*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 197.

²⁷⁷ *Idem*, p. 197.

²⁷⁸ JUNG, C.G. *Septem Sermones ad Mortuos* (1916). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 338.

massificação. É por isso que a possibilidade e a esperança de uma reaparição de Cristo já é discutida em muitos lugares e já se ouve mesmo um rumor visionário exprimindo uma experiência de salvação. É verdade que essa espera surge hoje sob uma forma que não é comparável à do passado, e representa um aspecto característico do “século técnico”.²⁷⁹

As almas [psíquico] não são somente vigiadas, *mas capturadas* pela tecnologia que produz todas as cores no mais perfeito *complexo de imagens* para virtualmente entrar no inconsciente das massas humanas – inconsciente coletivo; o ritmo desta técnica faz emergir o que há de inconsciente coletivo. “A existência psíquica – e sobretudo as imagens interiores, oferecem matéria para todas as especulações míticas”²⁸⁰ na construção de mitos; enquanto isto a [ii] do *nomos* manifesta todo seu poder soberano ciberneticamente.

O *imaginário* [mundo exterior ou extensivo] de uma *imagem soberana* [mundo interior ou inextensivo] “mantém em suspenso o mundo inteiro”.²⁸¹

O mito deve permitir que se exprima a *complexio oppositorum*. Somente assim poderão ser atribuídos ao Deus único a totalidade e a síntese dos opostos que lhe são próprias. Quem já experimentou o fato de que os opostos, ‘por sua própria natureza’, podem unificar-se graças ao símbolo, de tal modo que não tendam mais a dispersar-se, nem a se combater mas, contrariamente, tendam a completar-se reciprocamente e a dar à vida uma forma plena de sentido, não terá mais dificuldades diante da ambivalência da imagem de um Deus da natureza e da criação.²⁸²

²⁷⁹ JUNG. C.G. *Gênese da Obra*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 186 - 187.

²⁸⁰ JUNG. C.G. *Sobre a Vida depois da Morte*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 277.

²⁸¹ *Idem*, p. 276.

²⁸² JUNG. C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 292.

A nomeada “união dos opostos” do discurso extensivo não é apenas uma questão “racional” e muito menos uma questão de vontade ou vontade de decisão [truculenta]. Esta “união” dos opostos revela-se interiormente como “um processo de desenvolvimento psíquico, que se exprime em símbolos”.²⁸³ Deus é a *complexio oppositorum*.²⁸⁴ A vontade do mundo exterior não alcança uma unidade simbólica. Esta “unidade”, ou pelo menos sua [ii] atua atravessada por *cristalizações de símbolos* [morte da “imagem dialética”]. À imagem imaginária da existência absoluta dos símbolos à necessidade da interpretação.

Ao inventar um pai representacional (agora cibernético) para guardar, defender e constranger com sérios efeitos políticos, forma-se uma espécie de submissão a uma instância estrutural inserida secularmente numa cadeia de significantes virtuais e representacionais, onde as intensidades ficam de fora, capturadas por uma “vontade de decisão” (ou sua [ii]) culturalmente inventada pelos patriarcas cristãos. Na pós-modernidade, neste projeto totalitário secular o *real* não precisa existir; o *poder da mensagem* circula ciberneticamente [a “peste emocional” *circula cibermeticamente*] pela linguagem dispositiva representacional. O SS *cybernetique* [significante supremo cibernético] da linguagem cibernética *repete-se*; não é preciso mais da voz presentificada no domínio das massas, isso não significa que o simbólico tenha perdido sua força – a *repetição* deste significante *passa* assumir uma força virtual, relacionado à língua enquanto sistema de relações que se atualiza na fala não atual.

O “*automatismo de repetição*” [*Wiederholungszwang*],²⁸⁵ reproduz repetidamente seu princípio de insistência identificatória da cadeia significante – agora inserido numa *máquina cibernética*. A *repetição* do significante passa ser *virtual* e *cibernético* (projeto estratégico do catolicismo romano – “passagens” dos cristãos). Nesta estrutura secular pós-moderna, mesmo que a carta seja “roubada”, a *mensagem* sempre chega ou já encontra-se no inconsciente através dos séculos. A *linguagem* é sempre articulada

²⁸³ JUNG, C.G. *O Movimento Circular e o Centro*. In *O Segredo da Flor de Ouro*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 38.

²⁸⁴ JUNG, C.G. *Cartas (1956 - 1961)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2003, vol. 3, p. 111.

²⁸⁵ LACAN, J. *Le séminaire sur « la Lettre volée »* (1956) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 29.

estrategicamente na esfera do simbólico (onde vive a vida morta da *vontade de decisão e verdade*), ou seja, exatamente como a *linguagem fonemática*; pois a verdade dessa revelação é a fala presente.

Como diz Derrida, “o que conta aqui é a equivalência implicada entre a articulação simbólica e a fonematicidade. O simbólico passa pela voz e a lei do significante só tem lugar nas letras vocalizáveis”²⁸⁶ entre os considerados *humanos*; sustenta-se num conjunto de princípios do discurso falado entre seres humanos.²⁸⁷

Essa relação fonocêntrica pertence ao simbólico e vice-versa – agora *ciberneticamente*; quando o inconsciente estiver ciberneticamente dominado a única saída será a destruição em seu *caráter destrutivo*.

²⁸⁶ DERRIDA, J. *O Carteiro da Verdade*. In *O Cartão-postal: de Sócrates a Freud e Além*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 510.

²⁸⁷ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Trágico Alemão* (1925). Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 269.

O nazismo não nasceu no deserto
[*Le nazisme n'est pas né dans le désert*].

Derrida,
[X] *

O indiferentismo político atrairia o gosto do poder pelo poder, não importa qual, a todo custo. Daria boa consciência ao autoritarismo e ao dogmatismo incontrolados da Igreja quando ela pode dominar o Estado.

Derrida,
[IV] **

* DERRIDA, J. *De l'esprit*. Paris: Flammarion, 2010, p. 139.

** DERRIDA, J. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Trad. Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 95.

4. Força da representação

– a igreja católica romana como instituição soberana

A dissimulação da “cultura” cristã revela-se na *sociedade de cães*,²⁸⁸ a Teologia política fantasia um “Reino de Deus” [GOD-DOG]²⁸⁹ em que o mesmo está acima de toda imanência terrena, ou seja, na esfera da sonoridade harmoniosa da imago “lacaniana” o autoritarismo encarna-se como *estado de exceção*, politicamente no líder terrenal, teologicamente no soberano transcendental; a quem a experiência de Deus [soberano, rei, príncipe etc] é inteiramente da *ordem do discurso*, seja Cristo, seja Hitler, na pureza dos *significantes* relacionando-se entre si; imagem acústica que aparentemente é som material, ou seja, palavra falada, *mas* que revela-se como impressão psíquica desse som.

É por intermédio deste *complexo cristão* que se instaura no *psiquismo* as *imagens religiosas* que dão *forma* a toda *forma* de intolerâncias às vastas unidades territoriais da Europa fascista, *identificação* do outro *como* humano – de preferência branco e loiro – da mesma *forma* que acontece com a ideologia cristã à ideologia nazi-fascista – Ocidental hegeliana – *espiritual*. Razão em *excesso* institucionalizada *na exceção*. Pensamento da *representação* ou da *identidade*. Ou seja: *repete-se a imago* enquanto produto da imaginação mental – *imagos mentais*.

Assim, o Ocidente cristianizado *em sua* unidade cultural imaginária do poder coloca sua ação estratégica de domínio das massas numa falsa bondade amorosa que provoca repulsão. É extremamente importante manter unida a comunidade de massas através do amor de uns para com os outros, as instruções não deixam dúvidas a respeito: “Fazei-vos servos uns dos outros

²⁸⁸ Filme *Dogville* (2003).

²⁸⁹ Efeito do “grande espelho”. Ver Capítulo 9 *O Retorno da linguagem animot - sobre o inderterminismo do animot*.

pela caridade; perseverai no amor fraterno”.²⁹⁰ Nesta “unidade” “cultural” do “poder” a idéia da divindade criadora masculina é manifesta na *imago* paterna. Submergindo nos conhecidos casos, num prelúdio de uma esquizofrenia²⁹¹ nesta unidade cultural:

Quando o Eterno criou o Som,
Miríades de ouvidos surgiram para ouvir,
E através de todo o Universo
Rolou um eco profundo e claro:
“Toda Glória ao Deus do Som!”

Quando o Eterno criou a Luz,
Miríades de olhos surgiram para ver,
E ouvidos que ouviam e olhos que viam
Tornaram a entoar o imponente coral:
“Toda Glória ao Deus da Luz!”

Quando o Eterno criou o Amor,
Miríades de corações saltaram para a vida;
E ouvidos cheios de música, olhos cheios de luz,
Proclamaram com corações cheios de amor:
“Toda Glória ao Deus do Amor!”²⁹²

²⁹⁰ JUNG. C.G. *O Hino ao Criador*. In *Símbolos da Transformação - Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1911) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 54.

²⁹¹ “O tema propriamente dito da obra de Jung é a comprovação do método anunciado na introdução – a interpretação das produções mentais do indivíduo, com a ajuda da mitologia – com base nas fantasias de uma jovem, Miss Frank Miller, publicadas em 1906 (...) Jung, de maneira muito plausível, interpreta o ‘Hino ao Criador’ como um derivado da *imago* paterna de Miss Miller (...) o hino religioso como sendo uma formação substitutiva do elemento erótico; (...) embora aproveamos as observações de Jung a respeito da gênese dos sentimentos religiosos, com base em conhecimentos sólidos (confessamos, aliás, considerar essa transformação do erótico em religioso um fato complexo e ainda insuficientemente analisado da civilização), recusamo-nos, porém, a acompanhar Jung quando, em vez de limitar-se a constatar os fatos, emite juízos de valor que já não pertencem apenas à psicologia, mas também à moral e à teologia.” Ver FERENCZI, S. *Critica de metamorfoses e símbolos da libido, de Jung*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2, p. 95 - 113.

²⁹² JUNG. C.G. *O Hino ao Criador*. In *Símbolos da Transformação - Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1911) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 35.

A “figura [Gestalt] religiosa ou divina”²⁹³ se apresenta como um fator psíquico. Nesta cultura das formas, apenas o *animal* não seria um “animal” ou com Derrida, “do animal que logo sou”.²⁹⁴ Do ponto de vista da tradição pontificalista, extermina-se a *diferença* deleuziana e a *diferença* derridiana, grande ameaça para cristãos e seus estratégicos estudos de dominação (“teológico-político”) das massas, simbolicamente representados pela fantasmagoria satânica do espaço da diferença. Este amor missionário – projeto estratégico da serpente negra e pesada – clama em nome da *imagem imaginária* ([ii]) do Pai – GOD DOG [DOG GOD] – de uma ciência solene e sacerdotal da Filosofia [Teologia] Política, sustentando o mesmo discurso do pensamento da imagem. Tirania da imagem. Não estou querendo dizer – mas isto não seria impossível – que a comunidade acadêmica é uma Igreja. Existem os intelectuais da “potência”, existem os intelectuais do “poder”. Aqueles vinculados a vida viva, estes, a vida morta – e a *diferença* entre moral e ética encontra-se aí. Muito embora, a [iii] da “potência” esteja fascistizada pelas relações burguesas.

Me ruborizo aqui de agitar esses trapos com os quais os fracos ficam brincando estrategicamente há tanto tempo de “bem” e “mal”. O “*bem supremo*” só pode ser reencontrado no nível da Lei [simbólico] e sua suspensão, espécie de masoquismo que materializa um Pai protetor e guardião por ele forjado em sua dimensão imaginária cristianizada. Nada mais fantástico do que ver uma geração inteira de intelectuais da dita Filosofia Política gravitar na órbita do soberano e ingressar vivos na confraria dos fracos [escravos]. Glorifica-se a parte maldita ao mesmo tempo que se coloca a extremidade inferior do intestino grosso na pia de água benta. Sacralização da “ciência”. Tanto o político, quanto a *psicanálise* podem a qualquer momento transformar-se em religião. Não se tem a livre discussão das idéias; tem-se uma aparência científica. Diante destes pensadores da representação, ao mesmo tempo estar

²⁹³ *Idem*, p. 54.

²⁹⁴ Ver Capítulo 9 *O Retorno da linguagem animot - sobre o inderterminismo do animot*.

atento aos perigos da “crítica não religiosa”²⁹⁵ presente nos resumos ou panfletos de “shmittianos” à “lacanianos”. “Lacan” e “Schmitt” atuam aqui como uma *figura* [*Gestalt*] religiosa ou divina do Pai soberano [masculino] diante destes representantes.

Neste encantamento teológico da mitificação da dimensão imaginária, a figura do soberano [príncipe], Jesus Cristo, *passa* a atuar estrategicamente como um *dispositivo teológico-político* no domínio político das massas: “Dispositivo-Cristo”. O que nos levaria a uma “outra” “Filosofia”. A objeção que é feita a uma “Filosofia dos dispositivos”²⁹⁶ – a de saber como é que se pode apurar o valor relativo de um dispositivo se não se podem invocar valores transcendentais, desconstruindo estes valores, mas por outro lado não deixando de lado seus efeitos políticos. Critérios imanentes, onde a imanência é tanta que deixa de ser imanência pela falta de crítica ao apelo dos valores transcendentais.

“Brutalmente interrompida, a investigação de Foucault devia mostrar que os processos de subjetivação tomariam eventualmente modos diversos do modo grego, por exemplo nos dispositivos cristãos, nas sociedades modernas, etc.”.²⁹⁷

O Eterno, o Todo, o Verdadeiro, o objeto no Ocidente cristão existe *no* imaginário universal da imagem do Deus cristão refletido e revelando o *político* entendido como teologia das massas [*Teologia Política*]. O “dispositivo” *passa* ser símbolo; o símbolo já é dispositivo no comando das almas das massas de rebanho. “Dispositivo Cristo” é “Símbolo Cristo”²⁹⁸ onde o *poder* se faz pela *alma* [psíquico].

Neste ponto estratégico, de domínio político através dos séculos das almas das massas de rebanho, isto fica bem claro, como elemento probatório

²⁹⁵ MARX, K. *Sobre a Questão Judaica*. Trad. Nélcio Schneider Bensaide e Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 15.

²⁹⁶ DELEUZE, G. *O que é um Dispositivo?* In *O Mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1996, p. 91.

²⁹⁷ *Idem*, p. 88.

²⁹⁸ JUNG, C.G. *O Segredo da Flor de Ouro*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 65.

do imaginário, na “genealogia” fantasística de Jesus,²⁹⁹ onde filho de José, e José de Eli, e Eli de Matate, e Matate de Levi (...) e Matatá de Natã, e Natã de Davi, e Davi de Jessé, e Jessé de Obede (...) e Judá de Jacó, e Jacó de Isaque, e Isaque de Abraão, e Abraão de Tará, e Tará de Naor (...) e Sem de Noé, e Noé de Lameque (...) e Cainã de Enos, e Enos de Sete, e Sete de Adão, e Adão de Deus ou de sua imagem imaginária ([ii]).

Logo(s), na esfera deste “poder teológico-político”, quem representa Cristo [*imagem*] na Terra é a Igreja, herdeira direta de Deus ou sua imagem. A *mensagem* do homem-Deus e Redentor e de seu destino e origem divina, o verdadeiro fundamento de tudo o que é sagrado para a Igreja.³⁰⁰

Na mobilização de emoções e sentimentos – da [ii] de um “sentido” pré-existente, “pré-determinado”, a Igreja atua no comando das massas e suas almas através de uma íntima história das subjetividades. “A verdadeira religião é a romana”, revela um *sentido de forma* [« *sens de façon* »].³⁰¹ Os Padres da Igreja, Santo Agostinho, derivam religião de *religare* = unir de novo: *religio ex eo dicta est, quod nos religat Deo*,³⁰² e: *religio vera ea est, qua se uni Deo anima, unde se peccato velut abruperat, reconciliatione religat*.³⁰³ Por isto, num mundo extensivo, nesta esfera imaginária do “poder teológico-político”, o Catolicismo Romano *passa ser* [*passé do ser*] caracterizado por Carl Schmitt como uma *complexio oppositorum*, especificidade da política católica romana. Se numa perspectiva dialética, a realidade é intrinsecamente racional, e se na medida em que o é, a realidade se articula numa sucessão progressiva de mediações necessárias, as quais surgem como momentos de uma totalidade, a realidade é, na perspectiva católica romana, algo informe e disperso, capaz de receber uma ordem racional, uma forma e orientação apenas pela “vontade de

²⁹⁹ Lucas, 3:23 a 3:38.

³⁰⁰ JUNG. C.G. *Cartas (1946 - 1955)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 2, p. 375.

³⁰¹ “*La vraie religion, c’est la romaine*”. LACAN, J. *Le Triomphe de la religion - précédé de Discours aux catholiques*. (1960 / 74). Paris: Seuil, 2005, p. 81.

³⁰² **A palavra religião deriva daquilo que nos une a Deus**. JUNG. C.G. *Cartas (1956 - 1961)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2003, vol. 3, p. 192.

³⁰³ **A verdadeira religião é aquela pela qual a alma se reconcilia com o único Deus do qual se havia separado pelo pecado**. *Idem*, p. 197.

decisão” que o dogmatismo católico romano privilegiadamente expressa em nome da perfeita “genealogia” ligando-se a Deus ou sua imagem imaginária.

Nesta concepção, Donoso Cortes³⁰⁴ revela que o catolicismo seria um sistema de civilização completo, tão completo que sua imensidão imaginária abarcaria tudo: a ciência de Deus, a ciência dos anjos, a ciência do universo e a ciência dos homens. Donosianamente, essa nova Teologia política se chama catolicismo porque é universal em todos os sentidos e todos os aspectos: universal porque domina todas as verdades, possuindo *um só* Deus e *um só* dogma. Todos os ídolos fabricados pelos homens caíram derrubados pelo Deus católico. O Catolicismo Romano domina o homem atravessado por este “dispositivo teológico-político”; nesta fantasia, domina seus sentimentos e sua alma: “Símbolo Cristo”. A ordem entra no homem pelo catolicismo, assim se dá da mesma forma com a sociedade humana; o mundo moral teria encontrado sua “essência” no dia da redenção. “A bandeira no momento da ressurreição – Cristo ergue-a: a imagem faz parte das determinações do lugar da escatologia.”³⁰⁵

Neste aspecto, da salvação pelo sagrado soberano [político ou teológico], Cortes e Schmitt andam de mãos dadas pela força da representação ou do pensamento da identidade. A [ii] da pureza desta autoridade sagrada [impossibilidade da morte da imagem de Deus] e todo seu sofrimento livra os homens dos bárbaros – do homem enquanto animal de horda, *multitude animot* [fora da cidade], intensidade; esta idéia de autoridade teria origem católica – “essência” do poder. A Igreja Católica Romana dá a forma e o molde das estruturas que determinam os estados da alma e o Estado. Da mesma forma que a Igreja Católica Romana, o Estado político moderno também seria uma *complexio oppositorum*.³⁰⁶

Neste Estado entram em conflito diferentes interesses, sensibilidades diversas; *mas* esta estrutura do poder só se constitui como Estado se à

³⁰⁴ CORTES, D. *Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo*. Buenos Aires: Americalee, 1943, p. 36.

³⁰⁵ BENJAMIN, W. *A Bandeira* (1918) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 27.

³⁰⁶ SCHMITT, C. *Catolicismo romano e forma política*. (1925). Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998, p. 14.

multiplicidade dispersa das oposições for justaposta um poder simbólico agregador com princípio de unidade, revelado na fantasia da *decisão* originária de criação – “soberana”. Aquele que detém esta “decisão”, Carl Schmitt irá nomear de “soberano”: “Soberano é aquele que decide sobre o Estado de exceção”³⁰⁷ – *soberania* significando essencialmente *decisão*. Como um bom alemão, Carl Schmitt conhecia as definições de Max Weber, no entanto, Schmitt não era um cientista social, mas sim um filósofo tradicional – católico, perguntando-se sobre a “essência” do *político*.

Em sua *Teologia Política* renova o conceito de *poder soberano* em seus níveis de significado contra-revolucionários: a “multidão” seria um navio carregado de uma tripulação de marinheiros inferiores, recrutada à força, que berra e dança até que a ira do Deus cristão lance ao mar a gentalha rebelde, para que, novamente, reine o silêncio. Ou seja: o Estado se afirma como *poder soberano* somente ao oprimir a *potência revolucionária*. Num quadro *mitológico*,³⁰⁸ um dos monstros, o “Estado” Leviatã, mantém sob controle constante o *outro* monstro, o Behemoth, a “multidão revolucionária”; o Leviatã seria o único corretivo para o Behemoth. O *totalitarismo* seria o opressor do caos incontrolável inerente a esta “gentalha”, ou de maneira mais drástica, em nossas “democracias”: indisciplina mais *Gewalt* [*poder-violência - mítica*]. Nesta condição da ordem do poder soberano, todos os “cidadãos” estariam seguros em sua existência física: nela reina a paz e a segurança – *violência extra-legal* e *violência mítica*. Na esfera da fantasia esta espécie teológica do “Leviatã schmittiano” revela o mais forte poder, cuja força onipotente mantém a *multidão* sob controle, transformando-as em *massas*. Tudo isso se passa num *sistema de representação* do soberano – Pai onipotente [imagem paterna]; que já demonstra um delírio do poder – sentimento de onipotência numa *forma* universal, espaço do pensamento da imagem – *identidade*.

³⁰⁷ SCHMITT, C. *Definição de Soberania*. In *A Crise da Democracia Parlamentar*. Trad. de Inês Lohbauer. São Paulo: Scritta, 1996, p. 87.

³⁰⁸ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes - Sentido e Fracasso de um Símbolo Político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 205.

Em contraste aparente com a interpretação spinozista da desteologização do político, nesta leitura schmittiana, a dita Teologia política da teoria do Estado decisionista aflora com maior intensidade a luz deste Livro³⁰⁹ principal em nossa modernidade, revelando conceitos teológicos escondidos na Filosofia Política, conduzindo ao centro político do pensamento de Carl Schmitt e seu combate à potência da multidão, conseqüentemente sua sentença de maldição. Sua *máquina* ou *Leviatã* surge em 1938 em plena era nazista. Quem seria esse Deus onipotente que traz paz e segurança as massas atormentadas pela angústia e pelo medo, que transforma lobos em cidadãos e com esse *milagre* [exceção] prova ser um Deus imortal? “Quem é este Deus?”³¹⁰ Sob o ponto de vista psicológico, a *figura* de Deus é um complexo de idéias.

“Schmitt” [totalitarismo] empenhado em seu combate teológico contra “Spinoza” [liberalismo]. Neste sentido, Spinoza teria sido o primeiro liberal em política a proclamar a autonomia do espaço interior da subjetividade, obviamente angustiada com a “potência”, que *na* “segunda natureza” em excesso, poderia transformar-se *na* barbárie dos atos fascistas. Para Schmitt, no grande *continuum* histórico até o século do “constitucionalismo”, Spinoza teria feito seu trabalho como um pensador judeu, ou seja, ele contribuiu para a destruição e castração de um Leviatã que havia sido cheio de vitalidade.

O que Carl Schmitt enuncia acerca de “sua” máquina, *seu* Leviatã, e que *forma* ele assume em nossa pós-modernidade no combate asfixiante da “multidão” ou massa humana?

Para o maior representante da [ii] deste “poder soberano”, que a ferocidade rebelde da multidão deve ser vencida com a ajuda da *exceção*, razão instrumentalizada *na* técnica [teologia] é auto-evidente até mesmo nos dias de hoje para aqueles que aderem ao pensamento da “multidão” mitificada na própria multidão. Na concepção schmittiana, sua “máquina gigante” resultaria em um mecanismo de comando [decisão] tecnicamente [teologicamente] onipotente, funcionando *sem* resistência; na fantasia da

³⁰⁹ *Idem.*

³¹⁰ JUNG. C.G. *O Hino ao Criador*. In *Símbolos da Transformação - Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1911) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 48.

captura da força pulsional no sistema da representação; atingindo com isso o ponto mais elevado do “poder soberano”, sendo a representação maior da imagem de Deus na Terra em sua emersão no mundo extensivo.

Nesta fantasia do “poder absoluto”, o *estado de exceção* revela-se como *estado de santificação*, sendo a santidade *da* exceção [milagre] a razão de / do ser e o motivo único de tudo o que se faz nas civilizações cristãs: o *extermínio* da diferença. O Cristianismo é uma *visão de mundo* [Weltanschauung] – uma comunhão com Cristo [Soberano] – uma transfiguração do homem *em* humano na ordem do espírito [Geist] – consciente e inconsciente cristão. Contra a *violência pura* ou *divina* da *multitude animot* [homem animal de horda] o simbolismo enigmático da imagem do “Leviatã schmittiano”; influência do mito político como uma força histórica arbitrária *no* extermínio *das* intensidades. Por um lado, a imanência coloca sua soberania sobre fundamentos humanos, no entanto, para a teologia política católica, esta soberania está com o Deus único – cristão, seu poder é indivisível; seus *humanos soberanos* seriam apenas ministros de Deus.

Tomando as palavras do discurso de um príncipe cristão:

Toma este bastão como emblema do vosso *sagrado poder* e para que possa fortificar aquele que tem fé, corrigir o vicioso e levar o *bom* para o caminho da salvação. Toma este cedro como regra da equidade divina que governa o *bom* e castiga o *mal*. Aprende por aqui a amar a justiça e a aborrecer a iniquidade.³¹¹

Estas palavras, segundo Cortes, guardam uma consonância perfeita com a idéia de autoridade legítima, revelada no mundo pelo senhor soberano Jesus Cristo [Mestre]. Nesta posição, todos sairiam ganhando com este soberano: defendendo e governando *corpos* e *almas* sustentados pela força deste direito, suspendendo-se a cada instante diante da *decisão sagrada*. O catolicismo, divinizando a autoridade santificou a obediência; e santificando

³¹¹ CORTES, D. *Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo*. Buenos Aires: Americalee, 1943, p. 39.

uma e divinizando a outra, condenou em suas manifestações o espírito de rebeldia. Mesmo sendo de um “Nietzsche” qualquer. Esta suprema autoridade manifesta Deus como tese, antítese e síntese: uma tese soberana, antítese perfeita e síntese infinita. Porque é Uno e Eterno, é Deus; porque é Deus, é perfeito, dirá Cortés impondo o pensamento do *complexio oppositorum*.

A imagem da autoridade divina do soberano representada sobre todas as autoridades humanas no imaginário cristão; órgão infalível, santa e santificante, *palavra falada de Deus* encarnada no mundo, a luz de Deus em todos os horizontes – esperança – o combate divino inflamando todas as almas cristianizadas pela imagem imaginária do sagrado soberano. O mundo europeu, sai radiante e renovado pela [ii] do Senhor Jesus Cristo [Mestre].

Essa autoridade altíssima, infalível, fundada para a eternidade, segundo Carl Schmitt e Donoso Cortes, seria representada na Terra pela Santa Igreja Católica, apostólica romana, corpo místico e mítico do Senhor, esposa do *Verbo*, o próprio *significante*, revelando ao mundo o Espírito Santo; pelo Padre, a salvação do mundo, o sangue precioso do homem em sacrifício perpétuo [repetição do mesmo] e em “perfeito holocausto”.³¹²

Uma Igreja visível oferecendo os meios de comunicar-se nas *passagens das mensagens* com Deus, obtendo dele os bens transcendentais para alma e os bens sensíveis para o corpo, na dualidade de um sistema estratégico. Este ensaio sobre o catolicismo de Cortes aparece em 1851, combativo desde a primeira página e que foi reiteradamente mencionado e reverenciado pelo teórico do fascismo Carl Schmitt, ambos na restauração da ordem política cristã [o *político cristão*]. Estes princípios fundantes da *soberania*, fundariam em si o *nacionalismo totalitário*; ideologicamente, pelo teorizador puro e profético Donoso Cortes. Certamente os reacionários hispânicos podem invocar seu nome com mais fundamento que os nacionalistas totalitários.

³¹² *Idem*, p. 46.

Quando Carl Schmitt caracteriza a *soberania* por referência a uma instância inapelável e quando funda o *conceito do político*³¹³ na distinção entre *amigo* e *inimigo* (e a “real” possibilidade da morte física), está certamente influenciado por Cortes, ambos leitores de Santo Agostinho, defensor da imagem da pureza no combate a impureza judaica,³¹⁴ “inimigos por sua vontade de resistência”, “mostrando Deus à Igreja, *em seus* inimigos, os judeus, a graça de sua misericórdia”. Neste aspecto, de uma subjetividade “secularizada” europeia, cravada na pureza do *mito branco*, Santo Agostinho influencia diretamente uma Alemanha cravada num viés de pureza do imaginário cristão: “O primeiro milagre foi seu admirável nascimento; o último, a gloriosa ascensão ao céu com o corpo ressuscitado. Os judeus, *que o mataram* e se negaram a crer nele, porque convinha que morresse e ressuscitasse, sofreram o mais desgraçado saque dos romanos, foram expulsos de sua terra e dispersos por todas as partes (e é verdade, porque não faltam em nenhuma)”.³¹⁵

A mística *Cidade de Deus*, universalmente cristã, com sua invencível milícia, repudia bárbaros e judeus, e com sua Igreja triunfa sobre os pagãos, combatem pela santa liberdade do mundo e do império. Se o caminho de uma *condição estrutural* para um *inconsciente cristianizado* foi o rumo a cidade de Deus, no Ocidente cristão, certos grupos sociais não seguiram tal rota, permanecendo em sua *diferença* como disruptores. No Ocidente, o mais importante deles serão os judeus. Deste modo, os judeus serão colocados numa situação de exclusão e extermínio, desde os primórdios do Cristianismo [cultura cristã], como os que jamais pertencerão à “Cidade de Deus”, os que têm o *deserto* como sua cidade.³¹⁶ Assim caminha a Igreja na *representação*

³¹³ SCHMITT, C. *O Conceito do Político*. (1932) Trad. Alvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1992; *O Conceito do Político / Teoria do Partisan*. Trad. Geraldo de Carvalho. Belo Horizonte: Del Rey, 2009.

³¹⁴ AGOSTINHO, A. *Os Inimigos de Deus não o são por Natureza, mas por Vontade*. In *A Cidade de Deus: Contra os Pagãos*. São Paulo: Universitária São Francisco, 2006, vol.2, p. 63. Ver a edição portuguesa com a tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. II, p. 1085 (Livro XII, Cap. III).

³¹⁵ AGOSTINHO, A. *A Cidade de Deus: Contra os Pagãos*. São Paulo: Universitária São Francisco, 2006, vol.2, p. 365. Ver a edição portuguesa com a tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. III, p. 1831.

³¹⁶ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 93.

do sofrimento na cruz, significando como significante absoluto ou Mestre e figurando como símbolo a *civitas humana*, união entre o devir humano e o sacrifício de Cristo *na* cruz.

Esta caminhada *do espírito* releva-se com inúmeros exemplos probatórios na Modernidade, a lembrar do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair quando se converteu ao catolicismo romano. Conversão esperada, desde que o político britânico deixou o governo em junho de 2007. Em comunicado oficial declarou o cardeal Cormac Murphy-O'Connor: "Estou muito feliz em receber Tony Blair na Igreja Católica. Há muito tempo ele tem estado nas missas com a sua família e, recentemente, vinha participando de um curso para receber a comunhão plena." O porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi, também expressou "alegria e respeito da Santa Sé pela conversão ao catolicismo de Tony Blair. A decisão de participar da igreja católica, tomada por uma personalidade tão importante, só pode suscitar alegria e respeito". O porta-voz do Vaticano acrescentou que "os católicos estão muito contentes de acolher em sua comunidade a todos aqueles que, por meio de um caminho sério e de reflexão se convertam ao catolicismo", ao mesmo tempo em que assegurou que a decisão foi tomada por Blair "depois de um profundo caminho de fé e busca".³¹⁷ O Bispo de Oxford, Richard Harries, escreveu no jornal inglês *The Observer*: "No século XIX, quando alguém se convertia à religião do Papa, isso era motivo de grande escândalo. Mas uma mudança fundamental vem ocorrendo nas últimas décadas na Inglaterra. Como disse Jesus Cristo: Na casa de meu pai existem muitas moradas."³¹⁸

Importante lembrar que o ex-primeiro-ministro britânico, que em 2007 ocupava um alto posto como mediador de conflitos no Oriente Médio, encontrou-se nesta mesma época, em junho, com o Papa Bento XVI, revelando

³¹⁷ Pesquisa divulgada no jornal inglês Telegraph revelou que mais católicos que anglicanos frequentam as igrejas da Grã-Bretanha. Em 2006, cerca de 860 mil católicos foram à missa semanalmente no país, superando os 850 mil anglicanos que foram à Igreja. Os resultados da pesquisa vieram a público depois da notícia de que o ex-primeiro-ministro Tony Blair, que foi educado como anglicano, converteu-se ao catolicismo, seguindo o exemplo de sua mulher e seus quatro filhos, que são católicos devotos. Disponível na internet: www.telegraph.co.uk

³¹⁸ Disponível na internet: observer.guardian.co.uk

como toda grande questão política envolve sempre uma grande questão teológica.³¹⁹

O Catolicismo Romano assume assim a realidade como algo obscuro e informe que essencialmente lhe pertence, através da *Wille zur dezision* pertencente a imaginária esfera do sagrado e a sua racionalidade específica. Esta racionalidade específica da política católica romana ou a constituição de uma *complexio oppositorum*, marca a capacidade sagrada de agregar uma realidade em si mesma por oposições dispersas, como uma racionalidade institucional e jurídica hierárquica por assentar no desempenho rigoroso do *princípio da representação*.³²⁰

... a Igreja tem aquele *pathos* da autoridade em toda a sua pureza. ... ela tem a força da representação. Ela representa a *civitas humana*, ela apresenta a cada instante a união histórica entre o devir humano e o sacrifício de Cristo na cruz, ela representa o próprio Cristo, pessoalmente, o Deus que se tornou homem na realidade histórica.³²¹

A realidade representada torna *visível um ser invisível* através de um ser publicamente presente e a “dialecicidade” “schmittiana” está em que o invisível seja presuposto como ausente e no entanto, ao mesmo tempo, seja tornado presente. A realidade invisível e ausente que o Catolicismo Romano *representa* é o próprio Cristo, o Deus que se tornou homem na realidade histórica.³²² Cristo, a realidade invisível, torna-se visível e presente na Igreja Católica Romana, a sua invisibilidade, nunca superada, torna-se visível pela Igreja e pela arte religiosa [arte cultural].

Nesta *(in)visibilidade*, Rogier van der Weyden pintou quadros em que as cenas da vida de Cristo fazem parte deste poder da imaginação. Na obra

³¹⁹ CORTES, D. *Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo*. Buenos Aires: Americalee, 1943, p. 23.

³²⁰ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Lisboa: Hugin, 1998, p. 10, 24.

³²¹ *Idem*, p. 32 - 33.

³²² *Idem*, p. 10.

Retábulo dos Sete Sacramentos,³²³ os sacramentos aparecem identificados em pergaminhos carregados por anjos, assim dispostos da esquerda para direita: batismo, crisma, confissão (no primeiro painel); eucaristia (no painel central); ordenação, casamento e extrema-unção (no painel da direita).

A [ii] central da crucificação dentro da igreja, expressa que a própria Igreja está *unificada em Cristo*. A Igreja Católica Romana *passa ser* constituída na sua “essência” como a representação do sagrado soberano – Cristo. A *determinação* do catolicismo no plano “teológico-político” ou político através deste princípio da representação, ou seja, através de uma “racionalidade específica” que lhe permite tomar politicamente uma forma complexa de oposições submetida a uma “vontade dogmática de decisão” domina através dos séculos multidões à vontade sagrada, transformando-as em massas. As massas tem seu *passé* pela crucificação [*imitatio Christi*]³²⁴ pregadas à *forma cristã*. O homem [Mestre] aparece na forma de imagens e realiza atos correspondentes a estas imagens; pode, de certo modo, ocupar o lugar de Deus. “Esta possibilidade sabidamente é uma instituição na Igreja católica, cuja eficiência psicológica não pode ser negada”.³²⁵

Todo pensamento político teorizado por um Hobbes na tentativa de subordinar a religião ao poder político desaba quando é o próprio monarca que simbolicamente submete-se a [ii] da *decisão* sagrada, a exemplo de Carlos I, que acreditava no “direito divino dos reis” e era profundamente autoritário – católico. Outros soberanos nascerão sob o signo nazista do cristianismo ou sob o signo cristão do nazismo. Um certo “*indiferentismo político*”³²⁶ do Cristianismo atrairia o *gosto do poder pelo poder*, não importa qual, a todo custo, gerando consciência ao autoritarismo e ao dogmatismo incontrolados da Igreja quando ela pode dominar o Estado – quando ela, a Igreja Católica, pode dominar os estados da alma.

³²³ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 212 - 213. (Anexo II).

³²⁴ JUNG. C.G. *Cartas (1956 - 1961)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2003, vol. 3, p. 266.

³²⁵ JUNG. C.G. *O Hino ao Criador*. In *Símbolos da Transformação - Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1911) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 57.

³²⁶ DERRIDA. J. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 95.

De acordo com a interpretação proposta pelo historiador C. Ginzburg,³²⁷ para se apresentar, ou melhor dizendo, *representar-se* como autoridade legítima, o poder estatal [poder soberano] necessita dos instrumentos ou armas do “poder teológico-político”: a religião. A interpretação secularizada da origem do Estado é aparentemente inaugurada com Hobbes na medida em que “secularização” não se contrapõe a “genealogia” do dito “poder teológico-político”; por isso, a reflexão moderna sobre o *poder soberano* se articula em torno da Teologia política, fazendo emergir todo pensamento schmittiano, coisa que o historiador parece “desconhecer” não considerando a importância deste teórico do fascismo para a desconstrução do Teológico político.

Os conceitos fundamentais da política dualista agostiniana-schmittiana – *amigo-inimigo* – que muitas vezes nos permitem isolar ou *pretender* isolar o *político*, continuam sendo religiosos ou, em todo caso, teológico-políticos. Carl Schmitt, em uma tentativa rigorosa no sentido de purificar a esfera do político, a fim de identificar o político e o inimigo político *nas* guerras de religião, como as Cruzadas, acabou admitindo que as categorias, na aparência, mais puramente políticas de que tinha lançado mão eram o produto de uma secularização ou de uma herança teológico-política.³²⁸ Nesta moralidade secular, toda oposição desta Filosofia Política repousaria sobre uma hierarquia instituída violentamente onde um dos dois termos da oposição *comanda* o outro.

A [ii] do Leviatã,³²⁹ simbolizado por esta figura fantasiástica que segura tanto a espada como o cedro religioso, na verdade, está de joelhos diante do verdadeiro soberano: *patriarca do Ocidente*. O Papa³³⁰ não é o

³²⁷ GINZBURG, C. *Paúra, Riverenza, Terrore: Rilegere Hobbes Oggi*, mimeo. Niterói: UFF, 2006.

³²⁸ DERRIDA, J. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 40.

³²⁹ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes - Sentido e Fracasso de um Símbolo Político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 200.

³³⁰ A palavra Papa, aparentemente, tem dois significados: 1) Cada letra corresponde a uma palavra em latim: **P**etri **A**postoli **P**otestantem **A**ccipiens e se traduz: “O que recebe o poder do apóstolo Pedro”; 2) É o que corresponde a união das suas primeiras sílabas e estas palavras latinas: **P**ater **P**astor que se traduzem por “Pai e Pastor”.

profeta, mas o *Vigário de Cristo*,³³¹ seu ofício remete, numa cadeia ininterrupta de *significantes puros*, para o encargo pessoal e para a pessoa de Cristo. O Papa consiste em ser o soberano do Estado da Igreja.³³²

O Papa, Bispo de Roma e Sucessor de S. Pedro, é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade da Igreja. É o Vigário de Cristo, cabeça do colégio dos Bispos e pastor de toda a Igreja, sobre a qual, por instituição divina, tem poder, pleno, supremo, imediato e universal.³³³

Soberano da “República universal dos cristãos”,³³⁴ fonte de todo valor da humanidade, *decidindo* sobre cada ato humano. Aí reside o “fundamento” “teológico-político” do *estado de exceção*. Quem “determina” o imaginário do inimigo *no* imaginário das massas seria este soberano com poder de decisão sobre a humanidade “secularizada”. Quem ou o que “pré-determina” a imagem do inimigo na alma das massas são imagens inconscientes de um soberano mito branco. Aqui, seria importante lembrar aos filósofos da política e aos historiadores, que a vida do inconsciente acompanha a nossa existência. A atitude que o consciente assume com relação aos conteúdos do inconsciente não é indiferente.

Na continuidade probatória deste “poder teológico-político” na “política” [no político], destacamos este *poder* pleno, supremo, imediato e universal, quando em 12 de janeiro de 2008,³³⁵ Joseph Ratzinger *decidiu-se* sobre a nomeação do Cardeal Marc Ouellet, Arcebispo de Québec no Canadá, como relator geral para o próximo Sínodo dos Bispos sobre a sagrada escritura. Importante frisar que esta 12^o Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos

³³¹ O papa formalmente tem os títulos de *Bispo de Roma, Vigário de Cristo, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Supremo Pontífice, Primaz de Itália, Arcebispo e Metropolita da Província Romana, Soberano do Estado do Vaticano e Servo dos Servos de Deus*, embora no Direito Canônico seja apenas referido como *Pontífice Romano*. O último Papa Bento XVI renunciou ao título de *Patriarca do Ocidente* da lista dos apelativos papais do anuário pontifício de 2006. Nesta “renúncia” simbólica, *passa ser o Patriarca do Mundo*.

³³² SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Lisboa: Hugin, 1998, p. 29, 32.

³³³ Catecismo da Igreja Católica, Disponível na internet: L'Osservatore Romano www.vatican.va

³³⁴ ROMANO, R. *Conservadorismo Romântico - Origem do Totalitarismo*, São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 13.

³³⁵ Disponível na internet: L'Osservatore Romano www.vatican.va

Bispos terá por tema “A Palavra de Deus na Vida e Missão da Igreja”, realizando-se em Roma, outubro de 2008. Joseph Ratzinger, direto do Vaticano, convocou Marc Oullet no Canadá, para recuperar a importância da bíblia na vida dos católicos e na evangelização da humanidade; assim também para revitalizar os estudos bíblicos ao interior da igreja, afetados por décadas de racionalismo.

O princípio da representação *unindo* e fazendo *emergir* imagem e sentido, marcando a presença e definindo a virtualidade da linguagem branca, também é a **[ii]** central de Cristo no interior da capela Sistina, revelando que a Igreja está *unificada* em Cristo, representando o próprio Cristo pessoalmente enquanto pureza da bondade – *humanidade*.

Nesta pintura, “Juízo Final”,³³⁶ não fica nenhuma dúvida de que Cristo está disposto a purificar a humanidade pecadora, castigando-a, levantando o braço direito autoritário, disposto a aniquilá-los, sem considerar a intercessão da Virgem, que recolhida em si mesma, vira a cabeça para não ver o castigo.

É interessante lembrar que em 1533 Michelangelo havia encontrado com o Papa Clemente VII em San Miniato, onde este lhe propôs a realização de um mural para o fundo da capela Sistina intitulado: *Queda dos Anjos Rebeldes*.³³⁷ Um ano depois desse encontro, o artista deslocou-se a Roma para discutir esse projeto com o Papa, mas em 25 de setembro de 1534 falece o pontífice, sucedendo Paulo III. Após três anos de meditação e desenhos preliminares, Michelangelo finalmente executou de 1536 a 1541 a pintura do “Juízo Final”.

O pintor ocupa toda a parede imensa com um espaço aberto e ilimitado, onde flutuam, desesperadamente sozinhos em meio da multidão, os corpos dos ressurretos, isolados entre separados organismos plásticos. As fileiras e as torrentes em espiral das figuras na corte celeste precipitando-se na direção da **[ii]** de Cristo, a queda dos condenados à direita e a ascensão dos bem-aventurados à esquerda – tudo se desenrola contra um cenário de espaço

³³⁶ *Enciclopédia dos Museus - Museus do Vaticano - Roma*, Arnoldo Mondadori Editore: Milão, 1968, p. 97. (Anexo III).

³³⁷ *Michelangelo*, Madri: Susaeta Ediciones, 2007, p. 51.

conturbado e sem limites, nutrindo-se do excesso, evocado pela audaciosa e complexa perspectiva das sofridas imagens imaginárias.

Um verdadeiro excesso de força é desencadeado pelo terrível gesto do Cristo juiz, jovem, musculoso, implacável, temido inclusive pelos beatos que estão já no céu. É o máximo expoente da terribilidade do excesso representado pelo Cristo vingador – institucionalizando o *excesso na exceção*. Não há separação das esferas celestial e terrestre e tudo gira em redor da [ii] de Cristo com a força que seu braço imprime; a luz envolve a imponente figura de Cristo que se mostra como o sol da justiça. Sob a figura de Cristo estão os *sete anjos* do Apocalipse, tocando suas trombetas, o que significa que chegou a dia de prestar contas ao altíssimo. Segundo o texto bíblico, dois anjos seguram o pequeno Livro da Vida e o grande Livro da Morte. À esquerda, vão se levantando os justos de seus túmulos, sendo ajudados pelos anjos, que os puxam para que possam subir para os reinos celestiais, onde serão julgados. À direita estão os impuros que foram reprovados, a quem os demônios impelem para o “Averno” – forma latina de inferno. O barqueiro Caronte os carrega em sua barca e atravessando o Aqueronte, os leva até a boca do inferno, representada por uma gruta de insondável negrura, que fica na vertical do eixo demarcado pelo salvador. Junto a imagem de Jesus Cristo acham-se os doze apóstolos e João Batista, assim como anjos e santos; São Pedro, que devolve as chaves ao senhor; São Paulo com seu semblante severo e sua barba grisalha; São Sebastião com as flechas na mão; Santa Catarina com a roda de facas; Santo André com a cruz em forma de X (a Lei sem sua força ou da força de lei pelo simbólico da voz).

Aos pés da [ii] de Cristo destacam-se as figuras de São Lourenço e de São Bartolomeu, a quem a Capela Sistina estava dedicada anteriormente com a Assunção da Virgem. São Lourenço carrega a grelha de seu martírio, enquanto São Bartolomeu, que foi esfolado, brande um escalpelo na mão direita e segura com a mão esquerda uma pele humana, que leva modelada a face do próprio Michelangelo, o qual se representou no *Juízo Final* como despojo humano indigno de ser encarnado e de gozar da presença de Deus. Abaixo, a sua direita, a representação do poder da imaginação num

desesperado que perdeu a esperança em Deus, a quem as forças do *mal* puxam para levá-lo à barca que o conduzirá aos infernos. A seu lado podemos ver outras figuras que também são lançadas aos espaços inferiores por terem pecado contra Deus. Na parte superior, suprimiu dois dos nichos pintados por ele mesmo, nos quais havia os *Antepassados de Cristo*, e colocou anjos levando os atributos da paixão: a cruz, a coroa de espinhos, os cravos e a coluna de flagelação.

Prescinde do uso das normas da perspectiva, aumentando a escala das figuras segundo sua disposição na cena: as dos registros superiores são maiores do que as que se acham na parte inferior da composição. O registro central, princípio da representação, com a figura de Jesus Cristo vingador que emerge de um halo de luz dourada tem uma escala maior do que o resto das figuras que rodeiam os protagonistas da cena, tanto pelas laterais quanto pelas partes superior e inferior. Estabelece assim, no interior da capela Sistina, uma hierarquia sagrada segundo a importância das personagens e sua força simbólica.

A capela Sistina foi criada não somente como a capela maior do palácio sagrado, mas também como um reduto militar da cidade do Vaticano. A idéia que Sisto IV propôs era a de erguer um edifício que pelo exterior deveria aparecer como um baluarte de defesa da Igreja e da suprema e absoluta autoridade do pontífice, e no interior expressaria o conceito do *guardião* da pureza da fé e da manifestação solene a seus princípios. A capela Sistina concretiza este pensamento, com o exterior na forma de um bastião resistente e alto e criando no interior um salão notável pela severidade geométrica, e pelo hermético e pesado englobamento do espaço com uma abóbada semicilíndrica construída sobre lunetas, definindo-se um interior firmemente limitado, o qual no entanto dá o sentimento de amplo espaço.

Para “ler” o conteúdo do espaço interior da capela é necessário levar em conta a real conjunção: as cornijas horizontais, a ordem superior das pilastras, a tribuna em estilo de balcão, a grade de mármore e a divisão simulada e pintada, tais como as pilastras das duas ordens inferiores e os nichos do papa na ordem superior, expressando elementos do conceito de

guardião da pureza da fé. O saguão retangular, dividido em dois pela grade e regularmente separado em áreas retangulares pelas pilastras reais e pintadas, dá a impressão de serena geometria, que transmite um sentido de isolamento e separação.

O efeito é o sistema ilusório que Michelangelo pintou no teto com suas figuras poderosas. Na abóbada majestosa o artista também projeta seu poderoso esquema pictórico, produzindo realidade no imaginário do fiel espectador.

Na história da humanidade, a capela Sistina é concebida universalmente como um lugar sagrado, onde a intimidade da meditação não exclui a necessária formalidade na manifestação pública dos princípios sagrados e autoridade do chefe supremo da Igreja.³³⁸ A leitura do “poder teológico-político” aqui encontra a *unidade* entre uma *psicologia política da imagem*, marcando o campo da presença do sagrado soberano e uma *psicologia política do sentido*, definindo o campo das virtualidades da *linguagem branca*. A conhecida “Teologia política” consegue fazer *falar* um complexo de imagens cristalizando no cenário da História [*o mundo*] uma forma acabada. Uma forma decisiva.

Na grande História da Igreja Católica Romana está presente a imagem do *ethos* do poder próprio que é intensificado até a imagem do *ethos* da glória, do esplendor e da honra. A Igreja quer ser a noiva real do Senhor representando o Cristo dominador e vencedor em sua forma final [*forma acabada*]; a sua reivindicação de glória e de honra assenta-se no *princípio da representação*.³³⁹

Da **[ii]** do lugar sagrado *decide* aquele que *representa* a Igreja encarnando todo sofrimento do Senhor [Mestre] *na* humanidade, purificando o mal e deixando as massas vulneráveis politicamente.

O *logos* encarnado é o verdadeiro [guardião] “guardador de rebanhos” – o pastor, que vai atrás de nós através dos

³³⁸ *Enciclopédia dos Museus - Museus do Vaticano - Roma*, Arnoldo Mondadori Editore: Milão, 1968, p. 62.

³³⁹ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política* (1925). Lisboa: Hugin, 1998, p. 44.

espinhos e dos desertos da nossa vida. Transportados por Ele regressamos para casa [“A *linguagem* é a casa do *ser*”]. Ele deu a sua vida por nós. Ele mesmo é a vida.³⁴⁰

Quem fala? Que relação há entre esta “*linguagem*” e este “*ser*”? É realmente ao *ser* que sempre se endereça a *linguagem*? Mas no cenário desta História [o *mundo*] não existe nada de permanente, nenhuma forma acabada,³⁴¹ pelo contrário: o lugar histórico-filosófico da *liberdade* tem sua passagem pela destruição e libertação desta representação [o *verdadeiro político*].

Numa coação de unidade, o Papa Bento XVI informou em 2 de julho de 2007 que a intenção missionária do Santo Padre é: "Para que, conscientes de seu próprio dever missionário, todos os cristãos ajudem efetivamente aos que trabalham na evangelização dos povos (...) Qual é nossa atitude frente às vicissitudes da Igreja? É a atitude cheia de amor e aberta ao mistério de quem sabe, graças à fé, que pode encontrar na história da Igreja os sinais do amor de Deus e das grandes obras de salvação que levou a cabo. Se nossa atitude for esta, temos que dar uma resposta mais coerente e decidida, um testemunho de vida mais cristão".

Na esfera do evocado “poder teológico-político”, constata-se indícios probatórios de elementos decisórios nestas estratégicas declarações e discursos no comando das massas. Em 01 de dezembro de 2006, o Papa Bento XVI terminou sua viagem missionária à Turquia com uma missa na Catedral do Espírito Santo de Istambul, em que recordou que a Igreja não procura poderes ou bens, só liberdade para cumprir sua missão de anunciar Jesus Cristo. O Papa destacou que a Igreja "recebeu a missão de anunciar seu Evangelho até os limites da Terra [onde habita a figura do bárbaro ou animal de horda], de transmitir aos homens deste tempo uma Boa Nova que não só ilumina, mas transforma sua vida, até vencer a morte. Esta Boa Nova não é

³⁴⁰ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 246.

³⁴¹ BENJAMIN, W. *Mundo e tempo* (1919) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 29 (Versão preparatória do ensaio perdido sobre “*O Verdadeiro Político*”).

apenas uma palavra, mas uma pessoa, Jesus Cristo, ressuscitado, vivo! A Igreja não quer impor nada a ninguém e pede simplesmente poder viver livremente para revelar aquele que não pode esconder, Jesus Cristo”.³⁴²

Uma atualidade espiritual das massas humanas, expressando o pensamento da imposição que não admite mediações, próprio da natureza autoritária do *complexio oppositorum*; com conceitos “secularizados” como tradição e costumes, luta contra o outro na purificação do *mal*. “Para Deus, enquanto *complexio oppositorum*, ‘todas as coisas são possíveis’ no sentido mais amplo da expressão, isto é, bem e mal”.³⁴³ Nesta purificação, ao fim do século XV, todos os judeus haviam sido efetivamente expulsos de toda a Europa Ocidental ou do Reino Cristão, com exceção *na* exceção da História a repetir-se na Alemanha e Itália. Em qualquer estado [incluo aqui os *estados da alma*] que houvesse alcançado a consolidação estrutural durante esse período e tivesse sido capturado pela Igreja Católica, a História repete-se: aterradora degradação, tortura, matança e expulsão. A [ii] do “judeu errante” foi transformada em realidade; havia sido trazida à existência por uma *civilização hostil*.³⁴⁴

Um tradicionalismo extremo representando uma rejeição irracional atravessado pela fé no combate ao intelectualismo. Um contínuo movimento circular, secular de paradoxos [pois a roda vai girando sobre a longa estrada] entre abismos que levam ao *nada* [*plenitude*] ou na pior das hipóteses, a absoluta *submissão* de milhões de pessoas.

O que os negrianos, arrebatados, atualmente chamam de *multitude* ou “multidão”,³⁴⁵ optamos, dadas as condições históricas “secularizadas” da humanidade [patrimônio cultural cristão – em que a religião foi incorporada], pelo conceito de *massa* para além das massas [das massas para além das massas]. Nesta dimensão do dito “poder teológico-político” no comando

³⁴² Disponível na internet: L'Osservatore Romano www.vatican.va

³⁴³ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 294.

³⁴⁴ EBAN, A. *Perseguições e Expulsões*. In *A História do Povo de Israel*. Trad. Alexandre Lisovsky. Rio de Janeiro: Bloch, 1971, p. 163.

³⁴⁵ NEGRI, A. & HARDT, M. *Multidão. Guerra e Democracia na Era do Império*. São Paulo: Record, 2005; NEGRI, A. *A Anomalia Selvagem: Poder e Potência em Spinoza*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

estratégico das massas, comunga-se a *facultas imaginandi*³⁴⁶ (ou “dimensão transcendental kantiana”)³⁴⁷ que aplicada a imagem de um inconsciente coletivo dimensiona a forte presença de imagens imaginárias numa política dualista agostiniana [*hostilidade do espírito*]³⁴⁸ de oposições hierarquizadas de *bem e mal*, de Deus e Diabo, entre as quais existe um “isso ou aquilo” na vida e na morte. A existência de “Deus” e o “Diabo” como imagem na alma das massas humanas. “Não precisamos de provas de sua existência. Basta que sempre se esteja falando neles”.³⁴⁹ O *inconsciente coletivo*³⁵⁰ efetivamente dominado pelas forças da monarquia:

Eu estava numa cidade da Itália (...) No meio do fluxo humano caminhava um cavaleiro vestido com uma armadura. Vinha em direção a mim. Usava um capacete antigo com antolhos e uma cota de malhas; sobre ela trazia uma veste branca, com uma cruz vermelha tecida no peito e nas costas. Podem imaginar a impressão que me causou um cruzado caminhando em minha direção, de repente, numa cidade moderna! Observei que nenhuma das outras pessoas parecia percebê-lo. Tive a impressão de que era completamente invisível para os outros. Eu me interrogava sobre o significado dessa aparição e ouvi, como se alguém respondesse – apesar de não haver ninguém por perto – : “Sim, é uma aparição, que retorna regularmente; o cavaleiro passa por aqui, há muito tempo (tive a impressão que

³⁴⁶ KANT, I. *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 66.

³⁴⁷ ŽIŽEK, S. & DALY G. *Arriscar o Impossível*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2006, p. 35.

³⁴⁸ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento*. (1944) Tese IV. In *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 167.

³⁴⁹ JUNG, C.G. *Septem Sermones ad Mortuos* (1916). In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 336.

³⁵⁰ “... meus sonhos possuíam um conteúdo coletivo, e uma considerável massa de material simbólico. Principalmente um deles me pareceu importante, levando-me pela primeira vez à noção do ‘inconsciente coletivo’...”. Jung faz referência ao “sonho da casa”, um a-priori coletivo da psique pessoal, o “inconsciente coletivo” seria comum a todos os homens. JUNG, C.G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 142 - 143.

tal coisa ocorria há séculos) e todos já sabem disso.” O sonho me causou uma profunda impressão.³⁵¹

*Repete-se a “saga medieval”.*³⁵² Para além da cruz vermelha do século XII [leia-se: século XX], quanto à figura enigmática do cavaleiro, Jung não conseguiu articulá-la em suas idéias, nem compreender completamente o sentido. Tempo depois, meditando profundamente sobre o sonho, alcança seu significado. Ao longo de suas “*peregrinações oníricas*”,³⁵³ enquanto sonhava, sabia que o cavaleiro era do século XII, época em que a alquimia começou, assim como também a busca do Santo Graal. Desde a juventude de Jung, as histórias do Graal desempenharam um grande papel em sua imaginação:

Li essas histórias pela primeira vez aos quinze anos e isso foi um acontecimento inesquecível, uma impressão que nunca mais desapareceu! Desconfiava que havia um mistério nessas histórias. Assim, pois, pareceu-me natural que o sonho evocasse de novo o mundo dos cavaleiros do Graal e sua busca; era esse o meu mundo, no mais íntimo sentido da palavra, sem relações com o de Freud.³⁵⁴

Era este o seu mundo. Seu criador – do “inconsciente coletivo”³⁵⁵ – buscava dar sentido à sua vida. O nomeado inconsciente coletivo não é um inconsciente coletivo, *mas sua imagem*.

³⁵¹ *Idem*, p. 147.

³⁵² HEINE, H. *Três textos sobre o ódio racial*. Trad. Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Hedra, 2009, p. 105.

³⁵³ JUNG, C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 161.

³⁵⁴ *Idem*, p. 148.

³⁵⁵ “O inconsciente *coletivo* apresenta conteúdos que são formados pessoalmente apenas em grau ínfimo e, no essencial, em grau nenhum; não são aquisições individuais, mas são essencialmente os mesmos em toda parte e não variam de pessoa para pessoa. Este inconsciente é como o ar que é sempre o mesmo em toda parte, que é respirado por todos e a ninguém pertence. Os conteúdos (chamados arquétipos) são condições prévias ou esquemas da constituição psíquica em geral. Só existe *um* inconsciente coletivo que é idêntico a si mesmo em toda parte, do qual todo o psíquico recebe sua forma antes de ser personalizado, modificado, assimilado, etc. por influências externas.” JUNG, C.G. *Cartas (1946 - 1955)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 2, p. 13.

Por outro lado, entendeu que seus sonhos,³⁵⁶ visões e fantasias vinham do subsolo deste “inconsciente coletivo”.³⁵⁷ Nesse momento, considerou que sua fantasia [com a função criadora de mitos na mente] no estado de alerta era como num drama e que tinha mostrado não o que acontecia a ele, mas à Europa.

Sua História atravessa a arte e a ciência como expressão da religião [idéias religiosas] ou desta cultura; possuidora de uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência. Tenta erguer um majestoso edifício de uma “nova *Weltanschauung*”³⁵⁸ numa massa de conhecimentos, ora como uma nova mensagem de salvação ou como uma visão de mundo, acreditando fielmente no progresso da raça humana e da civilização.³⁵⁹ A superioridade apresentada é a harmonia do espírito [“apaziguamento do espírito”³⁶⁰] e a eliminação do indeterminismo das intensidades da linguagem em geral; do alarme contra incêndio numa “comunidade teológico-política”:³⁶¹ imputação em Jung de uma restauração de uma representação alienada no mito.³⁶²

Para este total pensamento da representação a *Gestalt* do inimigo está na [ii] do *animot*.

³⁵⁶ “Na minha opinião, o sonho é um olhar atrás dos bastidores para dentro dos processos seculares do espírito humano.” JUNG. C.G. *Cartas (1906 - 1945)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 1, p. 234.

³⁵⁷ JUNG. C.G. *O Livro vermelho: Liber novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 200 - 202.

³⁵⁸ FERENCZI, S. *Crítica de metamorfoses e símbolos da libido, de Jung*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2, p. 95.

³⁵⁹ FREUD, S. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico* (1914) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2008, vol. 14, p. 57, 58.

³⁶⁰ FERENCZI, S. *Crítica de metamorfoses e símbolos da libido, de Jung*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2, p. 113.

³⁶¹ BIRMAN, J. *O Arquivo da psicanálise*. In *Jung: a psicologia analítica e o resgate do sagrado*. Memória da psicanálise, n.o.2. São Paulo: Ediouro (s/ data), p. 29.

³⁶² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *A atitude ambígua da psicanálise em relação ao mito e à tragédia*. In *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010, p. 396.

As criaturas realizam o verbo de Deus, quando elas executam o efeito ao qual estão ordenadas pelo Verbo (...) Assim, se diz que alguém realiza o verbo do rei, quando realiza a obra que lhe foi prescrita pela palavra do rei.

(...)

A razão de imagem importa semelhança. Mas não é qualquer semelhança que preenche a razão de imagem, e sim a semelhança que está na espécie da coisa, ou pelo menos em algum sinal da espécie. E o sinal da espécie, nas coisas corpóreas, parece ser sobretudo a figura.

(...)

Para que algo seja verdadeiramente imagem, requer-se que proceda de outro de maneira a se lhe assemelhar na espécie...

Angelici Doctoris Sancti Thomae Aquinatis,
*O Verbo [De Persona Filii], A Imagem [De Imagine] **

* AQUINO, T. *O Verbo (Questão 34), A Imagem (Questão 35)*. In *Suma Teológica (Summae Theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I, p. 577, 579, 587 - 588.

5. [ii] imagem imaginária do mal *

– ou do homem como um animal de horda

Por que a massa é considerada “irracional”? O que torna ou transforma a “*multidão*” numa *massa* disforme sem consciência, ao menos *eclipsada, alienada, coisificada ou reificada*, está presente numa forma obscura que domina as relações político-sociais afetivas, desde o início da humanidade até a sociedade burguesa. Na humanidade secular ou nesta sociedade, diriam alguns, trata-se de obedecer e nada mais: é por isso que as noções de culpa, de mérito, de *bem e mal* são exclusivamente sociais e estão vinculadas à obediência e à desobediência.³⁶³ Isto, num primeiro momento, onde o político e religião deveriam estar ou andar separadas.

Sendo assim, a primeira tentativa de pensadores como Spinoza, consiste em destruir os valores correntes: *bem e mal, perfeito e imperfeito*, numa tentativa, através do método histórico-crítico, de *dessacralização do político*. A crítica de Spinoza, nesta *dessacralização do poder político* tem como alvo desatar o laço que prende o sentimento de medo e o imaginário do *poder transcendente*.³⁶⁴ Por isso, em sua *Ética*, Spinoza alerta sobre a servidão humana, cravada teologicamente em conceitos como *perfeição e imperfeição*, sobre o *bem e o mal*.

Não há nada que saibamos, com certeza, ser bom, exceto aquilo que nos leva efetivamente a compreender e, inversamente, não há nada que saibamos, com certeza, ser mal, exceto aquilo que possa impedir que compreendamos.³⁶⁵

* Utilizaremos em algumas passagens do texto: [ii] referindo-se ao conceito **imagem imaginária**.

³⁶³ DELEUZE, G. *Spinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 10.

³⁶⁴ CHAUI, M. *O Retorno do teológico-político*. In *Retorno ao Republicanismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 28.

³⁶⁵ SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 295.

Que uma coisa deveria ser, é a constatação através dos séculos que esta coisa não é o que deveria ser, é a prova que esta coisa não é o que deveria ser: *política*. O que impede, através dos séculos, do “político” ser político é a *forma* teológica que a mesma assume na sua *origem imaginária*, intensificada na sociedade burguesa pela engrenagem religiosa da *lei do valor*, *reificação*³⁶⁶ e os efeitos do *fetichismo*.³⁶⁷ Senhores da moralidade de milhões de pessoas, através dos séculos, dimensionam imagens de *bem e mal*, de *medo* e de *esperança*. Nesta forma, Spinoza concorda ao afirmar que se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro, jamais seriam vítimas da *superstição*. O *medo* seria a causa que origina, conserva e alimenta a *superstição*; na verdade, segundo Spinoza, não há nada mais eficaz do que a *superstição* para governar as “multidões”; por isso é que estas são facilmente levadas, sob a capa da religião, a adorar os reis ou sagrados soberanos como se fossem deuses.³⁶⁸ Nesta leitura, Spinoza está chamando atenção para um elemento fundamental *do político*: a dimensão imaginária, objeto de estudos no século XX, recristianizado por Jacques Lacan com o invólucro secularizado da ciência.

O *imaginário* que aí se manifesta, constitui o principal cimento das instituições, o *elo* invisível que consolida a *unidade* do poder soberano *contra* os inimigos numa eructação com destino: *estruturar* estados – preservando o *humano* cidadão *da* cidade; assim como se pode falar num “mal branco”.³⁶⁹ Há um eixo constituído pela *imaginação* em torno do qual gira o *poder*, a obediência – sendo a imaginação estruturada na lei e nos sacerdotes – senhores da moralidade. Instrumentalizado o teológico-político na organização e estruturação da atividade *da* imaginação de forma a manter a obediência às

³⁶⁶ LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe*, São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 193 (especialmente sobre *O Fenômeno da Reificação*).

³⁶⁷ MARX, K. *O Capital*, São Paulo: Abril Cultural, 1983, vol. 1, p. 70 (especialmente sobre *O Caráter Fetichista da Mercadoria e Seu Segredo*).

³⁶⁸ SPINOZA, B. *Tratado Teológico-Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 7.

³⁶⁹ ARTAUD, A. *O Teatro e a Cultura*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 4.

leis – sujeição ao sagrado soberano. Na defesa soberana do imaginário do poder soberano enquanto garante da segurança a esfera transcendental atua como refração do declarado *conatus* no combate ao inimigo. Este poder forja-se no domínio da imaginação. Tal como Deus, o soberano atua *representando-se* como *causa* geradora do *medo*, desencadeando um movimento ilusório que a “razão” confirma como vantajoso obedecer à *lei* ou o *falologocêntrico moralista*. No campo da imaginação emerge o domínio das massas na fantasia de conservação ou preservação do próprio ser – cidadão da cidade. De Hobbes à Schmitt, o discurso moralista afeta o declarado *conatus* na paz agostiniana da *Cidade de Deus*. Tanto o *Leviatã hobbesiano* quanto o *Leviatã schmittiano* são frutos de uma mentalidade da época teológica-política; pensamento da *representação ou da identidade* fortemente presente no século XXI.

Em linguagem metafórica, no último império ideológico do Ocidente, o tempo é *espírito*, quer dizer *logos*, a História é racional e, inversamente, a razão é histórica; o sistema hegeliano se constrói em três momentos, pois o Deus cristão é Uno e trino. Quando Hegel fala que “deve-se julgar uma insensatez dos tempos modernos mudar o sistema de uma eticidade corrompida [*moralité sociale vicieuse*], sua constituição e legislação, sem a mudança da religião; ter feito uma revolução, sem uma reforma; imaginar que, com a velha religião e suas santidades, uma Constituição política a ela oposta poderia ter em si tranqüilidade e harmonia”,³⁷⁰ deve ser entendido como uma afirmação política-teológica da/ na modernidade. Os dois últimos momentos (Filosofia da natureza e a Filosofia do espírito) estão prefigurados no primeiro (Lógica), pois a natureza é o *logos* alienado no espaço, inconsciente de si mesmo, e o *espírito*, a História, o *logos* objetivado, exteriorizado no tempo e consciente de si mesmo. Falologocêntricamente *falando*, com o advento do animal homem, obviamente o Ocidental – humano –, o *logos* retorna a si mesmo, na forma, *não* do sentimento de si, próprio dos *animais*, mas da consciência da consciência, caracterizando a *condição humana* – européia.

³⁷⁰ HEGEL, G.W.F. *Précis de l'encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 297.

Logo(s), nesta dimensão imaginária da criação da “razão” (História oficial), quem não comunga deste espírito, *transfigura-se* de forma imediata na forma do *animal – inimigo “científico”*, regido por seus instintos destruidores da moralidade ocidental – *cristã-burguesa-fascista*.

Na *religião* ou *frenesi da superstição* o absoluto ou Deus se exprime ou revela-se na *forma da representação*; a *forma* existe apenas para seduzir e captar capturando uma força.³⁷¹ No *falso movimento* [*Faux mouvement*] de Hegel, movimento lógico abstrato, ou seja, na “*mediação*” [*Médiation*],³⁷² ato de servir de intermediário *entre* as massas, intercedendo junto a um santo ou soberano ou a uma divindade para obter proteção e guarda decorrente de um *afeto* reativo (medo), a *representação* já se torna *mediação*. Esta *forma* do político de pensar faz *retornar o mesmo* em geral (Cristo-Hitler) numa “*secularização*”, fundamentando no simbólico que por sua vez introjeta-se no *inconsciente das massas* cristianizadas, *identificando-se* afetivamente com o líder.

Quem *representa* o *logos* da *humanidade*? Esta *unidade* da identidade, finito-infinito, é *sentida* e *imaginada* pela *representabilidade* daquele *líder* da religião absoluta ou movimento – dualidade dos sentidos. Não é por acaso que a “*Ética do Estado*” [*moralité de l’Etat (Sittlichkeit)*] [que carrega a “*perfeição*” da família] e a “*espiritualidade religiosa do Estado*” são, desse modo, para si as firmes garantias recíprocas³⁷³ no domínio *das* massas. Nesta direção, não se trata, contudo de consolidar o que Hegel escolheu como alvo – *razão*; *mas* desconstruir destruindo [*desconstrução destrutiva*] os esquemas metafísicos que estão em ação na política teológica cristianizada. Esta metafísica – *mitologia branca*³⁷⁴ unifica e reflete a cultura do Ocidente cristão: o homem branco toma a sua própria mitologia, o seu *logos*, isto é, o *mythos* do seu idioma, pela *forma* universal do que deve ainda querer designar por *razão*.

³⁷¹ ARTAUD, A. *O Teatro e a Cultura*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 5.

³⁷² DELEUZE, G. *Différence et Répétition*. Paris: PUF, 2008, p. 16.

³⁷³ HEGEL, G.W.F. *Précis de l’encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 300.

³⁷⁴ DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto: Rés, s/ data, p. 271.

Teólogos – cientistas secularizados – filósofos: *constroem* mitologia branca. “O ferro em brasa é ferro branco”.³⁷⁵

Neste *falo da fala*, a História [oficial] humana [cristã] passa a ser a realização de um plano divino, a revelação de Deus, da *razão divina*, absoluta – Ocidental. No mundo germânico e cristão, todos deverão ser livres. “A primeira condição é a fé no poder do espírito”.³⁷⁶ Esta *liberdade* consiste em libertar-se, assim como esta razão consiste em racionalizar, articular estrategicamente, unificar, tudo aquilo que se acha desarticulado e separado. Limitando-nos à “cultura” – *barbárie* ocidental, o *sentido* da História entendida como condição de possibilidade. História e não histórias, além de ser uma só, implícita está a noção de unidade. O problema do *sentido*, ou da razão de ser, pressupõe consequentemente, a *unidade* da História, na medida em que é uma, por ser a História, *não* dos *animais*, mas do gênero humano; do considerado humano. Hegelianamente, negada essa unidade, que fundamenta a universalidade da História humana, é o mesmo que não aceitar a História universal. Nesse sentido, a negação da racionalidade da História, ou seja, a negação de sua unidade e do seu sentido, a rigor dos historiadores, se confunde com a negação da racionalidade do próprio humanismo. Deste lado do *espírito*, o homem é racional e se é a racionalidade que o caracteriza e distingue dos *animais*, a História do homem ou da humanidade, será una e significativa na produção de *significantes*, na medida em que é também a História da razão.³⁷⁷ Esta criação fantasiosa do conceito de razão passa a compreender e explicar a História do ponto de vista dos dominantes. A História se converte então em instância última, pois o absoluto, ou o espírito, a razão, são escritas foneticamente pelo Livro com letras maiúsculas. Esta razão quer dizer *logos* desta nova ciência da História que se constitui na Europa, transformada pela Revolução Francesa, primeiro grande movimento de idéias

³⁷⁵ ARTAUD. A. *O Teatro e a Cultura*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 4.

³⁷⁶ HEGEL, G.W.F. *Origem, Essência e Sentido da Filosofia*. In CORBISIER, R. *Hegel (Textos Escolhidos)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 33.

³⁷⁷ Sobre a problemática da construção estrutural da razão ocidental e da História (oficial) ver *Fechamento da Ouverture de L’Histoire* In *Leviathan cibernético*. Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 283, de nossa autoria.

da cristandade ocidental, e pelas guerras que deságuam no começo do século XX. Esta razão ocidental é onde se construiu o *ser* histórico sempre em oposição à *desrazão*. Por isso, toda impossibilidade por parte dos historiadores, secularizados em suas vidas burguesas, em se questionar sobre esta “razão”, porque, quando questionamos a “razão”, questionamos a História – oficial. A grande religião ocidental, bem como a dialética hegeliana acreditaram unificar as diferenças.³⁷⁸

Num grau marcante de diferença a Walter Benjamin e seu posicionamento sobre a história, a teologia política “pacificadora” destes pensadores cristãos deve ser “desconstruída” com muito cuidado, pois estão em toda parte, igrejas e/ou universidades “laicas”. O tribunal eclesiástico instituído pela Igreja Católica – Inquisição – permanece no seu *retorno secularizado do mesmo* na queima e extermínio do pensamento profano da diferença; pensamento da representação escondido no discurso crítico. Permanece de fato uma tentativa contínua de “desconstrução” do esforço científico *em* redistribuir a partir da teologia política uma *humanidade e secularização* na modernidade. Obviamente para os senhores da moralidade – o *sentido* do historiador – a História é previsível e porque é previsível tem sido prevista por homens da ciência – teólogos, filósofos e historiadores.

Neste mesmo sentido – de um *sentido pré-existente* – doutores angélicos ou profetas,³⁷⁹ dotados de uma fértil capacidade de *imaginar*, conforme as narrativas da escritura abundantemente ensinam, dominam as massas através do séculos *na* figura simbólica do supremo bem: Nosso Senhor – sagrado soberano [Mestre]. Como estratégia de dominação política vinculada à formação das subjetividades das massas, o manuscrito clandestino *Tratado dos Três Impostores*³⁸⁰ do século XVII defende a tese de que os três grandes líderes religiosos, do judaísmo, cristianismo e islamismo – respectivamente, Moisés, Jesus e Maomé – não passavam de impostores alegando possuir o poder. Na esfera da dita Teologia política, o tema da impostura religiosa diz

³⁷⁸ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 45.

³⁷⁹ SPINOZA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 32.

³⁸⁰ LUCAS, J-M. *A Vida e o Espírito de Baruch de Espinosa*. Trad. Éclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Martins, 2007.

respeito ao uso da religião para fins políticos – crítica contundente à superstição que alimenta as religiões reveladas. Na representatividade das massas, desde que o medo as fez supor a existência de Deus e seres imaginários pelo discurso moral, laços sagrados, originados no ressentimento, mantém o poder hierarquizado do sagrado soberano. O *medo* que criou Deus também criou a religião; uma nova subjetividade criada em torno de anjos invisíveis e do espírito absoluto. Na semente das religiões, *na* esperança e *no* medo, o fundamentalismo *destes* afetos acabam gerando o sofrer pelo sofrer, pelo prazer de fazer sofrer – *crueldade*. Nesse sentido – de um sentido pré-existente, condição de toda verdade – a *crueldade* articula-se com a questão da *soberania* no político: fantasma teológico da soberania. Uma vez que o papel da *imaginação* nas profecias esteja estabelecida, a *hierarquia sagrada do poder soberano* irá estar acima de seus semelhantes, numa estratégia política de naturalização deste “ser” – *naturalização* soberana *da* própria soberania.

Aqui, a soberania não reina a não ser sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar; passa – *passa* – longe do discurso da dita “Filosofia política” (demasiada branca, humana, logocêntrica) e dos auto-proclamados “filósofos da política”. A problemática passa, antes de mais nada, pela soberania do mundo da invisibilidade; quando em excesso na exceção, de *estados de exceção inextensivos*. Este “filósofo” moderno nega Deus, mas continua inconscientemente a reverenciá-lo ao pôr em seu lugar idéias modernas como “humanidade”, “ciência”, “progresso”, “Estado” etc.

Por outro lado, ao mesmo tempo, paralelamente e cortando-se, o domínio imaginário da dita Teologia política é atravessada secularmente pela existência imaginária do *mal*. De que serviria a *lei moral* [*Loi morale*]³⁸¹ se esta lei não santificasse a *repetição do mesmo*? Da mesma forma que o corpo de Cristo é repetido a mais de dois mil anos, representando o sofrimento da humanidade e nele a identidade do supremo *bem*, a categoria do “*mal*” é repetida secularmente pela moral cristã: quem está *de fora* da *Cidade de Deus*

³⁸¹ DELEUZE. G. *Différence et Répétition*. Paris: PUF, 2008, p. 10.

será considerado o perpétuo *inimigo*. Os *die Völkischen*³⁸² da Cidade de Deus exprimem sua própria essência na imagem que projetam dos judeus,³⁸³ revelando o fascismo secularizado em suas fontes religiosas integrada como patrimônio cultural cristão. Aquilo que possa impedir que compreendamos, uma coisa que deveria ser e não é, abre a possibilidade secular de dominação das massas através da política teologizada, impedindo uma tipologia dos modos de existência imanentes ou da *ética spinozista*, sendo substituída por aquela coisa oculta secular: a *moral agostiniana*, relacionada com a existência de valores transcendentais e de uma vida ressentida; ética, que na sociedade industrial dos *die Völkischen da Cidade de Deus* transfigura-se numa moral celebrada pelos próprios “spinozistas”. A História retorna, ou melhor, repete-se na [ii] da secularização.

A impossibilidade por parte da “multidão” – massa, de desarticular o sistema de julgamento de Deus. Basta não compreender para moralizar: emergindo o mal *das* profundezas do bem na atualidade do espírito das massas. Basta não compreender para moralizar: um Deus monoteísta e sua impossibilidade de morte diante das massas. Só os espíritos livres das velhas crenças podem alegrar-se com a notícia “de que o ‘velho Deus está morto’”, declarava Nietzsche:

O maior acontecimento recente – o fato de que “Deus está morto”, de que a crença no Deus cristão perdeu o crédito – já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Ao menos para aqueles poucos cujo olhar, cuja *suspeita* no olhar é forte e refinada o bastante para esse espetáculo, algum sol parece ter se posto...³⁸⁴

³⁸² No esboço de uma *pré-história filosófica do anti-semitismo*, Adorno em suas Teses sobre os *Elementos do Anti-Semitismo* de 1944, utiliza-se desta expressão de difícil tradução. O termo *völkisch* é um adjetivo derivado de *Volk* (Povo) e designa na linguagem nacional-socialista, tudo aquilo que se refere ao “povo” entendido como uma unidade nacional, racial e cultural.

³⁸³ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento*. Tese I. In *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 157.

³⁸⁴ NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 233 [GC, § 343].

Pode-se dizer que este evento está distante e à margem das massas. Mesmo com esta profética mensagem nietzschiana, de um sentimento por uma nova aurora, o “mar”, apesar de “aberto”, nunca esteve tão aberto. De qualquer forma, nesta forma, após a morte do Deus cristão para alguns e de sua permanência para maioria, surge nesta imensidão oceânica uma seqüência fantástica de novas divindades-autoridades encarnadas na política moderna.³⁸⁵ A apresentação das “idéias modernas” poderia continuar. Mas o que mostraria ela senão que a “morte de Deus” é Cristianismo secularizado, um aprofundamento dos ideais cristãos, e não uma efetiva ruptura?³⁸⁶ Aqui, seria importante registrar que enquanto o profeta Zaratustra proclamava a morte de Deus, o Livro Vermelho³⁸⁷ desenha o renascimento de Deus na alma. De uma forma ou de outra na mesma *Gestalt* de uma mesma cultura, a autoridade permanece residualmente enquanto complexo de imagens.

O grande segredo das monarquias absolutistas [regimes “totalitários agostinianos seculares” – ditaduras fascistas no século XX], consistem em enganar os homens pela superstição, dissimulado, sob o nome de religião, o temor ao qual se quer acorrentá-los; de forma que a “*multidão*” para os inocentes, *massa* para os realistas, combatem por sua servidão como se fosse sua salvação. Milhões de pessoas através dos séculos ajuntadas e dominadas pelo poder da *imago*, uma dita psicologia das formas na criação e perpetuação do *medo/ esperança e bem/ mal*.

Nas correspondências com Blyenbergh, formada por um conjunto de oito cartas de 1664 a 1665, Spinoza questiona sobre a problemática do *mal*. Blyenbergh parte de uma questão geral: como pode Deus ser causa de “vontade más”, por exemplo, a vontade de Adão de comer o fruto proibido? “A proibição do fruto da árvore consistia apenas na revelação feita por Deus a Adão das conseqüências mortais que provocaria a indigestão desse fruto; é assim que sabemos por meio da luz natural que um veneno pode provocar a

³⁸⁵ ROMANO, R. *Conservadorismo Romântico - Origem do Totalitarismo*, São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 21.

³⁸⁶ MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: JZE, 2001, p. 64.

³⁸⁷ JUNG, C.G. *O Livro Vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 202.

morte”, responde Spinoza.³⁸⁸ Segundo Deleuze, encontramos como ponto de partida, a tese essencial de Spinoza: o que é ruim deve ser concebido como uma intoxicação, um envenenamento, uma indigestão. Portanto, Spinoza dá um sentido particular à tese segundo a qual o *mal* não é nada; e se o *mal* não é nada, não é porque apenas o *bem* é e faz ser, mas, pelo contrário, é porque o *bem* não é mais que o *mal*, e por que o ser está para o *além do bem* e do mal.

O grande problema é que esta *dimensão imaginária* ou *poder estrutural da imaginação* na categoria do *mal* passa a dominar a esfera da subjetividade eclipsada das massas seculares, momento em que estas passam a ser politicamente dominadas por argumentos e imagens que usam os senhores da moralidade. A arte das artes no domínio estratégico das almas das massas: a arte da *imago* como complexo de imagens. Existe um desejo excessivo de submeter-se ao líder como guia espiritual e político na idéia inadequada de uma salvação contra a noção do *mal* afetada pelo *poder estrutural da imaginação*; um aparente crepúsculo dos ídolos totalitários, diante de emoções articuladas estrategicamente. Disso resulta a lamentável questão: de onde provém o fracasso da democracia spinozista? De uma coletividade, “multidão” de homens livres, na verdade, ajuntamento de escravos acorrentados *secularmente* pelo poder teológico-político, atualmente, engrenagem religiosa da lei do valor.

Na esfera da Teologia política este *complexo de imagens* são muito bem trabalhadas na *dimensão imaginária* dos patriarcas cristãos. Esta *dimensão imaginária* é fundamentalmente uma dimensão de guerra, de rivalidade mortal, que se manifesta, sobretudo, por sua inércia.³⁸⁹ Alguns acreditam fielmente nesta dimensão ao desenvolverem suas fantasias, outros as produzem obsessivamente para obter um prazer sádico anal, seja na submissão do *outro* ou das massas, em ambos os casos, na produção de realidade. É assim que os dois maiores *símbolos imaginários* da destrutividade brutal (Átila, rei dos hunos e Gêngis Khan, rei dos mongóis) são *estrategicamente* direcionados pela cristandade na incorporação do *mal*

³⁸⁸ DELEUZE, G. *Spinoza: Filosofia Prática*, São Paulo: Escuta, 2002, p. 38.

³⁸⁹ MILLER, J.A. *Percurso de Lacan*, Rio de Janeiro: JZE, 1988, p. 19, 23.

secularizado por Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. A dimensão imaginária do *mal* penetra na carne da sociedade cristã, está em toda parte, sobretudo na forma do *inimigo* externo: o estrangeiro asiático – animal de horda. A sutileza da definição do *mal* – *inimigo secularizado* – está apoiada no imaginário das massas cristianizadas; características que não são objetivas, *mas* decorrem da ordem do imaginário cristão.

Nesta forte dose *imaginária do medo* cristão, quando o jovem Agostinho de Hipona acabara de completar seus vinte e dois anos, em 376, notícias inquietantes chegaram ao Imperador Valente em Constantinopla. Para além dos Balcãs, nas pantanosas margens setentrionais do Danúbio, milhares de refugiados famintos e desvalidos estavam se reunindo, fugindo de suas propriedades e aldeias, movidos pelo Terror. Numa espécie de *arquivo cristão da história do mal* construído pelo Ocidente, nas palavras do historiador Amiano Marcelino:

Uma raça de homens até então desconhecida havia surgido de algum recanto remoto da Terra, arrancando pela raiz e destruindo tudo a sua passagem, como um ciclone a baixar das altas montanhas.³⁹⁰

Considerado pelos patriarcas cristãos o “flagelo de Deus”, um símbolo da destrutividade brutal, Átila o huno foi contemplado como estereótipo do *mal*. Em meados do Baixo Império e início da Idade Média ou “Antiguidade Tardia”,³⁹¹ a maior parte do mundo cristão tinha *crenças dualistas* sobre os homens, de sua natureza e inclinações sobre o *bem* e *mal*. A *antiguidade tardia* é o período em que o Deus dos cristãos se torna o Deus único do Império

³⁹⁰ MAN, J. *Átila - O Huno*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 19.

³⁹¹ A “Idade Média” é um longo período de um milênio, que os historiadores situam tradicionalmente entre o fim do Império Romano do Ocidente (476) e a tomada de Constantinopla pelos turcos (1453). Jacques Le Goff prefere a expressão “Antiguidade Tardia” a falar em Baixo Império ou em alta Idade Média. *Antiguidade Tardia* é expressão que parece corresponder melhor, de um lado, à óptica da *longa duração*, e de outro, ao fato de que acontecimentos decisivos, por exemplo, no Concílio de Nicéia (325), no qual foi adotado o primeiro Credo, chamado de Símbolo dos Apóstolos, só pouco a pouco fazem sentir seus efeitos. LE GOFF, J. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 17 - 18.

Romano.³⁹² Ficaram assim superados a pluralidade dos velhos deuses por uma nova religião mundial que fora como uma serpente em silêncio destilando seu veneno, apresentando-se como religião de Estado. Ocorre que a *decisão* do Imperador Constantino, depois do edito de Milão, de recorrer ao Deus dos cristãos, do qual esperava a salvação do Império, apenas reforçou esta *superstição*. Uma salvação que inicialmente é terrestre, mas que, dada natureza da religião cristã, logo se torna uma *salvação transcendental*. Assim realiza-se, no correr do século IV, a transformação do cristianismo de religião perseguida em religião do Estado e a transformação de um deus rejeitado em um Deus oficial. Deus assume um *D* maiúsculo, marcando o *pathos* da humanidade de encontro com o *monoteísmo*.³⁹³ Onde quer que se ponha o religioso do *cristianismo*, em toda parte, secularmente, ele mostra o seu efeito absorvente e absolutizador. Neste sentido, se o religioso é o império, em consequência disso, o poder imperial é sacralizado religiosamente. A *antiguidade tardia*, nesta óptica da *longa duração*, garantiu o sucesso do Deus e do Estado cristão, numa passagem secular para o monoteísmo, *poder e fé* passam a andar juntos. Passagens dos cristãos. Na igualdade de todos a promessa da vida eterna aos fiéis *virtuosos*; ao longo de toda Idade Média, o Deus do cristianismo se encarnou, se fez homem e viveu entre os homens como um irmão – *pensamento da identidade*. O Deus da Idade Média é um Deus *oficial*; não existem além do Deus dos cristãos, a partir desse momento secular, mais do que *falsos* deuses. Em particular, o mundo era cheio de demônios; na origem, o *dáimon*, uma palavra grega, pode ser *bom* ou *mau*. O cristianismo medieval reclassifica estes conceitos de *bons* e *maus* demônios em anjos e diabos,³⁹⁴ criando pelo sistema de poder teológico político seus *arquivos*. Este Deus dos cristãos ou *Bom Deus* (o adjetivo com maiúscula) foi criado na Idade Média. É claro que o sentimento de um Deus bom se espalhou por todo o mundo Ocidental Cristão, a exemplo da expressão comum no dia-a-dia dos franceses: *le Bom Dieu*. E o *Bom Deus* originou cristãos especiais: *santos*, como consequência, a multiplicidade dos santos, especialmente os

³⁹² *Idem*.

³⁹³ *Idem*, p. 20.

³⁹⁴ *Idem*, p. 28.

“Papas Santos”.³⁹⁵ Estes “auxiliares” de Deus marcam os lugares em que Deus se manifesta de maneira mais profunda, *túmulos*, em que é possível rezar de maneira mais eficiente. Assim se constitui, com os santos, com os bons demônios transformados em santos, essa multiplicidade de lugares que materializam, no mundo secular, medieval, a *onipresença* de Deus.³⁹⁶ E mesmo com os santos e anjos, permanece o *monoteísmo*, pois Deus está numa *hierarquia* superior. A partir do momento que a Igreja considera que não há necessidade de estar junto do *túmulo* de um santo para rezar eficazmente, essa “deslocalização” torna Deus ainda menos tributário do espaço. Nesta esfera do poder teológico-político, um caso interessante é o do *anjo da guarda*. Entre os anjos, que são *mensageiros* entre Deus e os homens, a igreja distingue um ligado por Deus a cada ser humano, e encarregado de impedir que ele seja agredido pelo diabo ou que sucumba ao pecado.

*Angele Dei
qui custos es mei
me, tibi commissum pietate superna
illumina, custodi
rege et gubernas
Amen*³⁹⁷

³⁹⁵ Existem mais de dez mil *Santos católicos*. Segue a lista de alguns “Papais Santos”: Papa Adeodato I; Papa Adriano III; Papa Agapito I; Papa Ágato; Papa Alexandre I; Papa Anacleto; Papa Anastácio I; Papa Aniceto; Papa Antero; Papa Bento II; Papa Bonifácio I; Papa Bonifácio IV; Papa Caio; Papa Calisto I; Papa Celestino I; Papa Celestino V; Papa Clemente I; Papa Cornélio; Papa Eleutério; Papa Estêvão I; Papa Eugénio I; Papa Eusébio; Papa Eutiquiano; Papa Evaristo; Papa Fabiano; Papa Félix I; Papa Félix II; Papa Félix III; Papa Félix IV; Papa Gelásio I; Papa Gregório I, Magno; Papa Gregório II; Papa Gregório III; Papa Gregório VII; Papa Hilário; Papa Hildebrando; Papa Hormisdas; Papa Higinio; Papa Inocência I; Papa Inocência V; Papa João I; Papa Júlio I; Papa Leão I, o Grande; Papa Leão II; Papa Leão III; Papa Leão IV; Papa Leão IX; Papa Lino; Papa Lúcio I; Papa Marcelino; Papa Marcelo I; Papa Marco; Papa Martinho I; Papa Nicolau I; Papa Pascoal I; Papa Paulo I; Papa Pio V; Papa Pio IX; Papa Pio X; Papa Ponciano; Papa Sérgio I; Papa Silvério; Papa Simplício; Papa Sirício; Papa Sixto I, II, III; Papa Sotero; Papa Silvestre I; Papa Símaco; Papa Telésforo; Papa Urbano I; Papa Vítor I; Papa Vitaliano; Papa Zacarias; Papa Zeferino e Papa Zósimo.

³⁹⁶ LE GOFF, J. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 31.

³⁹⁷ Santo Anjo do Senhor / meu zeloso guardador / pois que a ti me confiou a Piedade divina / hoje e sempre me governa, rege, guarda e ilumina / Amen.

Quando este Deus se torna um Deus misericordioso, um Deus que é o *Bom Deus*, que protege, os anjos têm sua missão de salvaguarda reforçada, cada um recebe seu anjo da guarda como escudo de proteção contra o *mal*. É importante observar que foi a tradição cristã que sentenciou o *mal* como privação do *bem* que seria Deus.³⁹⁸ No Novo Testamento o *bem* é identificado com Deus e o *mal* com a privação da sua presença, dando-se por aversão e revolta. Satanás, pouco a pouco, vai sendo interpretado como semeador do *mal*, *perversor*, *opositor*, *inimigo* e *mentiroso*, mas não como uma substância do mal, que mediria forças com Deus, já que o mal não existiria enquanto substância, nem mediria forças com Deus; somente existiria a natureza boa, e não a natureza má.

Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é consequentemente chegado a vós o reino de Deus.

Quem não é comigo é contra mim...

... se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste *século* nem no *século* futuro.³⁹⁹

Santo Agostinho, cidadão da cidade – *sujeito cívico*, vai dizer que nenhuma natureza, absolutamente é um *mal* e esse nome não se dá senão à privação de *bem*. Para o santo, os que pensam existir natureza má, originada de princípio contrário, não querem, como causa da criação das coisas, admitir a bondade de Deus, e viram sua natureza boa misturada com o mal, ao intentar reprimi-lo e vence-lo, e torpemente manchada e cruelmente oprimida e cativa, com dificuldade pôde purificá-la e livrá-la, isso, segundo o santo, com grande trabalho e não por completo, e a parte que não pôde purificar da mancha é máscara e vínculo do *inimigo* vencido e preso.⁴⁰⁰ Para Santo Agostinho o *mal*

³⁹⁸ AQUINO, T. *Sobre o Mal (Quaestiones Disputatae de Malo)*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005, Tomo I, XVII.

³⁹⁹ Mateus, 12:28; 12:30; 12: 32. Passagem parecida se encontra em Lucas, da expulsão do mal por Cristo, 11:20 “... se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o reino de Deus”, 11:23 “Quem não é comigo é contra mim...”.

⁴⁰⁰ AGOSTINHO, A. *A Cidade de Deus: contra os Pagãos*. São Paulo: Universitária São Francisco, 2006, vol. 2, p.41, 42. Ver a edição portuguesa com a tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. II, p. 1042. “Não é muito de admirar, com

não seria uma natureza, mas a corrupção dela; uma natureza má seria uma natureza corrompida, mas não seria má enquanto natureza, e sim naquilo em que se *degenerou*.⁴⁰¹ Para o santo, os *inimigos* de Deus não o são por natureza, *mas por vontade*; nas escrituras chamam-se *inimigos* de Deus os que, não por natureza, mas por seus vícios, se lhe opõem aos mandados, seriam segundo o santo, *inimigos* por sua *vontade de resistência*.⁴⁰²

Quando a natureza viciosa é castigada, além da natureza, é bom também *não* ficar impune.⁴⁰³

Todo esse ódio assassino contra o “*mal*” é a força probatória exemplificada historicamente pelo rei dos Hunos *na* dimensão imaginária dos patriarcas cristãos, sobretudo dos puros santos do século V – Aurelius Augustinus ou Aurélio Agostinho de Hipona (354 – 430). Pensar o “humano” enquanto categoria do universo cristão seria pensar a *identidade* e a *representação* na eliminação e extermínio da *diferença* gerando ou fazendo nascer o “*inumano*” – categoria metafísica do *inimigo*. O desprezo do *estrangeiro* e a ideologia do mal *em* guerra com a pureza do humano será o modelo principal dos grupos dominantes cristãos e amplamente aceito pela

certeza, que aqueles que crêem na existência de uma natureza má, proveniente de e propagada por algum princípio contrário, se recusem a ver na bondade de Deus, autor dos seres bons, a causa da criação – preferindo crer que Deus foi levado a criar esta grande mole do Mundo pela extrema necessidade de repelir o mal que contra ele se levantava. E para o reprimir e superar, misturou ao mal a sua natureza boa, e esta, assim poluída da mais vergonhosa forma e oprimida pela mais cruel servidão, apenas pelo preço de pesados esforços consegue Deus purificá-la e libertá-la, não inteiramente porém: mas a parte que não pôde ser purificada desta contaminação tornar-se-á envoltório e liame do inimigo vencido e aprisionado. Não teriam assim caído em delírio, se considerassem a natureza de Deus como ela é na realidade: imutável e absolutamente incorruptível, nada lhe podendo ser nocivo” (Livro XI, Cap. XXII).

⁴⁰¹ AQUINO, T. *Sobre o Mal (Quaestiones Disputatae de Malo)*, Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005, Tomo I, XVII.

⁴⁰² AGOSTINHO, A. *A Cidade de Deus: contra os Pagãos*. São Paulo: Universitária São Francisco, 2006, vol. 2, p. 63 - 64. Ver a edição portuguesa com a tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. II, p. 1085. “Na Escritura dizem-se inimigos de Deus os que, não por natureza mas por seus vícios, se levantam contra a sua autoridade. São seus inimigos pela vontade de lhe resistirem e não pelo poder de O atingirem. Deus é imutável e absolutamente incorruptível”. (Livro XII, Cap. III).

⁴⁰³ AGOSTINHO, A. *A Cidade de Deus: contra os Pagãos*. São Paulo: Universitária São Francisco, 2006, vol. 2, p. 63 - 64. Ver edição portuguesa, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. II, p. 1086. (Livro XII, Cap. III).

crisandade. A ampla unidade da Idade Média européia era denominada *República Cristã* – um território aberto à missão cristã; podendo ser adjudicado a um soberano cristão por encargo papal. Os demais territórios de outros impérios eram considerados inimigos – *território inimigo* – que poderiam ser conquistados e anexados posteriormente por meio das cruzadas. Tais guerras tinham uma *causa* justa e representavam, declaradas pelo Papa: “*guerras sagradas*”.⁴⁰⁴ Neste sentido, as expedições bélicas de peregrinos cristãos que iam armados a Jerusalém (*cum armis Jherusalem peregrinati sunt*) provavelmente podem ser chamadas “*guerras santas*” segundo a leitura ideológica schmittiana. O solo dos próprios soberanos e povos cristãos europeus haviam se dividido, *mas* o essencial é que dentro do *território cristão*, as guerras entre soberanos cristãos seriam guerras internas que se diferenciavam das guerras contra soberanos e povos não cristãos. Estas guerras internas não interromperiam a *unidade* da República Cristã. Isso significa que estas guerras internas não suspendem ou negam a ordenação ou *vontade de decisão* do papa. Em consequência, a história da idade média seria uma história de combates em torno de Roma e não contra Roma. O fundamental deste império cristão e seu imaginário seria a de um império eterno com seu *poder simbólico histórico* do *kat-echon* capaz de deter o *mal* – *anti-cristo*.

Também era fonte do *mal* a existência material, a carne, o sexo feminino, que impedia os homens de alcançarem a *união espiritual* com Deus. Para libertar a alma e permitir que ela se dedicasse às atividades espirituais, esses males precisavam ser vencidos; desejos da carne deviam ser desprezados. Esses *dogmas cristãos*, “agostinianos”, inseridos à óptica da “*longa duração*” (Le Goff)⁴⁰⁵ ou “*secularização*” (Schmitt)⁴⁰⁶ (que com suas

⁴⁰⁴ SCHMITT, C. *El Nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005, p. 38.

⁴⁰⁵ LE GOFF, J. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 18.

⁴⁰⁶ SCHMITT, C. *A Crise da Democracia Parlamentar*. São Paulo: Scritta, 1996, p. 109; *Teologia Política*, Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 35 e 141. Para Hans Blumenberg, *secularização* é uma categoria da ilicitude/ injustiça histórica. Ver BLUMENBERG, H. *The Legitimacy of the Modern Age*. Cambridge: The MIT Press, 1995. Seguindo a mesma posição ver também CHAUI, M. *O Retorno do Teológico-Político*. In *Retorno ao Republicanismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

diferenças, o impacto ideológico acaba sendo o mesmo) exerceram enorme influência nas posturas em relação às mulheres e ao sexo e refletem até hoje o desprezo do *outro*. As mulheres eram consideradas agentes principais da perpetuação de desgraças do mundo físico. Teólogos chegaram até a discutir se a mulher teria ou não uma alma; mulheres, sexo e corpo humano, assim como todos os prazeres terrenos, foram oficialmente considerados distrações e tentações que poderiam atrair o homem para outras atividades, desviando-o do sagrado caminho espiritual. Em *A Cidade de Deus*, ao investigar a violação das virgens católicas romanas pelos bárbaros que invadiram o Império Romano, dizia que elas seriam perdoadas por Deus se não tivessem gozado – o estupro seria pecado para a estuprada se ela participar do gozo. Após sua conversão, Santo Agostinho tornou-se um importante intérprete da doutrina e das Escrituras sagradas, trazendo uma visão de mundo *dualista* e misógina.⁴⁰⁷

Num vôo da imaginação,⁴⁰⁸ quando a “Cidade Eterna”, *representação simbólica* de “civilização” e “cultura”, inviolada na sua pureza durante oito séculos, caiu diante do *mal*, na figura do chefe bárbaro Alarico, rei dos visigodos, o impacto na *dimensão imaginária* dos hagiógrafos medievais foi terrível, fornecendo histórias sobre o *bem* e o *mal* e a divisão dos mundos na cidade de Deus. Os vândalos sob a pressão dos romanos e dos visigodos em expansão, mudaram-se para as províncias romanas da África. Nesta mudança, através do estreito de Gibraltar, uma por uma das cintilantes cidades romanas caíram nas mãos do *mal*: “vândalos esfomeados”.⁴⁰⁹ O povo de Hipona (atual Argélia) reuniu-se em defesa e guarda de sua cidade sob ordens de seu Santo Bispo, Aurélio Agostinho, cuja obra *A Cidade de Deus* será o fundamento da Teologia política da Idade Média até os tempos modernos. A Idade Média vai anexar à Teologia, convertendo em seus apêndices, todas as demais formas ideológicas: a filosofia, a política, a jurisprudência; obrigando com isso, todo movimento social e político a revestir-se de uma forma teológica – teológica-

⁴⁰⁷ STARBIRD, M. *Maria Madalena e o Santo Graal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 80, 81.

⁴⁰⁸ FREUD, S. *El malestar en la cultura* (1929) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 70.

⁴⁰⁹ SIMONS, G. *Os Bárbaros na Europa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p. 39.

política; ao espírito das massas, alimentando exclusivamente com a religião.⁴¹⁰ Pergunta-se respondendo o próprio Carl Schmitt: “Por que a remissão ao livro *A Cidade de Deus*? Na poderosa obra de Santo Agostinho existem alguns capítulos de incrível atualidade e força probatória, como por exemplo, as lamentações *humanas* face ao genocídio de migrações de povos”.⁴¹¹ Neste Livro deve-se procurar a Verdade e o Bem seguindo o caminho do Ser, inscrevendo-se *na* Cidade de Deus. Nesta comunhão de fé e sabedoria na direção do divino, podem os homens escapar do *mal*. O homem pode procurar completar suas carências incluindo-se *na* cidade de Deus. Deus não é oposto do *mal*; só o homem pode desejar o *mal*, pois pode escolher a carência. “Se falho, sou”: existe o livre-arbítrio e não o mal absoluto; ideologicamente o mal absoluto existindo no medo do não idêntico. A existência falha e carente do homem é sempre um testemunho da existência do Completo, *Deus*. Deus através de seu Verbo, dito e codificado pela hierarquia da Igreja.⁴¹² O amor por referência e reverência a Deus – *Soberano*. Santo Agostinho separou cidade divina e a cidade terrena: “os que se associam no amor àquele fim terreno forma o estado terreno ou a Cidade do Demônio; os demais, *unidos* pela caridade, formam o Estado de Deus ou Cidade Celeste. Naqueles predomina o amor às coisas temporais, nestes, o amor a Deus na caridade”.⁴¹³ Como registra Chaim Samuel Katz: “A Cidade de Deus ‘é uma comunidade espiritual’”⁴¹⁴ em *unidade* em torno do Único – soberano. Nesta dimensão imaginária o reflexo direto da *Cidade de Deus*, onde se conhece *um* só Deus a quem se deve absoluta servidão, a cidade terrena terá seus *mártires* exibindo *seus sofrimentos* atraindo a devoção ou piedade *das* massas – *afetação* ostensiva e simulada da religiosidade. Como principal codificador cristão, o agostinianismo é também uma enorme força *disciplinadora* das massas e de *controle* das almas. Além de requerer medidas de ser para o *humano* – quem mais se aproxima de Deus é menos *mal* – iniciar-se-á através de suas lições a

⁴¹⁰ ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. In *A Ideologia Alemã*, São Paulo: M.C, 2004, p. 136.

⁴¹¹ SCHMITT, C. *Teologia Política*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 123.

⁴¹² KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 66.

⁴¹³ GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 198.

⁴¹⁴ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 68.

necessidade de evitar o *mal* caminhando ou marchando na direção dos princípios divinos. O homem que não reconhece o favor ou auxílio gratuito outorgado por Deus está na rota do *mal*.

Em sua sentença declarará séculos mais tarde Santo Tomás de Aquino: “os abençoados no reino dos céus verão as penas dos danados, para que sua beatitude lhes dê maior satisfação”.⁴¹⁵ Nessas circunstâncias a História oficializada pelo cristianismo enquanto corpo teológico dogmático seria a história *da* crueldade legitimada *em nome do simbólico soberano* – crueldade cristianizada. Um dos principais padres da Igreja da corrente latina, Tertuliano, exorta os fiéis cristãos que abdicuem prontamente dos prazeres proporcionados pelos espetáculos mundanos, por considerar que a vida religiosa ofereceria um *gozo* muito mais duradouro. Em um dado momento de seu Livro refere-se acerca da punição que os pecadores encontrarão *no* inferno e da grande cena que os cristãos fiéis poderão desfrutar:

Mas restam outros espetáculos, aquele último e perpétuo dia do juízo, aquele dia não esperado pelos povos, dia escarnecido, quando tamanha antigüidade do mundo e tantas gerações serão consumidas num só fogo. Quão vasto será então o espetáculo! Como rir! Lá me alegrarei! Lá exultarei, vendo tantos e tão grandes reis, de quem se dizia estarem no céu, gemendo nas mais fundas trevas, junto ao próprio Júpiter e suas testemunhas. Do mesmo modo os líderes, perseguidores do nome do Senhor, derretendo-se em chamas mais cruéis do que aquelas com que eles maltrataram os cristãos! E também aqueles sábios filósofos, que diante dos seus discípulos tornam-se rubros ao se consumirem no fogo, juntamente com eles, a quem persuadiam que nada pertence a Deus, a quem asseguravam que as almas ou não existem ou não retornarão aos corpos antigos!⁴¹⁶

⁴¹⁵ AQUINO, T. *Suma Teológica (Suplemento, Questão 94)*. São Paulo: Loyola, 2002.

⁴¹⁶ TERTULIANO. *De spectaculis*. Disponível em: www.tertullian.org/latin/de_spectaculis.htm

Encontrando o melhor meio de satisfazer a vingança, anseiam por fazer expiar e por desempenhar papel de carrascos. Nesta direção a *Cidade de Deus* será instalada *no* inconsciente das massas humanas (inconsciente coletivo) reconhecendo o Deus cristão e suas *mensagens* enviadas *pela* igreja. Só haveria salvação para os homens que se *reconhecem* como *humanos* nesta cidade imaginária dimensionada na Jerusalém terrestre que será definida desde o saber oficial e a hierarquia da Igreja – seus *representantes* terrenos.⁴¹⁷ Existir é estar com Deus – *soberano cristão* – e a vontade e a razão devem seguir os princípios *da* identidade que encontram-se de uma única fonte: *Deus*. Numa forte dose teológica em que o poder da *imago* se faz *estrutural*, em obediência à *hierarquia* responsável pela organização *humana* da cidade de Deus nasce à organização dos *humanos* na cidade terrenal.

Em uma história entendida como linearidade cronológica, quase mil anos depois, a *repetição do mesmo*, se dá numa superfície cristã: um *som inumano* causada pela reflexão de ondas sonoras no pavor universal desta dimensão imaginária leva Santo Tomás de Aquino (Doutor Angélico), em sua inércia, a elaborar a idéia de “bem e mal”,⁴¹⁸ entendendo o *mal* (*malum*) geralmente com referência ao *bem* (*bonum*), numa política missionária que rasteja através *dos* séculos, na tentativa de *submeter* o diferente, estrangeiro ou “de fora” aos *dogmas* da cristandade. Para o Aquinate é “necessário compreender *o que seja o mal*, para evitá-lo e combatê-lo com êxito”.⁴¹⁹ “Na perspectiva cristã, o Bem Supremo, que é Deus, além de ser a resposta adequada ao problema do mal, será o epílogo da trajetória da humanidade, pois tudo convergirá a Ele, como à fonte de onde promanam todos os bens e o fim a que todos se dirigem. Isto ficou plasmado na própria definição de mal que a tradição ofereceu e o Doutor Angélico resgatou: o mal como privação do bem.”⁴²⁰

⁴¹⁷ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 67.

⁴¹⁸ AQUINO, T. *Sobre o Mal (Quaestiones Disputatae de Malo)*, Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005, Tomo I.

⁴¹⁹ Discurso do Prof. Dr. Paulo Faitanin do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense - UFF, bloco “O”, 3.o. andar.

⁴²⁰ AQUINO, T. *Sobre o Mal (Quaestiones Disputatae de Malo)*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005, Tomo I, p. II.

Estrategicamente estrutura-se um Ocidente “puro” e “limpo” da sujeira, dos que não fazem parte da “Cidade de Deus”. A *potência* e os *instintos* – referência histórica aos grupos considerados “bárbaros” – “*inimigos*” – que tanto causou *medo* ao cristianismo, e que mostrou a necessidade cristã de seu *apagamento* (extermínio físico e destruição dos arquivos dos que tentaram escrever a história a contrapelo), revela-se nesta leitura tomista como *malum*, indispensável para produção ideológica de uma *unitária* cidade de Deus – *mundo civilizado* onde suas portas estarão abertas somente para o *bonum*. E o *bem* não é simplesmente um utensílio de que se pode usar, mas uma relíquia que se deve *guardar*.⁴²¹

O efeito real deste *imaginário cristianizado* é que o não cristão é visto como não humano, conseqüentemente um *animal* – *irracional*, cuja *alma* se corrompe juntamente com o *corpo* no extermínio secular.

Contemporâneo a Santo Tomás de Aquino, estava aquela *força* a *romper* com o Ocidente cristão. Como dirá Nietzsche: “Na história da humanidade as forças mais selvagens abrem caminho, e, embora destrutivas, de início a atividade delas foi necessária para que, mais tarde, um modo de vida mais suave aí erguesse sua morada. As *energias terríveis* – aquilo que se chama o Mal – são os ciclópicos arquitetos e construtores de caminho da humanidade”. Nesta época, metade do mundo “civilizado” tremeu diante de um ataque de *ferocidade* de tamanha *força*, inspirando as hordas dos mongóis um pavor universal *no* imaginário dos cristãos, a começar por aquele que talvez tenha sido um dos maiores dogmáticos da cristandade: Santo Tomás de Aquino.

No Ocidente cristão, os mongóis eram *identificados* em sua terrível diferença como a detestável *nação satã*, perfurando as sólidas rochas do Cáucaso, eles se espalharam como demônios do inferno de Tártaro. Assolaram a face da Terra como uma praga de gafanhotos e causaram uma devastação terrível na parte oriental da Europa, flagelando-a com fogo e carnificina *no imaginário do mal*. Os mongóis eram vistos como *demônios* de face diabólica e longa barba cinzenta; os mulçumanos os conheciam como os amaldiçoados de

⁴²¹ CHESTERTON. G.K. *Orthodoxy*. San Francisco: Ignatius Press, 1995, p. 84.

Deus, as antigas civilizações islâmicas da Pérsia e da Turquia quase foram extintas por eles. No imaginário cristão, consta que seu líder Gêngis Khan teria dito:

A maior alegria de um homem é a vitória: conquistar o exército de um inimigo, persegui-lo, privá-lo de seus pertences, reduzir sua família às lágrimas, cavalgar em seus cavalos e possuir suas esposas e filhas.⁴²²

Suas mulheres, que além de preparar a comida e o equipamento, participavam de operações de “limpeza”, tais como degolar os *inimigos* feridos. No imaginário cristianizado, pintura do artista inglês Matthew Paris do século XIII, os guerreiros mongóis se alimentam de carne humana numa fogueira, vítimas mulheres estão amarradas numa árvore enquanto um cavalo mongol come a árvore. Durante a invasão da Polônia e da Hungria, europeus cristãos acreditavam em todas as histórias fantasiosas sobre atrocidades dos mongóis, proclamadas por padres, que Deus teria enviado estas bestas para punir os pecados da humanidade. Um monge aterrorizado escreveu:

Virgens foram estupradas até morrerem de exaustão; então seus seios foram cortados fora para servirem de acepipes aos chefes deles.⁴²³

A Europa cristã começava a ouvir os primeiros rumores da marcha e das aterrorizantes histórias dos mongóis. Geórgia, *reino cristão* havia quase mil anos, estava no auge do poder com a rainha Tamara. Os georginos relembram o reinado de Tamara como uma época de frutos: na arquitetura, palácios e mosteiros, ícones e evangelhos trabalhados em ouro, a arte financiada pelo solo fértil e pelos mercadores que transformaram o reino cristão ligando-o a Rússia e Khwarezm.⁴²⁴ Sob a marcha dos cavalos mongóis, o reino cristão e

⁴²² ALLAN, T. *Conquistas Mongólicas*. Rio de Janeiro: Abril, 1991, p. 13.

⁴²³ *Idem*, p. 25.

⁴²⁴ MAN, J. *Gêngis Khan*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 197.

seu exército comandado por Giorgi o Resplandecente, foram atacados com a velocidade de um redemoinho. Rusudan, herdeira de Giorgi, escreveu ao Papa:

Um povo selvagem dos tártaros, de aspecto infernal, vorazes como lobos na sua fome de despojos e corajosos como leões, invadiu meu país...⁴²⁵

O Ocidente tentou fazer várias aproximações com os mongóis, na tentativa de convertê-los ao Cristianismo. Entre as tentativas, destacaram-se as *missões* de dois frades, Joannes Pian del Carpine e Guilherme de Rubruck. Carpine em 1245 foi a primeira exploração europeia de que se tem registro na Ásia, descrevendo sobre uma terra onde cada homem teria a *forma* de um cão. Guilherme, em 1254, lamentou seu fracasso em converter os mongóis: “Tivesse eu o poder de Deus de fazer milagres”.

Todos historiadores missionários voltaram a seus países assombrados com a imensidão do mundo, com tantas coisas que ignoravam e não compreendiam. De um lado coisas reais: elefantes, os pássaros que falavam, as pedras que aqueciam, os carros sem rodas puxados por cães. De outro lado, coisas imaginárias *mas* que estruturaram a realidade dos cristãos: homens com cabeça de cachorro, que moravam nas árvores, cidades cercadas de muralhas de ouro etc. A esta estrutura da realidade dos cristãos:

Em 1241, quando a invasão mongólica se alastrou pelas terras alemães, espalhou-se o boato de que entre os invasores estavam descendentes das Dez Tribos Perdidas de Israel; assim os judeus foram também responsabilizados pelas devastações das hordas mongólicas.⁴²⁶

Quem se der ao trabalho de investigar os inúmeros movimentos anti-judaicos na História europeia desde o início da Idade Média até os dias de hoje

⁴²⁵ *Idem*, p. 199.

⁴²⁶ EBAN, A. *Perseguições e Expulsões*. In *A História do Povo de Israel*. Trad. Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Bloch, 1971, p. 159.

perceberá vários pretextos invocados para lançar as massas contra os judeus.⁴²⁷ Neste imaginário cristão, da mesma *forma* [*Gestalt*] que o “perigo amarelo”, os judeus eram considerados em estreito contato com a *forma* do Diabo. Quando uma região era assolada por uma seca, por uma inundação ou por um terremoto, havia sempre quem atribuísse a *causa* aos judeus, associados com o espírito das trevas. O mesmo se dava quando surgiam as epidemias (pestes), de que os judeus eram sempre *causadores* através das maquinações com *Belzebuth*.⁴²⁸

Nesta “guerra de espécies” [ou do *outro do outro*] o chamado “perigo amarelo”, inimigo a ser combatido, já era conhecido dos historiadores cristãos europeus como *espectros malignos* que desde o século V, quando os Hunos, liderados por Átila, promoveram ataques e conquistas em vários países. Destes historiadores, consta que nas baixadas do norte do Cáucaso (atual Chechênia), os mongóis se depararam com um grande *inimigo*: os *polovtsi*, um povo nômade de origem turca, possuindo uma flexível mistura de pesadas máquinas de guerra, além de arqueiros montados. Na dimensão imaginária do mal intensificada pelos historiadores cristãos os mongóis destruíram os *polovtsi* e os sobreviventes fugiram para Rússia, deixando os mongóis como donos das estepes ao norte da Criméia.

Dirigindo-se para o sul da Criméia, pela primeira vez, os mongóis encontraram europeus de um império diferente: o *império mercantil* de Veneza. Os mercadores venezianos perceberam de imediato o potencial dos recém-chegados. Os mongóis eram ricos, com selas e arreios recobertos de prata e vestiam seda por baixo da cota de malha; tinham um exército de intérpretes, um grupo de ávidos mercadores mulçumanos; e pela força das armas podiam se apossar do que quisessem. Os venezianos também eram úteis para os mongóis com seus veleiros, contatos comerciais e com o acesso a um *novo mundo* de bens e mercadorias.⁴²⁹

A vastidão do Império Mongol permitiu pela primeira vez, um tráfico intercontinental *de* mercadorias. Por alguns anos, na metade do século XIII, as

⁴²⁷ IZECKSOHN, Isaac. *O Anti-semitismo*. São Paulo: Formosa, 1954, p. 97.

⁴²⁸ *Idem*, p. 98.

⁴²⁹ MAN, J. *Gêngis Khan*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 200.

principais artérias da Ásia e da Europa estiveram abertas pela “*Pax Mongólica*”, uma *dimensão imaginária* de paz mantida pelo *terror*, eficaz ao ponto de tornar *realidade* a garantia da viagem segura para mercadores e missionários. Na corte do Grande Khan os viajantes encontravam uma mistura de enviados papais de Roma e monges budistas da Índia, de artífices da França, Itália ou China e mercadores vindos de Java, Pérsia e Ceilão. Metade ocidental da cristandade escapou da conquista mongol; o Império Nômade Mongol não foi convertido a *religião cristã*, no entanto, foram dominados pelo *reino mercantil* e seus efeitos fetichistas. “Para um asiático, a cor branca tornou-se a insígnia da mais extremada decomposição”.⁴³⁰ Mas, a ambição de conquistar almas, a “pesca de almas”,⁴³¹ subsistirá.

De qualquer forma, *na* realidade, os mongóis formaram o maior império exterior que o mundo jamais vira (30 milhões de quilômetros) e Gêngis Khan, *no* imaginário do desconhecido, do estrangeiro, do asiático, do *de fora*, do diferente, do outro [outro do outro], enfim, foi *símbolo* maior do gênio militar de todos os tempos, proclamado “Senhor da Terra”. Como um animal de horda, *afigurou-se* na forma ou figura do perigoso e intolerável [“inimigo”].

Somente na desconstrução e destruição destes *complexos de imagens* cristianizadas – *imago* cristianizada – constitutivas da própria realidade é que o caminho para um novo pensamento pode ser aberto e a compreensão do “humano” e de sua “política” confluirão para um pensamento *animot*.

Desconstruir destruindo todas as *imagos* determinadas que essa incondicionalidade missionária soberana pôde representar na História.

Aqui, o “medieval” *não* entra por uma História da Filosofia, *mas* por uma Filosofia da História.

O mundo das cidades: que ignora tudo acerca das estepes, do real das savanas, do mundo das montanhas, de rios e florestas, dos animais e do mágico pensamento do deserto.

⁴³⁰ ARTAUD. A. *O Teatro e a Cultura*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 4.

⁴³¹ HERRMANN. P. *A Conquista da Ásia*. Trad. João Távora e Marina Guaspari. São Paulo: Boa Leitura, s/ data, p. 267.

O homem é um *animal* de horda – e as cidades foram construídas para serem destruídas.

Descentrou-se, colocou-se, *fora* das portas da Cidade.

*Não creio na existência de seres cujo estado interior seja idêntico ao meu,
posso quando muito supor que tais seres existam,
porém que ao redor de sua cabeça como ao redor da minha
voje incessantemente o secreto corvo, é coisa que sequer posso imaginar.*

*A sistemática destruição de mim mesmo no decorrer dos anos é estupenda
F. Kafka, 17 de outubro de 1921 **

* KAFKA. F. *Diários* [1910-1924]. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, s/ data, vol. 10, p. 136 - 137.

6. Sob a sombra da suástica

– tecnologia, guerra e fascismo (e cibernética)

Somado a culpa cristã ao peso da cruz e sua sombra secular, *peste emocional do homem*,⁴³² o sofrimento da humanidade “secularizada” intensifica-se com a crueldade da segunda natureza em excesso: o início da Primeira Guerra Mundial, revelando o excesso da sociedade industrial na exceção.

Diante do espírito cristão de rebanho das massas “secularizadas” a tecnologia das sociedades industriais habilitou-as a eliminar o conflito social por efeito de assimilar a *multidão* transformando-as em *massas*, as últimas forças de dissensão superadas. Este espírito em sua própria estrutura moralista, manifestação desta peste, revela-se historicamente, por exemplo, no fascismo internacional do século XX, na Inquisição Católica e outras formas epidêmicas da peste emocional,⁴³³ sempre na perspectiva das massas de rebanho guiadas pela fantasia [*fantasias inconscientes*]⁴³⁴ na figura do soberano ou de uma instância exterior. Registra-se aqui esta “peste” como um investimento afetivo que as condições formais e tramas das racionalizações não explica nem justifica e cuja análise permite estabelecer uma identificação inconsciente com complexos de representações inconscientes; peste investida afetivamente na concepção de um *símbolo*; o “verdadeiro símbolo não é de natureza intelectual, mas afetiva”.⁴³⁵

⁴³² REICH, W. *O Assassinato de Cristo: A Peste Emocional da Humanidade*. Trad. Carlos Ralph Lemos Viana. São Paulo: Martins Fontes, 1987; *A Peste Emocional*. In *Análise do Caráter*. Trad. Ricardo Amaral do Rego. São Paulo: Martins Fontes.

⁴³³ *Idem*, p. 461.

⁴³⁴ FERENCZI, S. *Transferência e introjeção*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise I, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 1, p. 88.

⁴³⁵ FERENCZI, S. *Ontogênese dos símbolos*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2, p. 116.

A consideração exclusiva de condições formais do mundo extensivo do recalcado historiador ou do discurso com a capa da Filosofia pode facilmente induzir o fazer nascer *no* espírito – movimento circular à figura do círculo. “Sejam quais forem as divagações dos historiadores ou da medicina sobre a peste, creio que é possível concordar quanto à idéia de uma doença que seria uma espécie de entidade psíquica, e que não seria veiculada por um vírus; (...) a peste mais terrível é a que não divulga suas feições”,⁴³⁶ não falta nenhum pedaço, sem lesão visível, sem matéria perdida; o pestífero não apresenta apodrecimento de nenhum de seus membros.

Este “*espírito da técnica*” [*l’esprit de la technique*]⁴³⁷ – *pestilento* – consuma-se pela primeira vez em escala planetária pelo controle belicista da tecnologia, o perigo mortal da tecnologia militar, tecnologia *moderna*. “A técnica traiu a humanidade e transformou a união nupcial num mar de sangue”.⁴³⁸

Por razões ainda não explicadas, seria interessante neste momento, diferenciar *massa* de *multidão*. Enquanto a chamada “*multidão*” expressaria o imaginário sentimento de transformação social e a potência liberal empreendedora dos membros de uma dada sociedade, a *massa*, por sua vez, seria a desarticulação política dos indivíduos enquanto membros dessa sociedade, alienados pelo “poder” “teológico político” e sua representação maior. Não que esta desarticulação e esferas de representação não existam diante da “*multidão*”, pelo contrário. Ambas encontram-se diante de um sistema de representação e “*técnicas teológicas*” [*techniques théologiques*].⁴³⁹

A nomeada “*multidão*” no imaginário do intelectual liberal “ativo”⁴⁴⁰ [*pathos vitalista*] seria a multiplicidade de sujeitos e presenças ativas nesta “atividade” composta de inúmeras diferenças internas que neste imaginário

⁴³⁶ ARTAUD, A. *O Teatro e a Peste*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 13 - 15.

⁴³⁷ BENJAMIN, W. *Vers le planétarium*. In *Sens unique*. Traduit par Jean Lacoste. Paris: LN Maurice Nadeau, 1972, p. 242; *Para o planetário*. In *Imagens de pensamento*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 68.

⁴³⁸ “*La technique a trahi l’humanité et a transformé la couche nuptiale en un bain de sang*” BENJAMIN, W. *Vers le planétarium*. In *Sens unique*. Traduit par Jean Lacoste. Paris: LN Maurice Nadeau, 1972, p. 242.

⁴³⁹ DELEUZE, G. *Différence et Répétition*. Paris: PUF, 2008, p. 338.

⁴⁴⁰ ŽIŽEK, S. *Violência - Seis Notas à Margem*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água editores, 2009, p. 188.

nunca poderiam ser reduzidas a uma unidade ou identidade única, pois seria uma multiplicidade das diferenças singulares, marcadas pela heterogeneidade e sua retórica. Esta “*multidão*” poderia ser compreendida como um grande corpo de indivíduos caracteristicamente diferentes entre si nos mais diversos modos de expressão, mas que, apesar dessas diferenças singulares, adquiriram a capacidade de mobilização política associada a partir da apropriação de afetos [“*ativos – alegria*”⁴⁴¹] – que também não deixam de ser afetos da ordem do discurso – favoráveis ao desenvolvimento da potência de agir, intensificando a ação política, conseqüentemente sua transformação na noite mais escura da História. Mesmo que esta “potência” esteja impedida de ser potência por um inconsciente “secularizado” na linguagem referida a dimensão da voz e não podendo ser afetado, ao menos afetado como deveria ser?

Perda da *experiência* [*Erfahrung*] dos afetos. Construído sob esta perda, o afeto da ordem do discurso, longe da atividade narradora da experiência, transforma estes elementos num *círculo* da pureza “secularizada” de indivíduos virtualmente solitários, ou “o burguês que já é virtualmente o nazista”.⁴⁴² É uma moralidade totalmente burguesa aquela que diz: “Em certos momentos eu posso fechar a porta”.⁴⁴³ A pregação deste *círculo* determinante no qual os elementos de uma linha são obtidos com os deslocamentos para a direita dos elementos da linha anterior - excetuando-se o primeiro, que é o último elemento da linha anterior missionam a Terra enquanto degradação da “*Erfahrung*”. Esta peste parece afetar todos os lugares do corpo em que a vontade humana, a consciência e o pensamento estão prestes e em via de se manifestar.⁴⁴⁴ Então, formando um grande corpo político com suas diferenças,

⁴⁴¹ ROSSET, C. *Alegria - A Força Maior*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

⁴⁴² ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 145.

⁴⁴³ “*C’est une moralité tout à fait bourgeoise qui dit: ‘À certains moments, je peux fermer la porte.’*” LEVINAS, E. *L’asymétrie du visage* (1986) In *Grands articles Emmanuel Levinas*. Paris, PUF, 2006, p. 120.

⁴⁴⁴ ARTAUD, A. *O Teatro e a Peste*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 16 - 17.

esta “*multidão*” romperia com a história dos dominantes, uma potência da multidão tão potente na afirmação desta potência e pela potência.⁴⁴⁵

A crença na multidão e sua mitificação revela-se no pensamento contemporâneo massificado pelo intelectual burguês. Posição distante de Walter Benjamin quando desperta os “últimos escravizados” [*la dernière classe asservie*],⁴⁴⁶ intensificando a força política pulsional pela força messiânica para ruptura histórica e sua *rememoração*. Por outro lado, a multidão só é multidão se for multidão do *animot* – *multitudo animot* [do homem como um animal de horda]. Já se disse que “o melhor amigo do bicho é o bicho”⁴⁴⁷ – a *bicharia* possui uma *linguagem* diferente da diferença europeia e seus centros intelectuais secularizados ou *com* condição. Na música e com a música, a doce música silenciosa e solitária “o animal é tão bacana, mas também não é nenhum banana”,⁴⁴⁸ expressaria a *força animot* para além de uma “*multitude*” de *humanos* ou corpos *humanos*.

Há a possibilidade, para o homem, de pensar, de se engajar, de cuidar do outro [*do outro*] antes de prosseguir na persistência de seu próprio ser.⁴⁴⁹ Os “spinozistas” nos fazem descobrir um não-spinoza depois de Spinoza, criando uma pureza angelical no espírito dos jovens cristãos. Multidão burocrática e afetos pensados – *da ordem do* discurso. O mundo da pureza dos afetos, institucionalizado, sem a aparente escolha política, condiciona e faz avançar o projeto secular metafísico, legitimando através da “crítica” acrítica uma cidade de Deus – *República do Espírito*. A relação “medo-superstição” gerando servidão ao poder que tanto Spinoza criticou, “o medo é a causa que

⁴⁴⁵ Tentamos estudar a expressão de “multidão” e sua “potência” em 2005 na cidade do Rio de Janeiro. GALVÃO JR. J.C. *Relações de Força: Vontade de Potência Politizada ou do Eterno Retorno Político*. Rio de Janeiro: NPL, 2005.

⁴⁴⁶ BENJAMIN, W. *Sur le concept d’histoire* (1940). Thèse XII. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 437.

⁴⁴⁷ *Os Saltimbancos*, 1977.

⁴⁴⁸ *Idem*, música *Bicharia*.

⁴⁴⁹ “Il y a la possibilite pour l’homme de penser, de s’engager, de s’occuper de l’autre avant de poursuivre la persistance dans son propre être.” LEVINAS. E. *L’asymétrie du visage* (1986) In *Grands articles Emmanuel Levinas*. Paris, PUF, 2006, p. 120.

mantém e favorece a superstição⁴⁵⁰ é legitimada pelo discurso reificado dos próprios “spinozistas” na modernidade.

A multidão *na* modernidade é como o operário no processo do trabalho industrial em uma operação *automática*, sem *experiência* [*Erfahrung*], vivem suas vidas como autômatos, inerentes à atividade do escravo assalariado em uma fábrica ou qualquer instituição. Seres humanos autômatos e o *inconsciente cibernético*,⁴⁵¹ autômatos, isolados da experiência e seus inconscientes – inconsciente coletivo – repetindo exatamente o mesmo num movimento automático.

Este tipo burguês de passante perde a capacidade de receber traços do mundo, traços de intensidade; incapaz de se relacionar com a história, na pureza das teorias dos afetos, insensível ao apelo do passado, reproduzindo a vitória dos dominadores, teólogos e grandes industriais; incapaz de ativar sua memória histórica, de trabalhar o passado e ter uma convivência baseada não na culpabilidade, mas na força de um aparelho pulsional. Até mesmo a *pulsão* consegue passar – *passe* – pelo estetismo; quando não, é moralizada como *sinthoma*. Este intelectual vem do círculo dos “*Neo-patéticos*”,⁴⁵² pensadores ligados a um núcleo proto-expressionista de Berlin, o “*Neuer Club*”, onde circulavam idéias marcadas pelo decadentismo, o *pathos* vitalista e uma filosofia do “sensacionismo”, com dois mentores principais: Spinoza e Nietzsche. Spinoza crucificado: aos tempos mais sombrios em que foi rodado o filme “*O Judeu Eterno*” em novembro de 1940. Esta platéia também era formada por representantes das artes e da filosofia. Limpeza da alma e conservação do corpo ideologizados *no* sujeito unívoco e crente em si mesmo; o *genocídio* assume aspecto de medida de higiene na pureza do pensamento dos anjos, templários extemporâneos disfarçados com o manto da crítica. Aqui é importante lembrar que o culto do belo encontrou sua beleza *em* excesso nas câmaras de *gás* – *exceção*; o culto da imagem soberana tem sua repetição revelando-se numa Alemanha do século XX em que a imanência em excesso

⁴⁵⁰ SPINOZA, B. *Tratado Teológico-Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 6.

⁴⁵¹ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

⁴⁵² BENJAMIN, W. *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 182.

esconde um drama trágico de tirano (em que o drama trágico não é seu “nascimento”, *mas* renascimento).

Por outro lado, a existência simultânea das intensidades encarnadas na história de uma “soberania” que se expressa *na* ambivalência desta história; no circuito *da* pulsão o sujeito é marcado pela ambivalência e pela coexistência de suas diversas etapas. No *Trauerspiel*, o drama é centrado na vida histórica que pulsa a cada instante. Portanto, a ameaça hoje não é a passividade, mas a pseudo-atividade, a urgência de “sermos ativos”, de “participarmos”, “afirmativos” – *exaltação* da peste [*pathos* vitalista], de mascararmos o *nada* do que se move, comemorando a elevação da Santa Cruz em Jerusalém. Os anjos intervêm a todo instante, estão sempre a “fazer alguma coisa”; os universitários participam em debates sob a capa da “crítica”, e assim por diante. O que é verdadeiramente difícil é darmos um passo atrás, *abstermonos*,⁴⁵³ – recusar: até mesmo para não encarar Walter Benjamin com o espírito lacaniano. É difícil dizer o que se entende por intelectual, mas certamente é aquele que se recusa a fazer compromissos com os dominantes – com a vitória do *Geist*. A *violência divina* é expressão da pulsão no *real estado de exceção* (1940) e não em sua mitificação de 1921.⁴⁵⁴ Mas *aqui*,⁴⁵⁵ parece que Benjamin foi lido com um olhar hegeliano-lacaniano – *lacaniano inquisitorial*. Da *violência divina ao real estado de exceção* as pesquisas foram feitas em 2005 na cidade do Rio de Janeiro, “onde o direito está na rua politicamente como manifestação pulsante”.⁴⁵⁶

As massas *de* rebanho quando são manipuladas pelo nomeado “poder teológico-político” nos jogos de interesses (líderes políticos que oportunamente se aproveitam da credulidade popular), agem através do fluxo de outros afetos devido à sua incapacidade de expandir a sua inerente potência através de uma

⁴⁵³ ŽIŽEK, S. *Violência - Seis Notas à Margem*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água editores, 2009, p. 188.

⁴⁵⁴ BENJAMIN, W. *Critique de la Violence* (1921). Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000.

⁴⁵⁵ Ver o texto *Violence: Six Sideways Reflections* (2008) de Slavoj Žižek. *Violência - Seis Notas à Margem*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água editores, 2009, p. 155 - 177.

⁴⁵⁶ GALVÃO JR. J.C. *Dialectique de la Violence et Rapports de Force / Dialética da Violência e Relações de Força* (edição bilingüe francês / português). 2. ed. Rio de Janeiro: NPL, 2007.

valorização criativa e efetivamente transformadora das condições de vida. Esta *massa humana* permanece num estado de dependência e passividade diante da força simbólica da imagem do poder soberano, em decorrência de sua incapacidade de se mobilizar enquanto corpo político para contestar a arbitrariedade e excessos dos detentores dos meios de produção e meios normativos da ordem social. A *massa* não passa a adquirir o estatuto de sujeito político [grego-cristão-burguês] pois é socialmente desmobilizada e desprovida de um eixo axiológico potente que lhe permita transformar a ordem estabelecida. Seria tolice censurar as massas por não ter o senso do sublime, quando se confunde o sublime com uma de suas manifestações formais – estética – manifestações mortas.⁴⁵⁷ Seria trabalho de mera erudição mostrar que há sempre uma posição política na doutrina dos filósofos liberais ou absolutistas. Desde os antigos a *escravidão* é sistematizada e justificada na criação dos senhores e dos escravos. Não só a filosofia implica sempre uma política, mas que a filosofia se explica e se justifica em razão *do política* [Santo Agostinho e Carl Schmitt são bons exemplos]. As guerras médicas, por exemplo, da Grécia contra os persas [*massas inumanas*], contribuíram para despertar e consolidar a consciência nacional do povo helênico contra o estrangeiro considerado inimigo, por outro lado, a luta intestina, guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta, arruinou a Grécia e preparou sua absorção pelo Império Romano desaguando depois no Cristianismo e suas revelações totalitárias e liberais – todas *civilizações de massas humanas brancas* – repetem-se num retorno eterno. Pode-se dizer “que tudo o que é excessivo [*excesso na exceção*] é branco”.⁴⁵⁸ O Cristianismo⁴⁵⁹ corresponde, como diz Hegel, ao terceiro momento no processo da História, entendida como

⁴⁵⁷ ARTAUD. A. *Acabar com as Obras-Primas*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 83 - 84.

⁴⁵⁸ ARTAUD. A. *O Teatro e a Cultura*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 4.

⁴⁵⁹ Ao Cristianismo é atribuído a principal responsabilidade pela legitimação fundamental do impulso tecnológico do Ocidente para o domínio da natureza. MARTINS. H. *Tecnologia, Modernidade e Política*. In *Hegel, Texas - e outros ensaios de Teoria Social*. Lisboa: Século XXI, 1996, p. 199.

processo da liberdade: todos os homens eram livres em sua essência. “E todos são iguais porque todos são irmãos, filhos do *mesmo Deus*”.⁴⁶⁰

Sobre duas *massas artificiais*: a Igreja e o exército, Freud⁴⁶¹ mostra como estas dependem de uma *instância exterior* ou *externa* para impedi-los de desagregar-se, prevenindo sua dissolução, evitando alterações em sua estrutura. Em uma sociedade massificada, (a)fundada na “secularização” das crenças e da técnica, a Igreja Católica bem como o exército apoiam-se na “ilusão”⁴⁶² *de um líder – sagrado soberano – Deus* (na Igreja Católica, Cristo; num exército, o Comandante em Chefe, Hitler, Bush...). O exemplo histórico probatório desta *união* remete a ida do Papa aos Estados Unidos da América em 2008. Em sua análise política, Freud diz que “tudo depende dessa ilusão”; se ela for abandonada, então tanto a Igreja quanto o exército se dissolvem. Num projeto político secular de dominação a massa é amada pelo líder com um amor sem igual, amor incondicional que também parte das massas. O que *une* cada indivíduo homogeneizado (em sua identidade estrutural) *ao líder na ilusão* de um soberano que comande *seus* espíritos é também o que *une* uns aos outros: o *Pai* ou da primeira pessoa da Santíssima Trindade que ama todos os soldados ou cristãos numa hierarquia da imagem da pureza *do sangue*. Na massa, cada indivíduo renuncia sua individualidade em favor de um objeto externo,⁴⁶³ cuja figura revela-se no líder. O líder passa a representar a soma de todas as perfeições, imagem da perfeição; tudo o que o líder diz ou faz está imune à crítica, os indivíduos massificados se empobrecem radicalmente, esvaziam-se de sua experiência transformando-se num indivíduo massificado. Antes de mais nada, o *símbolo sagrado* se humaniza e tem seu *passo* na forma do homem humanizado.

O *espectro* freudiano se inscreve, portanto, como a contradogmática na luta política com esta Máquina cibernética [*Leviatã-alma-máquina*]. Isto somente para ficar com alguns exemplos da força do poder das instituições

⁴⁶⁰ CORBISIER, R. *Filosofia Política e Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 59.

⁴⁶¹ FREUD, S. *Psicologia de las masas y análisis del yo* (1921) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2008, vol. 18, p. 89.

⁴⁶² *Idem*.

⁴⁶³ ROUANET, S. P. *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990, p. 82.

espalhadas (“Máquinas universais”) sobre a superfície do Ocidente cristão mantendo sob o estatuto da crença a massa cristã “secularizada” na burguesia da “modernidade”. Da ciência dos pontífices o atrativo é *submeter-se* com sentido de hierarquicamente inferior ao “poder teológico-político” na representatividade [simbólico] do sagrado soberano [símbolo], esquecendo aparentemente esta espécie de poder e transformando-o numa tirania burocrática no jogo inconsciente do poder sacrossanto numa superfície de tradição pontificalista. As mais extremas oposições, *Leviatã alma* e *Leviatã máquina*, são abarcadas em seu seio universal – *complexio oppositorum*.⁴⁶⁴ Daí reside o fundamento teológico da “decisão” política no comando estratégico das massas. Um ser invisível torna-se visível pela representação, ou seja, o invisível é pressuposto como ausente e, no entanto, ao mesmo tempo, presente; esta “realidade invisível”⁴⁶⁵ e ausente é o próprio Cristo pessoalmente, o Deus que teria se tornado homem na realidade histórica – *príncipe soberano*. A ordem que sustenta o *político* numa exceção utiliza-se da instrumentalidade técnica, por outro lado a permanência do político simbolicamente sustenta-se naquele que *suspende* esta ordem para instauração de uma “Nova Ordem” dentro de um “*ethos* de convicção”⁴⁶⁶ legitimada pela remissão a uma idéia, a uma realidade que, sendo invisível, é *representável*, ou seja, é passível de ser tornada visível mediante um processo de representação. Tudo depende desta *ilusão*, conseqüentemente o medo de uma dessacralização deste “poder” ou desconstrução desta imagem de soberania; técnica instrumentalizada pela *linguagem* referida a dimensão da *voz – fonética – discurso*.

Para Carl Schmitt, do mesmo modo que a Igreja Católica Romana, o Estado político moderno seria um *complexio oppositorum*. Nele entram em conflito diferentes interesses, perspectivas distintas, culturais e sensibilidades diversas. Mas este Estado “moderno” somente se constituiria como Estado se a multiplicidade dispersa das oposições fosse justaposta uma força agregadora,

⁴⁶⁴ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

⁴⁶⁵ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998, p. 10.

⁴⁶⁶ *Idem*, p. 14.

um princípio de unidade, expresso na “decisão originária” de criação e manutenção dessa mesma *unidade*. *Fala e linguagem* no reino mitológico branco. É ao *reconhecido* humano que detém esta “decisão” que Carl Schmitt chama de *soberano*. O mito branco torna-se um símbolo da libido. Este sagrado humano [sagrado humanizado] possui o *pathos* da autoridade em toda sua pureza – com isso, a *força da representação*.⁴⁶⁷ Identificação da massa com o símbolo libidinal. Daí a necessidade de desconstrução [*desconstrução destrutiva*] do *mito*. Destruição da imagem cristalizada do mito. O homem se avilta ainda quando, já não tendo necessidade de uma *instância exterior*, se proíbe a si próprio o que lhe proibiam, e se encarrega espontaneamente de uma vigilância e de fardos que já não lhe parecem vir do exterior. As massas transferem para o nomeado soberano e perdem sua singularidade. Esta transferência apresenta-se como um mecanismo psíquico que se manifesta em todas as circunstâncias da vida.⁴⁶⁸ Existe uma transferência inconsciente por parte das massas.

Assim, neste processo imaginário de “secularização”, escondendo o teológico *na* técnica, a História da filosofia aos hegelianos, continua a ser a história das extensas submissões do homem e das razões que ele se dá para as legitimar. Na imagem desta caminhada secular a reconhecida razão universal determina o *bem* e o *mal* no domínio das massas. O Papa com seu “poder de decisão” sobre a subjetividade da cristandade em massa, assim como o Comandante em Chefe das Forças Armadas com seu “poder de decisão” sobre o Ocidente, ambos irmãos em Cristo – *unidos* – reúnem cada indivíduo numa massa amorfa, de rebanho. No final da audiência geral de 28 de Janeiro de 2009, o Papa recordou que a missão do Pastor é “o *apelo à unidade*”, e comentando as palavras evangélicas relativas à pesca milagrosa, disse: “embora os peixes fossem muitos, a rede não se rompeu. Oh, amado Senhor, ela a rede agora rompeu-se, queríamos dizer cheios de dor. Mas não devemos ficar tristes! Alegremo-nos pela tua promessa que não desilude e fazemos tudo o possível para percorrer o caminho rumo à unidade que Tu

⁴⁶⁷ Capítulo 4. *Força da representação*.

⁴⁶⁸ FERENCZI, S. *Transferência e introjeção*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise I, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 1, p. 88.

prometeste... Não permitas, Senhor, que a tua rede se rompa e ajuda-nos a ser servos da unidade".⁴⁶⁹ Precisamente no cumprimento desta missão à *unidade da humanidade*, exorta esta *massa humana* a refletir sobre o “poder imprevisível do mal” – *massa inumana* – quando conquista o coração do homem, pois é fermento do Reino de Deus que faz crescer toda a massa⁴⁷⁰ – referindo-se a unidade (baseada na superstição da religião) do *reino cristão*⁴⁷¹ (*Nomos da Terra*: reunião da cristandade e seus territórios) definindo-se como *política do espírito*.

Diante das massas, obviamente, em nossa contemporaneidade, este “poder” não se mantém única e exclusivamente pela superstição da religião. Não sentimos o cheiro da putrefação divina? A *tecnologia* faz isto, em parte, com a *figura* do mal “secularizado” no inimigo, utilizando-se do discurso moral da nomeada “Teologia política”. Por um lado, satisfazendo as aparentes necessidades burguesas, por outro, eliminando as razões de dissensão, protesto, tornando a “multidão” spinozista em instrumentos passivos do sistema dominante; alimentando a identificação afetiva das massas com a ordem estabelecida ou “poder soberano”. O domínio é buscado na dualidade teológica “*amigo-inimigo*” e na ideológica biológica “guerra das raças” [“*espécie*”]. Este “reino”, “Estado Cristão”⁴⁷² – Hobbes o conhecia muito bem, sobreviveu na forma de um poder executivo, um exército e uma polícia bem organizados, bem como de um aparato judicial e administrativo e de uma burocracia eficiente e profissionalmente treinada; cada vez mais este “Estado” passa a ser visto como uma *máquina-teológica* – *guardião* de um *poder fascista* – *guardião da fé*. Na sociedade industrial as *forças* se cancelam na [ii] de uma *unificação superior*, no interesse comum da defesa de uma civilização burguesa cristã, inserida num processo milenar da “mitologia branca”.⁴⁷³ Este interesse comum *de unificação* é reforçado pelo fantasma ou espectro do *inimigo* [hostilizado].

⁴⁶⁹ Disponível na internet: L'Osservatore Romano www.vatican.va

⁴⁷⁰ *Idem*.

⁴⁷¹ SCHMITT, C. *El Nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005, p. 39.

⁴⁷² MARX, K. *Sobre a Questão Judaica*. Trad. Nélcio Schneider Bensaide e Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 33, 34, 37, 39, 42, 43, 44, 45...

⁴⁷³ DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto: Rés, s/ data, p. 265.

Nesta visão de mundo, um espírito supremo, logocêntrico, representado pelo Ocidente soberano, se vale da intensificação da dimensão imaginária cristianizada na idéia de ameaças internas e externas para expandir formas de barbárie de dominação. A subjetividade das massas é conquistada no eterno combate contra *espectros impuros* que ameaçam a cultura e moral ocidental.

Em seus escritos, por exemplo, Marcuse⁴⁷⁴ considera que a *ordem social dominante* encarna um *totalitarismo*, sendo o sucessor natural do *liberalismo*. Está pronto a caracterizar a Alemanha de Hitler e os Estados Unidos, sendo este último, levado a tendências cada vez mais fortes e nítidas que podem ser caracterizadas, principalmente nos discursos soberanos, como semelhantes ao nazismo.

Obviamente, Marcuse não viveu para presenciar *A Onda* Obama, que no dia 3 de dezembro de 2008 declarou *soberanamente*: “Como líder do mundo, vamos despertar a capacidade de destruir os nossos *inimigos*”, revelando o *logos* (palavra ou razão) ocidental, esfera simbólica, parte da *mitologia branca* da *substância fônica* em toda sua pureza. No dia 20 de janeiro de 2009, aproximadamente dois milhões de pessoas acompanharam a cerimônia em Washington da posse do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. *Todos* os atos de simbolismo faziam *reverência*, a *submissão* à moral da cristandade ocidental. Com uma das mãos sobre o Livro da Bíblia prometeu proteger e defender – *guardião* – a Constituição dos Estados Unidos em juramento solene contra os *inimigos estrangeiros*. “Saibam que a América é *amiga* de todas as nações e não há nada melhor que o *espírito* para dar significado a isto tudo”, *logo(s)*, pode ser inimiga, reafirmando a doutrina schmittiana e a mitologia branca do espírito hegeliano *na* construção do Ocidente. Nesta *construção*, em seu *monolinguismo*,⁴⁷⁵ falou do “espírito forte *contra* o terrorismo”, ou seja, do combate do Ocidente enquanto espírito supremo contra o Oriente – imperfeito enquanto espírito. O líder Cristão, Reverendo Joseph E. Lowery declara na posse: “Sabemos que o mundo *inteiro*

⁴⁷⁴ MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade*. Trad. Wolfgang Leo Maar. S. Paulo: Paz e Terra, 1997. v.1, p. 47.

⁴⁷⁵ DERRIDA, J. *O Monolinguismo do Outro ou a Prótese de Origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

está em *suas mãos* (...) Podemos trabalhar juntos para chegarmos numa *união perfeita com esperança* (...) Eu sei que o Senhor não nos abandonará com sua *mão poderosa*". Na "modernidade" este é o *estatuto do nome próprio* "multi-cultural". Da sua própria voz fala o Ocidente. A máquina é controlada pela voz na *determinação do inimigo*. "Sua *perfeição estrutural* somente se compara a sua *hostilidade*"⁴⁷⁶ [da máquina]. Pela dimensão da *Voz*, todo *discurso* de Obama foi religioso, cravado no teológico político e na tradição: "Nosso *espírito* é mais forte do que aqueles que *nos* ameaçam. Vamos enfrentar a *tempestade* que possa vir, que Deus abençoe os Estados Unidos da América".

O totalitarismo atual é expresso não em termos de ditaduras políticas, mas pela *eliminação* de uma cultura que encarne o *espectro* "asiático" nas figuras simbólicas de Átila e Gengis Khan – bárbaros secularizados no *inimigo*, na afetação da moral cristã ocidental. Ao comparar a Alemanha nazista a sociedades como as da América do Norte e do Reino Unido, Marcuse contribui no esclarecimento desta sociedade industrial – neofascista e seus efeitos permanentes em nossa contemporaneidade. Para Marcuse, as instituições liberais são instituições totalitárias incipientes, "de maneira alguma a *ditadura* e a condução autoritária do Estado constituem um ideário alheio ao *liberalismo*; e *guerras* nacionais foram frequentes na época do liberalismo pacifista-humanitário".⁴⁷⁷ O programa do liberalismo seria *propriedade*; isto é: propriedade particular *dos* meios de produção. Todas as demais reivindicações do liberalismo resultam desta exigência básica. O liberalismo vê na iniciativa privada do empresário a garantia mais segura do progresso econômico e social. Por isso para o liberalismo o *capitalismo* é a única ordem possível das relações sociais, e nessa medida, possui um *inimigo*: as hordas de animais. O *liberalismo* considera que o *fascismo* e todas as orientações ditatoriais semelhantes *salvaram* na atualidade a formação civilizatória européia – *espírito do Ocidente*. O mérito por esta via adquirido pelo *fascismo* sobreviverá eternamente na história da *crístandade européia* e sua purificação social. A organização econômica privada da sociedade com base no reconhecimento da

⁴⁷⁶ Filme *Alien* (1979).

⁴⁷⁷ MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade*. Trad. Wolfgang Leo Maar. S. Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 52.

propriedade particular e da iniciativa privada do *empresário* havia sido referida como seu fundamento. O *fascismo* apóia por princípio o *empresário privado* como dirigente da produção e como instrumento para ampliação da riqueza. E precisamente esta organização permanece básica também para o Estado total-autoritário, esclarece Marcuse,⁴⁷⁸ *mantendo inalterado* o princípio da configuração das relações de produção, o *racionalismo liberal* que desemboca no *irracionalismo da produção destrutiva: a guerra*. O Estado forte e a *ditadura* não são estranhos ao *liberalismo*: ao contrário, são uma extensão dos mesmos interesses por outras vias – a *exceção* como razão de Estado. “Somos financiados inteiramente pela iniciativa privada”.⁴⁷⁹ A lógica interna da sociedade capitalista conduziria à *ordem* totalitária do Estado, mesmo atualmente disfarçada de “democracia” burguesa no combate ao *inimigo* para sustentação da *exceção não declarada*.

Esta *guerra* europeia de 1914 a 1918 confirmou em Walter Benjamin a seguinte impressão: os soldados que tinham visto tantos horrores no *front* voltaram calados para casa.⁴⁸⁰ Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da *técnica*, sobrepondo-se ao homem.⁴⁸¹

No que existe deste desenvolvimento, a “essência” da *técnica* é tudo menos *tecnológica*,⁴⁸² a reflexão essencial a fazer sobre a tecnologia e a sua

⁴⁷⁸ *Idem*, p. 53.

⁴⁷⁹ Filme *The Serpent's Egg* (1977).

⁴⁸⁰ KONDER, L. *Walter Benjamin: o Marxismo da Melancolia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 82.

⁴⁸¹ BENJAMIN, W. *Experiência e Pobreza*, In *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura*, São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 115.

⁴⁸² Posição parecida encontra-se em MARTINS, H. *Tecnologia, Modernidade e Política*. In *Hegel, Texas - e outros ensaios de Teoria Social*. Lisboa: Século XXI, 1996, p. 239. “...a

confrontação decisiva, deverá acontecer num *reino* que por um lado seja afim à tecnologia e por outro, fundamentalmente diferente dela. Sua “essência” é ambígua nas formas em que comunica com a ambiguidade diagnosticada *pela* modernidade. Tal ambiguidade, em vários sentidos, aponta para o mistério de toda e qualquer revelação: da verdade de se encontrar e *determinar* um *inimigo*. Não é porque a ciência e a tecnologia não estejam suficientemente avançadas, ao contrário, por meio da experimentação, o *objeto*, torna-se inencontrável, transformando-se num *superobjeto*. O aparato tecnológico proporciona tudo o que pode, foi além de suas próprias definições da racionalidade.⁴⁸³ Uma *racionalidade fundamental*, permanente, “secularizada”, reconhecida em sua “essência” ao *bem e mal* – é preciso *defender* a sociedade.

E é somente acima desse emaranhado que se esboça uma racionalidade crescente, a dos cálculos e das estratégias – racionalidade que, na medida em que se sobe e que ela se desenvolve, torna-se cada vez mais frágil, cada vez mais malvada, cada vez mais ligada à ilusão, à quimera [fantasia], à mistificação.⁴⁸⁴

Este é o segredo deste superobjeto; objetos que estão no plano de imagens imaginárias; objetos marcados pela imago mental na criação e repetição de mitos; objetos marcados pela (ir)realidade, ordem do imaginário na construção deste objeto que passa ser estruturado ou estruturante da cultura. Sob a guarda incondicional no discurso do inimigo, a ameaça torna-se excesso de proteção, defesa, salvação incondicional desempenhada pela tecnologia. Neste ponto, a reconhecida “Teologia política” [estrategicamente] é uma técnica de excessivo domínio da natureza. A fé *na* técnica revela a

moderna tecnologia onipotente é a consumação ou a completude da metafísica: ‘a essência da técnica não é nada de técnico’”.

⁴⁸³ BAUDRILLARD, J. *A Ilusão Vital*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 86.

⁴⁸⁴ FOUCAULT, M. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970 - 1982)*. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: JZE, 1997, p. 75.

putrefação divina *na* reificação aparentemente desdivinizada. A ciência, guiada pela [ii] da “razão universal”, baseia sua autoridade na tradicional crença metafísica de *bem-mal* “secularizados” no *amigo-inimigo*; crença metafísica na “verdade” de um inimigo satânico – para os estrategistas, questão de fé, daí o fundamento moral de uma política teologizada, agostiniana, schmittiana, hobbesiana, um “Estado Cristão” que *na* sociedade industrial invoca o conhecimento, estratégias científicas, militarismo, pretendendo explorar o labirinto ou a selva do conhecimento. Mas o conhecimento é só disfarce *da* moralidade; o fio no labirinto é o fio moral. A moral, por sua vez, é um labirinto: disfarce *do* ideal religioso. Do Estado absolutista ao Estado liberal *desaguando* no totalitarismo disfarçado com a neutra capa “negra” das democracias burguesas o objetivo é sempre o mesmo: perseguir leões e cordeiros, isto é, negar a “vida viva”.⁴⁸⁵ Do simbólico soberano sofredor e sua representação ao Estado totalitário e ao Estado democrático opressor existe uma continuidade “secularizada” ([iii] de secularização) – uma idéia de *soberania* diretamente vinculada à imagem (religiosa) do Deus soberano.

Sobre a continuidade catastrófica desta esfera, não há melhor testemunho do que o de Günter Grass: “Minha infância foi concluída em espaço restrito, quando a *guerra* irrompeu em diferentes pontos no lugar em que eu cresci (...) O que aconteceu antes e depois do fim da minha infância bate à porta com *fatos...*”.⁴⁸⁶ O que está na base desse surpreendente testemunho, como prova empírica dos fatos, era a concepção de uma aceleração dos recursos técnicos e das fontes de energia, *justificando-se na* guerra, a qual com suas destruições prova que a realidade social não estava madura para fazer da técnica seu órgão, e que a técnica não estava suficientemente forte para dominar as forças elementares da sociedade.⁴⁸⁷ Momento em que o modo de produção burguês reduz seu projeto civilizacional a uma situação de extrema pobreza, somos vítimas de uma *barbárie negativa*

⁴⁸⁵ REICH, W. *O Assassinato de Cristo: A Peste Emocional da Humanidade*. Trad. Carlos Ralph Lemos Viana. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 6.

⁴⁸⁶ GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*, Rio de Janeiro / São Paulo: 2007, p. 9, 11.

⁴⁸⁷ BENJAMIN, W. *Teorias do Fascismo Alemão*. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, São Paulo: USP, 1986, p. 130.

que está inscrita na continuidade da cultura burguesa,⁴⁸⁸ isto que Benjamin chamou de “*nova barbárie*”: uma pobreza de experiência de toda a humanidade. “A sociedade burguesa não pode deixar de separar, na medida do possível, a *dimensão técnica* da assim chamada *dimensão espiritual*, como não pode deixar de excluir decididamente a idéia técnica do direito de participação na ordem social.”⁴⁸⁹

Esta “civilização” é uma civilização [cultura] *encantada*, continua fundamentalmente vinculada à “secularização” de uma certa visão religiosa de mundo. O que podemos chamar o fim da “ciência” na realização da metafísica, intensifica a tecnologia e pode ser aqui interpretado como a emergência de uma cultura – barbárie – que presume a natureza das entidades como o objetivo primário da investigação (dualista) política filosófica. Esta questão impulsiona um dado reconhecimento da prioridade do problema *sobre o lugar* no qual ocorre aquela especificação e sua essência altera-se como resposta à dimensão espiritual das relações técnicas. Este é um dos momentos onde observa-se a *mitologia branca* do ser supremo manifestando-se como Espírito, até que este reconcilie consigo mesmo como absoluto. O espírito é carregado de *sentido* e revela-se na História de construção da imagem do Ocidente. O movimento da História vai do Oriente para o Ocidente, revelando o sentido de um processo histórico e sua perfeição. Dimensiona-se daí o restante civilizacional na impureza de *spectros*. Uma outra medida é estabelecida para providenciar aos *seres humanos* com um *sentido de lugar* em oposição do diferente. Nas nossas “guerras de religião” harmoniza-se à hipersofisticação da tecnologia militar, da cultura digital e ciberespaçada. Lacan⁴⁹⁰ revela esta posição em sua psicanálise – quando *fala*, se ouve um conjunto de vozes.

Toda santa semana, unidirecionalmente o Patriarca do Ocidente envia sua mensagem para *massa humana* através do *L'Osservatore Romano*; esta mensagem é um programa que se põe numa máquina universal, mensagem

⁴⁸⁸ KONDER, L. *Walter Benjamin: o Marxismo da Melancolia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 80.

⁴⁸⁹ BENJAMIN, W. *Teorias do Fascismo Alemão*. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, São Paulo: USP, 1986, p. 130.

⁴⁹⁰ LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II.

mandada de alguém para outrem, nesse sentido, a “palavra-chave da cibernética é a palavra mensagem” [*Le mot clé de la cybernétique, c’est le mot message*]⁴⁹¹ Tradição fonocêntrica, a *linguagem* referida a dimensão da voz/ fonética/ discurso; a *linguagem* sendo um universo cristão, a *fala* tendo a função de fundação e até mesmo de revelação. Onde está a *fala*? No simbólico daquele que funda [imagem do ser]. Onde está a *linguagem*? No reino fundante [imagem da casa ou habitação deste ser]. Esta é a perspectiva da *massa humana*. A linguagem tem seu *passé* pela a casa do ser. Esta posição psicanalítica-política está submetida ao poder sacerdotal que a cada instante modela a subjetividade das massas transmitindo esta *mensagem* de máquina à máquina – *Leviatã-alma* [Igreja] *para* o *Leviatã-máquina* [sociedade industrial], muito embora seja “independentemente de qualquer subjetividade”.⁴⁹² Duas enormes máquinas conectadas: “*The world and the christian tradition*”,⁴⁹³ amando o mundo sem confiar nele, com a bandeira do Cristianismo [*The Flag of the World*] pregada *sobre* o mundo impondo seu *nomos* e encontrando uma passagem na Teologia cristã [*Christian theology*]:

E depois uma estranha coisa começou a acontecer. Desde que estas duas partes das duas máquinas ficaram ajustadas, todas as outras partes se ajustaram também e adaptaram-se com um absoluto rigor fantástico. Eu podia ouvir, peça por peça, todo o *maquinismo* [*Machinery*] tomar o seu lugar com uma série de estalos repetidos de alívio. Ajustada a primeira peça, todas as outras *repetiram* [o mesmo] esse ajustamento, como relógios que, um após outro, batem ao meio dia. Instinto após instinto era respondido por doutrina após doutrina. Para variar a metáfora, direi que eu estava como aquele que avança por um *país inimigo* [*Hostile country*] para tomar uma alta fortaleza. E

⁴⁹¹ LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 322.

⁴⁹² LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 350.

⁴⁹³ CHESTERTON. G.K. *Orthodoxy*. San Francisco: Ignatius Press, 1995, p. 84.

quando o forte caiu, todo o país se rendeu e ficou sólido atrás de mim. E toda a terra [*Land*] ficou iluminada...”.⁴⁹⁴

A bandeira do Cristianismo sobre o mundo – Cristo ergue-a: a soberania de sua imagem.⁴⁹⁵ Neste caminho a ordem permanece em seu rigor; a *linguagem* é de pessoa *humana* à pessoa *humana* e a *fala* de alguém para outrem; porque a *fala* é constituinte (Cristo, Hitler, Bush...) e a *linguagem* é constituída (Helenismo, Império Romano, Reino Cristão, Terceiro Reich ou Europa Fascista, Estados Unidos da América do Norte...) na manutenção destas estruturas; é num *mundo de linguagem*, num *mundo humano*, que cada homem tem de *reconhecer* um chamado, uma vocação, que se averigua ser-lhe revelada. Neste universo cristão revela-se a fundação da *linguagem* e consequentemente dos amigos em Cristo – sagrado soberano. As coisas ou corpos que não fazem parte *deste* “universo” serão considerados *inumanos* ou *inimigos* – *condição inumana*. Quem ou o que [*linguagem das coisas*] não faz parte deste reino da linguagem pode ser exterminado. A “forma humana de Cristo”⁴⁹⁶ é a imagem de um mito. Daí nasce, num segundo momento, *no* imaginário das massas o *inimigo* sendo *inumano* e de uma suposta *guerra* dos mundos; “O imaginário virou uma doença na obra de Lacan”.⁴⁹⁷

Neste imaginário da ordem do mundo extensivo, os elementos deste mundo se dobram à Lacan, “trata-se de revelação e fundação”.⁴⁹⁸ Lacan busca em sua psicanálise o que Schmitt busca em sua política: a “*pureza*” dos conceitos teológicos, “ algo que podemos atingir em sua pureza” [*pureté*].⁴⁹⁹ Esta preciosa revelação fica bem clara em Jacques-Alain Miller: “*Lacan est le Carl Schmitt de la psychanalyse*”.⁵⁰⁰ O *outro do outro* é o *inimigo* –

⁴⁹⁴ *Idem*, p. 84 - 85.

⁴⁹⁵ BENJAMIN, W. *A Bandeira* (1918) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 27.

⁴⁹⁶ JUNG, C.G. *Gênese da Obra*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 189.

⁴⁹⁷ KATZ, C.S. “Seminário sobre a Técnica Psicanalítica”. Notas do curso ministrado por Chaim Samuel Katz na Formação Freudiana - F.F, Rio de Janeiro, março-julho de 2011.

⁴⁹⁸ LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 326.

⁴⁹⁹ *Idem*, p. 330.

⁵⁰⁰ MILLER, J-A.. *Sur Carl Schmitt*. Disponível na internet: www.jorgeforbes.com.br

paradoxalmente ou dialeticamente; teologicamente o *mal*, tecnologicamente o *inimigo*. Carl Schmitt viu alguma coisa que é contestada, mas que é a *sua* verdade; Lacan, neste mesmo caminho, numa Teologia da psicanálise – recepção católica da psicanálise [*Novo testamento do inconsciente*]. Lacan e Schmitt ignoram-se e ressoam entre si. Se alguém teve o cuidado de perceber que a Teologia é o *passé* para a psicanálise e a *transpôs* para psicanálise foi Jacques Lacan. E é preciso immanentemente neste caso saber diferenciar “passagens” [Lacan, Schmitt etc] de “*passagens*” [Benjamin], a primeira carregada da moral transcendental – cristã, ressentida, a segunda, na vida viva da imanência da ética judaica ou tradição da judeidade. Na primeira, a religião foi transportada para dentro do político e da psicanálise – *sacralizando-os* pela sensibilidade; tendo a “secularização” a função de transferir ao soberano os privilégios que foram de *Deus o Pai* [*imago* de Deus]. Pela superstição ou crença, sem saber, as massas fielmente acreditam que estão sempre no reino do Pai ou do sagrado soberano. Nestas “guerras santas”, a exemplo das Cruzadas [defesa de um sentido *de lugar*: Jerusalém] o *político* e o *inimigo político* é identificado nas purezas destes conceitos científicos, produto de uma “secularização” ou de uma *herança teológico-política*. Para não falar de outras dificuldades e objeções à teoria schmittiana *do político* e, portanto, também *do religioso*.⁵⁰¹

A mencionada totalidade do mundo da *tecnologia* é interpretada *teologicamente* na esfera do político como na produção metafísica *do inimigo*. A *tecnologia* concebida no seu sentido mais puro e lato e nas suas mais variadas manifestações, serve a estratégia ocidental *de* humanidade, *decidindo* se querem tornar-se escravos ou manterem-se senhores. Através desta concepção da totalidade do mundo tecnológico reduzimos tudo à escala do poder teológico-político, conduzindo à construção de uma moral saída *do* mundo tecnológico. A *fé na tecnologia* e a distinção hierárquica agostiniana dos estrategistas, cravado na secularização da subjetividade, resulta do fato que o conhecimento é utilizado no interesse do poder autocrático com poderes ilimitados e absolutos, o que já revela um *delírio* do poder. Esta *razão universal*

⁵⁰¹ DERRIDA, J. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 40.

que determina o *bem* e *mal* num *discurso universal* vai prosseguindo desde a “origem dos tempos”, secularizando-se, “é aquilo que foi verdadeiramente dito, ou melhor, realmente dito. É em relação a isso que o sujeito, como tal, se situa, ele está inscrito aí, é por isso que ele já está determinado, com uma determinação que é de um registro totalmente diferente do das determinações do real, dos metabolismos materiais que fizeram-no surgir nesta aparência de existência que é a vida. Sua função, na medida em que ele continua esse discurso, é a de se orientar, quanto ao seu próprio lugar, não apenas como orador, mas, desde já, como inteiramente determinado por ele”.⁵⁰²

Obviamente nesta leitura este sujeito determinado por esta razão universal teológica-política encontra no discurso universal o transcendente do *inimigo* no combate ao pensamento da imanência. *Cibernética* para Lacan tem um nome: *teologia* disfarçada com a capa da *técnica* num mundo de *máquinas universais* para o domínio das massas. O que não é estranho neste discurso considerar a *cibernética* e a *psicanálise* como “duas técnicas” [*deux techniques*]⁵⁰³ situando-se num único eixo que seria a *linguagem*. Quando esta espécie de *técnica (cibernética)* surge de trabalhos de engenheiros referentes à economia da informação através de condutores, *máquinas universais*, na economia psíquica das massas, à maneira pela qual uma *mensagem* é transmitida, Lacan fielmente crê que seu nascimento deva ser procurado *mais longe*. E na busca das leis *das presenças e ausências* vai tender a esta instauração da *ordem dualista* (bem-mal, perfeito-imperfeito, puro-impuro...) que vai dar no que se chama de “*cibernética*”, modelos cibernéticos no comando estratégico das massas guiadas por discursos unidirecionais neste “reino cristão”, *demasiado humano* – humano humano – *condição estrutural para construção do inimigo*.

A própria *guerra* considerada em seus mecanismos técnicos “desvinculada do que quer que seja de real”⁵⁰⁴ e vinculada ao imaginário político *nesta* construção. Esta *política dualista* agostiniana (*bem-mal*),

⁵⁰² LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 326.

⁵⁰³ LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 339.

⁵⁰⁴ *Idem*, p. 345.

schmittiana (*amigo-inimigo*) que Lacan faz referência implicitamente num “símbolo binário” [*symbole binaire*]⁵⁰⁵ seria a mais preciosa das coisas para que a “*cibernética*” apareça-se no mundo. A *mensagem* neste reino *sustenta-se* no inimigo; soldados universais num reino mitológico branco sob o comando de Deus – “soberano teológico”. *Glory, glory Hallelujah! His truth is marching on*. A primazia é pela *ordem e verdade*, “pela organização da cidade, a qual não é senão ordem e hierarquia”⁵⁰⁶ *secularizando-se* no discurso agostiniano; escravos do poder. A potência simbolizada pelas hordas asiáticas, o estrangeiro (ex. Átila, Gêngis Khan) que está *fora* da cidade ou da Igreja não interessa ou interessa muito – *inimigo*.

Por outro lado, lado do lado do mesmo lado, o “soberano tecnológico”, com sua fé inabalável no discurso moral da marcha do progresso, é também o “líder social”; sua liderança eclipsa e condiciona sua função como cientista, pois lhe dá poder institucional dentro do grupo. As pessoas envolvidas em ocupações práticas parecem estar convencidas de que qualquer situação que ocorra no desempenho de seu papel pode se encaixar em algum padrão geral com o qual as melhores, se não todas elas, estão familiarizadas. A concepção instrumentalista da racionalidade tecnológica está infiltrada em todo *reino do pensamento cristão* e dá às várias atividades um denominador comum, tornando-se uma espécie de técnica em vez de uma personalidade humana completa.⁵⁰⁷

Nesta concepção, esta “*nova barbárie*” (W. Benjamin) da Primeira Guerra Mundial representou uma acusação ao *progresso*, onde interesses financeiros, como o da grande indústria em fornecer meios bélicos cada vez mais poderosos. Uma das cartas do *fascismo*, como diz Benjamin,⁵⁰⁸ é a incompreensão que seus adversários manifestam em relação a ele, inspirados pela *ideologia do progresso*. Por isso, “deve-se fundar o conceito de progresso

⁵⁰⁵ *Idem*.

⁵⁰⁶ *Idem*, p. 354.

⁵⁰⁷ MARCUSE, H. *Guerra, Tecnologia y Fascismo – Textos Inéditos*. Medellín: Universidad de Antioquia, 2001, p. 74.

⁵⁰⁸ BENJAMIN, W. *Sur le concept d’histoire* (1940). Thèse VIII. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 433; *Sobre o conceito da História*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 13.

na idéia da catástrofe. Que tudo ‘continue assim’, isto é a catástrofe. Ela não é aquilo que a cada momento temos à nossa frente, mas aquilo que já foi. O pensamento de Strindberg: o inferno não é nada a nos acontecer – é *esta vida aqui em baixo*”.⁵⁰⁹ Neste momento, diante de um *complexo industrial militar*, as *forças produtivas* transformam-se em *forças destrutivas*, voltando-se contra ela mesma. O excesso da razão instrumentalizada pelo *complexo industrial militar* (*na exceção*) desagua no alvo de duas cidades abertas: Hiroshima e Nagasaki, inaugurando as armas mais poderosas e destruidoras inventadas pelo *ser humano*, as bombas atômicas. Mulheres, velhos, crianças, todos foram indistintamente sacrificados no braseiro, no inferno de fogo e de horror em que se transformaram as duas cidades martirizadas.⁵¹⁰ “O curso da história como se apresenta sob o conceito da catástrofe não pode dar ao pensador mais ocupação que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, para a qual, a cada giro, toda a ordenação sucumbe ante uma nova ordem. Essa imagem tem uma bem fundada razão de ser. Os conceitos dos dominantes foram sempre o espelho graças ao qual se realizava a imagem de uma ‘ordem’. – O caleidoscópio deve ser destroçado”.⁵¹¹

Nesta “ordem e hierarquia”, “*Nova Ordem*” “secularizada” (eis que não existe nada de “novo”) a “paz” do Ocidente cristão tem sido mantida pela *guerra* com a destruição do exterior “bárbaro” – *inimigo “secularizado*”. Conceitos como *amigo-inimigo* são muito bem direcionados estrategicamente; o “caleidoscópio” não está nas mãos de uma “simples criança” e a *nova ordem do mundo*⁵¹² é comungada com uma espécie de *estado de exceção* mundial. A nova ordem do mundo *em estado de exceção* remete atualmente aos estudos agambenianos sobre essa questão: “A ordem mundial em Estado de exceção”

⁵⁰⁹ BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Trad. São Paulo: Brasiliense, 2000, vol. 3, p. 174; *Charles Baudelaire: Um Poeta na Época do Capitalismo Avançado*. In *A Modernidade*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 179 - 180.

⁵¹⁰ CORBISIER, R. *Raízes da Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 153.

⁵¹¹ BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*, São Paulo: Brasiliense, 2000, vol. 3, p. 154.

⁵¹² SCHMITT, C. *El Nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005.

Essa passagem de exceção para uma técnica normal de governar, está transformando radicalmente, e debaixo dos nossos olhos, o sentido e o caráter do Estado democrático. É só observar a política atual dos Estados Unidos.⁵¹³

A política atual dos Estados Unidos é uma prova concreta da *transfiguração do político* e da permanência da exceção como “regra” (W. Benjamin) do “soberano” que *decide* sobre o Estado de exceção (C. Schmitt) nos atuais Estados democráticos ou democracias parlamentares. Este espírito *totalitário*, novo *nomos* da Terra ou *nova ordem do mundo*, como toda ordem, baseia-se numa *decisão* e não em uma norma. Nesse sentido é que uma das primeiras obras de Carl Schmitt “Catolicismo Romano e Forma Política” de 1923⁵¹⁴ e seus últimos escritos “O *Nomos* da Terra” de 1974⁵¹⁵ tocaram-se de forma íntima, pois esta *decisão é sagrada*. “A *decisão* liberta-se de qualquer ligação normativa e torna-se, num certo sentido, absoluta”.⁵¹⁶

Este caráter totalitário *da decisão* carrega características teológicas de fundamento agostiniano *no combate ao inimigo impuro*. “Santo Agostinho, que lemos de tempos em tempos, que relemos às vezes, que vamos buscar nos lugares certos quando temos boas dicas, já fez observações de valor inestimável sobre a *fala*”,⁵¹⁷ que tem por função estratégica operar precisamente naquilo que o Padre Lucien falou: “o reconhecimento do *sujeito pelo sujeito*”⁵¹⁸ – reconhecimento do *amigo pelo amigo [humano pelo humano]*, tendo a *fala* função de reconhecimento, e é no interior dessa função que ela opera para ordenar. Esta “função humana introduz no mundo uma grande perturbação fundamental, que é uma *nova ordem*, a da fala e da verdade”.⁵¹⁹

⁵¹³ Disponível na internet: www.nplyriana.adv.br

⁵¹⁴ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998.

⁵¹⁵ SCHMITT, C. *El Nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005.

⁵¹⁶ SCHMITT, C. *A Crise da Democracia Parlamentar*. São Paulo: Scritta, 1996, p. 92. *Teologia Política*, Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 13.

⁵¹⁷ LACAN, J. *Do Símbolo e de sua Função Religiosa* (1954) In *O Mito Individual do Neurótico*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: JZE, 2008, p. 55.

⁵¹⁸ *Idem*.

⁵¹⁹ *Idem*, p. 56.

Para Giorgio Agamben, o presidente Bush que após o 11 de setembro declarou constantemente em seus discursos que era o “Comandante em Chefe das Forças Armadas”, de repente apareceu como autoridade máxima do Estado de exceção. No entanto, é preciso prestar atenção e deixar de lado o “olhar eurocentrista”, pois que a *natureza desta decisão é sagrada*, ou seja, encontra-se na esfera do poder teológico-político. Existiria, então, um aparente declínio da Europa, pois o Vaticano como estado sagrado, aliado ao U.S.A e a Europa, dimensionado *pela* dimensão fantasiástica como um todo estariam preparando o novo combate contra o imaginário do poder econômico mundial: os *judeus*, considerados a imagem do *mal secularizado no inimigo*. “Em nossos dias, é preciso pensar também por que Israel, este pequeno Estado judeu, continua a ser uma nação visada como de-fora do ‘concerto’ das outras nações, merecedor de ser eliminado e exterminado para que haja uma verdadeira paz mundial” ou “Por que os inúmeros grupos sociais precisam de um ‘o judeu’, um bode expiatório para explicar o Mal que os assola?”⁵²⁰

Hebraísmo e helenismo – entre esses dois pontos de influência, move-se a História de um mundo *imemorial*; mas que “a História da filosofia é toda ela pensada a partir de sua fonte *grega*”⁵²¹ – “imagem branca” – dominação do mesmo [*domination du même*]⁵²² [domínio *inconsciente* do mesmo], do mesmo princípio de identidade “secularizado”. A raiz comum é grega [*racine commune qui est grecque*]. “Somos Judeus? Somos Gregos? (...) Somos Gregos? Somos Judeus? Mas nós, quem?” [*Sommes-nous des Juifs? Sommes-nous des Grecs? (...) Sommes-nous des Grecs? Sommes-nous des Juifs? Mais qui, nous?*]⁵²³ Em seus discursos, já em 1970,⁵²⁴ J. Lacan, mostra sua preocupação na “*degenerescência do significante*” [*la dégénérescence du signifiant*] – deste significante branco em sua perfeição estrutural – ao sentimento de vergonha.

⁵²⁰ KATZ, C.S. *Complexo de Édipo - Freud e a Multiplicidade Edípica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 144.

⁵²¹ “*Le tout de l’histoire de la philosophie est pensé à partir de sa source grecque.*” DERRIDA, J. *Violence et métaphysique*. In *L’écriture et la différence*. (1967) Paris: Seuil, 2000, p. 120.

⁵²² *Idem*, p. 121.

⁵²³ *Idem*, p. 227.

⁵²⁴ LACAN, J. *Le Pouvoir des impossibles* (1970) In *L’envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991, Livre XVII, p. 209.

Naquilo que não está explícito ou diretamente expresso em sua *mensagem falada*, o que está subentendido ou oculto é que *não* se pode morrer de vergonha da História da Europa (“aventura greco-europeia”) [*l’aventure gréco-européenne*].⁵²⁵ Lacan começa a se “insurgir” contra a desacralização de um significante supremo ou mestre. O “Cartão de visita” [*cette carte de visite*] de que fala, na verdade, deve ser eliminado ou rasgado, quando leva o endereço da morte do *ser*. Ou seja: um significante não representa um humano para outro significante; o significante seria um *significante estrangeiro* – um não significante cultural. Este *instante da “decisão”* [“rasgar o cartão”] é o instante da *imaginação imemorial* que liga e separa *amigo-inimigo*. A volta ou retorno do espírito “schmittiano” presente em Lacan e Derrida, com suas diferenças éticas e morais.

Manifestação *imemorial*, secular, da continuidade histórica do espírito absoluto na imagem do Ocidente, onde revela-se a passagem da política liberal à política totalitária sob a capa das democracias parlamentares.

Atualmente, a prova é feita através de uma história das subjetividades, *discursos* do Comandante em Chefe das Forças Armadas norte americana, quando no dia 28 de janeiro de 2008, perante o Congresso norte-americano, aplaudido por todos de pé, numa total *esquizofrenia coletiva*, “pediu” que imediatamente fosse aprovado o pacote fiscal – político – lançado pelo governo para estimular a economia e conter a crise que aproxima o país de uma possível recessão e que tem derrubado as bolsas de valores mundo afora. Em seu discurso, “os norte-americanos podem confiar num crescimento econômico a longo prazo, mas que este crescimento está diminuindo a curto prazo”. Para evitar a possível recessão, o soberano global, diante do Congresso, conduz um plano político de estímulo entre a Casa Branca e os líderes democratas da Câmara Baixa no valor de US\$ 150 bilhões. Por outro lado, neste mesmo *discurso* perante o Congresso norte-americano, “*intensifica*” (no sentido schmittiano) o combate contra o *mal secularizado* na figura do “novo” *inimigo*: “Irã – terroristas”. Revelando o totalitarismo *em nome do Pai* – do *estatuto do*

⁵²⁵ DERRIDA, J. *Violence et métaphysique*. In *L’écriture et la différence*. (1967) Paris: Seuil, 2000, p. 121.

nome próprio – toda *força teológica do discurso* na natureza imaginária da sagrada *decisão e sua infalibilidade como líder supremo*; garantindo o “crescimento econômico”, estimulando o mesmo, através de um *espírito coletivo* na *dimensão imaginária do mal-inimigo*, legitimando a *guerra* e possibilitando uma *circularidade na repetição do mesmo* da manutenção do capital. Estes *discursos* fazem parte da própria experiência ligada à coletividade no “espírito do tempo”⁵²⁶ que, enquanto tal, permanece inconsciente para a maioria das massas humanas.

Nas sociedades industriais a *conduta “teológica política”* é a mesma – *repete-se*. Hitler também preparou o caminho com declarações que atingiam a esfera subjetiva das massas “secularizadas” para a sua elevação a Comandante Supremo dos Exércitos Alemães subordinando a economia à política, realizando o “milagre dos tempos modernos”,⁵²⁷ sempre tendo como fundamento o *discurso do inimigo – política da inimizade*.

Por isso, para Marcuse, de maneira alguma a *ditadura* constitui um ideário alheio ao *liberalismo*: as *guerras* foram sempre freqüentes na época do “liberalismo pacifista-humanitário”.⁵²⁸ Estes termos “totalitarismo” e “Estado totalitário” ou “Estado total” [*der totale Staat*]⁵²⁹ foram utilizados primeiramente no campo político e jurídico. Eles pertencem a um contexto bem particular, aquele da “Alemanha hitlerista”. Efetivamente, foi o filósofo da política, Carl Schmitt, que se fez o principal teórico do Estado totalitário e quem introduziu o termo “totalitarismo” na análise política e jurídica. Mas é preciso não esquecer que a representação da “Totalidade política” [*politischen Totalität*] tem seu ponto de partida no conceito forjado por Ernst Jünger de “Mobilização total” [*Totale Mobilmachung*].⁵³⁰ A *Mobilização total* designa o engajamento sem exceção de todas as forças de vida do povo no sentido do combate por sua

⁵²⁶ JUNG, C.G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 88.

⁵²⁷ HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 110.

⁵²⁸ MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade*. São Paulo / Rio de Janeiro: 1997, vol. 1, p. 52.

⁵²⁹ FAYE, J-P. *A Razão Narrativa – a Filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo*. Trad. Paula Martins, Henrique Antoun e Joaquim Humberto Oliveira. São Paulo: ed. 34, 1996, p. 420.

⁵³⁰ *Idem*.

auto-afirmação [*Selbstbehauptung*]. O princípio da totalidade “völkische” [*völkischen Ganzheit*] suprime e cancela a separação entre o indivíduo em seus domínios de vida econômico-culturais e o povo. No cenário da História [o mundo], os relatos de Jünger sobre a *Mobilização total* invertem-se e se endurecem no ano de 1933 em “conceito do político” enquanto “Estado total”. Este ponto de perigo torna-se para Carl Schmitt uma arma de assassinio em massa.⁵³¹ Mas o fato é que todas estas ideologias acima nascem a partir da [ii] de um *inconsciente coletivo* [imagem de um espírito coletivo]. São produtos culturais.

Mais tarde, o *totalitarismo* designará *não somente* a organização particular do estado regido pelo “Führer”, mas uma tendência geral de certos regimes caracterizados por uma concentração de poderes nas mãos de um mesmo sistema, partido mais ou menos confundido com um homem ou mais exatamente um sistema de organização. Dessa forma, será possível falar não somente do “totalitarismo nazista”, mas também do “totalitarismo stalinista”, e reconhecer traços fundamentais nos diferentes tipos de sociedades industriais avançadas. Assim sendo, o fenômeno do *totalitarismo* *deixa* de pertencer a um sistema político e econômico determinado, para se tornar um fenômeno mundial fazendo parte da mesma “essência” da sociedade industrial como desenvolvimento e realização *da* técnica. Este reconhecimento do totalitarismo não significa na medida em que a barbárie seja institucionalizada: pode perfeitamente se acompanhar de uma situação democrática ou pretendida como tal. A *eficácia* e a *razão* são dois valores gravados sobre a frente da *sociedade totalitária* ou *totalitarismos suaves*. As *águias* da Alemanha nazista e dos Estados Unidos estão cravadas na *razão ocidental – História oficial* movida pelo *espírito supremo imemorial*. O Ocidente fala *uma* língua, a voz da razão explica a História. Neste processo da imagem da “secularização” de conceitos “teológicos políticos”, transformando-os na pureza *do* político, o *totalitarismo* pode antes de tudo, ser um fenômeno da ordem metafísica que política. Basta lembrar, *no* imaginário, o reino do Deus cristão: totalitário por natureza. Na *representatividade do poder soberano pelo simbólico do soberano*, Hitler, assim

⁵³¹ *Idem*, p. 431.

como Bush, em seus discursos fundamentados *na* moral cristã assumem *no* imaginário das massas o papel do “Deus imortal”, no entanto, é um Deus criado *pela razão humana*; o *Leviatã* assume uma aparência *demasiada* humana, uma *máquina* [sociedade industrial] possuidora de *alma* [sentimentos e emoções]. A domesticação das massas *pela língua* se exerce através de uma *mecânica-alma* do “humanismo”. *Leviatã-máquina-alma – Máquina Universal*; as luzes desta *razão*, além de cumprir sua fundamental função, progresso técnico, também ofuscam ou mesmo diretamente cegam. A *razão* torna-se *irracional*.

O *progresso técnico* poderia abrir hoje um campo insuspeitável. Efetivamente, ele conduziu à uma *dominação* e à uma repressão assustadoras. O aparelho estatizado fez pesar suas exigências econômicas, sua política de expansão sobre o tempo de trabalho e sobre o tempo livre. Como escreveu Marcuse, o *totalitarismo* não é somente uma *uniformização política terrorista*, é também uma *uniformização econômica-tecnicista* que funciona manifestando suas necessidades em nome de um interesse geral. O *totalitarismo* não é somente o fato de uma forma específica de governo ou de partido, ele é decorrente de um sistema específico de produção e distribuição perfeitamente compatível com um pluralismo de partidos, de jornais, com a separação dos poderes etc... *Nem* sistema político, *nem* sistema econômico, o *totalitarismo* é o processo fundamental dos tempos modernos “secularizados”. Os *governos das sociedades industriais* avançadas e aquelas do futuro se mantêm e se defendem à condição de mobilizar, de explorar e organizar a *produção técnica, científica*. Uma tal organização tende necessariamente a direções com certos aspectos do totalitarismo. A *sociedade industrial* chegou a um estado onde não se poderá mais definir a sociedade verdadeira e livre nos termos tradicionais da liberdade econômica, política e intelectual; não que essas liberdades hajam perdido sua significação, mas elas tem, ao contrário, muitas significações para serem fechadas no âmbito tradicional. Num tal universo, toda exigência de *profanação* da liberdade é imediatamente descartada como perigosa e irrelevante. A repressão e o poder soberano são em contrapartida plenamente justificáveis. Todas as contradições desaparecem num estilo de vida e numa ideologia comuns. Suas características explosivas são desenraizadas e

tornadas inoperantes. O véu dos discursos e das idéias que cobrem o *universo unidimensional* venceu tudo numa mesma indistinção. Se o operário e seu patrão olham o mesmo programa de televisão, se a secretaria se veste como a filha do seu empregador, se o negro possui um cadilac, se eles lêem todos o mesmo jornal, esta assimilação não indica o desaparecimento das classes. Ela indica, ao contrário, a que ponto as classes dominadas participam aos *desejos* e satisfações que garantem a manutenção das classes dominantes. Trata-se portanto de compreender quais são os controles técnicos, dispositivos de poder, que permitem uma tal organização repressiva e uma uniformização crescente.⁵³²

Neste aspecto, o capitalismo é a única (des)ordem possível das relações (anti)sociais, possuindo na esfera do “poder teológico-político” sempre a figura do *inimigo* na sacralização *do político* através do “*mal*”, reafirmando o estado de exceção. O capital *como* estado de exceção [ou vice-versa] se mantém *na* imagem imaginária do *inimigo*.

Essa nova “visão de mundo” [*Weltanschauung*],⁵³³ totalitarismo disfarçado com as capas neutras das democracias parlamentares ou “totalitarismo suave” glorifica a guerra na manutenção do capital internacional, momento de uma explícita barbárie ou barbárie aberta, ocultando inalterada as funções econômicas do burguês nesta “segunda natureza”, momento em que o “racionalismo liberal” desemboca no irracionalismo. Na sociedade burguesa esta tecnologia (aperfeiçoamento tecnológico da guerra) serve para produzir mercadorias e fazer a guerra; não é somente um fato “científico” mas um fato histórico imemorial, que nesta sociedade é “determinada” pelo capitalismo e a [ii] do inimigo.

Em nome da “defesa” ou “segurança nacional” instauram a *ditadura* (Espírito); em nome das tradições cristãs, prendem, sequestram, torturam e assassinam, criando um clima de ódio e insegurança, pois a qualquer momento as pessoas podem ser presas, algemadas e desaparecer para sempre, como

⁵³² PALMIER, J.M. *Sur Marcuse*. Paris: UGE, 1969, p. 113.

⁵³³ FREUD, S. 35.a. *Conferencia. En torno de una cosmovisión* (1932 - 1933) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2006, vol. 22, p. 146 - 168.

aconteceu com tantos.⁵³⁴ E para salvar o povo do Dragão vermelho, cassam mandatos populares, suspendem direitos políticos, demitem, aposentam e exilam, reprimem e oprimem e, quando os jovens, levados ao desespero, desencadeiam a luta armada, os militares não hesitam em recorrer à tortura, o mais hediondo e covarde dos métodos de luta numa caçada política capturando dragões. Tudo em nome dos *representantes* dos interesses do capital no poder.

Neste caldo de *tecnologia-teologia, Capitalismo e Barbárie*⁵³⁵ revela empiricamente o quadro negro dos massacres e das *guerras* no século XX (1900-1997). A “nova barbárie”⁵³⁶ no combate a **[ii]** do *mal* permanece ou continua na figura do *inimigo* legitimando a *guerra*. A *construção* da figura do *inimigo* é uma *construção* que legitima todo tipo de estado de exceção; esta *construção* passa pelo *monolinguismo* enquanto atravessa de parte a parte o político, o *sentido de lugar*, desejos e esperanças das massas revelando a impossibilidade “*mais de uma língua*”⁵³⁷ na desconstrução deste *humanismo* [a desconstrução desconstrói o *humanismo*?].

À *emergência* das relações técnicas como o contexto predominantemente no qual vivem os *seres humanos*, em nome da democracia e da liberdade, de um reino cristão [linguagem], por exemplo, massacraram o Vietnã na *guerra* mais covarde de que há notícia na história. A maior potência militar e industrial de todos os tempos despejou todo seu *poder de técnica* sobre um pequeno povo de agricultores que se alimentava de arroz. Em três anos de bombardeios (1965 - 1968) os americanos despejaram *500 mil toneladas* de bombas no Norte e *200 mil toneladas* no Sul. Em nome da *técnica-teológica*, em 1972 terá sido atingido o total impressionante de *400 mil*

⁵³⁴ CABRAL, R. & LAPA, R. *Desaparecidos Políticos: Prisões, Seqüestros, Assassinatos*, Rio de Janeiro: Opção: 1979.

⁵³⁵ PERRAULT, G. (Org.). *O Livro Negro do Capitalismo*, Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 540 - 543.

⁵³⁶ BENJAMIN, W. *Experiência e Pobreza*, In *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura*, São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 115.

⁵³⁷ “Se tivesse de arriscar, Deus me valha, uma única definição da *desconstrução*, breve, elíptica, econômica como uma palavra de ordem, diria sem frase: *mais de uma língua*”. DERRIDA, J. *Mémoires pour Paul de Man*. Paris: Galilée, 1988, p. 38.

toneladas de bombas lançadas,⁵³⁸ momento em que o *complexo industrial militar* ou “segunda natureza em excesso” transforma forças produtivas [econômicas] em forças destrutivas [políticas]. Às bombas, ao napalm, ao fósforo, é necessário somar todo o instrumental mortífero das prisões, as torturas e as medidas de coação psicológica. Nguyen Thi Yen foi espancada com um porrete até perder os sentidos. Logo que recuperou a consciência foi obrigada a ficar de pé, nua, em frente a dez torturadores que a estupraram e depois queimaram seus seios com cigarros.

Nesta nova Cruzada humanista, realizada pela imagem imaginária do percurso secular do espírito, *Capitalismo e Barbárie*,⁵³⁹ revela o quadro das guerras no século XX, [ii] do Ocidente civilizado e político. Na guerra americana no Vietnã (1956 - 1975) foram mortos 2 milhões de pessoas.

A *forma inumana* como os prisioneiros são tratados, conhecida dos militares, faz lembrar os métodos nazistas, sentidos até hoje, revelando o *Leviatã schmittiano*⁵⁴⁰ em toda sua pureza, ambos inseridos numa cultura milenar da metafísica da escritura fonética [*métaphysique de l'écriture phonétique*] ou fonetização da escritura [*phonétisation de l'écriture*] – *logocentrismo* [*logocentrisme*].⁵⁴¹ O inimigo é reconhecido *pela sua fala*, ou melhor: *não fala*. Os “prisioneiros”, diferentes na sua condição inumana, conhecem a má nutrição, a tortura, degradação física e moral sistemática, frutos da relação entre *linguagem* e *ser humano*, da prioridade da *linguagem* para o *humanismo*. A *mensagem* desta Carta sobre o humanismo chegou ao seu destino?

Nesta ordem humana do discurso falado representacional, revestem-se de interesse, neste contexto, da condição inumana, a declaração de

⁵³⁸ DERIVERY, F. *Guerra e Repressão: A Hecatombe Vietnamita*. In PERRAULT, G. (Org.). *O Livro Negro do Capitalismo*, Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 143 - 144.

⁵³⁹ PERRAULT, G. (Org.). *O Livro Negro do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 540 - 543.

⁵⁴⁰ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes - Sentido e Fracasso de um Símbolo Político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 187 - 282.

⁵⁴¹ DERRIDA, J. *De la grammatologie*. (1967). Paris: Minuit, 2006, p. 11 - 12.

Goebbels sobre o “judeu” – para responder à pergunta sobre se o judeu é um ser humano:

Alguém bate com um chicote na face da tua mãe, ainda por cima agradeces! É um ser humano? Não, não é um ser humano, é um monstro! Quantas coisas piores não fez e continua a fazer o judeu à *nossa mãe Alemanha!* Ele [o judeu] conspurcou a nossa raça, esmoreceu a nossa vitalidade, estragou os nossos costumes e quebrou a nossa força... O judeu personifica o demônio da decadência... inicia sua criminosa carnificina do povo.⁵⁴²

O reconhecimento *do humano* se dá na esfera da “linguagem”, da “fala plena”, dimensão da voz, e não da condição humana. É a condição da espécie que fala em sua imagem; “Imagem e Verbo considerados”.⁵⁴³ Os judeus eram os *subumanos* [*Untermenschen*].⁵⁴⁴ Por isso, Carl Schmitt afirma categoricamente que “O Leviatã assumiu uma aparência inumana ou subumana, o que levou a uma questão secundária que não precisa de resposta, ou seja, se a condição inumana e subumana observada representava um organismo ou mecanismo, um animal ou um aparato”.⁵⁴⁵ Representantes fidedignos em suas virtudes teológicas desta estrutura cultural falam *uma* língua; permanecem presos a prisão de uma língua sagrada – de um reino, uma casa. Nesta habitação mora o *humano*.

Este *Leviatã-máquina – sociedade industrial* e sua *soberania política* só podem funcionar por um tempo limitado, a reinar sem partilha, só pode tender à hegemonia imperial, depois quebram. Já a *soberania teológica-política*

⁵⁴² REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 56.

⁵⁴³ AQUINO, T. *O Verbo (Questão 34)*. In *Suma Teológica (Summae Theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I, p. 577.

⁵⁴⁴ SHIRER, W. L. *A Nova Ordem*. In *Ascensão e queda do Terceiro Reich: o começo do fim (1939 - 1945)*. Trad. Pedro Pomar e Leônidas Gontijo. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. II, p. 431.

⁵⁴⁵ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes - Sentido e Fracasso de um Símbolo Político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético (Manifesto II)*. Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 254.

reina a mais de dois mil anos; o *príncipe* é um *príncipe cristão*; um *Leviatã-alma* – a *Igreja* é a única instituição que se manteve permanentemente ao lado do poder na História da humanidade. Da natureza imaginária deste *complexio oppositorum*,⁵⁴⁶ a idéia de *união* da “República Imperial” ou “Reino Cristão” tornou-se realidade – uma espécie de *Leviatã-máquina-alma* fundido na segunda natureza *em excesso* institucionalizado *na exceção*. “O Cristo é o ‘Peixe’ que aparece como soberano na nova era.”⁵⁴⁷

Dimensionado pela fantasia e imagos mentais: quem não possui alma cristã não é humano – *inumano*, *logo(s)* pode ser *exterminado* por esta *máquina-alma*.

Da empiricidade dos fatos lembremos da visita simbólica do Papa aos EUA em 2009, sentimento de onipotência, doença do poder único e indivisível. O *expansionismo humanista* tomou conta do mundo inteiro; ao mesmo tempo em que se transformaram na maior *potência industrial do mundo*. Nos últimos cinco séculos, a prosperidade e paz do Ocidente “civilizado” tem sido comprada ao preço de uma *barbárie negativa* da destruição do exterior “bárbaro”. Na defesa de seus interesses, os Estados Unidos da América do Norte reservaram-se no direito de intervir em todos os países – ‘*rogue States*’ [Estados delinqüentes].⁵⁴⁸

Ao assumir o poder, o próprio Clinton inaugurava uma política de represálias e de sanção contra os “Estados delinqüentes”,⁵⁴⁹ declarando perante a ONU que seu país usaria como lhe parecesse adequado o artigo excepcional (artigo 51) e que os Estados Unidos agiriam “multilateralmente quando possível, mas unilateralmente quando necessário”. Esta declaração foi *repetida* várias vezes por Madeleine Albright, quando era embaixadora junto às Nações Unidas, e por William Cohen, secretário da Defesa. Este comunicava que contra os “Estados delinqüentes” os Estados Unidos estavam dispostos a

⁵⁴⁶ Capítulo 3.

⁵⁴⁷ JUNG. C.G. *Gênese da Obra*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 194.

⁵⁴⁸ DERRIDA. J. *A Razão do Mais Forte*. Disponível na internet: Le Monde Diplomatique diplo.uol.com.br

⁵⁴⁹ Estes Estados “identificados”, em sua origem, como Estados e, portanto, como poderes, estáveis, localizáveis, territorializáveis, e que, não suicidas ou consideradas como tais, podiam ser sensíveis à força de dissuasão.

intervir militarmente, de forma *unilateral* (portanto, sem a prévia aprovação da ONU ou do Conselho de Segurança), toda vez que seus *interesses vitais* estivessem ameaçados. Bastaria então que dentro dos Estados Unidos e sem consultar ninguém, os norte-americanos considerassem que seu “*interesse vital*” o exigia para que os Estados Unidos tivessem um motivo para atacar ou para destruir qualquer Estado cuja política fosse contrária a tal “interesse”. Para justificar essa *unilateralidade soberana* (essa não partilha de soberania), violando uma instituição presumivelmente democrática que é a ONU, para dar “razão a essa razão do mais forte”, era necessário então *decretar* que o dito Estado tido como agressor ou ameaçador agia como “Estado delinqüente” – *inimigo*; isso no exato momento em que, como diz Derrida, declarando que agiriam unilateralmente, os Estados Unidos se colocavam a si mesmos como um Estado delinqüente.⁵⁵⁰

Obviamente todos esses esforços para identificar Estados “terroristas” ou “Estados delinqüentes” são “racionalizações teológicas” – cravadas *na* moral cristã agostiniana de *bem* e *mal*; “secularizando” ou “escondendo” conceitos “teológicos” *na* estratégia retórica ao abusaram desta expressão demoníaca de *rogue State*. No dia 19 de junho de 2000, seus fieis representantes declaram publicamente que haviam *decidido* abandonar a expressão *rogue State*, passando a utilizar a expressão *States of concern* “Estados preocupantes” de modo mais “neutro” e “moderado”.

De fato o aparente abandono do *inimigo* ou *mal* “secularizado” desse termo assinala uma verdadeira crise no sistema e no orçamento da defesa míssil antimíssil *da sociedade industrial*. Nada existe porque tudo existe ou tudo existe porque nada existe e sem essa existência imaginária o *inimigo* não existe. *Tecnologia-teologia* “secularmente” de mãos dadas: a *construção* imaginária do *inimigo* é uma *construção* que legitima todo tipo de estado de exceção ou “Nova Ordem”. Bush alguns anos depois reativará a expressão intensificando-a na *demonização* do diferente estrangeiro. Como esclarece Clement Rosset:

⁵⁵⁰ DERRIDA. J. *A Razão do Mais Forte*. Disponível na internet: Le Monde Diplomatique diplo.uol.com.br

Pôde-se dizer dos Estados Unidos da América, não sem maldade, nem, sem dúvida, com um pouco de injustiça, que eram uma das raras nações do mundo a ter evoluído *diretamente da barbárie para a decadência*, sem passar pelo estágio da civilização.⁵⁵¹

Ou seja, os Estados Unidos, através de suas brutais intervenções estratégicas, verdadeiramente não tiveram um estágio civilizatório, chegando ao estado de decadência, após uma histórica de barbáries. Os Estados Unidos da América do Norte, *em nome* dos direitos humanos, já invadiram mais de vinte países ao longo dos séculos XIX e XX, sejam por motivos econômicos ou outros. A própria expressão “direitos humanos” tornou-se para todos os interessados – vítimas e opressores – uma prova do idealismo fútil e leviana hipocrisia. O conceito de direitos humanos, baseado na suposta existência de um *ser humano* em si, desmoronou no mesmo instante em que aqueles que diziam acreditar nele se confrontaram com seres que haviam realmente perdido todas outras qualidades específicas – exceto que ainda eram humanos.⁵⁵²

Este é o momento em que sobreviventes dos campos de extermínio, os internados nos campos de concentração, refugiados, apátridas e atualmente os talibãs capturados no Afeganistão podem ver que a “nudez abstrata” (Arendt) de serem unicamente humanos *não* os resguardam de direitos, muito pelo contrário, são objetos de uma dominação de fato. Na *representatividade* do soberano, no *detainee* de Guantánamo a “vida nua” (Agamben) atinge sua máxima indeterminação. Mesmo com as novas promessas em 2009 do novo presidente dos Estados Unidos da América do Norte, da desativação deste *Campo de Concentração*, passará este ato político para esfera do simbólico, como se Ocidente Cristão, estivesse aparentemente declarando em sua *Nova Ordem*: reconhecemos a “humanidade” destes “humanos”.

Quando Walter Benjamin, na primeira parte da Tese VIII “*Sobre o conceito da História*”, afirma que a *exceção* tornou-se a *regra*: “A tradição dos

⁵⁵¹ ROSSET, C. *Alegria: A Força Maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 31.

⁵⁵² ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 333.

oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é a regra. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é instaurar o real [verdadeiro] estado de exceção; e graças a isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo...⁵⁵³, *está* revelando e anunciando que a *política* entendida como *barbárie* dos campos de concentração está presente na segunda natureza *em excesso* e que a luta contra o progresso é a luta contra o *fascismo* [exceção] presente nas modernas “democracias”. O mundo ajustado pela razão científica toma a *forma* do genocídio.⁵⁵⁴

Desde muitos anos os Estados Unidos da América do Norte vem resolvendo "suas" questões a base da força e não do diálogo. Barbárie gera mais barbárie, chama-se o “diabo e o diabo vem”, reflexo desta política de dominação Norte Americana, onde o que importa é o Capital. Quem nunca ouviu a expressão: “*we are the best and fuck the rest*”. Em nome do *progresso* e das liberdades democráticas contra o “perigo vermelho”, ontem “comunista”, hoje “terrorista”, mal *secularizado* na figura do inimigo, os Estados Unidos da América do Norte, através de inúmeras ilegítimas intervenções, cada vez mais impõe sua cultura-barbárie goela abaixo dos países dominados, escrevendo a História dos dominantes – *guardiões de arquivos*. Assassina-se a política e o direito internacional com a chamada “retalhação generalizada”, todas as “causas” dos problemas mundiais são em decorrência do chamado “terrorismo”, *mal impuro secularizado* no *inimigo*, o outro que vem *de fora*: asiático. Jamais as *guerras* foram tão sangrentas e a *tecnologia das guerras* voltou-se para a destruição exaustiva, tanto mais as *decisões* que as iniciam e as encerram se ordenaram em função da questão nua e crua da sobrevivência, para Foucault:

⁵⁵³ BENJAMIN, W. *Sur le concept d'histoire* (1940). Thèse VIII. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 433; *Sobre o conceito da História*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 13.

⁵⁵⁴ BIRMAN, J. *Cadernos sobre o Mal: Agressividade, Violência e Crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 114.

A situação atômica se encontra hoje no ponto de chegada desse processo: o poder de expor uma população à morte geral é o inverso do poder de garantir a outra sua permanência em vida. O princípio: *poder matar para poder viver*, que sustentava a tática dos combates, tornou-se princípio de estratégia entre Estados; mas a existência em questão já não é aquela – jurídica – da soberania, é outra – biológica – de uma população. Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o *poder* se situa e exerce ao nível da *vida*, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população.⁵⁵⁵

Poder matar o outro na figura imaginária do inimigo para poder viver, triunfar ou não, sobre um imenso campo de cadáveres ou de uma fantástica comunidade de cadáveres⁵⁵⁶ tornou-se princípio de *estratégia* na segunda natureza *em excesso* para manutenção da sobrevida do Capital nos Estados “democráticos”. “Fazer viver e deixar morrer”⁵⁵⁷ – *em nome* de um “fazer viver” faz-se morrer. A prova revela-se através dos *discursos* dos representantes das massas *humanas*, onde o *poder* se exerce ao nível *da vida*, a vida dos homens, ao homem vivo, ao homem ser vivo.

Dizer que o “Soberano” (que relaciona-se com o simbólico e o imaginário) tem direito de vida e de morte *não* significa somente que ele pode fazer morrer e deixar viver – o poder soberano sobre a vida (de todos os homens – *inclusive* os considerados inumanos) se exerce no momento em que o Soberano pode matar simbolicamente; na permanência da *morte simbólica* (“Morte Viva” – pois o homem permanece biologicamente vivo) exerce-se um permanente *Estado de exceção* – *real-simbólico-imaginário*. O próprio Foucault

⁵⁵⁵ FOUCAULT, M. *Direito de Morte e Poder sobre a Vida*. In *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 129; “...do mais alto ponto de vista biológico, os estados de direito não podem senão ser estados de exceção...”. NIETZSCHE, F. *A Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 65 [GM, II, § 11].

⁵⁵⁶ WIESEL, E. *Holocausto: Canto de Uma Geração Perdida*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1978, p. 262.

⁵⁵⁷ FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 287.

esclarece que os dois mecanismos (*Biopoder e o Direito soberano de matar*) passam a coincidir na sociedade industrial em excesso (Sociedade nazista): “o Estado nazista tornou absolutamente co-extensivos o campo de uma vida que ele organiza, protege, garante, cultiva biologicamente, e, ao mesmo tempo, o direito soberano de matar quem quer que seja – não só os outros, mas os seus próprios. Houve, entre os nazistas, uma coincidência de um *biopoder generalizado* com uma *ditadura* a um só tempo absoluta”.⁵⁵⁸ Por isso tão *cruel e sofrida*. Crueldade *do* biopoder e sofrimento *da* ditadura – totalitarismo (leia-se: poder teológico-político). O *retorno* (repetição *do mesmo*) da combinação (e pior: sua fusão *nas* Democracias burguesas) “Biopoder” e “Poder Soberano” (leia-se: Foucault mais Schmitt) torna-se *permanente*. Pois que não é somente (o que já era insuportável) o Estado de exceção que tornou-se uma *regra* nas sociedades industriais; o biopoder também torna-se uma *regra*. Deste ponto de vista teórico e fazendo a prova teórica entre Schmitt-Foucault (ou Foucault-Schmitt), estas duas espécies de *poder* (poder teológico político e biopoder) ou *política* (totalitarismo e biopolítica) andaram e andarão juntas por muito tempo ainda.

Por isso Carl Schmitt falará que no dia em que Hitler chegou ao poder Hegel morreu, ou na pior das hipóteses: entrou em excesso. Tal estratégia de domínio das massas (entre o Direito soberano de matar e os mecanismos do biopoder)⁵⁵⁹ estão inscritos no funcionamento de *todos* os Estados. Sendo agora *a regra*.

Na esfera do simbólico e do imaginário, é para poder *viver* que o Ocidente *estrutura* um mito soberano (carregado de sofrimento e etc).⁵⁶⁰ Cruzado em cruz pelos *discursos* dos representantes das massas *humanas*, no dia 10 de julho de 2009, Bento XVI recebeu o Presidente dos EUA, Barack H. Obama em “Um Encontro Cordial”⁵⁶¹ na “defesa e promoção da vida”, “onde estiveram entre as principais questões o interesse de todos, grande desafio para o futuro de cada Nação e para o verdadeiro progresso dos povos”. No

⁵⁵⁸ *Idem*, p. 311.

⁵⁵⁹ *Idem*, p. 312.

⁵⁶⁰ Capítulo 1. Sob a sombra da cruz.

⁵⁶¹ Disponível na internet: L'Osservatore Romano www.vatican.va

centro deste "colóquio cordial" entre o Papa e o Presidente dos Estados Unidos da América foram tratados "temas de política internacional, à luz dos resultados da cimeira do G8; as perspectivas de paz para o Médio Oriente; o diálogo entre culturas e religiões, a crise económico-financeira a nível global e as suas implicações éticas, a segurança alimentar, a ajuda ao desenvolvimento, sobretudo na África e na América Latina". Também foi ressaltada a importância da educação para a tolerância em todos os países. Depois do colóquio particular o Papa saudou a esposa do Presidente e as filhas. O Presidente ofereceu ao Papa uma estola litúrgica que durante dezoito anos esteve sobre os despojos de São João Nepomuceno Neumann, no santuário de Filadélfia dedicado ao primeiro Bispo dos Estados Unidos inscrito no álbum dos santos. O Papa ofereceu um mosaico com a representação da Praça de São Pedro e a Basílica Vaticana, uma cópia autógrafa da Encíclica *Caritas in veritate*, medalhas do pontificado e o texto da instrução sobre a bioética, emanada no ano passado pela Congregação para a Doutrina da Fé *Dignitas personae*. "A Igreja nunca pode assistir passivamente ao que acontece na sociedade. É chamada a tornar sempre presente o anúncio de vida que, no decorrer dos séculos, lhe permite ser sinal tangível do respeito pela dignidade da pessoa."⁵⁶²

A *mensagem* é transmitida para as massas. O *poder* deixa e faz morrer as massas *inumanas*, inverso do poder de garantir a massa *humana* sua permanência em vida; o *poder* se situa ao nível dos fenômenos de massas e de um *inconsciente branco*. As sociedades "negras" e "amarelas" devem *passar* [passagens dos cristãos] por um *processo civilizatório imaginário* inserido num discurso teológico político da Europa branca. O *imaginário inconsciente* que está em jogo, estrategicamente, é o paradigma do *humano-não-humano*, realizado (in)conscientemente na política dualista do *amigo-inimigo (bem-mal)*. Essa tem sido a característica da política externa de extermínio dos norte-americanos, a agressão aos *inimigos* em nome da "liberdade" e da "democracia", decidindo de forma *imediata* o que convém aos outros povos. No pós 11 de setembro, *em nome da* defesa nacional, a mídia como *poder ideológico* passa a intensificar o processo de "demonização" dos

⁵⁶² *Idem.*

muçulmanos, iniciando uma absoluta dominação comandada pelos EUA. Qualquer indivíduo que ostente um turbante é automaticamente definido *no* imaginário como terrorista ou *inimigo*.

É interessante observar, como lembra Chauí,⁵⁶³ que os principais assessores e conselheiros *desta* política de extermínio de G.W. Bush foram formados por um filósofo político alemão que se exilou nos Estados Unidos. Leo Strauss tinha a seguinte concepção a respeito da *política*: a política é o exercício da violência e da força. Nessa medida, Strauss considerava que a missão dele era formar os assessores dos governantes. Ele formou nos Estados Unidos uma equipe conselheira de Bush. Essa equipe formada por Strauss é herdeira ainda de outro pensamento: Carl Schmitt.⁵⁶⁴

Num eterno retorno *do mesmo*, de uma forma ou de outra (repetição *do mesmo* e *do diferente*) a História repetir-se-á, as consequências *destes* genocídios fazem-se sentir até hoje, tal o poder de destruição dessas novas *máquinas* de guerra e estudos estratégicos. A tecnologia das máquinas continua a ser até hoje o resultado mais visível da essência da tecnologia moderna, a qual é *idêntica* à essência da *metafísica da escritura fonética*. Técnicas a serviço *do* humanismo.

Sabe-se bem que a máquina não pensa. Nós é que a fizemos, e ela pensa o que lhe mandamos pensar. Mas se a máquina não pensa, está claro que nós mesmos também não pensamos quando efetuamos uma operação. Seguimos exatamente os mesmos mecanismos que a máquina.⁵⁶⁵

Um militarismo como compulsão para o uso generalizado da *violência mítica*, como um meio para os fins do Estado, que usa de um certo *óleo* para

⁵⁶³ CHAUÍ, M. *A Construção do "Oriente" e os Fundamentalismos*. In *Trabalho Intelectual e Crítica Social*, São Paulo: Casa Amarela, 2005, p. 39 - 43.

⁵⁶⁴ *Idem*.

⁵⁶⁵ "On sait bien qu'elle ne pense pas, cette machine. C'est nous qui l'avons faite, et elle pense ce qu'on lui a dit de penser. Mais si la machine ne pense pas, il est clair que nous-mêmes ne pensons pas non plus au moment où nous faisons une opération. Nous suivons exactement les mêmes mécanismes que la machine." LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 350.

que o motor não quebre. “Nenhum sistema político pode sobreviver sequer a uma geração com simples técnica e afirmação de poder”.⁵⁶⁶ Este óleo é a região obscura da *religião* e é preciso entender o “sentido verdadeiro daquilo que a *cibernética* nos traz e, em particular, a noção de *mensagem*”,⁵⁶⁷ que para o mais frio dos monstros é uma sequência de sinais orientados para que a máquina vá num certo sentido – *mensagem cibernética* (sinais enviados pela *máquina universal*).

Tudo isto pode *circular* das mais diversas formas nesta “máquina universal, mais universal do que tudo o que puderem supor”, “no sentido de reencontrar a verdade”, “questão do *sentido* que vem junto com a *fala*”,⁵⁶⁸ indicando qual seria a missão do sujeito falante – sagrado soberano.

“A idéia de uma História universal está ligada à do progresso e à da cultura. Para que todos os momentos na história da humanidade possam ser alinhados na cadeia do progresso [*cadeia de significantes*], têm de ser reduzidos [*submetidos*] ao denominador comum da cultura, do esclarecimento, do espírito objetivo, ou como se lhe queira chamar.”⁵⁶⁹ “Só quando o decurso da história deslizar sem atrito pelas mãos do historiador se poderá falar de progresso.”⁵⁷⁰

⁵⁶⁶ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Lisboa: Hugin, 1998, p. 31.

⁵⁶⁷ LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 350.

⁵⁶⁸ “...la question du sens vient avec la parole.” LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 330.

⁵⁶⁹ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 155 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da História*” Novas Teses B.)

⁵⁷⁰ *Idem*. Novas Teses C.

*Os mortos então provocaram grande tumulto,
pois eram cristãos.*

C. G. Jung, *Septem Sermones ad Mortuos* *

Ebenbürtige atmen

P. Celan, *As bandeiras guardam as aparências*

[*Die fahnen wahren den schein*] **

* JUNG, C.G. *Septem Sermones ad Mortuos* (1916). In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 336.

** “Os que são iguais respiram”.

CELAN, P. *A Morte é uma Flor*. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1998, p. 92 - 93.

7. A sagrada soberania

– discurso enquanto estratégia do poder

Numa época secularizada do *pathos* cristão, do príncipe como mártir e tirano, em sua intelectualidade, o povo das mais sublimes realizações culturais também foi responsável pelo maior *genocídio* da História: onde a luz é mais forte, também a sombra é a mais escura. “À luz seguiu-se a sombra, o outro lado do Criador. Este desenvolvimento atinge o ponto culminante no século XX. O mundo cristão confronta-se agora com o princípio do mal”.⁵⁷¹ “E quando negra de todo se fez a noite, e só as estrelas luziam no firmamento, milhares de fogos multicores acenderam-se de repente na região, a à luz deles recresceu a festa, e mais quente era cada coração e mais intensa a alegria comum”.⁵⁷²

A História guiada pela razão universal revelou a presença do mais estranho fenômeno: as *forças reativas* triunfam [o real deixa de *ser* racional], a negação leva a melhor *na* vontade de poder – nesta esfera, significando que a vontade quer o poder e deseja dominar; o *político* define-se como reino da ordem e estabilidade garantida pela imagem da vontade do príncipe (*vontade de decisão*). Mesmo a história da Terra, pelo menos sobre a sua face habitada pelo homem, humano, demasiado humano, onde a *vida* torna-se reguladora, reduzindo-se a formas e micro-formas que nem sequer compreende-se o que significa agir por instintos – *expressar por* instinto. O triunfo destas forças reativas numa “segunda natureza” em excesso – a figura da *cebola*, revelando o excesso de uma civilização industrial manifestada por uma *razão em excesso* – o universo Nazista – *na exceção*.

⁵⁷¹ JUNG. C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 284.

⁵⁷² SPITTELER. C. *Escolha*. In *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p. 67.

À *quantidade* de excessos revela-se historicamente e aparentemente, objetivamente e conscientemente, *na* organização paramilitar da SS surgida a partir dos chamados Comandos Especiais da SS (1934), de Heinrich Himmler. A designação *Waffen-SS* passa a ser usada a partir de 1939 assumindo a condição de Tropa de Elite militar *no* decorrer *da* guerra, recebendo os melhores e mais modernos equipamentos técnicos e, propagandisticamente, envolvida por uma aura de invencibilidade e infalibilidade. Função da polícia na sociedade industrial representada pelo *poder mítico – violência mítica*. A vitória comum das *forças reativas* e da *vontade de negar*, Nietzsche chamou de “Niilismo” – triunfo dos escravos. *Para além* da objetividade e da consciência histórica ou do mundo extensivo, numa leitura das subjetividades desta História oficial, a quantidade de excessos revela-se inconscientemente *na* organização intelectual cristã: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino – forças reativas na negação da vida pela distinção de dois mundos – *metafísica*. Neste processo de negação da vida viva, intensa, o *poder-violência mítica* revela sua face tanto terrenal, quanto espiritual – milícias terrestres e celestes – *anjos cristãos*. Função *da* polícia – do céu e da terra. Em nossa contemporaneidade estes domínios permanecem intactos num conjunto *complexo e hierarquizado* de saberes estratégicos. Estes escravos – fracos, não triunfam por adição das suas forças, mas por subtração da força do outro: separam o forte daquilo que ele pode, acarretando forças reativas, “degenerescência”. Por maior razão, nesta razão, no caso do humano, os critérios da História e seus *arquivos do mal* construídos pelo Ocidente favorecem os escravos – fracos enquanto tais. Vitória SS – da teológica e da “secularizada”. É evidente que o “escravo” não deixa de ser “escravo” ao tomar o poder; as forças reativas não deixam de ser reativas. Nossos Senhores são escravos que triunfam num “*devir-escravo*”⁵⁷³ universal: o homem europeu – *branco – cristão*. Qualquer que seja a complexidade nietzscheana, não é difícil perceber em que tipo ele teria colocado a “raça” dos “senhores” concebidos pelos nazis. Quando o *niilismo*

⁵⁷³ DELEUZE, G. *Nietzsche*. Trad. Alberto Campos. Lisboa: 70, 2001.

*triunfa*⁵⁷⁴ a vontade de poder deixa de criar e passa a querer dominar. Surge daí reativas interpretações.⁵⁷⁵ por parte dos “nietzscheanos” – pulsão estetizante ou estetizada, pulsão como *sinthoma* do ponto de vista da moral religiosa etc.

Por outro lado, transgressões *que* desconstroem destruindo a tradição representacional (ou um sistema secular ortodoxo), como na crítica feita no texto “*Origem do Drama Trágico Alemão*”⁵⁷⁶ ao literato barroco que “sentia-se totalmente ligado ao ideal de uma ‘estrutura política absolutista’, apoiada pela Igreja”.⁵⁷⁷ A “arte” enquanto belo e afirmação da vida enquanto afirmação desta afirmação na afirmação produz seus *arquivos da arte* (arquivos do bem e arquivos do mal na dualidade ideológica do domínio hierarquizado) que carregam um fenomenal poder simbólico, aceito *enquanto* forma; no mundo interior, pela atuação do símbolo, da mesma forma que a literatura barroca, a pintura⁵⁷⁸ e suas formas representáveis capturam os instintos mais vitais com auxílio estratégico da esfera simbólica. Esta crítica direciona-se a “construção puramente estética”⁵⁷⁹ e a “esfera estética” que renuncia a um conhecimento histórico-filosófico *do* mito e a uma resistência pulsátil.

Pois que importa se toda a obra de arte é inspirada pela vontade de vida ou da sua destruição, se ela, sendo o produto monstruoso de uma vontade absoluta, se desvaloriza a si mesma ao desvalorizar o mundo?⁵⁸⁰

⁵⁷⁴ *Idem*, p. 24 - 34. Sobre as etapas do *triumfo do niilismo* (1 - *Ressentimento*; 2 - *A má consciência*; 3 - *Ideal ascético*; 4 - *A morte de Deus*; 5 - *O último homem e o homem que quer morrer*).

⁵⁷⁵ Não precisamos nem citar Abir Taha em seu *Nietzsche, o Profeta do Nazismo* (Trad. Caroline Furukawa. São Paulo: Madras, 2007), podemos ficar com o exemplo dos nietzscheanos disfarçados de nietzscheanos.

⁵⁷⁶ BENJAMIN, W. *Prólogo Epistemológico-crítico*. In *Origem do Drama Trágico Alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 44.

⁵⁷⁷ *Idem*.

⁵⁷⁸ Capítulo 2. *Ilusão da presença soberana*.

⁵⁷⁹ BENJAMIN, W. *O Nascimento da Tragédia, de Nietzsche*. In *Origem do Drama Trágico Alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 103.

⁵⁸⁰ *Idem*, p. 104.

Abre-se aqui, como expressa em sua crítica Walter Benjamin, o “abismo do esteticismo”, no qual esta genial intuição perdeu todos os conceitos, e em que deuses e heróis, os pilares da construção, se dissolvem em *nada*. Até mesmo este “nada” pode ser representado pela metáfora da *cebola*,⁵⁸¹ adequada para retratar esta “segunda natureza” em excesso, onde a barbárie da fantasia do “poder soberano” é contínua, produzindo na prática, *efeitos* devastadores – *niilismo* de uma civilização cristã (esta “cebola” – que só descascada pele a pele revela o que guarda inscrito em sua podre superfície). A grande serpente negra e pesada. Estes *efeitos* estão ligados ao ideal das imagens inconscientes de pureza e perfeição que a religiosidade (principalmente com a ajuda da arte religiosa ocidental ou arte sacra enquanto belo) deste *homem branco cristianizado* impõe, um individualismo totalitário produzido por um *pathos* moralista ou “*pathos* cristão” [*pathos chrétien*].⁵⁸² Nesta *mitologia branca*⁵⁸³ do esteticismo, Cristo – *mito branco* – e seus santos exterminam a cultura da diferença; com um *pathos* que parece comunicar uma voz, drama de seu destino ante as massas embevecidas ou com um temor reverente e com os olhos fitos no ídolo vivo. O homem simbolizado humano e o Cristianismo (enquanto projeto cultural de dominação das massas de rebanho) capturam o poder *do* simbólico, cristianizando-o – o *simbólico* passa [passagens dos cristãos] a “ser” o *simbólico cristão* com sua força, a força da esfera simbólica.

Esta “época logocêntrica” [*l'époque logocentrique*]⁵⁸⁴ que revela uma História, época entendida como um projeto civilizacional da “metafísica da escritura fonética” [*métaphysique de l'écriture phonétique*]⁵⁸⁵ é capturada por esta cultura [barbárie] revelando-se e unificando o simbólico, a linguagem e o sentido dimensionado pelo imaginário – cristão. No mundo interior, o mesmo se passa com o destino do símbolo e das imagens interiores, da captura da força

⁵⁸¹ “*Nas Peles da Cebola*” de G. Grass.

⁵⁸² DELEUZE, G. *L'essence du tragique*. In *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973, p. 20.

⁵⁸³ DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto: Rés, s/ data, p. 265 - 354.

⁵⁸⁴ DERRIDA, J. *De la grammatologie*. (1967). Paris: Minuit, 2006, p. 13.

⁵⁸⁵ *Idem*, p. 11.

dos símbolos por esta “cultura”. O Cristianismo enquanto tal é *naturalizado* [o Cristianismo é naturalizado; o excesso do Cristianismo é naturalizado *na exceção*]. A “necessidade do mito”,⁵⁸⁶ encerrando *em* unidade todo um movimento cultural de uma temporalidade de milhares de anos; que nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico, que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas – imagens do mito onipresente, imagem concentrada do mundo que não pode dispensar o *milagre*, o sentimento das massas que recebem o milagre representado na cena daquele que toca a multidão. Só em momentos excepcionais se agita com *violência mítica* e depois volta à espera de um futuro despertar. Jesus cristianizado em Cristo (Soberano/ Senhor/ Mestre) combate na modernidade com seus exércitos industriais (na pós-modernidade combate através de relações cibernéticas),⁵⁸⁷ *ambos* revelando através do séculos significantes supremos borromeamente, significantes que repetem-se em si mesmos numa estrutura mitológica construída soberanamente com sofrimento e *cruzeldade*. A missão consiste em ressuscitar o verdadeiro Jesus, o “rabi Jesus”, Cristo “original”, *separando-o* [como se possível ideologicamente] da tradição cristã mitificadora de Jesus enquanto Cristo.

Neste projeto civilizacional estratégico *do soberano mito branco* e sua identidade [caldo cultural de barbárie – *barbárie branca*], a *linguagem* do Judeu nestes séculos passa pela *solidão*, a oficialidade da História linear não lhe permite encontrar sequer na linguagem uma experiência segura, pelo contrário; por outro lado, seu aparelho psíquico é intensificado na geração de força como resistência com a escrita radicalmente originária na sua abstração dolorosamente concreta. A *rememoração* milenária de um povo, a Dor, em que o passado e sua continuidade se confundem com os da escritura; o destino que interpela o Judeu e o interpõe entre a voz e o número. “*Condição sem voz* (a

⁵⁸⁶ NIETZSCHE. F. *Necessidade do Mito - O Homem Abstrato - O Renascer do Mito Alemão*. In *O Nascimento da Tragédia*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 134 - 138.

⁵⁸⁷ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

do Judeu).⁵⁸⁸ Kafka, diante da fragilidade deste humano em *instante secularizado* [repetição do mesmo] de *eclipse* [reificado em nossa sociedade burguesa] silenciou a linguagem de seu jeito frente esta “segunda natureza” em excesso à qual esteve submetido, registrando sua visão de anjo no diário no dia 25 de junho de 1914,⁵⁸⁹ apresentando uma narrativa em primeira pessoa, onde o *narrador*, o ocupante de um quarto alugado, pouco antes de anoitecer, presencia um acontecimento extraordinário. Ele percebe um tremor no teto, de onde surgem diversas rachaduras, e depois várias ondas de luz colorida, amarelas e douradas, que dão ao teto uma estranha transparência. De repente, um braço segurando uma espada de prata atravessa o teto, e o narrador vê nele uma visão enviada para sua libertação:

Na luz tênue, ainda a uma grande altura, desceu lentamente um anjo de túnica azul-violeta, amarrada com um cordão dourado. Ele era sustentado por asas brilhantes e macias como a seda, e segurava a espada com o braço estendido, na posição horizontal. “Um anjo, então!”, pensei. “Ele estava voando em minha direção o dia inteiro, e na minha incredulidade eu não percebi. Agora ele falará comigo”. Baixei os olhos. Quando os ergui novamente, o anjo, de fato, ainda estava lá, pairando alguns metros abaixo do teto. No entanto, não se tratava de um anjo de verdade: era apenas uma figura de madeira pintada da proa de algum navio, do tipo que costuma ser pendurado no teto das tavernas de marinheiros. O punho da espada tinha sido montado de modo a servir de candelabro, recolhendo a cera derretida. Eu tinha arrancado a lâmpada elétrica, mas não queria ficar no escuro. Eu ainda tinha uma vela, então subi numa cadeira, coloquei a vela no punho da espada, a acendi, e fiquei sentado até tarde sob a luz fraca do anjo.⁵⁹⁰

⁵⁸⁸ BARRENTO, J. *Paul Celan: o Verbo e a Morte*. In CELAN, P. *Sete rosas mais tarde*. Trad. João Barrento e Y.K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996, p. XXIX.

⁵⁸⁹ KAFKA, F. *Os Diários, 1910 - 1923*. NY: Max Brod, 1949, p. 292.

⁵⁹⁰ *Idem*.

Em linhas gerais, a narrativa apresenta uma epifania angélica. A revelação de um anjo acompanhada de toda a parafernália tradicional: vibrações, cores, um acesso de frenesi naquele que a contempla e uma espada de prata estendida *representando* a ameaça em potencial.⁵⁹¹ Ao recriar a imagem e a sensação da experiência visionária e divina, ao mesmo tempo, Kafka mostra como ela é frustrada. A narrativa que começa com uma enorme dignidade teológica se torna uma farsa cruel. Esta ameaça em potencial, numa atitude absolutista, aparentemente, poderia remontar a espada inflamada (ou espada cintilante) dos anjos da primeira hierarquia diante dos portões do Éden:

E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.⁵⁹²

Por outro lado, numa leitura benjaminiana, a tempestuosa expulsão da humanidade do paraíso traz sua inclusão na história na figura do *Angelus Novus*,⁵⁹³ afastando o anjo do âmbito da revelação e das mensagens divinas:

Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo, que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão arregalados [esbugalhados], sua boca aberta, suas asas estiradas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele enxerga uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína, escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade [vendaval] que se emaranhou em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade [vendaval] arrasta-o irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as

⁵⁹¹ ALTER, R. *Anjos Necessários*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 151 - 152.

⁵⁹² Gênesis, 3:24.

⁵⁹³ Em 1921, Benjamin adquiriu a obra *Angelus Novus* de Paul Klee, uma pintura a óleo colorida com aquarela.

costas, enquanto o amontoado de ruínas e escombros diante dele cresce até o céu. Essa tempestade [vendaval] é o que chamamos *progresso*.⁵⁹⁴

Certos animais pressentem a tempestade [vendaval] e os tremores de terra. Esta imagem da História como uma pilha de destroços que atinge o céu reflete o momento que Benjamin vivia: quando a maior parte da Europa estava sob a sombra da suástica representada pelo sagrado soberano ou Deus. “A *suástica* no peito e a *cruz* no coração”,⁵⁹⁵ dizia o lema dos cristãos alemães, ramo nazificado da Igreja Protestante. Nesta *transmissão* das imagens dos valores inconscientes, um papel fundamental foi desempenhado pelas duas maiores religiões cristãs. O Nazismo colocará em prática a *mensagem* do Cristianismo.

A Igreja Protestante ou Evangélica e a Igreja Católica desfrutavam juntas, em 1933, pelo menos da adesão nominal de mais de 90% da *massa* alemã. Nenhuma das duas Igrejas ocultava seu desagrado diante da República de Weimar criada pelo Tratado de Versalhes. A Igreja Unida Protestante Prussiana tinha um motivo óbvio para ser contra a república: a perda de sua posição privilegiada como Igreja da Prússia, sob seu *summus episcopus*, o *Kaiser*. “A República de Weimer foi uma maldição para a maioria dos pastores protestantes porque depôs os reis e príncipes”.⁵⁹⁶ Os líderes católicos também eram favoráveis a um regime mais autoritário, porque o Estado não estava mais disposto a agir como censor moral da sociedade. Em seu discurso ao *Reichstag*, Hitler prestou tributo à fé cristã como “elemento essencial à proteção da alma do povo alemão”, declarando que a “ambição de seu governo

⁵⁹⁴ BENJAMIN, W. *Sur le concept d'histoire*. Trad. Maurice de Gandillac. Thèse IX. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 434; *Sobre o conceito da História*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 13 - 14; *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 226; LÖWY, M. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio - Uma Leitura das Teses “Sobre o Conceito de História”*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. Trad. das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 87.

⁵⁹⁵ KERSHAW, I. *Hitler: um Perfil do Poder*, Rio de Janeiro: JZE, 1993, p. 97.

⁵⁹⁶ SHIRER, W. L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich: Triunfo e Consolidação (1933 - 1939)*. Trad. Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. I, p. 321.

é a conclusão de um acordo pacífico [*complexio oppositorum*] entre a Igreja e o Estado (...) esperamos melhorar nossas relações de amizade com a Santa Sé”.⁵⁹⁷ A “purificação moral e política da vida pública, está criando e mantendo as condições necessárias para um renascimento verdadeiramente profundo da vida religiosa; o governo nacional considera as duas religiões cristãs como os mais ponderáveis fatores para a manutenção de nossa nacionalidade”,⁵⁹⁸ proferindo em altaz vozes ou vociferando a clamorosa voz do sangue dentro das suas veias; tinha um desejo de purificação para salvar o político [*Espírito*] na imaculada Europa.

As associações cristãs de jovens abarcavam cerca de trinta vezes mais membros do que os outros partidos juntos: cerca de um milhão e meio de jovens cristãos entre 1930 e 1932. Os dados são da edição de abril de 1932 do *Proletarische Freidenkerstimme*.⁵⁹⁹ Liga dos Jovens Católicos da Alemanha 386 879; União Central das Moças Católicas 800 000; União das Associações de Católicos Solteiros 93 000; União das Associações da Juventude Católica Feminina do Sul da Alemanha 25 000; União das Associações Católicas de Livreiros da Baviera 35 220; União dos Alunos Católicos dos Estabelecimentos de Ensino Secundário (“Nova Alemanha”) 15 290; Liga da Juventude Católica Operária Feminina Alemã 8 000; União Nacional das Ligas Alemãs Windhorst 10 000.⁶⁰⁰

Mas talvez um forte indício de um sentimento anti-republicano tenha sido a eleição do general Hindenburg, aos 78 anos, para presidência da Alemanha em 1925. A eleição de um monarquista declarado para o mais alto cargo da república, revelando exteriormente a força de um símbolo, prova

⁵⁹⁷ *Idem*, p. 318.

⁵⁹⁸ Discurso de 23 de março de 1933, Berlim, *Reichstag*. Neste dia o *Reichstag* alemão passa uma lei dando toda autoridade para o governo de Hitler por quatro anos e suspende *sine die* o seu funcionamento. In HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 125.

⁵⁹⁹ REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 115 - 116.

⁶⁰⁰ W. Reich continua sua análise social levantando os seguintes dados: na *Liga dos Jovens Católicos da Alemanha* os Trabalhadores eram de 45,65%, constituindo o elemento proletário a sua esmagadora maioria. Dessa maioria, quatro quintos dos membros eram jovens entre 14 e 25 anos de idade. *Idem*, p. 116.

simbólica do “Leviatã schmittiano”⁶⁰¹ através de um primeiro sentido na condução de um sagrado soberano-deus guiando as massas, confirmando a força persistente do conservantismo alemão. Apesar da inovação nas artes, pelo que a era de Weimar é com justiça célebre, o clima político predominante era conservador e anti-republicano.⁶⁰² Intelectuais da chamada “Revolução conservadora”, como o historiador Oswald Spengler (1880 - 1936), o publicista Arthur Möller van den Bruck (1876 - 1925), ou o teórico político Carl Schmitt (1888 - 1985), que condenavam o materialismo superficial da civilização ocidental e clamavam pelo renascimento dos valores alemães num “Terceiro Reich”, para um reino em que não haveria conflitos partidários e do qual seriam “expurgados” ou “purificados” os interesses egoístas do liberalismo e socialismo.

Neste aspecto, Carl Schmitt está influenciado por Donoso Cortés.⁶⁰³ Desacostumados a democracia (e aqui levando em conta a crítica schmittiana a “Democracia Parlamentar”⁶⁰⁴), grande parte dos alemães não acreditavam no parlamento, mas tinham fé num soberano forte, que promettesse empregos e uma vida melhor. Em ambos os casos, havia fortes preferências por um sistema autoritário. Respirava-se um ar de “revolução nacional” na “tomada do poder”, e a esperança da *purificação moral* que o renascimento nacional iria acarretar. Portanto, podemos repetir aqui a fala de Carl Schmitt, para incluir também seu “totalitarismo” dirigido de forma consequente ao fundamento moral das tendências políticas e filosóficas do Estado,⁶⁰⁵ identificando-o numa

⁶⁰¹ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes - Sentido e Fracasso de um Símbolo Político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008.

⁶⁰² STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 115.

⁶⁰³ CORTES, D. *Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo*. Buenos Aires: Americalee, 1943. Ver também SCHMITT, C. *Interpretación Europea de Donoso Cortés*. Trad. Francisco de Asís Caballero. Buenos Aires: Struhart, 2006.

⁶⁰⁴ Ver SCHMITT, C. *A Crise da Democracia Parlamentar*. Trad. de Inês Lohbauer. São Paulo: Scritta, 1996.

⁶⁰⁵ SCHMITT, C. *Los Fundamentos Histórico-espirituales del Parlamentarismo em su Situación Actual*. Trad. Pedro Madrigal Devessa. Madrid: Tecnos, 2008, p. 131.

Durante os anos de 1933 e 1934, Carl Schmitt cultiva a ambição de ampliar sua influência no regime e tornar-se o grande jurista da Nova Ordem [*Kronjurist*] SCHMITT, C. *O Führer protege o direito: sobre o discurso de Adolf Hitler no Reichstag em 13 de julho de 1934*. Trad. Peter Naumann (mimeo, s/ data).

perspectiva das massas de rebanho com a fé num Deus de caráter absoluto (Soberano infalível, Pai perfeito, Lei pura, Razão eficaz) concebido como a imagem imaginária ([ii]) de uma unificação homogeneizante metafísica. Ou seja: o “soberano” é pensado como verdade; o soberano é a verdade; de que a verdade é divina. No valor *em si* da verdade é o que se chama de “vontade de verdade” reverenciada por Schmitt. Vontade de verdade que se encontra na base tanto da metafísica quanto da religião, esclarecendo inclusive a homogeneidade que existe entre elas, uma *vontade moral*.

Após a declaração do Estado de emergência em 20 de julho de 1932⁶⁰⁶ o *Reichstag* em suas eleições do dia 31 do mesmo mês e ano, passou a contar com 229 cadeiras, membros do partido nacional-socialista, na busca de vontade de verdade, “eleitos pela providência da História ou da suprema sabedoria com que Deus conduz todas as coisas” (A. Hitler). No desfile histórico de 30 de janeiro de 1933 a comemoração do novo Chanceler veio a luz de tochas de fogo com o “Despertar da Alemanha”.⁶⁰⁷

As grandes *massas* da nação não consistem de filósofos. A fé para elas é a única base para a sua vida *moral*. As tentativas para encontrar sucedâneos para as atuais religiões não têm demonstrado tanta conveniência e êxito que provem a vantagem de uma substituição das antigas confissões religiosas. Quando a *doutrina* e a *fé* são realmente adotadas pela *massa do povo*, a *autoridade absoluta dessa fé* é a única garantia eficaz. O que o costume é, para a vida geral, assim é a *lei* para o *Estado* e o *dogma* para a *religião*.⁶⁰⁸

Portanto, para o soberano, só o *dogma* pode destruir a incerta e controvertida concepção do mundo e dar-lhe uma *forma* definida, sem a qual nunca se transformará em uma verdadeira *fé*. A vida moral para milhões de

⁶⁰⁶ HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 115.

⁶⁰⁷ BARTOLETTI, S. C. *Juventude Hitlerista: a História dos Meninos e Meninas Nazistas e a dos que Resistiram*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 23.

⁶⁰⁸ HITLER, A. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2005, p. 198.

alemães teria a *fé* como base e forma definida pelo *dogma*. Nesta leitura do “teológico-político” o ataque contra o dogma seria para o Führer muito semelhante à luta contra os princípios gerais do Estado. Assim como essa luta contra o Estado terminaria em completa anarquia, o ataque contra o dogma resultaria em um *niilismo* religioso.

E agora o Staatpräsident Bolz diz que o Cristianismo e a fé católica estão ameaçados por nós. A esta acusação respondo: Em primeiro lugar são cristãos e não ateus internacionais os que estão agora [15 de fevereiro de 1933] na chefia da Alemanha. Não estou meramente falando de Cristianismo, não, eu também afirmo que nunca me reunirei a partidos que destroem o Cristianismo. Se muitos desejam hoje tomar sob sua proteção o Cristianismo ameaçado, onde, pergunto eu, onde estava para eles o Cristianismo nos 14 anos em que andaram de mãos dadas com o ateísmo? Não, jamais e em tempo algum houve maior dano interno feito ao Cristianismo do que nesses 14 anos em que um partido, teoricamente cristão, formava com os que negavam Deus um único e mesmo governo.⁶⁰⁹

O soberano enfrenta seu *inimigo*, uma crença religiosa, com argumentos religiosos,⁶¹⁰ um “terceiro superior”⁶¹¹ [*complexio oppositorum*] que conduz à secularização de Deus, utilizando-se das formas de maneira arbitrária e ocasional para encontrar um significado superior e uma ressonância metafísica em sua vivência subjetiva.

Neste viés segue-se a importância da religião – ideologia dos sentimentos [a religião como uma *ideologia sentida*] – na mobilização política de emoções e sentimentos, pois que todo *discurso* hierárquico do sagrado soberano-deus está cravado no Catolicismo ou um sistema de representação. Parte daí também como indício toda organização “teológica-político” com

⁶⁰⁹ Discurso de 23 de março de 1933, Berlim, Reichstag. HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 121.

⁶¹⁰ SCHMITT, C. *Romanticismo Político*. Trad. Luis A. Rossi & Silvia Schwarzböck. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Ediciones, 2001, p. 236.

⁶¹¹ *Idem*, p. 238.

inúmeros graus da hierarquia extremamente detalhista da SS no farto documento levantado por Günter Grass.⁶¹² Em todos os lugares em que a Filosofia católica do século XIX e XX se expressou, numa atualidade espiritual das massas, de alguma forma ela expressou o pensamento da imposição que não admitia mediações, “isso ou aquilo”, cuja rigidez ou rigorismo soa como ditadura⁶¹³ – natureza “imane” do *complexio oppositorum*.⁶¹⁴ O que esta Filosofia de Estado contra-revolucionária mais destaca é a consciência de que cada época exige uma *decisão*. O valor do Estado consistiria em apresentar uma decisão e o valor da Igreja em ser uma decisão definitiva – inapelável.

Portanto, na concepção schmittiana, onde os conceitos da teoria do Estado moderno seriam conceitos teológicos secularizados, a *infalibilidade*, seria a “essência” da decisão inapelável, e a infalibilidade da ordem espiritual possui a mesma “essência” da soberania da ordem do Estado; ambas as palavras, *infalibilidade* e *soberania* seriam a imagem imaginária de sinônimos perfeitos no “Reino Cristão”. Neste “reino”, “essência” identifica-se com a [ii] do “amor” do “ser”. Na esfera desta leitura do “teológico-político” todo soberano agiria como se fosse um ser infalível, reafirmando a dimensão da Teologia política no âmbito do político, este, sendo, muito mais teologia do que política, trazendo de volta o *dogma* do *complexio oppositorum*⁶¹⁵ na perspectiva católica romana, algo informe e disperso, capaz de receber uma ordem racional, uma forma, apenas pela *vontade de decisão* [*Wille zur dezision*] que o dogmatismo católico romano privilegiadamente tenta expressar.

Expresso de maneira puramente dogmática, o perigo mais profundo nesta posição moral tem seu lugar na motivação e legalização da *vontade pura*,

⁶¹² GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*, Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007, p. 415 - 417. Ver “Tabela de Hierarquias”. Sobre a relação das grandes unidades das *Waffen-Schutzstaffeln* e notas sobre as denominações e emblemas das divisões das *Waffen SS* ver KEEGAN, J. *Waffen-SS: Soldados da Morte*, Rio de Janeiro: Renes, 1973, p. 150 - 156.

⁶¹³ SCHMITT, C. *A Crise da Democracia Parlamentar*, São Paulo: Scritta, 1996, p. 121. Ver também *Teologia Política*, Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 49.

⁶¹⁴ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*.

⁶¹⁵ Ver SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política* (1925). Lisboa: Hugin, 1998; JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

isto é, na supressão da liberdade.⁶¹⁶ Esta interpretação benjaminiana permite uma outra interpretação: que a “*vontade pura*”, estetizada [na teoria, pelos nietzscheanos], realiza-se neste reino cristão enquanto cultura, arte e política. Este é o instante eterno na História oficial dos contra-revolucionários revelando-se na estrutura teológica política do Catolicismo Romano. Tiranismo da Igreja e seu dogma estatal – oficial. O Nazismo é uma comunidade espiritual do *mito branco*, assim como a Cidade de Deus em seu Cristianismo. Na leitura da História *deles* – temporalidade evolutiva da Cidade de Deus; a crença ou superstição no divino passa pela “repetição de palavras dos mitos”⁶¹⁷ secularizados nas cidades terrenais.

As relações entre a Igreja Católica e o Partido Nazista continuaram a ter altos e baixos durante a ascensão ao poder. Grandes conquistas foram feitas entre os eleitores católicos na eleição de março de 1933. Importantes linhas de consenso existiam entre a Igreja e o Movimento (o Partido), quanto aos aspectos da política. O ataque ao *inimigo, marxismo*, foi acima de tudo, uma das áreas que o Movimento pôde contar com a Igreja. Bispos e padres encaravam a invasão da União Soviética, em 1941, como uma “*Cruzada*” contra o bolchevismo. Com a suástica no peito e a cruz no coração o *inimigo* era o perigo vermelho. “Pestíferos delirantes, com os espíritos carregados de imaginações pavorosas, espalham-se gritando pelas ruas. O mal que lhes corrói as vísceras, que anda por seu organismo inteiro, libera-se em jorros através do espírito.”⁶¹⁸ Num dos cartazes da época, propaganda do Movimento, exibia-se um soldado da *Schutzstaffel* matando um Dragão com um raio cintilante ou inflamado.

E, se alguém lhes quiser fazer *mal*, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus *inimigos*; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto.⁶¹⁹

⁶¹⁶ BENJAMIN, W. *O Ensino de Moral*. (1913). In *Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2002, p. 15.

⁶¹⁷ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 103.

⁶¹⁸ ARTAUD, A. *O Teatro e a Peste*. In *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 19.

⁶¹⁹ Apocalipse 11:5.

Então houve no céu uma grande batalha: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos.⁶²⁰

Também voltaram a ser avaliadas,⁶²¹ as tradições das Igrejas Protestantes, no que diz respeito à maneira como santificavam o Nazismo e como estavam próximas do regime nazista. Grande parte do conteúdo das imagens da fantasia racialista do pensamento nazista encontrou uma boa acolhida entre as variedades particulares da fé cristã bem antes da chegada do nazismo ao poder e que alcançaria sua conclusão extrema no Terceiro Reich. A fantasia da pureza, do racismo, da perfeição, nasceria dos debates que *emergiram* nas críticas bíblicas do século XIX.⁶²² Imagens imaginárias ([ii]) que representavam os judeus como um povo amaldiçoado, um “inimigo da raça humana”.⁶²³

Walter Benjamin chamaria de “literatura barroca” ou “barroco”, numa outra tradução, “drama trágico alemão”.⁶²⁴ Nesta interpretação, Hitler em sua dramatização da representação seria um príncipe cristão; queria *ser* com sua *vontade* o maior príncipe de todos. No documentário “Arquitetura da Destruição” [1992] de Peter Cohen, fica bem clara a ideia que a grandeza histórica só pode ganhar forma artística na sua dimensão trágica, questão esboçada por Benjamin em 1916,⁶²⁵ na importante diferença entre “Drama trágico” e “Tragédia”: “Introduzo na ciência, na estética, uma nova terminologia. Quando se fala do drama moderno, usam-se termos como ‘tragédia’ e ‘drama trágico’ de forma indiferenciada, apenas como palavras. Eu mostro a diferença de princípio entre tragédia e drama trágico. Os dramas do Barroco expressam desespero e desprezo do mundo – são realmente peças tristes e trágicas; já a

⁶²⁰ *Idem*, 12:7.

⁶²¹ STEIGMANN-GALL, R. *O Santo Reich: Concepções Nazistas do Cristianismo, 1919-1945*. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

⁶²² OLENDER, M. *The Languages of Paradise*. Cambridge: MA, 1992.

⁶²³ EBAN, A. *Os Judeus na Europa até 1492*. In *A História do Povo de Israel*. Trad. Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Bloch, 1971, p. 152.

⁶²⁴ BENJAMIN, W. *Origem do Drama Trágico Alemão* (1925). Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

⁶²⁵ *Idem*, p. 265.

atitude dos tragediógrafos gregos e dos poetas propriamente trágicos em relação ao mundo e ao destino é a de uma total inflexibilidade. Esta diferença de atitude e de sentimento do mundo é importante. Tem de ser levada em consideração, e implica por fim uma distinção de gêneros – concretamente, da tragédia e do drama trágico”;⁶²⁶ portanto, uma investigação não apenas acadêmica, mas que tinha uma relação muito direta com os problemas de grande atualidade no século XX e XXI, a figura do rei, príncipe, no drama trágico humano, a incapacidade de decisão, o tirano como mártir, o mártir como tirano, o soberano como criatura, etc., “razão pela qual o drama trágico alemão [civilizacional] exige interpretação”,⁶²⁷ na problematização da atualidade de uma “cultura” em excesso, revelando-se a cada *instante secularizado* [repetição do mesmo] sua imagem do belo, afirmando àquele poder histórico [Kat-echon]⁶²⁸ e toda sua beleza nesta arquitetura de barbárie. Este “trágico” drama e sua continuidade histórica funda-se num conjunto de preceitos sagrados e sacralizados do discurso falado entre os considerados humanos remetendo a lei própria da esfera do simbólico; isto porque o drama ainda é um *pathos* cristão⁶²⁹ – caricatura do trágico,⁶³⁰ dramatização da representação. O Nazismo expressa esta “ambivalência”, no imaginário da *perfeição da decisão* do soberano, por outro lado, a coexistência simultânea da imanência na *incapacidade de decisão*.

Estas trágicas histórias do trágico, idéias, de um poder histórico no combate contra o “mal”, de uma religião nacional popular, já tinham encontrado ressonância dentro dos círculos protestantes na Alemanha pré-nazista e uma tradição de *ódio*⁶³¹ aos judeus de inspiração “teológica absolutista” foi condição para o sucesso da Cruzada ideológica racialista:

⁶²⁶ *Idem*, p. 287.

⁶²⁷ *Idem*, p. 260.

⁶²⁸ SCHMITT, C. *El Nomos de la Tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005, p. 41.

⁶²⁹ DELEUZE, G. *L'essence du tragique*. In *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973, p. 20.

⁶³⁰ *Idem*, *La pensée tragique*, p. 41.

⁶³¹ “Mas é muito improvável que a **hostilidade** religiosa que, durante dois milênios, impeliu à perseguição dos judeus tenha se extinguido inteiramente” (grifo nosso). ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento*. Tese IV. In

Hitler declarou em suas conversas secretas que Cristo compreendera o perigo dos judeus e empreendera uma luta inspirada contra eles. Embora Hitler não tenha declarado explicitamente que matar os judeus era uma vingança contra a morte de Cristo ou contra a recusa dos judeus de reconhecer Cristo como o Senhor, mesmo assim ele acreditava que Cristo “combatera” os judeus e que estes o “liquidaram”. Ele retomou *repetidamente* o exemplo afirmativo de Cristo durante todo período da Solução Final.⁶³²

Nesta fantasia do poder absoluto, o fato do Terceiro Reich continuar declarar em seus discursos que recebia inspiração do sagrado Senhor como o primeiro anti-semita seria um indício de um elemento cristão no racismo de Hitler, muito embora nos diários não faça nenhuma menção direta de que seu *anti-semitismo* era mais religioso do que racial, na verdade, era um *racismo ideológico*, como todos são, criados pela imaginação, com efeitos devastadores na prática; é a tentativa do *anti-semitismo* querer se abstrair da religião.⁶³³ Um *anti-semitismo* racista somente pôde desfrutar de tal sucesso entre as massas do povo alemão porque se desenvolvia num terreno secularmente preparado pelo “anti-semitismo Cristão”,⁶³⁴ impregnado de um *consciente e inconsciente antijudeu*.

... Os judeus, que *O mataram* e se negaram a crer nele, porque convinha que morresse e ressucitasse, sofreram o mais desgraçado saque dos romanos, foram expulsos de sua terra...

Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 164.

⁶³² STEIGMANN-GALL, R. *O Santo Reich: Concepções Nazistas do Cristianismo, 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 308.

⁶³³ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento*. Tese IV. In *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 164.

⁶³⁴ FRIEDMAN, G. *Fim do Povo Judeu?* Trad. Alberto Guzik, Dora Ruhman, Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 227 (Nota de rodapé).

Deus, por conseguinte, mostrou à Igreja, em seus *inimigos*, os judeus, a graça de sua misericórdia... [grifo nosso]⁶³⁵

Registra-se aí, para que a história não seja apagada dos arquivos ditos oficiais, um esboço de uma “pré-história filosófica do anti-semitismo”.⁶³⁶ Como registra Chaim Samuel Katz, o Cristianismo se inaugura enquanto continuidade e ruptura com o Judaísmo, ou seja, seus principais líderes e santos foram judeus, inclusive seu antecessor: Jesus Cristo. “E será contra os que se recusaram a seguir Jesus como Messias que se voltará o Cristianismo, procurando apagar no pensamento e fisicamente os que se recusaram à nova *mensagem* de Deus: ‘escuta ou morre’”.⁶³⁷

Percebe-se nesta inclinação agostiniana para o extermínio uma influência direta do Reich alemão com fundamento “teológico-político” secularizado do medievo. O *anti-semitismo* não poderia ter-se tornado tão virulento como se tornou ou ter liberado conseqüências mortíferas sem uma longa pré-história.⁶³⁸ Blumenkranz, cujos trabalhos e pesquisas sobre a história dos judeus na Idade Média são decisivos para se entender esta questão da secularização, demonstrou a importância da “data angular” de 1096, tradicionalmente considerada como abertura da era das cruzadas. A partir do século XII, as menções dos judeus nos textos são um *complexo de imagens* de sua nova condição, “da pior degradação, da mais abjeta proscricção”. Eis os conteúdos que a resumirá a partir de então: *iudet intoxicatores, iudet cremati, iudet occisi* [judeus envenenadores, judeus queimados, judeus trucidados].⁶³⁹

⁶³⁵ AGOSTINHO, A. *A Cidade de Deus: Contra os Pagãos*, São Paulo: Universitária São Francisco, 2006, vol.2, p. 365. Ver a edição portuguesa com a tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, vol. III, p. 1831, 1833. “Mas os judeus, que **O entregaram** à morte e não quiseram acreditar n’Ele...”. “Mostrou Deus assim à sua Igreja a graça da sua misericórdia para com seus inimigos judeus” (Livro XVIII, Cap. XLVI).

⁶³⁶ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Prefácio de 1947*. In *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 16.

⁶³⁷ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 93.

⁶³⁸ SCHOLEM, G. *O Golem, Benjamin, Buber e Outros Justos: Judaica I*. Trad. Ruth Joanna Solon. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 83.

⁶³⁹ BLUMENKRANZ, B. *Juifs et Chrétiens dans le Monde Occidental*. Paris: Mouton, 1960, p. 390.

(...) viajando sozinho, fui subitamente assaltado por uma visão: vi uma *Onda* colossal cobrir todos os países da planície setentrional, situados entre o Mar Norte e os Alpes. As onda estendiam-se da Inglaterra à Rússia, e das costas do Mar do Norte quase até os Alpes. Quando atingiram a Suíça, vi as montanhas elevarem-se cada vez mais, como para proteger nosso país. Acabara de ocorrer uma espantosa catástrofe. Eu via vagas impetuosas e amarelas, os destroços flutuantes das obras da civilização e a morte de inúmeros de seres humanos. O mar transformou-se em torrentes de sangue. Passaram-se duas semanas e a visão se repetiu nas mesmas circunstâncias: porém a transformação final em sangue foi ainda mais terrível. Uma voz interior me disse: “Olha bem, isto é *real* e será assim; portanto, não duvides”.⁶⁴⁰

Repetição de acontecimentos (numa ideologia de “secularização”) num futuro próximo, momento em que o *real deixa de ser racional* [ou passa ser racional demais]. Os trovões sucediam-se ininterruptamente e o Nazismo escolheu travestir-se sob a forma política secular de um partido (Movimento) em vez de um movimento descaradamente religioso. Muitos líderes nazistas, reverenciavam o Mestre Jesus Cristo como alguém cuja luta pessoal contra os judeus servia de inspiração para sua luta. O fato de o próprio Jesus Cristo ser judeu era um ponto delicado, mas seus intelectuais encontraram uma solução: como Jesus era filho de *Deus*, não podia ser considerado judeu.⁶⁴¹

Nestas [ii], Martinho Lutero era visto como um grande herói nacional e reformador religioso: como o primeiro alemão, o primeiro protestante e implicitamente o primeiro nazista.⁶⁴² O grande fundador do protestantismo foi um anti-semita e defensor da obediência absoluta à autoridade. “Desejava a Alemanha livre dos judeus, os quais, depois de expulsos, deveriam ser

⁶⁴⁰ JUNG, C.G. *Confronto com o Inconsciente*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 156.

⁶⁴¹ REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 112.

⁶⁴² STEIGMANN-GALL, R. *O Santo Reich: Concepções Nazistas do Cristianismo, 1919-1945*, Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 325.

despojados de ‘todo dinheiro e jóias, prata e ouro’; além disso, que ‘fossem incendiadas suas sinagogas e escolas, suas casas derrubadas e destruídas (...), postos sob um telheiro ou estábulo, como os ciganos (...), na miséria e no cativeiro assim que eles se lamentassem e de nós se queixassem incessantemente a Deus”⁶⁴³ – *mensagem* que foi seguida quatro séculos mais tarde pela Alemanha.

Nesse contexto, torna-se importante as declarações de Nietzsche, que está vivendo nesta Alemanha pré-nazista, onde o mesmo define Lutero como “um acidente fradesco” (...) “um frade impossível, um malsucedido do ascetismo, um dominado pelos instintos sexuais, que quis romper as cadeias da religião e do dogma para libertar a si mesmo. E ‘fê-lo como alemão’, procurando honestidade em seu ato de derrota”.⁶⁴⁴ E continua acusando-o de haver salvo o Cristianismo no preciso momento em que este sucumbia ante a devassidão dos papas e do clero; Lutero aparece e salva da destruição o “evangelho dos humildes”. Em suas referências aos judeus, Lutero empregava uma linguagem “sem paralelo na história alemã até o período do nazismo. A influência de sua poderosa personalidade se estendeu por séculos na Alemanha, sobretudo entre os protestantes.”⁶⁴⁵

De qualquer forma, nesta *forma*, este *sinthoma* nietzscheano, revela um indício de mal-estar coletivo desta Alemanha onde o sentimento de decadência, degeneração e debilitação eram registrados na crítica social e cultural do fim do século XIX.

Indícios que afloram num sentimento de decomposição, um estado de fadiga cultural, revelado também nos *sinthomas* de Daniel Paul Schreber⁶⁴⁶ que ajudou a diagnosticar o declínio cultural neste país, até a Alemanha nazista, onde os alemães foram incapazes de resistir à tentação totalitária e ao estado de exceção. Nesta Alemanha cristã, na paranóia de Schreber, existe um vínculo entre o despotismo microssocial de sua família e o despotismo

⁶⁴³ SHIRER, W. L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich: Triunfo e Consolidação (1933 - 1939)*. Trad. Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. I, p. 320.

⁶⁴⁴ NIETZSCHE, F. *Vontade de Potência*. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1945, p. 67.

⁶⁴⁵ SHIRER, W. L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. I, p. 320.

⁶⁴⁶ SCHREBER, D. P. *Memórias de um Doente dos Nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

macrossocial da Alemanha Nazista.⁶⁴⁷ Seu pai, Moritz Schreber, era um sádico *pater familiae*, que se utilizava de práticas pedagógicas e aparelhos ortopédicos produzindo a predisposição psicótica de Schreber. Tudo isso, reflexo direto de uma cultura fundada numa moral cristã: o sentimento de “degeneração” era registrado na crítica cultural deste país. Este sentimento de decomposição, um estado de fadiga cultural, ajudou a diagnosticar um *sinthoma* de declínio cultural neste país, até a Alemanha nazista, desaguando num estado de pura barbárie. Pode-se dizer que os aspectos da crise do juiz de direito Daniel Paul Schreber eram de ordem da *crise política* e da *psicopatologia individual*, podendo ser lidas da seguinte forma: Pai em excesso; intervenção médica; Estado de emergência institucional e política; crise da cultura Cristã; crise de investidura; crise de identidade (crise de sexo); crise de identidade (crise étnica).

Percebe-se nesse rápido esboço, que o problema então não é só de Schreber, muito menos de Nietzsche, *mas* de toda uma “Alemanha” [cultura] numa crise profunda das subjetividades “secularizadas”: um processo de *patologização coletiva* atravessado por imagens interiores de pureza milenar no combate as imagens imaginárias do inimigo impuro – remontando a problemática *do fora* da *Cidade de Deus* agostiniana.

Um outro testemunho extremamente fecundo também é dado por Walter Benjamin numa das *Cartas* enviadas a Gershom Scholem:⁶⁴⁸ “Se neste momento alguns espaços ainda estão abertos, um dia o bloqueio poderá ser completo. Mas tenho certeza de não haver agido movido por um impulso de pânico, por mais insuportável que seja a atmosfera na Alemanha, onde se prefere ver as pessoas de costas e depois nunca mais encará-las face a face”. Numa outra carta Scholem responde: “Nos exemplos das cartas que todos aqui recebemos da Alemanha, vemos indiretamente a atemorização e a terrível carga que pesa sobre aqueles que escrevem... Nós todos somos da opinião que as coisas ainda vão piorar muito e que não haverá saída para os judeus. O

⁶⁴⁷ SANTNER, E. L. *A Alemanha de Schreber: uma História Secreta da Modernidade*. Rio de Janeiro: JZE, 1997, p. 9.

⁶⁴⁸ BENJAMIN, W. & SCHOLEM, G. *Correspondência 1933 - 1940*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 57.

que lhe peço insistentemente nestes tempos conturbados são notícias suas mais freqüentes...”.⁶⁴⁹ “Aqui na Palestina [1933], como bem pode imaginar, reina uma enorme agitação; cada barco traz centenas de pessoas da Alemanha, que nos traçam um quadro horrível das condições medievais, e a partir da fuga em massa de milhares de pessoas, por volta de 30 de março e 1.o. de abril, tem chovido telegramas por todo lado, de todos os parentes e conhecidos, com o que se nota que as pessoas fogem precipitadamente e sobretudo quem pode, trata de tirar seus filhos o quanto antes desse novo inferno”.⁶⁵⁰ Ainda no mesmo ano, Scholem demonstrava outra intensa preocupação: “Gostaríamos de ter uma noção mais exata da maneira como você ajeitou a sua vida em Ibiza, reduzindo-se a esse mínimo para uma existência na Europa, e como você está se sentindo aí. Como também queremos saber se, na primeira oportunidade, não vai tentar salvar do *Auto-de-fé* de tudo o que é considerado não-alemão no III Reich, principalmente seus livros...”.⁶⁵¹

Ambos dão já conta do advento da sociedade industrial em *excesso na exceção* juntamente com seu óleo secular que *passa* no tempo histórico da longa duração na paisagem de devastação e ruínas que o Anjo da História tem à sua frente.

Registros também que atingiram a vida de Freud de modo bem forte, quando seu próprio pai, um judeu cosmopolita, Jacob Freud (1815 - 1896), lhe contou um episódio, central nas suas memórias e lembranças: numa sexta-feira [véspera do dia santificado para os judeus], um gentio o empurrou para fora da calçada, lançando sua quipá na lama e gritando-lhe que deveria sair do passeio. Com tal relato, o pai dizia que isto mostrava como sua vida era mais suave agora, as pessoas vienenses bem mais tolerantes, pois antes seria bem pior, o gentio o teria jogado na lama, e não seu *yarmulke*. Do mesmo modo, em 1933, insuflados pela juventude nazista [*NS-Studenten*, estudantes nacional-socialistas] os alemães queimaram seus textos em Berlim, juntamente com outros livros de judeus, Freud disse: “Que progressos estamos fazendo, na

⁶⁴⁹ *Idem*, p. 61.

⁶⁵⁰ *Idem*, p. 63.

⁶⁵¹ *Idem*, p. 68.

Idade Média teriam queimado a mim. Hoje em dia se contentam em queimar meus livros”,⁶⁵² “livros que publiquei confiscados ou reduzidos a bagaço”.⁶⁵³

Mas os carrascos geralmente gostam de espetáculos perfeitos: as trevas são o seu cenário e a noite é a sua aliada, o que poucos anos depois ficará registrado através de um menino: “Afim, estamos no século vinte: não se queimam mais judeus. O mundo civilizado não deixaria. – a Idade Média já passou há muito tempo, não passou, papai? Há muito tempo?”.⁶⁵⁴ Vem a noite, que é a morte, e a sombra acabou sem ser. Quando “sobreviu a noite, os mortos avançaram de novo”.⁶⁵⁵

Diante deste avanço cultural, o testemunho de C. G. Jung torna-se também revelador. Jung, em 1933, estabeleceu uma diferenciação entre o *inconsciente judeu* e o *inconsciente ariano*, acrescentando suas visões sobre Hitler, a guerra e os alemães.⁶⁵⁶ Em carta do mesmo ano declara: “Vemos em toda parte o flamejar de uma emocionalidade mística que foi declarada extinta desde a Idade Média (...) creio que a fase de desintegração vai durar ao menos por algumas décadas. Para nossa geração não prevejo nenhum ganho social ou político especial, mas, em compensação, um grande ganho psíquico.”⁶⁵⁷ “Muitos acham que me tornei um anti-semita sanguinário porque ajudei os médicos alemães a consolidar novamente a Associação Psicoterapêutica e porque eu disse que entre a psicologia judaica e a psicologia ariana havia certas diferenças, principalmente devido ao fato de os judeus possuírem uma história cultural que é de 2000 anos mais antiga do que os chamados arianos.”⁶⁵⁸ (...) “O Cristianismo, na forma em que no-lo deixaram os nossos pais, será ainda por muito tempo uma necessidade (...) aquilo que o

⁶⁵² KATZ, C.S. *Complexo de Édipo - Freud e a Multiplicidade Edípica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 142 - 143.

⁶⁵³ FREUD, S. *Antisemitismo en Inglaterra (Carta a Time and Tide)* (1938) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 23, p. 303.

⁶⁵⁴ WIESEL, E. *Holocausto: Canto de Uma Geração Perdida*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1978, p. 267.

⁶⁵⁵ JUNG, C.G. *Septem Sermones ad Mortuos* (1916). In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 341.

⁶⁵⁶ HERMANS, L.M. *John F. Rittmeister e C. G. Jung*. In KATZ, C.S. *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985, p. 134 (IV- C. G. Jung e o Nacional-socialismo).

⁶⁵⁷ JUNG, C.G. *Cartas (1906 - 1945)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 1, p. 144.

⁶⁵⁸ *Idem*, p. 170.

inconsciente procura apresentar-lhe não é algo totalmente diferente do Cristianismo, mas antes um aprofundamento do simbolismo cristão”.⁶⁵⁹ “A psicologia analítica (ou como se chama agora: psicologia complexa) está profundamente enraizada na Europa, na Idade Média cristã e em última análise na Filosofia grega”.⁶⁶⁰ “Sobre a minha chamada ‘simpatia nazista’ houve um tumulto totalmente desnecessário. Não sou nazista, e no fundo sou totalmente apolítico”.⁶⁶¹

Neste caldo cultural, seja travestido sob a forma política secular de um partido ou sentimentalmente religioso, ou mesmo declarado por alguns “apolítico” [que já é uma posição política – *neutral*], o Movimento era a [ii] de uma ordem sagrada e o soberano a certeza da pureza contra o mal impuro:

O *anti-semitismo* deve conduzir ao combate e à eliminação sistemática dos privilégios judaicos. Seu objetivo último deve, implacavelmente, ser a total remoção dos judeus. E somente um governo nacional forte pode ser capaz dessas duas *decisões*. Acredito que estou agindo de acordo com as prescrições do Criador Todo-Poderoso. Repelindo os judeus, lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus.⁶⁶²

Neste delírio do poder, do desejo religioso de uma forma de *soberania pura e suprema*, “doada por Deus”, nas imagens heróicas de Frederico, o Grande, ou de Bismark, o novo grande líder, imaginado como a personificação do sumo sacerdote e do estadista estrategista, adquire conotações místicas, prometendo a salvação aos fiéis, momento em que o Führer coloca-se acima do Estado, dominando as massas pelas próprias massas. Todo antagonismo, hamonizado e ajustado por um *complexio oppositorum* na figura simbólica do Führer; ideologicamente a representação da personificação da pureza da raça alemã – *identidade* – sua *vontade* e sabedoria infalíveis, além de sede suprema da soberania com *poder de decisão*.

⁶⁵⁹ *Idem*, p. 205.

⁶⁶⁰ *Idem*, p. 219.

⁶⁶¹ *Idem*, p. 232.

⁶⁶² HITLER, A. *Minha Luta*. Trad. Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2005, p. 53.

Na realidade, para Marcuse, o soberano é o agente através do qual os interesses divergentes das três hierarquias (indústria – partido – forças armadas) são coordenados e afirmados como interesses nacionais.⁶⁶³ O führer seria o *mediador* entre as forças rivais; o *locus* da conciliação final *em vez* da soberania. Sua *decisão* pode ser autônoma mas ainda não seria livre, pois estaria ligada à filosofia e política dos grupos imperialistas dominantes. Esta harmonia, através de decisões autônomas, terá continuidade enquanto o sistema continuar a expandir-se. No caso de *falibilidade* do sagrado sacerdote ou estrategista perfeito, somente o *medo* de uns pelos outros daria continuidade a esta espécie de ‘contrato hobbesiano’.⁶⁶⁴ É importante frisar que o medo no Estado hobbesiano não é o terror; o terror para Hobbes existe no “estado de natureza”. *Decisão*, livre ou não, tempos da imediatez não possuem elevado pensamento discursivo, próprio das democracias parlamentares, o qual revela ao homem todas as mediações, às quais, no fundo, ele próprio deve o seu ser. Ao invés, entregam-se a um pensamento intuitivo, em conformidade com o qual, o Estado hegeliano [família - sociedade civil - sociedade política] desaparece como uma mera ilusão diante da luz.

Os nazistas moldaram com todo cuidado sentimentos e emoções das massas. Os monarquistas, inclusive o príncipe herdeiro, membro do Partido Nazista desde 1930, acolheram os novos governos na intensa expectativa de que Hitler abrisse o caminho para uma restauração da dinastia Hohenzollern. Em uma *relação de soberania* o “Dia de Potsdam”⁶⁶⁵ reforçou a impressão de que o regime traria a *união*, rejuvenescimento nacional, um novo começo para as aspirações de grandeza nacional, frustradas de maneira tão angustiosa pela derrota na Primeira Guerra Mundial. Chegou o tempo de o “Anjo de Deus”⁶⁶⁶

⁶⁶³ MARCUSE, H. *Guerra, Tecnologia y Fascismo - Textos Inéditos*. Medellín: Universidad de Antioquia, 2001, p. 97.

⁶⁶⁴ SCHMITT, C. *O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes - Sentido e Fracasso de um Símbolo Político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008.

⁶⁶⁵ STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 149.

⁶⁶⁶ SPITTELER, C. *Decisão*. In *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p. 51.

escolher alguém na multidão dos homens e colocá-lo como rei [príncipe] de todo o país em seu lugar:

Decidi por mim mesmo eleger um rei para vós, a fim de que habite na terra alguém que governe em meu lugar o reino de Deus.⁶⁶⁷

O novo Reichstag reuniu-se na histórica cidade de Potsdam, durante séculos a residência dos reis prussianos. A 21 de março foi organizada uma cerimônia inaugural na venerável Igreja da Guarnição, a fim de demonstrar a união do antigo e do novo, numa forte atmosfera simbólica. Com o altar como pano de fundo, Hitler se curvou deferente para Hindenburg, quando o jovem chanceler e o idoso presidente trocaram um aperto de mão, na frente do assento vazio, tradicionalmente ocupado e representado pelo Kaiser soberano. “O Anjo saudou afável o eleito de sua escolha e segurou-lhe a mão e fê-lo sentar-se a seu lado no trono, e com solenidade lhe transferiu para os ombros o seu manto recamado de ouro e lhe entregou a espada justiceira e o cetro e a coroa e demais dignidades...”⁶⁶⁸ A lembrar da literatura, a dita Filosofia política não fica a desejar, quando Carl Schmitt realiza esse desejo em seus livros.⁶⁶⁹ O fato é que para os historiadores, o ex-cabo fica ao lado do aristocrático marechal-de-campo, na frente do túmulo de Frederico, o Grande. Todo movimento dos sentimentos comungado com este símbolo da reconciliação de classes [*complexio oppositorum*]⁶⁷⁰ e a continuação e permanência da venerável tradição militar prussiana sob a “Nova Ordem”.⁶⁷¹

⁶⁶⁷ SPITTELER, C. *Decisão*. In *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p. 51.

⁶⁶⁸ *Idem*, p. 63.

⁶⁶⁹ SCHMITT, C. *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes - sentido e fracasso de um símbolo político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético (Manifesto II)*. Rio de Janeiro: NPL, 2008.

⁶⁷⁰ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 305.

⁶⁷¹ HITLER, A. *Minha nova ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941.

Um literato, um filósofo da política, um psicanalista, um político – todos comungando o corpo do soberano na hóstia da cultura.

A cerimônia foi realizada com plena pompa militar, destinada a despertar as emoções e sentimentos de patriotismo, orgulho e renovação nacional *no* âmbito do “poder teológico-político”.

Numa dimensão imaginária e simbólica num excesso de prazer ou gozo o Reich adquire a “lança sagrada” de Cristo, que desde o Rei Otto III passa por gerações e gerações como símbolo do poder absoluto, ligando-o aos ecos da grandeza alemã dos imperadores. Esta imaginação de “secularização”, imaginação do “poder teológico-político” trabalha com os sentimentos e emoções das massas, pois estes sentimentos são produtos sociais, utilizando-se o Führer⁶⁷² destes sentimentos religiosos para dominação política das massas pelas massas contra a imagem do *mal impuro*.

E se fortalecerá a seu *poder*, mas não pela sua *força*; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os fortes e o povo santo.⁶⁷³

A “*vontade de decisão*”, “*vontade de união*” na subordinação de uma comunidade nacional expurgada de seus elementos impuros – *mal* “secularizado” no *inimigo*, favoreceu o esforço nacional-socialista de conquistar o monopólio do poder estatal – *violência mítica*. O nome oficial dado a esse processo de subordinação e *sincronização* foi *Gleichschaltung*, cujo significado literal é “mudar na mesma direção, linha ou corrente”.⁶⁷⁴ O objetivo da *Gleichschaltung* era o de produzir uma *Volksgemeinschaft* uniforme, uma comunidade nacional fundada na relação cultural e vínculo de parentesco “racial” na busca do objetivo comum da *reconstrução* nacional – a vontade de uma verdadeira *comunidade-popular* [*Volksgemeinschaft*].⁶⁷⁵ Este é um dos

⁶⁷² O que demonstra que Hitler era um leitor atento de Marx.

⁶⁷³ Daniel, 8: 24.

⁶⁷⁴ STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 149.

⁶⁷⁵ FAYE, J-P. *A Razão Narrativa – a Filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo*. Trad. Paula Martins, Henrique Antoun e Joaquim Humberto Oliveira. São Paulo: ed. 34, 1996, p. 151.

momentos culturais do discurso do *guia espiritual* [*der geistige Führer*]⁶⁷⁶ do pensamento filosófico contemporâneo, culminando com a *Confissão de fé* de 11 de novembro de 1933: *Profissão de fé em Adolf Hitler e no Estado Nacional-socialista* [*Bekanntnis zu Adolf Hitler und dem nationalsozialistischen Staat*]. Em sua escrita fonética, declarava o Reitor:

O povo alemão é convocado pelo Führer a votar; mas o Führer nada pede ao povo, ao contrário, ele dá ao povo a possibilidade mais imediata da livre e mais grandiosa *decisão*, se todo este povo quer a sua própria existência ou se ele não a quer... O povo escolhe amanhã nada menos que seu futuro. O caráter único deste voto é a simples grandeza da *decisão* que se realiza nele. Essa *última decisão* se apodera do limite mais extremo do *Daisen* de nosso povo. E qual é este limite? Ele consiste nessa exigência originária de todo *ser*, que é a de conservar e salvar sua própria *essência*.⁶⁷⁷

“Retorno à essência do *ser* como Revolução Nacional-Socialista”, diria o Prof. Dr. Heidegger. A *vontade* de uma verdadeira *comunidade-popular* [*Volksgemeinschaft*]; “esta *vontade* cria a relação aberta e viril para si e de uns para com os outros entre povos e Estados. O que acontece em um tal *querer*? É uma recaída na barbárie? Não! Isto é a clara profissão de Fé na inviolável posição que é a própria de todo povo. Seria isto a negação da criatividade de um povo de Espírito e a destruição de sua tradição histórica? Não! É a ruptura inicial [*Aufbruch*] de uma juventude purificada retornando às suas raízes para crescer. Sua *vontade de Estado* fará com que este povo se torne duro contra si mesmo e respeitoso frente a toda obra autêntica” (...) “Essa *vontade*, o Führer a ofereceu ao povo como um todo para o seu pleno despertar e a fundiu numa simples e única resolução. Ninguém pode se abster no dia em que este

⁶⁷⁶ *Idem*, p. 376.

⁶⁷⁷ *Idem*, p. 151.

querer se manifesta. Heil Hitler! ⁶⁷⁸ Todos deverão acreditar no Ser por meio de um ato de fé como pedem as religiões. ⁶⁷⁹

“(…) do gelo em frente / acena aquele que é para mim / e para o mundo o mais perigoso / dos nomes”, ⁶⁸⁰ escreve Celan em sua experiência na forma de um resíduo cantável [singbarer Rest], ⁶⁸¹ “No poço do tempo”. Esse resíduo é a memória dos mortos. Esse “tempo” é o perigo de um “Ser” que não assina, é neutro ou neutral, não se posiciona. “Depois” do “Nazismo”, Celan volta-se para o Reitor e diz: “... e aí Heidegger?”. Habitamos o silêncio. O mundo habitado pelo nomeado humano perdeu significado; a caminhada passa por portas fechadas em “Fuga da morte”:

Na casa [linguagem] vive um homem que brinca com
serpentes escreve escreve ao anoitecer para a Alemanha.

(...) E grita toquem mais doce a música da morte a morte é um
mestre que veio da Alemanha. ⁶⁸²

O alemão nazi referido no poema acima é o Mestre. A redundância “neutral” da confissão do Reitor no ano de 1933 tem, portanto, seu ponto de ancoragem em um acontecimento fundamental [Grundgeschehnis], um processo de sincronização ou ajuste perfeito entre os elementos visuais e

⁶⁷⁸ FAYE, J-P. *A Razão Narrativa - a Filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo*. Trad. Paula Martins, Henrique Antoun e Joaquim Humberto Oliveira. São Paulo: ed. 34, 1996, p. 154.

De forma truculenta, diria o filósofo do político Carl Schmitt: “Todo o direito tem a sua origem no direito do povo à vida”. SCHMITT, C. *O Führer protege o direito: sobre o discurso de Adolf Hitler no Reichstag em 13 de julho de 1934*. Trad. Peter Naumann (mimeo, s/ data), p. 221.

⁶⁷⁹ VEYNE. P. *A Despeito de Heidegger, o homem é um animal inteligente*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. In *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 124.

⁶⁸⁰ vom Eis gegenüber
nickt der selbst-
und gemeingefährlichste aller
Namen

CELAN, P. *No poço do tempo [Im Zeithub]* In *A Morte é uma flor*. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1998, p. 110 - 111.

⁶⁸¹ *Idem*, p. 133.

⁶⁸² CELAN, P. *Fuga da morte*. In *Sete rosas mais tarde*. Trad. João Barrento e Y.K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996, p. 15 e 17.

sonoros. Uma teoria que de *forma* “neutra” está presa numa trama de conceitos neutrais tem suas relações com acontecimentos políticos e sociais; o massacre dos judeus em perfeitas máquinas de morte [*Leviathan cibernético*], construídas e estruturadas por Mestres neste ofício.

O Nazismo não nasceu no deserto [*Le nazisme n'est pas né dans le désert*].⁶⁸³

Nesta *cultura do discurso enquanto estratégia do poder*, fica clara a posição heideggeriana nas derivações lexicais do Reich hitlerista, nas pesquisas sobre “*A Filosofia heideggeriana e o Nacional-Socialismo*”.⁶⁸⁴ Uma ideologia que chegou ao poder no vento de uma História “secularizada”, imemorial, utilizando-se da *linguagem* sob as iniciais LTI [*Lingua Tertii Imperii*] – Língua do Terceiro Império. Nesta estrutura imemorial, “secularizada”, o termo *Völkisch* atinge de fato mais que qualquer outro, sendo a germanização da palavra “nacional”, introduzida a partir de 1875 e divulgada sobretudo por volta de 1900 pela Liga Pangermanista, no sentido de um nacionalismo fundado sobre a doutrina e os dogmas da raça e, por consequência, decididamente *anti-semita*. Politicamente de extrema direita com forte característica *anti-semita* – *discurso do inimigo* – precisando: “comum a todos os grupos *völkische* [incluído aí os da Cidade de Deus] é o símbolo da cruz gamada”⁶⁸⁵ na purificação ou limpeza (leia-se: assassinio em massa) da *comunidade-popular* [*Volksgemeinschaft*].

Os burgueses alemães foram virtualmente [na Modernidade] mobilizados pela esperança de criar uma comunidade-*Volk*, sem qualquer sacrifício aparente dos privilégios de sua classe. O ideal da *Volksgemeinschaft* foi a marca ideológica do nacional-socialismo que mais atraiu o apoio das massas. Deste poder de soberania, nesta *relação de soberania*⁶⁸⁶ sempre há a

⁶⁸³ DERRIDA, J. *De l'esprit*. Paris: Flammarion, 2010, p. 139.

⁶⁸⁴ Ver o texto *A Razão Narrativa – a Filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo* de Jean-Pierre Faye.

⁶⁸⁵ *Idem*, p. 160.

⁶⁸⁶ FOUCAULT, M. *O Poder Psiquiátrico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 49 - 72. (Especialmente a Aula de 21 de novembro de 1973 - *O “Poder de Soberania”*).

necessidade de certo suplemento de violência ou de certa ameaça de violência, que está sempre presente, por trás da “*relação de soberania*”.

Não me encantando com o termo, pois este *poder de soberania* é “soberano” porque atua pelo simbólico e pelo imaginário na subjetividade das massas (antes de mais nada, atua pelas imagens e símbolos inconscientes das almas das massas); não apenas tocando corpos ou agindo sobre eles – poder disciplinar, *mas* exterminando-os, fundindo-os num *único corpo* ([ii] do *Leviathan*) *representado* pelo sagrado soberano. O que já é um delírio *do poder*. Mas este “delírio” é atravessado por imagens interiores e o imaginário cristão – *imagens imaginárias* ([ii]).

Este “poder” forma-se *no* interior das almas e das comunidades religiosas exemplificado pela *Volksgemeinschaft* – comunidade nacional fundada e fundida na relação do “poder teológico-político”; dessas comunidades religiosas este “poder” seculariza-se para comunidades “laicas” industrializadas (a queima dos corpos inumanos *passa* ser em escala industrial). Seu apelo ideológico teológico-político cravado *no* imaginário *do* ideal agostiniano de pureza da “raça” explica a disposição de segmentos substanciais da *população* de se submeter à *Gleichschaltung*. Na prática a *Gleichschaltung* significava a eliminação da sociedade alemã de toda impureza e diversidade, missão necessária na “segunda natureza em excesso” para a luta político-ideológica do Movimento e sua liderança soberana com o *poder de decisão*. A *construção* da figura do *inimigo* através das [ii] direciona-se politicamente para judeus e marxistas, vítimas primárias da *Gleichschaltung*.

O afastamento de acadêmicos marxistas e outros dissidentes foi apresentada como uma *defesa* da liberdade de investigação, não como uma violação; a necessidade de “despolitizar” o sistema educacional tornou-se a principal justificativa para o expurgo, purgando completamente o *mal*. O expurgo precipitou um grande êxodo de cientistas e estudiosos judeus. “Os judeus serão colocados nesta situação de exclusão, desde os primórdios do Cristianismo, como os que jamais pertencerão à ‘Cidade de Deus’, os que têm o deserto como sua cidade”.⁶⁸⁷

⁶⁸⁷ KATZ, C.S. *O Coração Distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996, p. 93.

Esta *relação de soberania* sempre é reatualizada⁶⁸⁸ – repetição do mesmo na História – por algo como uma cerimônia: a queima dos livros, destinada a demonstrar a rejeição da nova Alemanha à cultura intelectual “subversiva” e “degenerada” judaica. Nesta repetição, “a mais espetacular queimas de livros ocorreu em Paris no ano de 1240”.⁶⁸⁹ Na Europa do século XX, esta cerimônia (considerada como uma “ação contra o *espírito antialemão*”) foi organizada pela Associação Nacional dos Estudantes, com a aprovação e estímulo do ministro Goebbels. Uma “multidão” ou massa calculada em 40.000 pessoas aplaudiu essa *simbólica purificação da cultura alemã*. Os estudantes nazistas lançavam livros de autores judeus e esquerdistas numa imensa fogueira, sob o acompanhamento de canções patrióticas.⁶⁹⁰ Marcada para a eliminação estava “qualquer coisa que atue de forma subversiva sobre a vida familiar, a vida ou o amor conjugal, ou sobre a ética de nossa juventude, ou sobre nosso futuro, ou que conteste as raízes do pensamento alemão, a terra alemã, ou as forças propulsoras de nosso povo; qualquer obra daqueles que subordinam a alma ao material...”⁶⁹¹

“Nunca esqueças que a pátria é a mãe da tua vida”, declarava Goebbels, e no “Dia das mães”, em 1933, afirmava-se no *Angriff*:

Dia das Mães. A revolução nacional varreu tudo o que é mesquinho! São de novo as idéias que comandam e que unificam – família, sociedade, nação. A idéia do Dia das Mães presta-se a honrar o que a idéia alemã simboliza: a Mãe alemã! Em parte nenhuma a esposa e a mãe têm a importância que lhe

⁶⁸⁸ FOUCAULT, M. *O Poder Psiquiátrico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 49 - 72. (Especialmente a Aula de 21 de novembro de 1973 - *O “Poder de Soberania”*).

⁶⁸⁹ “O alvo de ataques eram as ‘blasfêmias’ do Talmude. Judeus eram, às vezes, obrigados a participar de discussões públicas, presididas por reis ou príncipes e bispos, para defender sua literatura tradicional. Os judeus sempre ‘perdiam’, sendo o Talmude não raro condenado e queimado. A continuada condenação oficial do Talmude resultou numa proibição total contra o estudo dessa obra, levando à cessação dos estudos rabínicos. Tais foram os extremos a que o Cristianismo foi levado por seu ódio daqueles que haviam pedido que os deixassem ser não especiais, mas apenas *diferentes*.” EBAN, A. *Os Judeus na Europa até 1492*. In *A História do Povo de Israel*. Trad. Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Bloch, 1971, p. 153.

⁶⁹⁰ STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 152.

⁶⁹¹ SNYDER, L.L. *Hitler’s Third Reich*. Chicago: Nelson-Hall, 1981, p. 116.

é atribuída na nova Alemanha. Ela é guardiã da vida familiar, da qual brotam as forças que reconduzirão o nosso povo à supremacia. Ela – a Mãe alemã – é a única portadora do pensamento do povo alemão. *A idéia de “Mãe” é inseparável da idéia de “ser alemão”*. Poderá alguma coisa unir-nos mais do que a idéia de prestar um tributo comum a todas as mães?⁶⁹²

Cerimônias marcadas pela moral cristã absolutista na simbólica [ii] da purificação da cultura alemã. Como a maioria das massas alemães apoiava o objetivo nazista de restauração e purificação da união e poder nacional indivisível, a participação na *Gleichschaltung* foi a regra, em vez da exceção, num estado de exceção.

Outro forte indício probatório deste “poder teológico-político” encontra-se no sistema judiciário onde a *Gleichschaltung* estava fortemente presente. Muito antes do sagrado soberano-deus subir ao poder, a Federação dos Juizes Alemães já era dominada por intransigentes nacionalistas e conservadores. Esta Federação foi uma das primeiras organizações profissionais a assegurar sua lealdade total ao novo regime totalitário. A 19 de março de 1933, o conselho da Federação distribuiu uma declaração em que expressava seu apoio à “vontade do novo governo de acabar com o imenso sofrimento do povo alemão”, e oferecia sua cooperação na *missão* de “reconstrução nacional”.⁶⁹³ Pouco depois, as federações nacionais e regionais de juizes, promotores e advogados fundiram-se voluntariamente na Federação dos Juristas Nacional-Socialistas, da qual Carl Schmitt era membro titular. Cerca de dez mil advogados prestaram *juramento de fidelidade* ao soberano na primeira convenção nacional de juristas, em Leipzig, em 3 outubro de 1933.⁶⁹⁴ Nesta convenção, “Jornada dos Juristas Alemães”, o Führer falou sobre Estado e Direito.⁶⁹⁵

⁶⁹² REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 54.

⁶⁹³ MÜLLER, I. *Hitler's Justice*. Cambridge, Massachusetts: Harvard, 1991, p. 36.

⁶⁹⁴ STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 157.

⁶⁹⁵ SCHMITT, C. *O Führer protege o direito: sobre o discurso de Adolf Hitler no Reichstag em 13 de julho de 1934*. Trad. Peter Naumann (mimeo, s/ data), p. 219.

Em abril de 1934 foi instituído o Tribunal do Povo [*Volksgerechtshof*], instrumento de assassinato contra adversários políticos e críticos do regime. Durante a *guerra*, aplicou sentenças de morte a pessoas acusadas de *sedição* por acreditarem que a *guerra* era errada. Nesta *relação de soberania*, o *Volksgerechtshof* condenou à morte mais de cinco mil pessoas. A *guerra* contra o “*mal judaico*”, o *inumano*, havia sido sentida como uma *ação coletiva* mais poderosa de todas que fazia esquecer todas as diferenças; a *guerra* tende a se tornar um apanágio profissional e técnico de um aparelho sugador militar cuidadosamente definido e controlado *pela* sociedade industrial. Neste caso, esta *soberania*, na esfera da subjetividade, teria como objeto a *multiplicidade da identidade* da massa *humana* – alemã. Com os *sentimentos das massas*, a relação de soberania é uma relação na qual o elemento-sujeito não é um corpo individual; esta *relação de soberania* aplica-se *mecanicamente-teologicamente* a multiplicidade da massa – acima da individualidade corporal – *massas*. Mesmo que na fantasia do delírio de poder e da força do simbólico, existe *um* Levitã, *uma* máquina teológica na violência do *extermínio* das singularidades corporais – *da diferença*. O sagrado corpo mantém *unido* todas as relações de soberania esboçando a individualidade do lado do soberano à custa da multiplicação dos corpos *humanos* num dualismo político no extermínio dos corpos *inumanos*. Resulta daí a diferença de *corpos humanos* e *corpos inumanos*. Nesta perspectiva, o *direito de soberania* seria portanto o de fazer morrer os corpos inumanos e deixar viver os corpos humanos, assim como o de fazer viver os corpos humanos e deixar morrer os corpos inumanos.

Pouco adianta elaborar sistemas de pensamento sobre a natureza dos poderes ou do poder quando a única coisa para sair deste *domínio* é conhecê-lo e encontrar a saída, *mesmo quando* a saída não existe exemplificado no *Iron Cage* weberiano ou na *Casa do Desespero*⁶⁹⁶ benjaminiano revelando-se no suicídio como resistência. Onde está a saída? O grande problema da *questão da soberania* é que não é um “modelo jurídico”, *mas* sim, primeiramente, “teológico-político” – um “espírito teológico da

⁶⁹⁶ BENJAMIN, W. *O Capitalismo como religião* (1921) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 31.

soberania”, “peste emocional da humanidade”, sagrado simbólico sentido. Sentido supremo. Símbolo sentido. Alma-psíquico. Neste momento, *questão da psicanálise – mobilização estratégica das almas das massas através de um inconsciente coletivo*.⁶⁹⁷ Numa posição com um viés mais “sociológico”, o efeito desta *mobilização de massas* deve-se às próprias massas – *estrutura humana autoritária – estrutura de massas*.⁶⁹⁸

No aspecto formal, a subida do Terceiro Reich ao poder foi legal, dentro do sistema majoritário.⁶⁹⁹ Um *soberano* não poderia ter mantido a liderança dos alemães se não soubesse trabalhar com os sentimentos e as emoções das massas e conseqüentemente contado com a confiança identitária do espírito de rebanho cristão.

Uma mobilização estratégica das massas obtido através da estrutura dos mecanismos paranóicos funcionando não somente no plano individual, *mas* coletivo, desfrutando do *status* de uma ideologia ou religião quase oficial de Estado.⁷⁰⁰ Elias Canetti, por exemplo, no texto “*Masse et puissance*” [*Massa e poder*],⁷⁰¹ interpreta as *Memórias* de Schreber⁷⁰² como sendo precursor de uma outra autobiografia paranóica: *Mein Kampf*. Tanto Schreber quanto Hitler viam seus destinos profundamente ligados ao de toda sorte de perigos historicamente específicos, inclusive o perigo da contaminação e corrupção judaicas. “Esse envenenamento da alma do povo pelos judeus, essa mercantilização das relações entre os dois sexos haviam, mais cedo ou mais tarde, de prejudicar as novas gerações, desde que, em lugar de crianças nascidas de um instinto natural apareciam apenas lamentáveis produtos de um espírito inteiramente comercial... Envenenamento do sangue nacional, uma vez

⁶⁹⁷ JUNG, C.G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 143, 172.

⁶⁹⁸ REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 38.

⁶⁹⁹ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 356.

⁷⁰⁰ SANTNER, E. L. *A Alemanha de Schreber: uma História Secreta da Modernidade*. Rio de Janeiro: JZE, 1997, p. 7.

⁷⁰¹ CANETTI, E. *Masse et puissance*. Traduit Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1995, p. 461.

⁷⁰² SCHREBER, D. P. *Memórias de um Doente dos Nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

que toda filha de pequeno comerciante judeu se julgava com direito a suprir a descendência de Sua Alteza.”⁷⁰³

Talvez seja útil apontar, neste declínio cultural, para o significado dos complôs para os paranóicos. Para eles, as conspirações estão na ordem do dia; pode-se ter certeza de que se vai deparar com todo tipo de coisas, o paranóico sente-se cercado, seu principal *inimigo* jamais se contentará em atacá-lo sozinho [*Son ennemi capital ne se contentera jamais de l’attaquer à lui tout seul*]⁷⁰⁴ Esta imagem do *inimigo* recriada pela dimensão imaginária cristianizada é a imagem mental de um *inimigo impuro*, porque “com muita razão se diz que os pecados dos pais se refletem até sobre a décima geração, verdade essa que se traduz em um atentado contra a pureza do sangue e da raça. O pecado contra o sangue e a raça é o pecado original deste mundo e o fim da humanidade que o comete”.⁷⁰⁵ Segundo estas imagens imaginárias, o cruzamento das raças leva à mistura do sangue e conseqüentemente ao envenenamento do corpo do povo. A alusão aos “pecados dos pais” significa o fato de estes terem misturado com sangue de outras raças, especialmente o sangue do judeu, introduzindo no imaginário a “*peste judia mundial*”⁷⁰⁶ no “*sangue ariano ‘puro’*”.

Percebe-se nesta declaração um forte viés da imagem da pureza de “origem” “agostiniana” na defesa da soberania [*soberania da imagem*] em nome de um viés de perfeição na micro-estrutura da família e macro-estrutura do poder estatal. Por um lado, “é precisamente na situação familiar que encontramos a chave para o fundamento emocional da estrutura de massas”,⁷⁰⁷ tendo como êxito da organização das massas às próprias massas, a “estrutura humana autoritária”.⁷⁰⁸ Esta situação familiar é retratada em “*A Fita*

⁷⁰³ HITLER, A. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2005, p. 184.

⁷⁰⁴ CANETTI, E. *Masse et puissance*. Traduit Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1995, p. 465.

⁷⁰⁵ HITLER, A. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2005, p. 185.

⁷⁰⁶ REICH, W. *Pureza de Raça, Envenenamento do Sangue e Misticismo*. In. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 77.

⁷⁰⁷ REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942). São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 39, 46.

⁷⁰⁸ *Idem*, p. 38.

branca”,⁷⁰⁹ sobre uma história infantil alemã na primeira década do século XX, uma sociedade purificada pelo castigo e marcada pelo medo numa cultura [religiosa].

Ao mesmo tempo, ninguém possui um olho mais atento às propriedades da massa do que o paranóico ou o detentor do poder: ambos sofrem de uma doença do poder. Esta doença do poder implica a vontade patológica de sobreviver sacrificando o resto do mundo considerado *inimigo*. Nesse aspecto o paranóico revela-se a própria [ii] do “detentor” de “poder”. A diferença entre eles é somente a de sua posição no mundo exterior, pois em sua estrutura interna são idênticos. Por trás de toda paranóia, bem como de todo poder, encontra-se uma mesma tendência: o desejo de afastar os outros do caminho, a fim de se ser o único.⁷¹⁰ Encarnando a imagem da soberania em sua pureza, *ser* [Senhor] o último homem e permanecer vivo é o desejo mais profundo de todos os que buscam o poder; quando se sente ameaçado, seu desejo é ver todos mortos diante dele, num depósito de estruturas fantasísticas protofascistas, o paranóico detentor do poder seria o fenômeno das “multidões” ou massas na sua manobra. No paranóico, esse fenômeno concentra-se e se acentua: *seu* inimigo é encontrado sob as mais diversas imagens e formas, imagens imaginárias e representações destas [ii]. Portanto, realmente é evidente que a esquizofrenia de “fundamento” “teológico-político” (idéias religiosas) desempenha um papel fundamental na ideologia do nacional-socialismo onde as massas passam por um adoecimento psíquico coletivo, portanto político, uma experiência de patologização coletiva *em nome* da purificação do espírito.

Realmente é muito perturbador,⁷¹¹ o fato de o regime totalitário, contar com o apoio destas massas. Embora muitos especialistas neguem-se a aceitar essa situação, preferindo ver nela o resultado da força da máquina de propaganda, a publicação, em 1965, dos relatórios sigilosos, das pesquisas de opinião pública alemã dos anos de 1939 - 1944, realizadas pelos serviços

⁷⁰⁹ Filme *Das Weisse Band* (2009).

⁷¹⁰ “*C’est le désir d’écarter les autres de son chemin a fin d’être l’unique*” CANETTI, E. *Masse et puissance*. Traduit Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1995, p. 491.

⁷¹¹ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 339 (Nota de rodapé).

secretos da *Schutzstaffel*, demonstra que a população alemã estava notavelmente bem informada sobre a preparação do ataque contra a Rússia e sobre o que acontecia com os judeus, sem que com isso se reduzisse o apoio dado ao regime. Todos estavam convencidos da atração que a figura do *mal* despertava, da atração que o *mal – inimigo* – exercia na dominação das massas.

O *inimigo interno* eram os judeus, o *inimigo externo* os bolchevistas, que misturavam-se na imagem imaginária do “bolchevismo judaico”, [ii] de uma “*peste judia mundial*”, de uma conspiração judia mundial, o que tornara para o sagrado soberano-deus a motivação da eliminação da União Soviética, na busca alemã do *Lebensraum* “espaço vital”.⁷¹² Perante os militares estrategistas de alta patente o soberano delineou este raciocínio declarando que o problema do *Lebensraum* da Alemanha só poderia ser solucionado pelo uso da força.⁷¹³

Outros sucessos não poderão ser alcançados sem derramamento de sangue... É uma questão de expandir nosso “espaço vital” para o leste... Não há razão para poupar a Polônia: atacaremos a Polônia na primeira oportunidade favorável.⁷¹⁴

Em 1.o. de setembro de 1939, a Alemanha, na busca do *Lebensraum*, desencadeou a invasão estratégica da Polônia. Esse foi, provavelmente, o ataque militar mais bem planejado, mais rápido e mais eficiente dos tempos modernos. A “guerra-relâmpago” ou *blitzkrieg* foi o termo que os estrategistas

⁷¹² A opinião sobre a produção schmittiana em direito internacional e política mundial está apoiada em conceitos negativos. Grande parte da crítica considera o apoio científico-ideológico das teorias pan-germanistas do “espaço vital” uma agressão do Reich aos vencidos da Europa. *Lebensraum* como sendo o conceito geopolítico preferido e utilizado por Hitler para *justificar* a expansão germânica e a anexação de territórios que precedeu a Segunda Guerra Mundial. SCHMITT, C. *Escritos de Política Mundial*. Buenos Aires: Heracles, 1996, p. 8.

⁷¹³ No uso da força bruta, nada muito diferente da estratégia “democrática” das Forças Armadas Brasileiras no Haiti, num específico treinamento de combate preparatório para exercerem posteriormente esta força nas Favelas brasileiras, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, uma luta contra o *mal* “secularizado” na imagem do “traficante” *inimigo*.

⁷¹⁴ WEPMAN, D. *Hitler*. São Paulo: Nova Cultural, 1990, p. 62.

usaram para descrever as táticas que haviam desenvolvido.⁷¹⁵ Dois dias depois, em 3 de setembro, França e Inglaterra declaram guerra à Alemanha, iniciando a Segunda Guerra Mundial. A queda da Polônia foi rápida e a Alemanha apossou-se das ricas regiões industriais na parte ocidental do país. A conquista alemã da metade ocidental da Polônia também incorporou milhões de judeus, e aumentou mais ainda a brutalidade dirigida contra o *inimigo*. O assassinato de um grande número de integrantes da elite judaica e polonesa, praticado por unidades militares especiais – *Einsatzgruppen* – foi parte integrante da campanha na Polônia.⁷¹⁶ Nesse sentido, importante como prova o testemunho de Grass:

...quando a *guerra* já havia crescido a ponto de se tornar guerra mundial, razão pela qual nós, alunos secundaristas, não apenas ruminávamos os menores acontecimentos locais durante as férias nas praias do mar Báltico, como também fanfarroneávamos, espaçosos, acerca das fronteiras, sempre se tratava apenas da ocupação da Noruega por nossas forças armadas, ainda que até junho adentro notícias extraordinárias tivessem comemorado a pleno pulmões o decurso da campanha na França com o êxito da guerra-relâmpago e até a capitulação do inimigo havia tantas gerações: Roterdã, Antuérpia, Dunquerque, Paris, a costa do Atlântico...⁷¹⁷

Assim decorreriam as aulas de geografia do jovem Günter Grass, estendidas e estimuladas através da tomada de terras e países: ataque após ataque, triunfo após triunfo. Desde que as terríveis notícias sobre o “Domingo sangrento de Bromberg” encheram as páginas dos jornais, fazendo de todos os poloneses assassinos traiçoeiros, na figura e posição de inimigo, qualquer ato alemão parecia direito na condição de vingança.

⁷¹⁵ *Idem*, p. 63.

⁷¹⁶ PAXTON, R. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 262.

⁷¹⁷ GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007, p. 17 - 18.

O mal “secularizado” na figura do inimigo, os judeus, eram atacados, acima de tudo, como agentes do capital financeiro.⁷¹⁸ A maciça concentração no capital financeiro judaico nos *discursos* do soberano estava vinculada a suas alegações da responsabilidade dos judeus pela guerra, pela derrota e pelos milhões de alemães mortos. Numa passagem de *Mein Kampf*, afirma-se que a vida de um milhão de alemães mortos na frente de batalha poderia ter sido salva, se “doze a quinze mil desses hebreus corruptores do povo tivessem sido contidos com gás venenoso” (...) “gás venenoso contra gás venenoso; e é preciso que se diga às naturezas fracas que se trata de uma luta de vida ou morte”.⁷¹⁹ “Autoritário e católico, Carl Schmitt, num texto em favor do nazismo”,⁷²⁰ declara em sua “Filosofia da morte”: “todas as experiências e advertências da História do desastre alemão estão vivas em Adolf Hitler”.⁷²¹ [um “Heidegger” truculento].

Nesta atmosfera da *segunda natureza* em excesso, institucionalizada na exceção, a subjetividade das massas humanas é formatada através da *oratória plena* em nome do *estatuto do nome próprio* [lacaniano], *discurso* feito pelo sagrado soberano com poder de decisão para a *Sturmabteilung* [Tropas de Assalto]⁷²² em 1922. Hitler declarou que nenhum judeu poderia ser *amigo* do povo. Anos depois, movido ainda pela dimensão imaginária cristianizada do *amigo-inimigo*, doutrina schmittiana da *secularização* de *bem* e *mal*, o sagrado soberano-deus com a cruzeldade de sua política desloca o alvo dialeticamente na prática, transformando o *amigo* na figura do *inimigo*, inimigos do Estado, na “Noite das Longas Facas”, decidindo contra parte de seu próprio movimento. O soberano corta sua própria carne: em 30 de junho de 1934 toma a *decisão* de imediatamente executar 85 membros da *Sturmabteilung*. Revelação do *conceito do político* na sua tradição mais poderosa: a “possibilidade real” de *dar*

⁷¹⁸ KERSHAW, I. *Hitler: um Perfil do Poder*. Rio de Janeiro: JZE, 1993, p. 29.

⁷¹⁹ HITLER, A. *Minha Luta*. Trad. Klaus Von Puschén. São Paulo: Centauro, 2005, p. 38.

⁷²⁰ JAUME, L. *Les origines philosophiques du libéralisme*. Paris: Flammarion, 2010, p. 15 (Nota de rodapé).

⁷²¹ SCHMITT, C. *O Führer protege o direito: sobre o discurso de Adolf Hitler no Reichstag em 13 de julho de 1934*. Trad. Peter Naumann (mimeo, s/ data), p. 220.

⁷²² Conhecida como SA, organização paramilitar de batalha da NSDAP [*Nationasozialistische Deutsche Arbeiterpartei*] durante a República de Weimer; teve papel decisivo, na condição de tropa de choque, na ascensão do nazismo. Depois da chegada ao poder, a SA perdeu poder, sobretudo a partir de 1934, quando os dirigentes foram afastados ou assassinados.

a morte física ao inimigo. Representando a imagem da identidade o soberano em nome da moralidade lança sua cruzada contra a S.A.

Nesta *violência extra-legal* que se manifestava em todo ano de 1933 e que no ano de 1934, se multiplicará numa escala poderosa, centenas de estudantes reuniram-se diante da Casa da associação dos estudantes judeus exigindo seu fechamento e a prisão dos que lá se encontravam. Vários estudantes judeus foram presos pela SS. A Casa dos estudantes judeus foi invadida por uma guarda da SA e içada a bandeira com a cruz gamada.⁷²³

Mas o desfecho de “decidir” contra a [ii] do “inimigo impuro”, “semita”, se deu na “Noite de Cristal”, novembro de 1938, onde inúmeros judeus foram assassinados, sinagogas incendiadas, 7.500 lojas e propriedades destruídas.

“Perdi a paciência com essas manifestações [queixou-se Göring], não é aos judeus que elas prejudicam, mas a mim, a autoridade máxima da coordenação da política econômica (...) não nos reunimos aqui simplesmente para mais conversas, mas para tomar *decisões* (...) eliminar os judeus da economia alemã”.⁷²⁴

Junto aos fatos na condição de espectador estava o jovem Günter Grass, quando uma sinagoga foi pilhada, devastada e posta em chamas por um grupo de homens da SA. “Quando pouco depois do meu décimo primeiro aniversário as sinagogas queimaram em Danzig, e também outros lugares e vitrines se quebraram em cacos, eu permaneci inativo (...) e nenhuma piada sobre Göring me tornava suspeito. Muito antes eu via a pátria ameaçada, porque cercada de inimigos”.⁷²⁵ Certamente os “inimigos” nas [iii] do jovem Grass já estavam a repertir-se na História e em sua alma, quando no ano de 1097 (restauração da primeira Cruzada) os cruzados capturaram a cidade Jerusalem, reunindo-se junto ao Santo Sepulcro para proclamar e evocar o

⁷²³ FAYE, J-P. *A Razão Narrativa - a Filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo*. Trad. Paula Martins, Henrique Antoun e Joaquim Humberto Oliveira. São Paulo: ed. 34, 1996, p. 148.

⁷²⁴ PAXTON, R. *A Anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 262.

⁷²⁵ GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007, p. 23 e 37.

estabelecimento de um Reino Cristão na cidade. A população judaica da “Cidade Santa” foi levada para as sinagogas e queimada viva.⁷²⁶

Esta Juventude Hitlerista, que o jovem Grass representava em sua forma e sentido, foi formada oficialmente em 1926 com apenas 6000 integrantes, contava com aproximadamente 7.0312.226 de jovens em 1938.⁷²⁷ Milhões de jovens que pertenceram à Juventude Hitlerista e usavam esse título com orgulho. Poderiam classificar o jovem Grass como nazista juvenil e assim incriminando-o de antemão, rotulando-o de modo absoluto, juízes não teriam faltado.

Mas o ato de incriminar, classificar e rotular, eu mesmo posso providenciá-lo. Eu fui, sim, na condição de jovem hitlerista, um nazista jovem. *Crente até o fim.*⁷²⁸

Heil Hitler, numa época em que a Alemanha sofria com a segunda natureza dando sinais de podridão cultural: patologização coletiva das massas, governo fraco, alta taxa de desemprego, pobreza generalizada, o sagrado *führer* decidiu que estes jovens poderiam ser uma poderosa força política que ajudaria a moldar o perfeito futuro do país. A legislação dos dias subsequentes excluiu os judeus da economia os empurrando para as margens da sociedade. Quase 80.000 judeus são impelidos a abandonar a Alemanha em 1939, comparados a cerca de 40.000 em 1938 e 23.000 em 1937.⁷²⁹ Qualquer ato podia ser justificado na exclusão do *inimigo, mal, impuro* da sociedade alemã. Por outro lado, pergunta-se o velho Grass: “Mas onde é que eu estava quando apenas fingia estar presente? (...) Via de regra eu estava a caminho do passado, no que diz respeito ao tempo, insaciavelmente faminto pelas vísceras gotejantes de sangue da história, e doido pela Idade Média escura como breu (...) E com certeza foi por isso que minha primeira tentativa de escrever, bem

⁷²⁶ EBAN, A. *As Cruzadas*. In *A História do Povo de Israel*. Trad. Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Bloch, 1971, p. 155.

⁷²⁷ BARTOLETTI, S. C. *Juventude Hitlerista: a História dos Meninos e Meninas Nazistas e a dos que Resistiram*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 150.

⁷²⁸ GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007, p. 37.

⁷²⁹ KERSHAW, I. *Hitler: um Perfil do Poder*. Rio de Janeiro: JZE, 1993, p. 222.

volumosa segundo os planos, conseguiu se manter distante da deportação dos judeus restantes de Danzig para fora do gueto da Mausegasse ao campo de concentração de Theresienstadt, e se passar à parte de todas as batalhas de envolvimento do verão de quarenta e um (...) E ainda assim terão jorrado rios de sangue”.⁷³⁰

No dia 24 de janeiro de 1932, num bairro industrial de Berlim, capital da Alemanha, o jovem Herbert Norkus de 15 anos coloca a suástica no braço e veste sua camisa marrom, uniforme da Juventude Hitlerista. A mãe o havia proibido de entrar para a Juventude Hitlerista por achar muito perigoso, porém, tinha mais medo ainda dos comunistas ou “vermelhos”, pois era comum brigas sangrentas de rua entre nazistas e comunistas. No entanto o jovem Herbert levava a sério o *credo* nazista de auto-sacrifício, fundando sua unidade com uns quinze integrantes. Neste 24 de janeiro, Herbert e seu amigo Kirsch subiam e desciam as ruas de Berlim enfiando folhetos embaixo das portas e ao saírem de um prédio escuro viram um grupo de uns quarenta rapazes a pouca distância. Percebendo que tratava-se dos “vermelhos”, Herbert corre para o prédio ao lado mas é pego, sofrendo seis facadas e vindo a morrer. Furiosos com o brutal assassinato de um menino de 15 anos, os líderes do Partido Nazista fizeram um enterro com honras militares. Para os nazistas, o jovem Herbert Norkus tornou-se um mártir que sacrificou a vida por seu sagrado Führer; um herói que morreu assassinado pela causa do Nacional Socialismo, conseqüentemente, sendo declarado 24 de janeiro como Dia Nacional de Homenagem a todos os jovens hitleristas mortos. Onde o jovem hitlerista caiu deixando sua marca de sangue foi colocada uma placa com os dizeres: “Ele deu a vida pela liberdade da Alemanha”.⁷³¹

Na primavera de 1932, uma das primeiras medidas do governo Papen,⁷³² consistiu em anunciar uma “educação moral mais rigorosa da nação”. O governo de Hitler não fez mais do que dar continuidade a este

⁷³⁰ GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007, p. 32 - 33, 35.

⁷³¹ BARTOLETTI, S. C. *Juventude Hitlerista: a História dos Meninos e Meninas Nazistas e a dos que Resistiram*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 17 - 18.

⁷³² Papen foi o precursor de Hitler e mais tarde desempenhou um importante papel como diplomata do governo fascista.

programa de “educação moral”. Num decreto relativo à educação desta juventude constava:

(...) A educação da juventude para apreciar o valor do Estado e da comunidade recebe a sua força interior das verdades do Cristianismo. A fidelidade e a responsabilidade para com o povo e a prática têm as suas raízes mais profundas na *fé cristã*. Por este motivo, será sempre meu especial dever assegurar o direito e a livre propagação da *escola cristã e os fundamentos cristãos de toda educação*.⁷³³

No dia 2 de outubro de 1932, alguns meses após a morte do jovem, o sagrado soberano discursou para 70 mil integrantes da Juventude Hitlerista num comício especial em Berlim. Meninos e meninas viajaram de trem ou vieram a pé de toda a Alemanha. Hitler agradeceu a Juventude Hitlerista pelo duro trabalho de campanha, declarando: “Começo pelos jovens. Nós, mais velhos, estamos desgastados. (...) Mas meus maravilhosos jovens! Será que existem melhores no mundo? Olhem para todos esses rapazes e meninos! Que material! Com eles, posso formar um mundo novo”, perguntando: “O que pode acontecer a um povo cujos jovens *sacrificam* tudo para servir a seus grandes ideais?”. Os jovens responderam levantando o braço na saudação nazista e gritaram em coro: *Heil Hitler*.⁷³⁴

Tudo é gigantesco: são paradas, desfiles monumentais e discursos para uma massa em total catarse. Esta imagem da purificação do espírito das massas é documentado em “*O Triunfo da Vontade*” (1934) pela cineasta Leni Riefenstahl,⁷³⁵ um espetáculo cinematográfico hipnótico que retrata mantendo como arquivo toda barbárie de uma segunda natureza naturalizada em seu excesso institucionalizado *na exceção*. Diante das massas este documento de cultura representa o que os alemães queriam realizar, isto é, a imposição

⁷³³ REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 110.

⁷³⁴ *Idem*, p. 19.

⁷³⁵ CHRISTMEIER, M. *Fascination and Terror*. Documentation Centre Nazi Party Rally Nuremberg. Translations Maria O’Hanlon. Nürnberg: Museen der Stadt Nürnberg, 2006, p. 70 - 71.

heróica da própria vontade. “Onde há uma vontade, há um caminho!” Era precisamente isto o que eu também quisera (...) Isto exprimia minha identidade secreta com o herói, e também com o sofrimento do homem que é obrigado a fazer uma experiência que o constrange e sacrifica seu ideal e sua atitude consciente. No entanto, era preciso pôr um termo a essa identidade com o ideal do herói, pois há valores mais altos que a vontade do eu aos quais precisamos nos submeter.”⁷³⁶

No comando das massas, as implicações cristológicas destas cenas, imagens, comícios e discursos são evidentes: o que aconteceu no caso de Cristo foi que o próprio Deus, o criador de todo o universo, andou na rua como um indivíduo comum, e o mesmo se passa com um príncipe ou rei quando seus jovens súditos o vêem passar em algum lugar. Provavelmente, no início do Estado teorizado em sua eticidade social, Hegel tenha sentido a mesma coisa, ao ver Napoleão passar a cavalo nas ruas de Jena, manifestando-se que era como se tivesse visto o espírito mundial montado num cavalo – um cavalo branco de um príncipe cristão.

No dia 30 de janeiro de 1933 o velho presidente Paul von Hindenburg nomeia Hitler chanceler, fazendo dele o segundo homem mais poderoso da Alemanha. No “Despertar da Alemanha”, bandeiras com largas suásticas negras batiam ao vento; cornetas soavam, tambores rufavam e o desfile começou. Seus seguidores marcharam no formal passo de ganso, num ritmo perfeito, suas botas de cano alto batiam no calçamento das pedras de Berlim. A massa explodia em alegria: Viva, Hitler! Enquanto cantavam “Estamos dispostos a morrer pela bandeira...”,⁷³⁷ “cantávamos como se o canto pudesse tornar o Reich cada vez maior”.⁷³⁸ Quando a voz do soberano no dia 1.º de fevereiro de 1933 trovejou no rádio, poderoso instrumento político de dominação das massas, o povo alemão se sentiu iluminado pela liderança. Alguns alemães temiam a guerra. “E o povo do céu viu com terror aparecer aquela figura horrível, pois o seu rei caminhava semelhante a um cadáver, e de

⁷³⁶ JUNG, C.G. *Confronto com o Inconsciente*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 160.

⁷³⁷ BARTOLETTI, S. C. *Juventude Hitlerista: a História dos Meninos e Meninas Nazistas e a dos que Resistiram*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 23.

⁷³⁸ GRASS, G. *Nas Peles da Cebola*. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007, p. 24.

insânia era o aspecto de seu olhar, mas ninguém ousava, com uma palavra ou um gesto, deter-lhe o passo, e todos o seguiam de longe com ansiosa veneração e cheios de compaixão e horror, receando o instante em que ele fosse cair”.⁷³⁹

Os judeus alemães ficaram especialmente preocupados. “Algo terrível está acontecendo (...) há brutalidade e violência em todo lugar. E mesmo assim as pessoas agem como se nada tivesse mudado. E talvez nada tenha mudado”.⁷⁴⁰ Neste caso, os fragmentos de Bergman nos ensinam mais sobre o assunto dos micro aparelhos fascistas de poder que um grande número de teorias.⁷⁴¹

No aniversário de Hitler, 20 de abril de 1936, por toda Alemanha realizou-se *cerimônias* especiais de tochas. Em Hamburgo, Karl Schnibbe, com 12 anos, alistou-se num grande salão enquanto viu a *Bandeira de Sangue* no lugar de honra. A bandeira embebida do sangue de mártires que tinham sacrificado a vida pelo Partido Nazista. Quando a cerimônia começou um líder do Movimento fez um discurso e depois cada menino e menina juraram pela Juventude Hitlerista. Lembra Karl Schnibbe que segurou na Bandeira de Sangue e fez o juramento:

Na presença desta Bandeira de Sangue, que representa o nosso Führer, juro dedicar todas as minhas energias e minhas forças ao *Salvador* de nosso país, Adolf Hitler. Aceito e estou disposto a dar minha vida por ele. E que Deus me ajude.⁷⁴²

Lançou a palavra “sangue” à face da massa humana.⁷⁴³ Beber o sangue sela a união dos opostos.⁷⁴⁴ Salvador, sagrado soberano,

⁷³⁹ SPITTELER. C. *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p. 302.

⁷⁴⁰ Filme *The Serpent's Egg* (1977).

⁷⁴¹ KATZ, C.S. *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985, p. 247.

⁷⁴² BARTOLETTI, S. C. *Juventude Hitlerista: a História dos Meninos e Meninas Nazistas e a dos que Resistiram*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 23.

⁷⁴³ SPITTELER. C. *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p. 312.

⁷⁴⁴ JUNG. C.G. *Cartas (1906 - 1945)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 1, p. 234.

representante de Deus na Terra com o “poder de decidir” sobre todos os aspectos [*complexio oppositorum*]; nota-se a inflexão do “teológico-político” da referida solenidade com fortes características ideológicas da imagem de perfeição [Soberania da imagem], a começar, na esfera da fantasia, da necessidade da prova da ascendência de pureza “ariana” ao ingresso na Juventude Hitlerista. Pois “um Estado que, na época do envenenamento das raças, se dedica a cultivar os seus melhores elementos raciais, tem de um dia se tornar Senhor do mundo”,⁷⁴⁵ ideologia diretamente ligada ao desprezo do *outro* [*outro do outro*] na dimensão imaginária construindo o inimigo impuro categoria fundamental na política da inimizade da segunda natureza em excesso para manutenção de um permanente estado de exceção.

A secularização da ideologia da pureza contra o mal – *imagens imaginárias* ([ii]) – desde 1924 vinha sendo articulada por Hitler quando por força de sentença do Tribunal de Munique tinha entrado no presídio militar de Landsberg. Por esta secularização – cruzada ideológica – é fornecido o resultado do cruzamento de raças: “a) Rebaixamento do nível da raça mais forte; b) Regresso físico e intelectual e, com isso, o começo de uma enfermidade, que progride devagar, mas seguramente. Provocar semelhante coisa não passa então, de um atentado à vontade do Criador (...) A razão pela qual todas as grandes culturas do passado pereceram, foi a extinção, por envenenamento de sangue, da primitiva raça criadora”.⁷⁴⁶

Percebe-se através destas linhas o “fundamento” “teológico-político” da eliminação do *mal impuro* no discurso ideologizado da “pureza” da “raça” com a finalidade política de dominação das massas na imagem imaginária do *inimigo*. Tomando para si a posição de sagrado soberano-deus, descaracterizava o judaísmo ao afirmar que o mesmo nunca foi uma religião, na possibilidade de trazer a aura religiosa para o próprio Movimento: “O judaísmo nunca foi uma religião, e sim sempre um povo com características raciais bem definidas”.⁷⁴⁷ Desta declaração, teológica política, no combate ao *mal* secularizado, fica evidente sua posição na escolha do *inimigo* através da

⁷⁴⁵ HITLER, A. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2005, p. 509.

⁷⁴⁶ *Idem*, p. 213, 215.

⁷⁴⁷ *Idem*, p. 227.

“raça” “impura” confrontada com a tomada para si de grande e legítimo representante do Cristianismo na Terra; mesma trilogia: “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...”, da [ii] do estatuto do nome próprio cristianizado.

Neste delírio do poder, segundo Hitler, o “grande fundador da nossa doutrina” – Jesus Cristo, não ocultava seus sentimentos relativos ao povo judeu, que em certa emergência pegou até no chicote para enxotar do templo de Deus este adversário – *inimigo* – de todo espírito de humanidade que, outrora, como sempre, na religião, só discernia um veículo para facilitar sua própria existência financeira.

Por isso mesmo, aliás, é que Cristo foi crucificado, enquanto nosso atual cristianismo partidário se rebaixa a mendigar votos judeus nas eleições, procurando ajeitar combinações políticas com partidos de judeus ateístas e tudo isso em detrimento do próprio caráter nacional.⁷⁴⁸

Nesta cultura “secularizada”, imagens inconscientes, imaginário cristão e [ii] “o Cristianismo, atribuindo coletivamente ao ‘povo judeu’ a responsabilidade pela morte de Cristo, trabalhou infatigavelmente, através dos séculos, para tornar os judeus odiosos; impôs, numa Europa em que o poder político e o poder religioso estavam estreitamente ligados, as degradantes regras do gueto e, conseqüentemente, moldou nêle, sobretudo a partir do fim do século XI, de geração em geração, uma condição humana patológica”⁷⁴⁹ – discurso ideológico da política da inimizade. Os judeus são acusados, nas religiões cristãs, de terem dado morte ao próprio Deus que os cristãos adoram, e não só de lhe terem tirado a vida, mas de terem antes “judiado”⁷⁵⁰ com Cristo.

Em *discurso* no ano de 1939, o sagrado soberano retorna à “*Questão judaica*”, declarando com todo ódio e crueldade o que seria profético:

⁷⁴⁸ *Idem.*

⁷⁴⁹ FRIEDMAN, G. *Fim do Povo Judeu?* Trad. Alberto Guzik, Dora Ruhman, Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 225.

⁷⁵⁰ IZECKSOHN, Isaac. *O Anti-semitismo*. São Paulo: Formosa, 1954, p. 267.

Se os financistas judeus internacionais, dentro e fora da Europa, conseguirem mais uma vez mergulhar as nações numa guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da terra, e portanto, a vitória do povo judeu, mas a aniquilação da raça judaica na Europa.⁷⁵¹

Sobre a *força da palavra* e do *discurso* enquanto estratégia do poder, a fase mais fecunda do pensamento político schmittiano está exatamente presente nas obras escritas entre os anos de 1920 e 1930, como uma das suas obras centrais, “*Catolicismo Romano e Forma Política*”,⁷⁵² que constitui um texto sujeito a diversas interpretações. Numa das passagens deste Livro, em 1925, C. Schmitt adianta alguns anos àquele que estaria *representando* Cristo na Terra: “A *força da palavra* e do *discurso*, a retórica no seu sentido grande, é, pelo contrário, um sinal de *vida humana*. O desconhecimento do retórico pertence aos efeitos daquele dualismo polar do tempo, o qual se manifesta aqui em ele ter, de um lado, uma música que canta de um modo exaltado e, de outro lado, uma objetividade muda, e que tenta tornar a arte ‘genuína’ em algo romântico-musical-irracional”.

Em nome do *estatuto do nome próprio*, profeticamente, Carl Schmitt passa a idéia de uma Alemanha moldada pela voz do seu novo Senhor. Inserido neste caldo cultural de barbárie da segunda natureza em excesso ou sociedade industrial com seu óleo “teológico político”, Carl Schmitt passa precisamente a idéia de um discurso que não se discute e sobre o qual não se raciocina, mas o *discurso representativo*, se assim se lhe pode chamar, que é *decisivo* perante as massas. Este *discurso* com poder de decisão – *complexio oppositorum* – movimenta-se em antíteses, mas estas são, não oposições, mas os diferentes elementos que são configurados na *complexio* para que o discurso tenha vida, tendo nesta leitura schmittiana, mais entendimento do que muitos racionalistas e mais força intuitiva do que todos os românticos. Mas o seu discurso só é possível tendo como pano de fundo *uma* autoridade

⁷⁵¹ KERSHAW, I. *Hitler: um Perfil do Poder*. Rio de Janeiro: JZE, 1993, p. 152.

⁷⁵² SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998.

impressionante. A sua grande dicção seria mais do que música; seria uma dignidade humana que se torna visível na *racionalidade do falar* que se forma a si mesmo. Tudo isso para Carl Schmitt, pressupõe uma hierarquia, pois a ressonância espiritual da grande retórica surge a partir da crença na representação [simbólico] que o orador requer – sagrado soberano. Nele se mostra que, para a História universal imemorial, o sacerdote pertence ao soldado e ao político. “O Führer não escreve, e é isto que o caracteriza”.⁷⁵³

Nesta posição, na plenitude da voz, a razão universal passa a determinar o *bem* e *mal*, impedindo a compreensão do mundo baseada numa ética imanente, dando lugar para uma moral transcendente. O pensamento *laciano-schmittiano*, mergulhado nesta moral, revela um pensamento de um sentimento de onipotência, delírio do poder, de um único centro de poder indivisível. Nesta tradição cultural fonocêntrica a linguagem referida a dimensão da voz guia a massa humana de setenta milhões de alemães *na representatividade* do Chefe Absoluto – sagrado soberano – um Deus mortal, mas no imaginário das massas: sagrado, invencível, infalível. A Modernidade observa seu Filho: sagrado “monstro” [leia-se: *Leviathan*] cristão [*Leviathan* cristianizado]:

O Governo Nacional, acima de todos os seus deveres, considerará o de fazer reviver na nação o *espírito de unidade* e cooperação. Preservará e defenderá os princípios básicos sobre os quais nossa nação foi erguida. O governo considera o Cristianismo como o *fundamento de nossa moralidade* nacional, e a família como a base da vida nacional.⁷⁵⁴

Neste passe, não passa despercebido a Hitler, que, em *Minha Luta*, atribui grande importância à “oratória na política”: “O poder, que sempre iniciou as maiores avalanches religiosas e políticas no desenrolar da História, tem sido, desde os tempos imemoriais, o poder mágico da palavra falada – e

⁷⁵³ KATZ, C.S. *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985, p. 246.

⁷⁵⁴ HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 116.

somente isso. As grandes massas de povo só podem ser influenciadas pelo poder da palavra. Todos os grandes movimentos são movimentos populares, erupções de paixões humanas e sentimentos emocionais, despertados quer pela deusa do sofrimento, cruel, quer pelo facho da palavra lançada entre as massas”.⁷⁵⁵ Num *discurso representativo* de 1.o. de fevereiro de 1933, sem diálogo, própria da natureza do *complexio oppositorum*, Hitler na defesa da *soberania*, ataca os *inimigos* internos e externos, jurando diante de Deus [o Deus cristão] e do povo *humano* alemão que cumprirá fielmente a missão a ele confiada. O *espírito de unidade* seria o instrumento de trabalho: “O *comunismo* com os seus métodos de insanidade está fazendo um forte e insidioso ataque contra a nossa nação dividida e desanimada. O comunismo procura envenenar e subverter afim de atirar-nos para uma época de *caos*. Este *espírito destruidor* e negativo não poupa nada do que é mais alto e mais valios. A começar pela família, já minou os próprios fundamentos da *moralidade* e da *fé* e escarnece da cultura e comércio, da nação e da Pátria, da justiça e da honra. Quatorze anos de marxismo arruinaram a Alemanha; um ano de bolchevismo a destruiria.”⁷⁵⁶

Nesta postura simbólica daquele que representa miticamente a própria soberania, o apelo é dirigido às emoções das massas, lançando acusações contra o marxismo – inimigo, que teria arruinado a Alemanha. Como um bom cristão, no final de sua *fala*, suplica a Deus todo-poderoso para abençoar “nosso trabalho, fortalecer o nosso propósito, dando sabedoria e a confiança de nosso povo, porque não lutamos por nós, mas pela Alemanha”.

Neste sentido é que antes de seu nascimento o sujeito já está situado, não apenas como emissor, mas como “átomo de um discurso concreto” [*atome du discours concret*];⁷⁵⁷ e Hitler se acha dentro desta linha de dança “lacaniana” deste *discurso*, ele é o próprio *discurso*, se acha situado inteiramente na sucessão das *mensagens* – para Lacan palavra-chave da *cibernética* – de

⁷⁵⁵ SHIRER, W. L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich: Triunfo e Consolidação (1933 - 1939)*. Trad. Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. I, p. 49.

⁷⁵⁶ HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 117.

⁷⁵⁷ LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 326.

forma *unidirecional* às *massas humanas*. Cada uma das escolhas do sagrado soberano [Mestre] é uma *fala vinculada* exatamente à situação do sujeito falante.

“Sou por São João e o seu ‘No começo era o Verbo’”,⁷⁵⁸ nesta direção, o próprio Lacan em seus discursos, num determinado momento solicita ajuda a um padre para auxiliá-lo com a expressão *in principio erat Verbum*.⁷⁵⁹ E *fides* era o que melhor traduzia a *fala*. Por sua vez, *Verbum* seria a linguagem e inclusive a palavra.⁷⁶⁰ Mas, é o “mito que nos fala como ‘Verbo de Deus’. O ‘Verbo de Deus’ vem a nós e não temos nenhum meio de distinguir ‘se’ e ‘como’ ele é diferente de Deus. Nada há que não seja conhecido e humano a respeito do *Verbum*, salvo a circunstância de que surgiu espontaneamente diante de nós e nos dominou”⁷⁶¹ num mundo falocêntrico. Este “soberano” acha-se integrado num discurso universal numa máquina universal.

O Verbo nos ocorre; nós sofremos a sua ação, pois estamos expostos a uma profunda insegurança; para Deus, enquanto *complexio oppositorum*, ‘todas as coisas são possíveis’ no sentido mais amplo da expressão, isto é, verdade e erro, bem e mal.⁷⁶²

⁷⁵⁸ “*Je suis pour saint Jean et son ‘Au commencement était le Verbe’*”. LACAN, J. *Le Triomphe de la religion - précédé de Discours aux catholiques*. (1960 / 74). Paris: Seuil, 2005, p. 90.

⁷⁵⁹ Aquinatis reifica o Mestre Augustinus de Hipona: “Aquele que pode conhecer o verbo, não somente antes que ele ressoe, mas antes mesmo que as imagens de seus sons sejam envolvidas pelo pensamento, este pode, então, ver uma certa semelhança daquele Verbo do qual está escrito [*dictum*]: *No principio era o Verbo*”. AQUINO, T. *O Verbo (Questão 34)*. In *Suma Teológica (Summae Theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I, p. 579.

⁷⁶⁰ Ver a resposta de Jacques Lacan: “*In principio erat verbum*, trata-se incontestavelmente da *linguagem*, não se trata da *fala*”. “Não foi eu quem escreveu o Evangelho segundo São João.” Quando questionado por um de seus seguidores: “*Verbum* é a tradução da palavra hebraica *dabar* que quer dizer justamente *fala*, e não *linguagem*”, responde de forma autoritária e unilateral revelando todo seu “fascismo” e (des)conhecimento: “Vai ser preciso rever este negócio de hebraico. Enquanto não nos tiverem metido uma cadeira de teologia na faculdade de ciências, não vai haver saída...” [*Il faudra que nous revoyions cette histoire de l’hébreu*]. LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 336 - 337.

⁷⁶¹ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 294.

⁷⁶² *Idem*, p. 294.

No entanto, o que Lacan tenta revelar é que o *mundo da linguagem* é possível, dado que nele estamos em nosso lugar, seja onde for – *um reino cristão* seria possível. Por isso valoriza a unicidade do espírito e o *sentido* da pureza do nome próprio: “um progresso histórico da subjetividade orientado de maneira manifesta no sentido de *reencontrar* a verdade, que está na ordem dos símbolos”.⁷⁶³ A massa satisfaz à necessidade da expressão mítica quando possui representação e sentido. “A carência de sentido impede a plenitude da vida (...) o sentido torna muitas coisas, talvez tudo, suportável”.⁷⁶⁴ Esta “forma plena de sentido”⁷⁶⁵ unifica-se neste reino a partir do “símbolo”.⁷⁶⁶ Parece que nesta questão Jung encontra-se diante de *símbolos inconscientes*, para além do discurso e da dança “lacaniana”. “O nascimento do Salvador [Filho], isto é, o aparecimento do símbolo, acontece justamente onde não é esperado e exatamente onde a solução é a mais improvável”.⁷⁶⁷ Coloca-se aqui a questão da força política de um *símbolo redentor* perante as massas e suas almas. A natureza deste *símbolo redentor* seria uma “criança”:

Por que um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz.⁷⁶⁸

Por sua vez a [ii] da massa inumana que não é possuidora do dito “*Verbum*” deve ser exterminada, eliminada pela máquina universal – *Leviatã alma-máquina*. “De uma maneira mais clara e comum a nós, chama-se verbo

⁷⁶³ “un progrès historique de la subjectivité manifestement orienté vers la retrouvaille de la vérité, qui est dans l’ordre des symboles”. LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 329.

⁷⁶⁴ JUNG, C.G. *Últimos Pensamentos*. In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 294.

⁷⁶⁵ *Idem*, p. 292.

⁷⁶⁶ *Idem*.

⁷⁶⁷ JUNG, C.G. *O Caminho Daquele que Virá*. In *O Livro Vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 229.

⁷⁶⁸ Is. 9,6.

ao que é proferido pela voz”.⁷⁶⁹ Depois disso, o Deus cristão [soberano cristão] fez uso da *fala* na fundação deste reino; a questão do *sentido* viria junto com a *fala*. *Massa humana* guiada pela *linguagem* referida a dimensão da *voz* – o *poder* se faz pelo *discurso*.

Mais de quatorze anos passaram desde o dia aziago em que o povo alemão, iludido por promessas de *inimigos internos e inimigos externos*, perdeu o contato com a honra e a liberdade, perdendo tudo em consequência. Desde esse dia de *traição*, o *Onipotente* retirou as suas bênçãos entre o nosso povo. Quando o nosso país perdeu o seu lugar político no mundo, perdeu a sua unidade de espírito e vontade...⁷⁷⁰

O Filho é Deus gerado pela cultura, ele carrega todas as coisas pelo verbo de seu poder, assim, se quer dizer que as coisas são conservadas no ser pelo efeito do *poder do Verbo*.⁷⁷¹ Um dos mais frutíferos oradores da época cristã, Hitler fala com abundância; a *fala plena*, o marco simbólico, *repetindo-se no mesmo* na *identidade* de seus ouvintes, *técnica* no discurso deste soberano. Perito em lançar cortinas verbais de fumaça para ocultar suas manobras estratégicas; conhecendo com igual perfeição a eficácia dos violentos assaltos oratórios que abalam os nervos dos *inimigos* lhes quebrando a resistência. Nesta missão da dimensão da *voz*, emprega o insulto do mesmo modo que seu exército utiliza tanques e aviões na destruição da frente *inimiga* para instauração de sua “Nova Ordem”. Hitler foi senhor da Europa fascista – reino cristão secularizado; este reino foi moldado pela dimensão da *voz* – tradição fonocêntrica. “Simultaneamente com esta *política de purificação* de nossa vida

⁷⁶⁹ “*Manifestius autem et communius in nobis dicitur verbum quod voce profertur*”. AQUINO, T. *O Verbo (Questão 34)*. In *Suma Teológica (Summae Theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I, p. 579.

⁷⁷⁰ Discurso de 1.º de fevereiro de 1933, Berlim,. HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 116.

⁷⁷¹ AQUINO, T. *O Verbo (Questão 34)*. In *Suma Teológica (Summae Theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I, p. 584.

pública, o governo do Reich procederá um inteiro expurgo *moral do corpo da nação*".⁷⁷²

“Purificação” moral dos *corpos inumanos* carentes do espírito cristão, incluídos aí judeus, marxistas, ou seja, todos aqueles considerados nesta ideologia *inimigos públicos* – doutrina schmittiana, pois “somente a criação de uma verdadeira *comunidade nacional*, erguendo-se *acima* dos interesses e das diferenças de classes, que pode fechar permanentemente a fonte de nutrição de tais aberrações do espírito humano”.⁷⁷³ *Linguagem* referida a *dimensão fonética*; nesta caminhada “lacaniana” a linguagem seria um universo, obviamente se não houvesse a *fala* não haveria *linguagem*. O sagrado soberano cristão com seu *poder* sobre as massas fundado na *fala plena*, *instaurando e mantendo a violência mítica* resguardando secularmente este reino. Por isso esta guarda ou guardião primeiramente surge do sacerdote – poder sacerdotal. Como repetiu Lacan, *in principio erat verbum*, e tudo que é conhecido está sempre *encarnado* num sistema que é *universo de linguagem*, pois assim que a linguagem passa a existir, ela seria o universo – *universo cristão*. O *outro do outro* seria o inumano pertencente a uma *condição inumana* – *inimigo* e a missão do sujeito falante seria intensificar a defesa do espírito absoluto *neste* universo.

O *animal* não fala, *não fala* o animal na imanência e potência das tempestades asiáticas (ex. Átila, rei dos hunos) paradas ou neutralizadas pela *máquina universal* – *Leviatã-alma-máquina* (Igreja-Sociedade Industrial).⁷⁷⁴ Fundação, manutenção e revelação é o que importa para estes pensadores cristãos: “defrontamo-nos com um *mundo de linguagem*, que nos dá, de vez em quando, a impressão de haver algo de essencialmente *neutralizante*, incerto”,⁷⁷⁵ despertando o *medo* na incerteza da falta de eficácia desta *neutralização* – mundo da linguagem ou do universo cristão. Ou seja: Hobbes-

⁷⁷² Discurso de 23 de março de 1933, Berlim, Reichstag. HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 124.

⁷⁷³ *Idem*.

⁷⁷⁴ Marcuse era um bom leitor de Carl Schmitt.

⁷⁷⁵ “*Nous sommes affrontés à un monde de langage, dont, de temps en temps, nous avons l'impression qu'il a quelque chose d'essentiellement neutralisant, incertain.*” LACAN, J *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II, p. 326.

Schmitt-Lacan na linguagem aplicada ao imaginário convencidos de que todos são brancos. Por isso, para este último, não se consegue nada com a *linguagem*, pois o reino já está *estruturado*, pelo contrário, é preciso *manter* este reino nesta estrutura pela *fala* introduzida a partir do momento em que o sujeito efetua esta ação pela qual ele afirma mera e simplesmente – “*Sou branco*” [*Je suis blanc*]⁷⁷⁶ Nas entrelinhas e no próprio inconsciente: “sou branco, nazista e europeu e não aceito a desconstrução” pois a fala *fala* e é preciso falar neste universo. Esta posição existe no âmbito do imaginário, no entanto, produz efeitos políticos de barbárie. Toda uma *estrutura* de uma *máquina universal* dimensionada pela *linguagem* (referida a dimensão da voz) na definição unilateral do *inimigo* ou daquele que possui uma *condição inumana* carente de espírito.

Respondendo desconstruindo a questão estruturada: “Onde está a linguagem?”. Na “mitologia branca” do *ser* supremo ou do sagrado soberano – questão de soberania, que fala a *fala plena* como marco simbólico na representatividade política guiando as massas. Nesta ordem simbólica existiria começos absolutos da *fala* como fundação o que historicamente, oficialmente, teria sua ligação com o espírito hegeliano na estruturação do universo – reino cristão, através das máquinas universais. Neste ato simbólico (ex. *fala plena*) desencadeia-se dialeticamente uma série de consequências simbólicas e reais assumidas pelo humano neste reino universal de fantasias (ex. inimigo impuro). Daí retira-se toda estrutura teológica-política da *figura* do “nó borromeano” [*Le noeud borroméen*]⁷⁷⁷ e seus efeitos de barbárie, genocídio; o *nó* feito no Espírito, a *função* política do nó (do Espírito) como o tríplice do *simbólico*, do *imaginário* e do *real*. Nesta *política da inimizade*, o *amigo-inimigo* vem com funcionamento transcendental *de bem-mal* fundados pela *fala* neste reino universal da *linguagem* referida a dimensão da voz – tradição *fonocêntrica*.

Nesta dimensão e historicamente, fosse como fosse, a “conspiração judaica mundial” ou a “peste judia mundial” representava para o sagrado soberano a **[ii]** de um *inimigo* invencível se comparado com a burguesia estéril;

⁷⁷⁶ *Idem*, p. 335.

⁷⁷⁷ LACAN, J L’*Esprit des Noeuds* (1975) In *Le Sinthome*. Paris: Seuil, 2005, Livre XXIII, p. 20.

o marxismo, na sua forma bolchevista judaica, significava uma força tremenda. A própria Alemanha, na sua “essência teológica nazificada”, era um Estado dominado pelo teológico secularizando-se *na* segunda natureza com regiões altamente industrializadas, que tinha chegado ao excesso, abrindo as portas para as forças da barbárie. Ao organizar a nação para ser uma *empresa industrial* em implacável expansão, progresso, o nacional-socialismo se viu diante da missão de compensar décadas de atraso em poucos anos. Este poder sendo assegurado principalmente no esforço da Alemanha para *construção* de uma *máquina de guerra*⁷⁷⁸ – *Leviatã schmittiano*,⁷⁷⁹ cegado pelo desejo de vingança. Na verdade, o *complexo industrial* alemão não estava atrás daquele dos países ocidentais, pelo contrário, já antes da ascensão do nacional-socialismo este *complexo* era o sistema mais *racionalizado* e *mecanizado* da Europa.⁷⁸⁰ A grande indústria organizou-se em escala nacional e o *fascismo* transformou a expansão econômica *na* conquista militar através da *guerra*, ao mesmo tempo que a realização eficiente dos interesses da *grande empresa* foi um dos motivos mais fortes para a transformação do controle econômico *em* controle político totalitário, e a eficiência é um dos principais motivos para o domínio do poder do regime fascista sobre a população arregimentada.⁷⁸¹ Processo secular que desagua na segunda natureza em excesso ou grande indústria, *racionalizando o irracional* no aparente paradoxal jogo entre *religião* e *tecnologia*, gerando *fé* e *força*, criando seus sacerdotes e soldados *num* mundo encantado *do* desenvolvimento tecnológico; alma e eficiência sendo o próprio cerne do nacional-socialista.

Nesta *cultura da sociedade industrial*, num discurso proferido perante o Clube da Indústria em Düsseldorf, em janeiro de 1932, um ano antes de sua ascensão ao poder, Hitler parte do fato de que, no mundo moderno, a vida

⁷⁷⁸ HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941, p. 108.

⁷⁷⁹ SCHMITT, C. *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes - sentido e fracasso de um símbolo político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008.

⁷⁸⁰ MARCUSE, H. *Guerra, Tecnologia y Fascismo - Textos Inéditos*. Medellín: Universidad de Antioquia, 2001, p. 199.

⁷⁸¹ *Idem*, p. 76.

privada, tanto quanto a social e a política, basei-se no “princípio da eficiência”. A primeira missão do nacional-socialismo seria portanto, restaurar a posição da Alemanha como um poderoso concorrente no mercado internacional, onde o “funcionamento do aparato econômico não pode mais ser mantido por resoluções econômicas voluntárias, mas somente por *decisões políticas*”.⁷⁸²

O sagrado soberano tinha dito frequentemente que uma das maiores *causas* do problema econômico e social do mundo era a prioridade dada à economia sobre a política. Invertendo o processo, subordinando a economia à política, declarava que fora capaz de realizar o maior *milagre* dos tempos modernos. Mas se tal coisa parecia um milagre, não havia mistério algum em torno dela. O que o soberano fez foi colocar toda economia da Alemanha *na* guerra. Outras nações, principalmente as “democracias” modernas ocidentais, deveriam descobrir mais tarde que também poderiam realizar o *milagre* de solucionar o econômico, entrando *na* guerra ou colocando-se em bases de uma economia de guerra, a exemplo, atual, dos Estados Unidos da América do Norte. A “mão invisível” não é tão “invisível” e o mercado não é tão “perfeito”. Se existe alguma ideologia da perfeição dimensionada pela fantasia, estaria exatamente no seu contrário, a imperfeição do *inimigo*. Nos concretos e empíricos exemplos históricos o *político* está acima da *economia* – possuindo o *poder de decisão*; o político entendido como *guerra*. O sagrado soberano afirmava que finalmente conseguira criar um “perfeito paraíso”.⁷⁸³

Nada poderia apelar mais fortemente para o *espírito* e a *tradição* do exército alemão. O poder soberano representado simbolicamente pelo soberano, preparou desta forma o caminho para sua elevação a Comandante Supremo dos exércitos alemães. Aquilo que Hitler pretendia fazer tinha sido claramente explicado por ele nos seus inúmeros discursos dos dez anos que precederam o seu advento ao poder, especialmente no Livro *Mein Kampf* (1924). Portanto, as *relações econômicas* deveriam ser transformadas em *relações políticas*, *decidindo* o soberano de forma *imediata*; a expansão econômica deveria ser superada pela dominação política. O soberano promete

⁷⁸² HITLER, A. *Minha Nova Ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941.

⁷⁸³ *Idem*, p. 111.

que o novo Estado se tornará o agente executivo da economia, que organizará toda a nação para uma expansão econômica sem limites, que tornará a *indústria alemã* a vencedora na competição internacional. Ainda promete que fornecerá a única arma que sozinha permitirá que a *indústria alemã* domine seus competidores e abra os mercados necessários, a saber, o *exército mais formidável do mundo*.⁷⁸⁴ Ou seja: o Estado – *poder soberano* – toma para si a missão de criar um novo espaço para iniciativa do *empresário*. Racional seria assim, aquele que mais *eficientemente* executa o que lhe é determinado, acreditando fielmente *nas* grandes empresas e nas organizações burocráticas que administram todo aparato *com* a força espiritual da polícia – *violência mítica* na manutenção deste *poder soberano*. Nesta cultura – barbárie – da sociedade industrial, o Partido recebeu apoio substancial de muitos industriais importantes, a exemplo do presidente da União dos Trabalhadores do Aço, Fritz von Thyssen.

No entanto, para Hannah Arendt “o Nazismo nada deve a qualquer parte da tradição ocidental, seja ela ou não alemã, católica ou protestante, cristã...”.⁷⁸⁵ Faz-se o (re)corrente da história, na tentativa desesperada de desvincular o Movimento de um *sentido pré-existente*, sentimentos religiosos “secularizados”, produtos sociais, quebrando um processo impossível de quebrar: a “secularização” do teológico-político. Neste sentido, *schmittiano-lacaniano*, tudo seria função de um passado no qual se reconhece a sucessão de criação anteriores, e mesmo que não exista este reconhecimento, este passado está aí desde sempre. Este *sentido anterior* está vinculado a *construção* da noção sagrada de soberania, primeiro passo para tentativa de *desconstrução* da soberania. Compreender as relações entre as classes à luz de expressões como “ralé”⁷⁸⁶ é relativamente simples; incomparavelmente mais difícil é a apreciação das relações concretas entre as classes numa dada situação, como faz Trotsky.⁷⁸⁷ Uma parte da burguesia chegou decididamente

⁷⁸⁴ MARCUSE, H. *Guerra, Tecnologia y Fascismo - Textos Inéditos*. Medellín: Universidad de Antioquia, 2001, p. 95.

⁷⁸⁵ STEIGMANN-GALL, R. *O Santo Reich: Concepções Nazistas do Cristianismo, 1919 - 1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 17.

⁷⁸⁶ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 376.

⁷⁸⁷ TROTSKY, L. *Revolução e Contra-Revolução*. CLB: Lisboa, (s/ data), p. 294.

à convicção da inevitabilidade do caminho fascista e pretendia apressar a operação. Outra parte espera dominar a situação com o auxílio da ditadura bonapartista militar-policial. Uma volta à “democracia” de Weimar, ninguém o desejou neste campo. Recentemente, não afetado pelos sentimentos “nazificados” ou “agostinianos secularizados”, o historiador Richard Steigmann-Gall, mostra o outro lado, insurgindo-se contra a idéia de um “Cristianismo defunto” e de uma “fé substituta” ou de que os nazistas teriam derramado um “novo” vinho secular nas antigas garrafas cristãs. Na verdade, tanto o “vinho” quanto a “garrafa” são cristãs, inseridos numa moralidade secular, pois a sentimentalidade religiosa fundamentalista remanescente continua a ter aplicações devastadoras na prática mortífera. Se não é a própria Hannah Arendt que diz que “Hobbes é, realmente, o único grande filósofo de que a burguesia pode, com direito e exclusividade, se orgulhar...”,⁷⁸⁸ no entanto, tenta desvincular o fenômeno do Nazismo de qualquer parte da tradição ocidental? Sabemos que a insistência de Hobbes quanto ao *poder* como motor de todas as coisas humanas e divinas se devia à proposição de que o infindável acúmulo de propriedade deve basear-se no infindável acúmulo de poder, ou que o Estado absolutista daria segurança ao mercado, gerando a idéia de que a existência de um mercado perfeito suporia a existência de um tirano perfeito.

Nas instâncias probatórias da ciência, basta direcionar o olhar para esta Alemanha, dos exemplos acima, assim como para o Estados Unidos da era Bush, passando a esfera econômica, em última instância, a ser *reduzida* ao momento da *decisão política*. Ao contrário de Arendt,⁷⁸⁹ declarando que a tirania de Hobbes, embora houvesse ocorrido muitas vezes na história do Ocidente, “nunca havia sido homenageada com um fundamento filosófico”, ousamos discordar da frankfurtiana, lembrando de seu contemporâneo Carl Schmitt,⁷⁹⁰ no momento que reconhece Thomas Hobbes como teórico exemplar do absolutismo através da conexão entre poder espiritual e terrenal, aproximando-se da doutrina totalitária do Estado na defesa de um soberano

⁷⁸⁸ ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 168.

⁷⁸⁹ *Idem*, p. 174.

⁷⁹⁰ SCHMITT, C. *Teologia Política*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 74.

absolutista com o poder de decidir. Reconhecendo que terminara a época das monarquias por não haver mais reis, e que ninguém teria a coragem de tornar-se rei [príncipe] senão através da vontade do povo, a questão da *decisão* é levada até o fim, ou seja, numa ditadura política, passando o Estado a ser reduzido ao momento da *decisão*. O “Nazismo” não respeitou as regras para o *parque humano*. Mas a exceção continua enquanto for exceção humana.

Existe uma tendência de presumir que as coisas que nos inclinamos a ver com “maus” olhos na sociedade moderna ou segunda natureza certamente devem ter reinado somente no “Nazismo”. No entanto, a questão deve ser vista sob um outro ângulo: a de que a segunda natureza *em seu* excesso produz “nazi-fascismo”, um permanente estado de alarme, e *seus* sentimentos perduram até hoje, na “secularização” destes sentimentos absolutistas e autoritários que revelam-se na prática através das políticas burguesas de extermínios – fazendo morrer e deixando morrer inumanas figuras. Neste vies subjetivo cristão [cultural] da imagem da pureza “secularizada”, gerando uma “estrutura política absolutista”⁷⁹¹ na “limpeza” da nação Alemã, seria o caso de nos perguntarmos – para além da trama das racionalizações dos historiadores – qual a diferença da “Solução Final” e das ações estratégicas “democráticas” no Brasil de 2007 ou 2010 no “Complexo do Alemão”?

Apenas para exemplificar, citaremos alguns casos desta *exceção soberana* em localidades onde existe um permanente “Estado de exceção” não declarado, um Estado de exceção que permite a eliminação física dos subalternos e também de categorias internas de “cidadãos” que, por qualquer razão, não estão integráveis ao sistema político. No Brasil, somente em uma investida, a polícia militar carioca informalmente assassinou trinta e uma pessoas na Baixada Fluminense *em* 2005 e a polícia militar paulista formalmente assassinou cento e onze presos na Casa de Detenção de São Paulo em 1992. A carnificina diabólica, treze anos antes da barbárie carioca acontecer, estava para começar no Carandiru, e o promotor de justiça P.F brada em alto e bom som: “Coronel U., o senhor está no comando das

⁷⁹¹ BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 44.

operações, faça o que achar melhor... sufoque urgentemente esta bagunça!”.⁷⁹² Como ignorar um massacre de tamanha “violência”? Somente através de um processo de falsificação da história: a destruição do Carandiru. O Brasil continua presenciando esta *violência mítica* de uma ordem social estratificada: torturas, assassinatos, tudo isso praticado em nome da lei⁷⁹³ por verdadeiros justiceiros – trilogia da morte. O Estado de exceção também vige no centro do Rio de Janeiro, quando em julho de 1993 grupos de extermínio formados por policiais executaram oito meninos de rua e outros seis foram vítimas de tentativa de homicídio, a barbárie nomeou-se “Chacina da Candelária”. Este Estado de exceção permanece também para os movimentos sociais, quando em 1996 a polícia do Pará assassinou brutalmente vinte e um trabalhadores sem terra, a barbárie nomeou-se “Massacre de Eldorado dos Carajás”.

Mas na leitura da Filosofia política, durante sua experiência de 1919, Benjamin nos dá algumas dicas sobre “*O Verdadeiro Político*”: “O social é manifestação de forças espectrais e demoníacas”.⁷⁹⁴ Ou seja: a destruição e libertação de uma representação passa pela intensidade dos estados que pulsam no social. O lugar histórico-filosófico da *liberdade* passa em última instância e acima de tudo na *linguagem das coisas* que trazem forças espectrais e demoníacas. O *verdadeiro político* é o que destrói representações. “A destruição e libertação de uma representação”.⁷⁹⁵

Na manutenção destas representações, sobre a exceção não declarada, em momentos como esse, de acentuado antagonismo social, o que há de podre na Lei é revelado por um excesso, seja numa “democracia” ou não onde promotores de “justiça”⁷⁹⁶ defendem uma política missionária de tolerância zero com a presença de “Caveirão” nas favelas, como se a força performativa pertinente, em algum nível, a todas as instituições e aos fatos

⁷⁹² RAMOS, H. *Pavilhão 9 – Paixão e Morte no Carandiru*, São Paulo: Geração Editorial, 2001, p. 246.

⁷⁹³ VERANI, S. *Assassinatos em Nome da Lei*, Rio de Janeiro: Aldebarã, 1996.

⁷⁹⁴ BENJAMIN, W. *Mundo e tempo* (1919) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 30 (Versão preparatória do ensaio perdido sobre “*O Verdadeiro Político*”).

⁷⁹⁵ *Idem*, p. 29.

⁷⁹⁶ Incluídos aí, todos os atos de barbárie cometidos por este sistema de Justiça criminal fascista, a começar pelos grupos de extermínio no Brasil.

sociais que elas patrocina, começasse a vazar da privada para fora de seu espaço “normalmente” circunscrito e a dissolver a capacidade da instituição de fornecer um contexto crível de realidade significativa. Em momentos como esse, ficamos no limiar de um universo psicótico em que a autoridade se tornou fascista, se tornou incapaz de esquecer e incapaz primordialmente de recalcar a dimensão pulsional da função simbólica, que se expande e transborda do vaso num estado geral de podridão e decadência.

Certamente, Paul Celan, sendo um filho de Auschwitz, responderia esta questão em seus silenciosos poemas. O que estamos chamando de “*política de extermínio*” [*Anjo exterminador*] é a mesma política deliberada de assassinato em massa que ficou conhecido como *Queima em grande escala* na eliminação sistemática das comunidades judaicas europeias ou das subalternas no Brasil [distinguir o imaginário do simbólico da trama das racionalizações dos historiadores]: a figura do *mal* “secularizada” no *inimigo* é a mesma – *repete-se* – ultrapassando situações específicas com suas formas transcendentais. Ou seja: a língua [linguagem] nesta estrutura do Ocidente é também a língua dos assassinos; a *linguagem* entendida como dimensão fônica ou discurso ficou na História e na cultura. Certamente, a inversão de papéis em nada altera a natureza dos estados [leia-se também: Estado] enquanto que continua sendo uma *ditadura* no domínio das massas. As *formas* dos estados burgueses são variadas, mas sua essência é que todos esses estados são em última instância uma *ditadura* da burguesia cravada no “poder teológico-político”, usando do Estado “fundado” na *Gewalt* como instrumento de reprodutividade do Capital.

Para Benjamin este é um momento importante: o desespero do estado religioso do mundo no capitalismo, “o capitalismo apresenta-se como uma religião”.⁷⁹⁷ A História do Cristianismo se tornou essencialmente a História do Capitalismo; “o Cristianismo transformou-se no Capitalismo”.⁷⁹⁸

⁷⁹⁷ BENJAMIN, W. *O Capitalismo como religião* (1921) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 30, 32.

⁷⁹⁸ *Idem*, p. 33.

No recurso da *Gewalt* e da *fé*, ambos reativos em seus triunfos [*Triunfo sobre a adversidade*], o estado [leia-se também: Estado] instrumento do Capital emerge como uma grande Igreja. Nesta comunhão na Igreja a massa é dominada pelo salvador consagrado pela imposição de mãos.

Quem possui o *poder soberano* na cidade está obrigado, enquanto cristão, sempre que houver uma questão relativa aos mistérios da fé, a interpretar as Sagradas Escrituras através de eclesiásticos que tenham sido ordenados segundo a lei. E assim, nas *idades cristãs*, o julgamento tanto dos assuntos espirituais quanto dos temporais compete à autoridade civil. E aquele homem ou conselho que tem o poder supremo é cabeça igualmente da cidade e da Igreja; pois uma *Igreja* é a mesma coisa que uma *Cidade Cristã*.⁷⁹⁹

Nesta posição da dita Filosofia Política o lugar histórico-filosófico da *liberdade* é colocado em alerta quando toda ordem imaginária do “poder soberano” é cenário da História [o mundo] humana e seu reflexo. Este pensamento *do político* mantém a representação. O holocausto enquanto político é a expressão suprema da prática do totalitarismo e a política de extermínio (que também faz morrer massas inumanas) enquanto política nas democracias liberais é a expressão suprema da prática absolutista secular, ambos cravados no sentimento religioso como produto social, marcados pela razão instrumental. Ambos, não devem ser encarados como o fracasso da civilização [cultura] e sim como produto dela, da *civilização industrial* ou segunda natureza em excesso na manutenção do Capital. As duas faces estão confortavelmente ajustadas ao mesmo corpo e ambas *não* podem existir sem a outra. O sentimento religioso não representou uma barreira para as “políticas de extermínio” [*Anjo Exterminador*] enquanto forma de dominação das massas. Muito pelo contrário: as *guerras* travadas contra os “inimigos” da Alemanha e a “política de extermínio” travada contra os “inimigos” nas democracias modernas constituem uma eterna batalha na fantasia do “mal” e seus arquivos como

⁷⁹⁹ HOBBS, T. *Do Cidadão*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 327.

produtores de *realidade* “em nome de um viés de pureza” imposto pelo Cristianismo que desagua no Nazismo.

“É muito improvável que a *hostilidade* religiosa que, durante dois milênios, impeliu à perseguição dos judeus tenha se extinguido inteiramente. A religião foi integrada como patrimônio cultural, mas não abolida” (grifo nosso).⁸⁰⁰ Em ambos os “regimes”, a política dualista é a mesma: *amigo-inimigo*, baseada em uma interpretação dualista do comportamento humano predominante nas civilizações [cultura] do mito branco. Ambos os “regimes” acreditam estar defendendo o *bem* deflagrando a guerra contra o *mal*, lutando a favor de Deus contra o Dragão Vermelho.

Toda esta circunstância histórica angustiante, Walter Benjamin estava vivendo e sofrendo com a sociedade burguesa *em* excesso: o amontoado de ruínas e escombros que cresce até o céu. Não suportando este caldo “cultural”, num processo de intensa rebelião intelectual contra o ambiente da segunda natureza, Benjamin opta em 1940 pelo suicídio. A Alemanha que tinha alimentado o seu intelecto sucumbira às forças da catástrofe: a tempestade chamada *progresso*. Nesta leitura do “teológico-político”, quando Benjamin evoca a catástrofe refere-se a *tempestade* de fogo que Sodoma e Gomorra foram destruídas.

Então o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra.⁸⁰¹

A *tempestade bíblica* é “secularizada” na idéia de *progresso* – “profano” e “sagrado” caminhando juntos aliançados. A comparação entre a *tempestade* e o *nazi-fascismo* é sugerida por Benjamin em uma Carta a Scholem em janeiro de 1937, em que ele compara seu livro “Povo Alemão” a uma “arca” construída “de acordo com o modelo judaico”, diante da “ascensão

⁸⁰⁰ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento*. In *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 164.

⁸⁰¹ Gênesis, 19:24.

do dilúvio fascista”.⁸⁰² No entanto, quando Benjamin sugere que os freios de emergência devem ser puxados, na verdade está fazendo uma crítica à *segunda natureza*, que é tida como natural e que produz a estrutura de aço dos trilhos que passa o trem de ferro, assim como também produz todo *complexo* industrial militar ou a mortífera Máquina militar nazi-fascista, que por sua vez faz parte desta sociedade industrial nesta segunda natureza.

“Com jardins-de-inverno e passagens, portanto, como estabelecimentos verdadeiramente luxuosos, é que teve início a construção de ferro. Rapidamente, porém, ela encontrou seus verdadeiros domínios de utilização técnica e industrial”.⁸⁰³ *Estações de trem de ferro*, era o que se costumava dizer. A hierarquia sagrada da sociedade industrial e a decantação das multidões *em* massas determinam tendências da racionalidade tecnológica atual. A “época heróica da técnica encontrou seu monumento na incomparável Torre Eiffel”. O historiador das construções de ferro Alfred Gotthold Meyer declarou: “Aqui a forma plástica da imagem cede espaço a uma enorme tensão de energia espiritual... Cada uma das 12.000 peças de metal foi milimetricamente definida, como também cada um dos dois e meio milhões de parafusos... Neste canteiro de obras não se ouvia nenhum golpe de formão que retira da pedra a sua forma; mesmo ali o pensamento dominava a força muscular, transferindo-a para seguros andaimes e gruas”.⁸⁰⁴ Este emprego do ferro, “Construção em Ferro”, *estrutura* esta sociedade industrial e possibilita muitas “formas novas”,⁸⁰⁵ desaguando em sua última revelação: *totalitarismo cibernético*.⁸⁰⁶

Esta segunda natureza *naturalizada* na sacralidade do seu *excesso* é um grande estado de exceção [*estado de exceção cibernético*]. Todo globo terrestre passa a ser um único *ser*, uma grande sociedade política industrial *em* excesso, que produz um *permanente* estado de exceção não declarado –

⁸⁰² LÖWY, M. *Walter Benjamin: Avertissement d'incendie - Une lecture des thèses « Sur le concept d'histoire »*. Paris: PUF, 2001, p. 77.

⁸⁰³ BENJAMIN, W. *O Anel de Saturno ou Sobre a Construção em Ferro*. In *Passagens*. Trad. Irene Aron & Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: UFMG, 2006, p. 965.

⁸⁰⁴ *Idem*, p. 967.

⁸⁰⁵ *Idem*, p. 966.

⁸⁰⁶ Capítulo 3. *Complexio oppositorum*. Capítulo 6. *Sob a sombra da suástica - tecnologia, guerra e fascismo (e cibernética)*.

invisível, oculto. O domínio das massas exerce-se pelo poder teológico-político – *cibernética*.

A *exceção soberana* não encontra-se somente no consciente da “violência mítica”; a exceção soberana encontra-se na imagem do *inconsciente coletivo* como *linguagem* fônica representada por sua *queda* na representação.

A esta forma de domínio, numa dialética de *Apollyon* ou do Anjo Exterminador⁸⁰⁷ se seguem ainda desgraças pelo milagre burguês, pois a forma imediata de poucos dominarem as massas na sociedade burguesa em excesso se dá pelo estado de exceção – em todas as esferas e periferias. Nenhuma *decisão* é válida para o futuro, as verdadeiras decisões são aquelas que, formuladas, são ao mesmo tempo executadas. A teoria torna-se prática, a um ponto tal que todo pensamento é rejeitado se não for prática imediata, ou se não for imediatamente consumado pela ação. A verdade torna-se o que está em execução, seu conceito coincide com o fato. O fato do *poder imediato* torna-se o verdadeiro Deus da época burguesa: o *poder de decidir* sobre o *estado de exceção*.

Seria o *Angelus Novus*, para Benjamin, na sua visão de anjo, um refugiado do mundo do simbolismo religioso e burguês? Cruz “e” Suástica – *Cruzástica*? Fé e Força? Um Anjo que se insurge contra o modo de vida burguês e da moral religiosa? A ascensão do fascismo e a sociedade industrial é uma prova evidente de que a barbárie introduzida por esta destruição tem pouco em comum com a *violência purificadora* ou *divina* imaginada por Walter Benjamin.⁸⁰⁸ No momento em que as nuvens cinzentas obscurecem o céu, pregar uma “violência pura” seria uma forma de convivência com o poder fascista? Sem se dar conta, caem nesta armadilha, Negri e Löwy em suas respectivas reflexões. Mas este poder é tão transformável como a que aparece no caleidoscópio benjaminiano: com cada movimento, toda ordem se converte numa outra, os conceitos dos dominadores sempre foram o espelho no qual se

⁸⁰⁷ Apocalipse 9:11, 9:12.

⁸⁰⁸ ROUANET, S. P. *Édipo e o Anjo: Itinerários Freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990, p. 53.

refletiu a *imagem* de um poder, por isso, o caleidoscópio deve ser destruído, eliminando até mesmo os vestígios da destruição.

Este “*caractère destructeur*”⁸⁰⁹ na figura do *Angelus Novus*, recompondo as ruínas e acordando os mortos, tenta destruir o *continuum* da História. “Na verdade [realidade], não existe um único momento [instante] que não traga consigo a sua oportunidade revolucionária”.⁸¹⁰ O fato é que, de qualquer maneira, o Anjo benjaminiano revela os desastres do mundo moral burguês secular no seu excesso: no reino mercantil, “a humanidade parece condenada às penas do inferno”,⁸¹¹ e neste inferno, o “mundo dos objetos assume de forma cada vez mais brutal a expressão da mercadoria na vida humana”⁸¹² [a *figura* ideologizada do “*inimigo*” torna-se uma *mercadoria* diante da sociedade industrial: que inclui política e economia, no sentido mais *cruel* e *hostil* deste *mecanismo* – agora, *cibernético*]. Dominado pela mercadoria, esta é a *Casa* por excelência *da repetição*, do “*sempre-o-mesmo*” [*Immergleichen*] da indústria, da maquinaria, da construção em ferro, submetendo os homens à condição de *autômatos* – dominando o nomeado e mítico “inconsciente coletivo” por um mecanismo cibernético – gerando um *organismo cibernético*.

Frente a esta sombra [*organismo cibernético*], submetida a ela, somente uma leitura das passagens das pulsões [intensidades] na Filosofia da História benjaminiana [*violência divina-pulsões-real estado de exceção*] poderia

⁸⁰⁹ BENJAMIN, W. *Le Caractère Destructeur* (1931). Trad. Rainer Rochlitz. In *Oeuvres II*, Paris: Gallimard, 2000, p. 330; *O Caráter Destrutivo*. Trad. Willi Bolle. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, São Paulo: USP, 1986, p. 187; *O Caráter Destrutivo*. In *Rua de Mão Única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho & José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 235; *O Caráter Destrutivo*. In *Imagens de Pensamento*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 215.

⁸¹⁰ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 154 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da História*”. Tese XVII a.); *Sobre o conceito de História*. In LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio - uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Trad. das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 134. [“*En réalité, il n’existe pas un seul instant qui ne porte en lui sa chance révolutionnaire*”. LÖWY, M. *Walter Benjamin: avertissement d’incendie - une lecture des thèses « Sur le concept d’histoire »*. Paris: PUF, 2001, p. 114.]

⁸¹¹ BENJAMIN, W. *Passagens*. Trad. Irene Aron & Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: UFMG, 2006; LÖWY, M. *Romantismo e Messianismo*. Trad. Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 198.

⁸¹² BENJAMIN, W. *Parque Central*. In *A Modernidade*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 166.

operar uma interrupção do curso do mundo – trazendo as forças da *rememoração*⁸¹³ *das cinzas que pulsam*, abolindo este “Inferno” e rompendo o círculo do “sempre-o-mesmo” [*Immergleichen*].

O *Anjo da história* [*Angelus Novus*] conduz a vida para além da vida presente ou de seu estar-presente efetivo, de sua efetividade empírica: não em direção a uma morte, *mas* em direção a uma “sobre-vida” [*sur-vie*],⁸¹⁴ a saber, um traço com relação ao qual vida e morte seriam somente traços e traços de traços, uma *sur-vie* que rompe a identidade do Espírito. Não podemos contar com Ele [*Geist*].

“O afastamento de qualquer resto do ‘lamento’ que vem da história assinala a sua definitiva submissão ao moderno conceito de ciência”.⁸¹⁵ Na verdade, a *imagem* do *Anjo* é uma *contra-imagem* ou um contra-símbolo como sinal de resistência [*do Leão*].

Retornar às forças da *rememoração* das cinzas que pulsam é destruir o círculo infernal do *sempre-o-mesmo* [*repetição do mesmo*] presentificando a cada instante a produção da diferença [*abertura da História*]. “O Juízo Final é um tempo presente voltado para trás”.⁸¹⁶

Esta seria uma das *pontes* que levariam a uma ética da subjetivação.

⁸¹³ *Rememoração* ou *presentificação anamnésica* [*Eingedenken*].

⁸¹⁴ DERRIDA, J. *Spectres de Marx*. Paris: Galilée, 1993, p. 17.

⁸¹⁵ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 153 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da História*”).

⁸¹⁶ “Alcance histórico-filosófico e político do conceito de inversão [*Umkehr*]”. *Idem*, p. 154.

*Os mortos voltaram de Jerusalém,
onde não encontraram o que procuravam.*
C. G. Jung, *Septem Sermones ad Mortuos* *

* JUNG. C.G. *Septem Sermones ad Mortuos* (1916). In *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 333.

8. Por detrás da soberania

– ou do “pecado original” do espírito linguístico

“E fez-se silêncio no céu quase por meia hora,⁸¹⁷ e houve depois trovões e relâmpagos.⁸¹⁸ E os sete anjos, que tinha as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las.⁸¹⁹ Quando o quinto Anjo toca sua trombeta, uma estrela cai na terra e abre o poço do abismo, saindo do mesmo gafanhotos com poderes dos escorpiões, com a permissão de atormentar os homens que sentirão vontade de morrer. Os gafanhotos assemelhavam-se a cavalos aparelhados para guerra, e estes possuíam rostos como de homens em combate. E tinham sobre si por seu Rei, um Anjo do abismo: *Apollyon*, que segundo o latim quer dizer *exterminador*.⁸²⁰

Apocalipse de João, “*Escrito(s)*” entre 94 e 96 d.C, trata do destino do mundo de forma profética e imaginosa, na figura de anjos, dragões vermelhos, da vitória de Cristo sobre a Besta e de seu reinado pelos séculos dos séculos sobre o Mal – durando mil anos. Nesta leitura, da imagem imaginária da secularização do “poder teológico-político”, na vitória do *bem* sobre o *mal*, numa dialética de *Apollyon*, se seguem ainda desgraças pelo *milagre burguês*. *Apollyon* ou Anjo exterminador está preparado para o combate. Neste combate inúmeras vidas serão sacrificadas pela interferência imediata da **[ii]** do soberano-deus, interferência pelo *milagre* ou no excesso da segunda natureza: *estado de exceção*.

A derrota do nazi-fascismo não deteve a sociedade industrial ou segunda natureza de chegar em seu excesso institucionalizado *na exceção*: “Nem a razão hegeliana, nem a razão marxista se aproximaram da realização; nem o desenvolvimento do espírito, nem o da revolução tomaram a forma

⁸¹⁷ Apocalipse 8:1.

⁸¹⁸ *Idem*, 8:5 (segunda parte).

⁸¹⁹ *Idem*, 8:6.

⁸²⁰ *Idem*, 9:11.

visada pela teoria dialética”,⁸²¹ a teoria dialética na prática tomou a forma de *Apollyon*.

Numa atitude realista, poderíamos falar de um “*realismo político*”,⁸²² não menos ideológico, Carl Schmitt chega a declarar que “no dia em que Hitler subiu ao poder, Hegel, por assim dizer, morreu”.⁸²³ Ou seja: no dia em que Hitler subiu ao poder o Estado como razão morreu. Por isso, na contemporaneidade, defender o Estado não é defender o Estado propriamente dito, mas sim defender o Estado de exceção; “ateísmo” [vários “ismos”...] doutrinário que substituam o fetichismo religioso por um fetichismo estatal. Na base deste “ateísmo” o que se encontra é a *vontade de verdade*; a consciência cristã traduzida em consciência científica, em limpeza [“imunização”] intelectual a qualquer preço.⁸²⁴ Questões emergenciais colocadas por Marx no texto “*Sobre a Questão Judaica*”: a crítica da religião encontra-se “fundamentalmente acabada”, sendo necessário colocar na ordem do dia a “crítica não religiosa”.⁸²⁵ – o simples anticlericalismo burguês não vai ao fundo das coisas; o “Estado” e/ou estado tem necessidade de *ilusões* – a autoalienação humana em sua forma sagrada ou sacralizada.

Esses singulares [*Abseitigem*] [*“Outsiders”*] de hoje, esses irreduzíveis em uma coisa, na exigência de asseio intelectual, esses duros, severos, abstinentes, heróicos espíritos que constituem a honra do nosso tempo, todos esses pálidos ateístas, anticristãos, imoralistas, niilistas, esses céticos, eféticos, hécticos do espírito (todos sem exceção, de um modo

⁸²¹ MARCUSE, H. *Raison et Révolution - Hegel et la Naissance de la Théorie Sociale*. Trad. Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Editions de Minut, 1968. Ver o Epílogo (escrito em 1954) da edição brasileira *Razão e Revolução*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 367 - 374.

⁸²² LESSA, R. *A Política como Ela É...: Carl Schmitt e o Realismo Político como Agonia e Aposta*. In *Agonia, Aposta e Ceticismo – Ensaio de Filosofia Política*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 12, 25, 27.

⁸²³ MARCUSE, H. *Raison et Révolution - Hegel et la Naissance de la Théorie Sociale*. Trad. Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Editions de Minut, 1968, p. 464.

⁸²⁴ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 147 [GM, III, § 27].

⁸²⁵ MARX, K. *Sobre a Questão Judaica*. Trad. Nélcio Schneider Bensaide e Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 15.

ou de outro), esses últimos idealistas do conhecimento, únicos nos quais habita e está hoje encarnada a consciência intelectual – eles se crêem tão afastados quanto possível do ideal ascético, esses “espíritos livres, *muito* livres” (...) estão longe de serem espíritos livres: eles crêem ainda na verdade... Quando os cruzados cristãos no Oriente depararam com aquela invencível Ordem dos Assassinos, aquela ordem de espíritos livres *par excellence* (...) pois bem, isto era liberdade de espírito (...) algum espírito livre cristão, europeu, já se extraviou jamais nesta frase [“Nada é verdadeiro, tudo é permitido”] e em suas labirínticas *consequências*? Conhece *por experiência* o Minotauro dessa caverna?...⁸²⁶

As forças fracas precisam de “Estado” [ou da **[ii]** do mesmo] e processos de simbolização instituídos. Nesta sacralização do sagrado, o “Estado” tornou-se num mero instrumento do Capital na mão das classes dominantes e dos grandes grupos econômicos (incluo aqui seus intelectuais singulares [*Abseitigem*]). *Ceticismo Cristão*, erguendo a Cruz no terrível pano de fundo do não-poder-saber.⁸²⁷ O impulso de querer ter apenas certezas nesse âmbito é um retorno religioso – uma forma oculta e só aparentemente cética da “necessidade metafísica” acoplada ao pensamento ou sua reserva mental [*Hintergedanke*]; então, o “crente” está certo em não se preocupar com todo esse âmbito, não colocando na ordem do dia a “crítica não religiosa”.

A *Gestalt* do político é “democrática”, seu espírito, teológico; o esqueleto político-jurídico apenas declara direitos burgueses, mas na prática, o que impera é a fantasia da *vontade de decisão* do “soberano”: quem ou quais esferas tem o *poder de decidir*.

Hoje não se pode mais definir o âmbito político a partir do Estado, e sim, o que hoje ainda se pode chamar de Estado deve, ao contrário, ser determinado e entendido a partir do

⁸²⁶ NIETZSCHE, F. GM, III, § 24.

⁸²⁷ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, vol. II, p. 19 [HH II, I, § 8].

âmbito político. Mas o critério do âmbito político ainda não pode ser hoje uma nova substância, uma nova “matéria” ou um novo domínio autônomo. O único critério ainda cientificamente defensável é, atualmente, o grau de intensidade de uma associação ou de uma dissociação, ou seja: a distinção entre amigo e inimigo.⁸²⁸

Esta fantasia do “*poder*” de “*decidir*” vincula-se a noção de “inimigo” *determinando* o mesmo dimensionado pelo imaginário cristão. Esta concepção de “inimigo” [para além da esfera de uma política como uma arte que pulsa nas relações espectrais da vida da horda], inserida num processo secular da *metafísica da escritura fonética*, sempre deixou aberta [fechada] a relação entre *linguagem e ser humano*, revelando a prioridade da linguagem *para* os seres humanos – Ocidental – resguardando a moralidade estrutural e hierárquica do Ocidente no combate da tradição cristã contra uma esfera da *Gewalt* [poder-violência] *fora* deste “Estado”.

Ou seja: na ordem das imagens imaginárias, o *inimigo* sendo *inumano* por não participar das vozes ocidentais que ecoam de forma secular no Ocidente, com todas as conseqüências de barbárie que esta fantasia ou imaginário podem gerar *na* realidade. A este *nó* feito no espírito deste “político”, circulam três círculos *pela* realidade de *determinar* um inimigo, *mas* acima de tudo por *supremacia de sentido*; o dito “círculo borromeano” [*Le noeud borroméen*]⁸²⁹ antes de mais nada, tem seu passe pela questão do *símbolo* – é um símbolo.

Esta posição estratégica, campo da *linguagem* ligado à *representação* no simbólico do soberano com poder de decidir baseia-se no “pecado original” do espírito lingüístico com a *queda* da própria linguagem na função de representação, encontrando *no* Nazismo o sentido secularizado do Cristianismo na *fala plena* do Senhor [imagem imaginária do príncipe dos

⁸²⁸ SCHMITT, C. *Teologia Política*, Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 76.

⁸²⁹ LACAN, J *L’Esprit des Noeuds* (1975) In *Le Sinthome*. Paris: Seuil, 2005, Livre XXIII, p. 20.

príncipes soberanos] e na exploração política *das técnicas* [*técnicas teológicas*] de representação no soberano.

O reconhecimento do *amigo* se dá na esfera da “linguagem”, da *fala plena* e não da condição humana. Basta uma inflexão de voz ocidental nesta época milenar – *imemorial* – histórico-metafísica para que o homem não reconheça o homem na sua condição humana, propriamente na sua condição inumana ou sub-humana. Nesta leitura, a *linguagem* passa ser o reino da *fala plena* – neste reino mora o humano. A linguagem enquanto linguagem é em cada situação – civilização cristã – a *linguagem humana* enquanto discurso da voz e formação do *inconsciente humano*. O homem [*homo*] se torna humano [*humanus*]. O cristão crê a humanidade do homem, a *humanitas* do *homo*, desde o ponto de vista de sua *suspensão*.

Sob o ponto de vista desta História imemorial ([ii] desta História) do sentido do simbólico cristianizado, homem como “filho de Deus”, que, em Cristo, escuta e assume a invocação do Pai. Neste imaginário, a *humanitas* do *homo humanus* é determinada a partir do ponto de vista de uma interpretação imemorial da História e seu fundamento. O Cristianismo é um humanismo e qualquer humanismo permanece metafísico. A “queda” da linguagem não é a queda na “corrupção do sangue” e na “mistura” ou a “queda” fora do ser, muito embora estas ideologias existam no perigo da “*linguagem humana*” – demasiada branca na ordem das [ii]. A imagem da *palavra falada* “Judeu” encontrava-se através dos séculos no *inconsciente coletivo* ocidental – demasiado humano.

No decurso dos últimos séculos, estas formas tradicionais de tratamento e reconhecimento do homem foram acopladas pelos desenvolvimentos conjuntos de saberes biológicos sempre inseparáveis de técnicas de intervenção no seu objeto – *inimigo* – de transformação de seu objeto mesmo e do meio e do mundo de seu objeto, pelo adestramento sem nenhuma comparação com o passado, pela industrialização, manipulações humanas a serviço de um certo estar e suposto bem-estar humano do homem ocidental. Da figura do *genocídio* não se deveria nem abusar nem se

desembaraçar rápido demais, como lembra Derrida,⁸³⁰ por exemplo, em lugar de jogar um povo nos fornos crematórios e nas câmaras de gás, os médicos ou os geneticistas tivessem decidido organizar por inseminação artificial a superprodução de Judeus que cada vez mais numerosos tivessem sido destinados, ao mesmo inferno, o da experimentação genética imposta, o da exterminação pelo gás ou pelo fogo. Nos mesmos abatedouros industriais o sofrimento é intensificado pelo patológico mundo cristão na imagem imaginária da pureza do espírito.

Em vez de colocar essas imagens sob seus olhos ou de trazê-las a sua memória, o que seria ao mesmo tempo fácil demais e sem fim, direi apenas uma palavra deste “*pathos*”. Se essas imagens são “patéticas”, é também por que elas abrem pateticamente a imensa questão do *pathos* e do patológico, precisamente, do sofrimento, da piedade e da compaixão.⁸³¹

A marca dessa humanidade seria a crueldade cristianizada [*crueldade*] – fazer sofrer e sofrer articulando-se estrategicamente com a *soberania inextensiva* no político. Eles se deram a *palavra falada* para dispor um grande número de viventes numa imaginária guerra de espécies: *humanos* e *inumanos*. Algumas espécies serão colocadas na “parte inumana da sociedade humana”,⁸³² exatamente por serem separadas entre as espécies, ou seja, “entre espécies humana e o animal”.⁸³³ As *decisões*, com a força do poder da dimensão imaginária, com todas as suas conseqüências, metafísicas, morais, jurídicas, políticas etc., passam a depender do que se pressupõe ser o “inimigo” ([ii] da espécie inumana). Em sua *condição humana* o *homem*

⁸³⁰ “*De la figure du génocide il ne faudrait ni abuser ni s’acquitter trop vite*”. DERRIDA, J. *L’animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 46.

⁸³¹ “*Au lieu de vous mettre ces images sous les yeux ou de les réveiller à votre mémoire, ce qui serait à la fois trop facile et sans fin, je dirai seulement un mot de ce ‘pathos’. Si elles sont ‘pathétiques’, ces images, c’est aussi qu’elles ouvrent pathétiquement l’immense question du pathos et du pathologique, justement, de la souffrance, de la pitié et de la compassion.*” DERRIDA, J. *L’animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 47.

⁸³² LÉVI-STRAUSS. C. *O Indivíduo como Espécie*. In. *O Pensamento Selvagem*. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: USP, 1970, p. 240.

⁸³³ *Idem*, p. 238.

inumano privado de linguagem deixa esta condição para inserir-se à ciência do bem e do mal. O limite do *homo humanus* limitado pelo *poder da substância fônica*: o inumano ou o a-humano marcado por esta *crueldade da* humanidade sofredora nas imagens imaginárias do simbólico soberano senhor [simbólico sentido] – espírito absoluto.

Este “espírito” [ditadura] representa *no político* a ordem das [iii] como aquilo que *anula* ou *suspende* o domínio interior e exterior da *vida*.

No mundo exterior, Carl Schmitt vai falar que enquanto a Filosofia Política do século XIX se baseou numa dicotomia entre o Estado e a sociedade [e a “sagrada” família], o Nacional-Socialismo substitui esta dicotomia pelo Estado, Movimento [partido] e o povo.⁸³⁴ E o Estado não seria a realidade política última: o Estado seria superado pelo “Movimento ou partido” e a sua liderança. “O fato de no nosso Estado, existir apenas um titular da *vontade* política, o Partido Nacional-socialista, foi expressamente sublinhado pelo *Führer* no seu discurso no *Reichstag*. Mas faz parte de uma sociedade politicamente organizada [*Gemeinwesen*], que se estrutura e ordena de tal modo em Estado, Movimento e povo, também o direito intrínseco próprio àqueles ordenamentos vitais e comunitários que sustentam o Estado e estão fundamentados de modo especial no juramento de lealdade ao *Führer*”.⁸³⁵ E esta liderança – carismática – teria o *poder de decidir*. A trindade hegeliana [*La famille, la société civile, l’Etat*]⁸³⁶ aparentemente desaparece,⁸³⁷ e no seu lugar, na prática, surge uma unidade totalizante ou total que devora todo o pluralismo de direitos e princípios burgueses.

⁸³⁴ Seria importante aqui um estudo mais aprofundado, “sociológico”, da formação dos *sistemas autoritários* com relação às *famílias autoritárias* e os vários milênios [séculos] de *regime patriarcal* colocados no texto *Psicologia de Massas do Fascismo* (1942) de Wilhelm Reich.

⁸³⁵ SCHMITT, C. *O Führer protege o direito: sobre o discurso de Adolf Hitler no Reichstag em 13 de julho de 1934*. Trad. Peter Naumann (mimeo, s/ data), p. 224.

⁸³⁶ HEGEL, G.W.F. *Précis de l’encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 275.

⁸³⁷ Pensando esta “cultura cristã” e não aprofundando a problemática levantada por Hegel entre a Igreja Luterana e a Igreja Católica, nesta “cultura”: “... a religião é a base da eticidade e do Estado. É o enorme erro de nosso tempo querer considerar esses inseparáveis como separáveis um do outro, e mesmo como indiferentes um ao outro.” (...) “A eticidade do Estado e a espiritualidade religiosa do Estado são as firmes garantias recíprocas” [*“La moralité (Sittlichkeit) de l’Etat et sa spiritualité religieuse se prêtent ainsi l’une à l’autre une sérieuse garantie”*] *Idem*, p. 295, 300.

O governo, na prática, é totalitário,⁸³⁸ as “democracias modernas” tornam-se “totalitarismos suaves”. O estado de exceção *não* declarado e portanto permanente nas “democracias modernas” é a prova por si só que “Hitler” venceu, ou seja, que o estado racional foi sacrificado em nome de um estado irracional. Na era das “neutralizações” políticas das massas, o conflito político social é *dissolvido* por uma elite que tem o *poder* de decidir sobre a instauração do “estado de exceção” [*Ausnahmezustand*]. Uma “permanente exceção”, que é a “regra”,⁸³⁹ pois que deste ponto de vista, do controle das massas, estas devem estar vulneráveis e dóceis, para que não venham a instaurar o “real [verdadeiro] estado de exceção” benjaminiano.

Os “novos” anjos na segunda natureza não precisam de asas, eles tem jatos e blindados, como “escudo de proteção”. Sua espada transformou-se na metralhadora. No entanto, as [ii] do *mal* permanecem na figura [*Gestalt*] do *inimigo*, onde o lema dos anjos burgueses é o mesmo a serviço do soberano absolutista ou Deus: “Minha honra é a lealdade”. O impacto deste lema, formulado por Himmler, é difícil de traduzir. Em alemão, *Meine Ehre heisst Treue* indica uma devoção e uma obediência absolutas, que transcendem o significado da mera disciplina ou fidelidade pessoal. Uma obediência absoluta que lembra a expressão *perinde ac cadaver*,⁸⁴⁰ a renúncia a priori da liberdade e a rendição sem controvérsia da vontade. Mario Ferreira, em seu prólogo sobre a “Vontade de potência” de 1945, explica que a sentença “*perinde ac cadaver* era a prescrição de Santo Inácio de Loyola aos Jesuítas, como norma de disciplina e obediência aos superiores”.⁸⁴¹ Toda mentalização desta cultura é para a formação de massas bovinas que transfiram sua vontade para a vontade do soberano – nazista ou cristão. Com exceção dos “nazistas”, nenhuma outra ordem religiosa pôs, como os jesuítas, a obediência em

⁸³⁸ MARCUSE, H. *Raison et Révolution - Hegel et la Naissance de la Théorie Sociale*. Trad. Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Editions de Minut, 1968, p. 459.

⁸³⁹ BENJAMIN, W. *Sur le concept d'histoire* (1940). Thèse VIII. Trad. Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 433; *Sobre o conceito da História*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 13.

⁸⁴⁰ NIETZSCHE, F. *Vontade de Potência*. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1945, p. 65.

⁸⁴¹ *Idem*. *Nietzsche e os alemães*.

primeiro plano. Os seus membros são soldados de Cristo [soberano], obedecem cegamente e não se rendem, sequer, às maiores dificuldades.⁸⁴²

Em um de seus discursos, numa “passagem aberta para o Reino da vida e da paz”,⁸⁴³ Bento XVI em 1 de novembro de 2009, comemorou os 4 séculos desde quando o *Panteão*, um dos mais antigos monumentos de cultura da época romana foi destinado ao culto cristão e intitulado à Virgem Maria e a todos os Mártires: “*Sancta Maria ad Martyres*”, exortando a massa de fiéis a viver segundo o autêntico *espírito cristão* na anual Comemoração de todos os *fiéis defuntos*. Conscientemente, direcionando a estratégia do discurso às massas vivas; inconscientemente, transformando-as em massas mortas obedientes como um cadáver, reflexo [*espelho*] imaginário dos “fiéis defuntos” em absoluta devoção à [ii] do soberano.

Na *linguagem* [reino] *cristã*, uma identificação ao Juramento de Fidelidade que o soberano exigia a todos os oficiais e membros das forças armadas. O juramento rezava:

Faço perante Deus este sagrado juramento de que renderei incondicionalmente obediência a Adolf Hitler, o *Führer* do povo e do Reich alemão, supremo comandante das forças armadas, e de que estarei pronto como um corajoso soldado a arriscar minha vida a qualquer momento por este juramento.⁸⁴⁴

Os anjos na segunda natureza transformaram-se em águias puras turbinadas na luta contra a *Gestalt* do “mal” ou “inimigo”. Na democracia liberal da segunda natureza, os anjos não precisam ser mais secretos, pois tem toda “legitimidade” *das* massas para exterminar a própria massa. Evidentemente, no final do século XIX, não se poderia sonhar com a emergência do *complexo* industrial-militar como agente todo-poderoso e efetivo do deslocamento das

⁸⁴² HERRMANN, P. *A Conquista da Ásia*. Trad. João Távora e Marina Guaspari. São Paulo: Boa Leitura, s/ data, p. 166.

⁸⁴³ L'Osservatore Romano www.vatican.va Consulta realizada em 03.11.2009.

⁸⁴⁴ SHIRER, W. L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich: Triunfo e Consolidação (1933 - 1939)*. Trad. Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. I, p. 308.

contradições internas da segunda natureza.⁸⁴⁵ Esta sociedade produtora de mercadorias não é apenas força de produção mas também força destrutiva, e estas forças fornecem ao Capital em crise novas margens de expansão. Num *complexo* industrial-militar as forças destrutivas atuando na segunda natureza em nome da lei do Capital se mantém na esfera da dita Teologia política; nenhum sistema político pode sobreviver sequer a uma geração, unicamente com técnica e afirmação do poder,⁸⁴⁶ renascendo ou emergindo de séculos em séculos a *Gestalt* do *inimigo*, por outro lado, a **[ii]** do *Anjo exterminador*.

Apollyon, numa pós-modernidade cibernética, encontra-se aparentemente nas máquinas [a exemplo do computador *Hal 9000*⁸⁴⁷]: infalível e impossível de cometer erro, perfeição em suas habilidades, com a missão de vigiar o inconsciente [na “hibernação”⁸⁴⁸ não se sonha: não se deseja]. O olho de *Hal* é o mesmo que do *Exterminador*. Na pós-modernidade o *Anjo exterminador* (a figura de *Apollyon* enquanto **[ii]**) é um *organismo cibernético* que apaga os traços e elimina as intensidades. *Apollyon* é o próprio humano enquanto **[ii]** e organismo dominado pela cibernética.

A “cadela que pariu”⁸⁴⁹ “Hitler” está constantemente no “cio”, o parto pode ocorrer em vários lugares do mundo, ou seja: a *permanente* exceção não declarada dos mundos. A verdade desagradável é que a crise estrutural – estrutura transcendental – da segunda natureza não mostra nenhum sinal de se abater, pelo contrário, a crise se aprofunda com o passar do tempo trazendo

⁸⁴⁵ MÉSZÁROS, I. *Para Além do Capital - Rumo a uma Teoria da Transição*, São Paulo: Boitempo: 2006, p. 675.

⁸⁴⁶ SCHMITT, C. *Catolicismo Romano e Forma Política*. Hugin, 1998, p. 31.

⁸⁴⁷ Filme *2001: A Space Odyssey* (1968).

⁸⁴⁸ A “hibernação” é um processo (divulgado pelo cineasta Kubrick em seu filme *2001: A Space Odyssey*) usado na missão dos tripulantes da nave espacial, comandada pelo computador Hall 9000. Os homens começam a “hibernar” antes da partida da missão para atingir a máxima capacidade de preservar a vida [*fazer viver* em nome da cultura. Na hibernação está presente um **fazer viver sem desejo; fazer viver cibernético**]; a sensação quando se “hiberna” é a mesma que quando se está dormindo, *mas* não se sonha. [Não se sonha porque é proibido desejar, e o computador Hall não pode controlar o *mundo interior* dos sonhos]. Quem cuida de quem está hibernando é Hall, uma inteligência artificial que pode reproduzir ou mimetizar a maioria das atividades do cérebro humano. Nenhum 9000 jamais cometeu erro [infalível], nem falsas informações. Hall *fala* e é visto pelos humanos da tripulação como uma pessoa. Precisão e perfeição são as marcas de Hall. O filme é um alerta em relação à tecnologia. Kubrick previu o futuro da natureza da alma – psíquico – humana, dominada pelas relações cibernéticas.

⁸⁴⁹ Leia-se: Cultura cristã logocêntrica.

a destrutividade em todas as esferas do domínio: a produção destrutiva sob a forma das guerras sem limites⁸⁵⁰ encontra “legitimidade” no poder da imaginação na figura política do *inimigo*. O aumento das forças de produção é a perigosa multiplicação das forças de destruição, não importando o quanto sejam devastadoras as conseqüências da imposição de um projeto fetichista de extermínio das massas e expansão incontrolável da segunda natureza em excesso. Para controlar o excesso *naturalizado* da segunda natureza o instrumento político-jurídico de fundo teológico estado de exceção torna-se a regra. Seu excesso é naturalizado *na exceção*.

Numa leitura normativa da dita “Filosofia Política”, tanto nos Estados totalitários, quanto nos totalitarismos suaves, este último, *forma de governo* conhecido e nomeado de “democracia moderna”, o Estado de exceção está presente. Naqueles, o Estado de exceção é declarado, nestes, o Estado de exceção não é declarado, com isso, torna-se a regra, de forma permanente. Isto não impede que nas “democracias modernas” se instaure declaradamente um Estado de exceção e que nos Estados “totalitários” se corte a própria carne. Nesta tradição do discurso filosófico, que traz a ordem da experiência do consciente, da mesma forma que Carl Schmitt, o conhecido criador do conceito moderno de *soberania*, Jean Bodin, a tornar-se um decisionista no sentido do poder do Estado soberano,⁸⁵¹ *passa* habitar o mundo exterior desta “soberania”; as “marcas de soberania”,⁸⁵² ou suas “verdades”, passam pela linguagem; estas marcas são antes de mais nada marcas psíquicas de uma experiência interior. Para além desta normatividade, a problemática insere-se na *soberania* que não reina a não ser sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar – *soberania da imagem*.⁸⁵³

⁸⁵⁰ MÉSZÁROS, I. *A Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo: 2007, p. 14.

⁸⁵¹ SCHMITT, C. *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes - sentido e fracasso de um símbolo político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan Cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético (Manifesto II)*. Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 228.

⁸⁵² BODIN, J. *Das Verdadeiras Marcas de Soberania*. In *Os Seis Livros da República (Livro Primeiro)*. Trad. José Carlos Orsi Morel. São Paulo: Ícone, 2011, p. 292.

⁸⁵³ “*la souveraineté de l’image*”. BIRMAN, J. *Je suis vu, donc je suis: la visibilité en question*. In *Les Tyrannies de la visibilité*. Paris: Érès, 2011, p. 43.

A “política de extermínio” [*Apollyon ou do Anjo exterminador*] que toma efetivamente a forma do *genocídio*⁸⁵⁴ pelo seu instrumento político-jurídico-teológico *estado de exceção*, revelando-se na realidade pela barbárie, declarado ou não, toma forma instrumental no social no domínio *das almas* das massas humanas; no modo de vida burguês ou segunda natureza *em excesso* naturalizada *na exceção* a subjetividade encontra-se eclipsada pelo “*poder teológico-político*” e pela “*lei do valor*”. Não há *subjetivação* por parte das massas e uma conseqüente ética, pelo contrário, existe uma estetização (ou posição estetizante das coisas) das relações encontrando na pureza do belo a moral transcendental (coisa que os “nietzscheanos” não perceberam), legitimando por parte deste rebanho de humanos seu próprio extermínio.

Situações de alarme nas “democracias modernas”, principalmente o alarme *permanente*, é um forte indício que as democracias não são democracias, e que o modo de vida da segunda natureza somente é possível através de uma política de extermínio *ou* estetização da violência. A centelha chegou à dinamite,⁸⁵⁵ a segunda natureza revela suas contradições internas e explodiu por si própria, ou melhor dizendo: implodiu. A “vitória” das forças absolutistas ou contra-revolucionárias revelam ao mesmo tempo sua “derrota” e o processo imaginário de “secularização” do “poder” “teológico-político” no combate contra o “mal”.

Talvez, este domínio da metafísica do mal antes ainda se fortifique e isto sob a forma da técnica pós-moderna [*cibernética*] e seu frenético desenvolvimento (im)previsível. Esta metafísica é (a partir da unidade unificadora da *decisão*) Teologia [ilusão] enquanto produção desejante. Talvez também tudo o que esteja na estrada desta História imemorial seja apenas utilizado como resultado de um pensamento representativo pela metafísica que

⁸⁵⁴ BIRMAN, J. *Cadernos sobre o Mal: Agressividade, Violência e Crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 114.

⁸⁵⁵ BENJAMIN, W. *Alarme de Incêndio*. In *Rua de Mão Única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho & José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 45 - 46; *Alarme Contra Incêndio*. In *Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por Volta de 1900*. Trad. Isabel de Almeida e Sousa & Claudia de Miranda Rodrigues. Lisboa: Relógio D'Água, 1992, p. 79; *Alarme Contra Incêndio*. In *Imagens de Pensamento*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 44; *Fire Alarm*. In *One-Way Street and Other Writings*. Trad. Edmund Jephcott & Kingsley Shorter. London / New York: Verso, 2006, p. 80.

continua perdurando por resíduos – *resíduos imaginários* – produções desejantes. Mas, antes de mais nada, o problema surge da linguagem, da dificuldade que está na *linguagem* – pois que as línguas ocidentais revelam-se como línguas do pensamento metafísico.

Que é a *linguagem*? A linguagem *não* é a casa do “ser”. O que significa o morar?”.

Quando o Reitor fala que: “a linguagem é a linguagem do ser, como as nuvens são as nuvens do céu”,⁸⁵⁶ não percebe em seu próprio humanismo [Cristianismo] que o céu não existe – o que existe é o Universo, suas energias. Quando o Universo se formou, a *energia pura* transformou-se em *matéria*. Energia e matéria uma noutra. Mas *isso*, o nomeador do *Daisen* [ideologia cristã] parece desconhecer. Reifica por outros meios uma sensibilidade religiosa cristã, “teologia sem Deus da coincidência dos opostos”.⁸⁵⁷

Por *isso*, a linguagem, para além do *homo humanus*, deveria ser interpretada como “linguagem em geral”⁸⁵⁸ das coisas. “Nas coisas mesmas, a linguagem mesma não se encontra expressa de modo perfeito” (...) “As linguagens das coisas são imperfeitas, e elas são mudas. Às coisas é negado o puro princípio formal da linguagem que é o som.”⁸⁵⁹ Como a de qualquer comunicação lingüística, a *linguagem das coisas* também tem a sua magia. Agora começamos também a compreender a “magia” da *linguagem das coisas* relacionando-se com a *langage humain*.⁸⁶⁰ Nesta “magia”, a *linguagem* deve existir como *escrita material das coisas*, não tendo seu passe pelo regime da representação.

⁸⁵⁶ HEIDEGGER, M. *Sobre o “Humanismo” - Carta a Jean Beaufret, Paris*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Victor Civita, 1973, p. 373.

⁸⁵⁷ VEYNE. P. *A Despeito de Heidegger, o homem é um animal inteligente*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. In *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 122 - 123.

⁸⁵⁸ BENJAMIN, W. *Sur le langage em général et sur le langage humain* (1916). Trad. par Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000.

⁸⁵⁹ “*Dans les choses mêmes, le langage même n’est pas exprimé de façon parfait.*” (...) “*Les langages des choses sont imparfaits, et ils sont muets. Aux choses est refusé le pur principe formel du langage, c’est-à-dire le son.*” *Idem*, p. 152.

⁸⁶⁰ BENJAMIN, W. *Sur le langage em général et sur le langage humain* (1916). Trad. par Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000, p. 152.

Mas o que é incomparável na *linguagem humana* [*langage humain*] é que sua harmonia ou comunhão com as coisas é puramente espiritual e isto é *simbolizado* – representado – pelo *som*; o som do simbólico e o simbólico do som na estruturação imaginária do *inconsciente humano* e seu domínio. As coisas são cercadas pelas leis da fala.⁸⁶¹ Mas, se esta *palavra falada* for um *símbolo*, pode significar tudo. “Seus símbolos, são deuses”.⁸⁶² O *símbolo* adquire a função de encobrimento da interpretação da *linguagem em geral*; organizando-se em seu interior um jogo de complexas oposições e forças reativas. A existência absoluta [um *Absoluto* que só se mostra ao se ocultar] dos símbolos representa seu “pecado original”; quando num mundo exterior esta representação passa a suspeitar da linguagem das coisas.

Enquanto os *símbolos* cristalizam a linguagem e sua expressão, a *linguagem das coisas* abre para interpretação ao infinito. Se se quer interpretar, então os reflexos cristalizados devem ser fraturados. Diante dos *símbolos* e da *linguagem em geral*, nesta interpretação, a desconstrução destrutiva [*déconstruction destructrice*] faz-se necessária diante do *animot*. O retorno da linguagem *animot* [*retorno à linguagem animot*].

⁸⁶¹ “*Que les lois soient par nous gardées (...) Ce sont les lois de la parole, par quoi la Chose est cernée*”. LACAN, J. *Le Triomphe de la religion - précédé de Discours aux catholiques*. (1960 / 1974). Paris: Seuil, 2005, p. 64.

⁸⁶² JUNG, C.G. *Excerto de 16 de janeiro de 1916 do Livro Negro 5*. In *O Livro Vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 370.

Não invistas com raiva ou com intenção destrutiva contra o que se tornou. O que queres colocar em seu lugar? Quando consegues destruir o que se tornou, não sabes que voltarás contra ti mesmo a vontade de destruir? Mas cada qual que faz da destruição seu objetivo, perecerá através da autodestruição. É muito melhor levar bem em consideração o que se tornou, pois o respeito é uma bênção. Depois disso volta-te para os mortos, ouve suas queixas e vai ao encontro deles com amor. Não sejas seu porta-voz deslumbrado, como aquele profeta furioso que não sabia de quem era a causa que estava defendendo, mas acreditava que falava a partir de si mesmo, e se considerava a vontade de destruição; há profetas que no final se apedrejam a si mesmos.

C. G. Jung, *Nox secunda* [Segunda noite] *

*O fim do mundo – a destruição e libertação de uma representação
(dramática).*

W. Benjamin, *Mundo e Tempo* **

* JUNG, C.G. *O Livro vermelho: Liber Novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 297 (Incluído o esboço. Nota de rodapé 185).

** BENJAMIN, W. *Mundo e tempo* (1919) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 29 (Versão preparatória do ensaio perdido sobre “*O Verdadeiro político*”).

9. O retorno da *linguagem animot* – sobre o *indeterminismo do animot*

Num mundo humano [o cenário da História], em seu drama, o filhote de homem, não ainda tão humano em sua humanidade já reconhece sua imagem no espelho.

Essa psicologia das formas [*Gestalt*]⁸⁶³ cuja unidade, segundo Lacan, deve ser considerada como ligada à espécie – próprios à sua espécie⁸⁶⁴ – simboliza a origem imaginária do inconsciente e o automatismo de formas inscrito no campo da linguagem, ligado a lógica das imagens mentais. Muito embora o conceito de *imago* como *complexo de imagens* tenha sido introduzida por Jung, para Lacan, o antigo termo, reflete uma identificação com a forma pela qual o outro semelhante se inscreve. A imagem enquanto *Gestalt* vai estruturar o homem em humano, enviando-o a um complexo identificatório com o outro. Nesse sentido, a matemática é certa e dialoga com a História oficial, palavras são como números e a linguagem como matemática. A operação no estabelecimento daquilo que amarra o exercício da imaginação do poder na condução dos homens ou suas figuras. A retórica do imaginário mecânico para expor o estado-máquina que garante a sustentação da vida de todos e de cada

⁸⁶³ LACAN, J. *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je* (1936 - 1949) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 95. Ver também JUNG, C.G. *O Hino ao criador*. In *Símbolos da transformação - Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1952) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 53 - 55. Texto que tem seu início em 1911, C. G. Jung já fazia referência a *figura [Gestalt]* enquanto imagem psíquica, um complexo de representações. A *figura de Deus* como uma imagem psíquica; *figura [Gestalt] religiosa* ou *figura [Gestalt] divina* como um fator psíquico.

⁸⁶⁴ Em sua teoria psicanalítica “apolítica”, tudo indica que Lacan, sem mencionar a *Suma teológica* de Tomás de Aquino, vai buscar esta expressão [“*espécie*”], não menos ideológica, no medievo, na Questão 35 *A Imagem*, do referido Livro. Ver AQUINO, T. *A Imagem*. In *Suma teológica (Summae theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I, p. 587.

um; escritos em caracteres matemáticos universais. A razão matemática há muito considerada como razão *par excellence*, “artigo de fé”.⁸⁶⁵

Mas há fatos criados por estes *complexos* (reunião de conteúdos, constelação, grupos de sentimentos, pensamentos, lembranças) ignorados e que, entretanto, influenciam poderosamente a vida por serem inconscientes. Nesta leitura, este filhote humano está preso ao passado da espécie, um reservatório de imagens da origem, herdando tais imagens do passado ancestral, passado que inclui todos os antecessores humanos. Este “*espírito coletivo*”⁸⁶⁶ tem a duração que pode ser calculada em séculos; uma marca do “*espírito dos tempos*”⁸⁶⁷ que, enquanto tal, permanece inconsciente para a maioria destes “homens” ou massas humanas. “O que significa para vós o *espírito dos tempos*, isto é no fundo o *espírito do próprio Senhor* [Mestre], no qual os tempos se espelham”.⁸⁶⁸ O que está em jogo aqui é a *soberania da imagem* [la souveraineté de l’image];⁸⁶⁹ o controle interiorizado das massas em seu reflexo no espelho.

Mas, de qual *inconsciente* Lacan está falando? Do *inconsciente humano* [L’*inconscient humain*].⁸⁷⁰ Nesse sentido, quando fala – fala demais – quando Lacan fala, fala de uma linguagem que evoca a *ordem humana* [l’*ordre humain*].⁸⁷¹ “Car la fonction du langage n’y est pas d’informer, mais d’*evoquer*.”⁸⁷² O poder de nomear – ser nomeado e nomear [o *discurso do ser* como o próprio momento mítico da nomeação]. Chamar e dizer o nome de (alguém); aguardando comunicação, aproximação ou indicação de presença – *evoquer*. Nesse mesmo sentido – de um sentido pré-existente que *determina*

⁸⁶⁵ POE. E.A. *A Carta roubada*. In *Histórias extraordinárias*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Victor Civita, 1981, p. 225.

⁸⁶⁶ JUNG. C.G. *Anos de estudo*. In *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 88.

⁸⁶⁷ JUNG. C.G. *O Caminho daquele que virá*. In *O Livro vermelho: Liber novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 229.

⁸⁶⁸ *Idem*. Citação de Jung ao *Fausto* de Goethe.

⁸⁶⁹ BIRMAN, J. *Je suis vu, donc je suis: la visibilité en question*. In *Les Tyrannies de la visibilité*. Paris: Érés, 2011, p. 43.

⁸⁷⁰ DERRIDA, J. *Et si l’animal répondait?* In *L’animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 165.

⁸⁷¹ *Idem*, p. 170.

⁸⁷² *Idem*, p. 171.

todas as coisas – *fecha* as portas de uma civilização ou cidade ao considerado “animal” ou animais.

A *animalidade* não pode comungar com a estrutura humana. Ou em outra ordem: a *estrutura humana* não pode comungar com a animalidade. A esta “estrutura humana” fundamenta-se a origem de uma estrutura transcendental [*“símbolo transcendental”*]⁸⁷³ no domínio imaginário. Analogia do pensamento de Santo Tomás de Aquino⁸⁷⁴ e a psicologia de C. G. Jung revelado por Father White.⁸⁷⁵ “Os animais de espécies diferentes têm figuras diferentes, mas não cores diferentes. Por isso, se se pinta sobre a parede a cor de alguma coisa não se chama a isso imagem, mas somente se se pinta sua figura”.⁸⁷⁶ Nesta leitura, se diz que estas imagens – que já é uma *Gestalt* [ou evocação pelo “*psychologue gestaltiste*”⁸⁷⁷] – são a espécie de algo humano e civilizacional [cultural].

Relaciona-se com a imagem do ser humano [*image de l’être humain*]⁸⁷⁸ o reconhecimento da forma humana [*forme humaine*]⁸⁷⁹ e identificação com esta forma.

A nomeada “*Gestalttheorie*” possui sua missão na História imemorial dessa imagem. Fazem com que os considerados humanos se lembrem do estágio do espelho ou fase do espelho [*phase du miroir*]⁸⁸⁰ evocado em 1936 por Lacan, “pela virtude da imagem e da operação do espírito santo da linguagem” [*par la vertu de l’image et l’opération du saint esprit du langage*].

⁸⁷³ JUNG, C.G. *O Hino ao criador*. In *Símbolos da transformação - Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1911) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 57.

⁸⁷⁴ “Valeria a pena observar mais de perto a vida de Santo Tomás de Aquino de um ponto de vista psicológico.” JUNG, C. G. *Será Tomás de Aquino o autor de “Aurora consurgens”*. Trad. Dora Mariana Ferreira. In *Mysterium coniunctionis (Epílogo; Aurora consurgens)*. Petrópolis: Vozes, 2011, vol. 14/ 3, p. 454.

⁸⁷⁵ JUNG, C.G. *Cartas (1946 - 1955)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 2, p. 17.

⁸⁷⁶ AQUINO, T. *A Imagem (Questão 35)*. In *Suma teológica (Summae Theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I, p. 587.

⁸⁷⁷ LACAN, J. *Propos sur la causalité psychique* (1946) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 166.

⁸⁷⁸ *Idem*, p. 185.

⁸⁷⁹ *Idem*, p. 186.

⁸⁸⁰ *Idem*, p. 184.

“Veja”, dizem, “isso faz pensar naquela famosa história de Lacan, o estádio do espelho. Que era mesmo que ele dizia, exatamente?”⁸⁸¹

Que existem *humanos e não humanos*.

Nesta não humanidade os arquivos *apagados* das forças demoníacas. Assim foi com a horda dos hunos, 300 depois de Cristo; da mesma forma, com a horda dos mongóis, 1000 anos depois – ambos excluídos das portas desta “civilização” [cultura], da *Cidade de Deus* nesta História oficial linear ou imemorial. O mundo humano – cenário da História. Como falará o Mestre da razão G.W.F. Hegel: a História dada pela providência divina. Isso não rememorando os povos exterminados ou intensidades apagadas por esta “civilização” – “*civilização branca e cristã*”,⁸⁸² expressão que Freud utiliza-se no *Futuro de uma Ilusão*. “Os animais selvagens e perigosos foram exterminados e a criação de animais domésticos floresce”.⁸⁸³ O animal domesticado, o animal que fala, fala em sua fala logocêntrica: *inconsciente humano* “lacaniano”. A humanidade do homem é articulado ao plano da linguagem [morada do *ser*].

Com a domesticação do ser humano pela linguagem [“Casa”] começa a epopéia dos animais domésticos.⁸⁸⁴ O animal domesticado traduzido no inconsciente do homem humanizado. Para além do “caráter criptocatólico”⁸⁸⁵ das figuras de mediação [heideggerianas], soma-se um caráter muito mais violento [*Gewalt*] de domesticação do inconsciente pela *imago* [junguiana] e a linguagem falada [lacaniana].

⁸⁸¹ “*Tiens, se dit-on, cela fait penser à cette fameuse histoire de Lacan, le stade du miroir. Qu’est-ce qu’il disait donc exactement?*” LACAN, J. *Propos sur la causalité psychique* (1946) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 186.

⁸⁸² FREUD, S. *El porvenir de una ilusión*. Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 20.

⁸⁸³ FREUD, S. *El malestar en la cultura*. Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 91.

⁸⁸⁴ SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 36.

⁸⁸⁵ *Idem*, p. 30.

“Falar” do *animot*⁸⁸⁶ ou dos animais é complicado (o que seria importante registrar desde já com Derrida da não possibilidade de separação do “animal” e do homem ou de sua animalidade).⁸⁸⁷ O homem não é um ser diverso dos animais ou superior a eles⁸⁸⁸ e as funções psíquicas mais elevadas em nada mudam o fato de que o homem é um *animal*, em que a criação superior é inconcebível em si mesma e só podem conceber-se como funções dos *instintos animais*.⁸⁸⁹ A “humanidade” é uma comum “espécie” animal *entre outras*.⁸⁹⁰ O *animot* não é um falar ou um ser falante, mas uma ação ou pensamento da ação, marcado pela destruição [a cada instante], como está sendo registrado. Portanto, *falar* de uma coisa que não é uma fala, mas *pura ação instintual* [“violência pura-divina”] torna-se diante da *fala* uma causa missionária, neste falar, com o sério risco de extermínio deste animal ou animais – forças espectrais e demoníacas. Exclusão da percepção do “*ser*” [seres] que não tem *fala*.

Este ser em pé quer vir a ser *linguagem fônica* – quer aprender a *falar* – quer vontade de Estado, quer mitologia branca.

Os animais se tornam *estranhos*.

Mas, para além do ser em pé há o ser de quatro.

Ao abrir as portas⁸⁹¹ para os *animais*, vários pensadores marcaram relações de forças com a Cidade (incluo aqui a *Cidade de Deus* [Santo Agostinho] – pensamento da representação) que fecha suas portas para com

⁸⁸⁶ A Derrida se deve já a inclusão de pelo menos três conceitos na linguagem da Filosofia: *différance*, *desconstrução* e *animot*. *Animots*, em francês, pronuncia-se exatamente da mesma maneira que *Animaux* (plural de animal). Registra-se, que o forjamento deste conceito, segue o mesmo procedimento de *Différence* e *Différance*, que só se distinguem na escritura e não na pronúncia. DERRIDA, J. *O Animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002, p. 70; *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 60.

⁸⁸⁷ “Il n’y a pas l’animal au singulier général, séparé de l’homme”. DERRIDA, J. *L’animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 73.

⁸⁸⁸ FREUD, S. *Una dificultad del psicoanálisis* (1916) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 17, p. 132.

⁸⁸⁹ FERENCZI, S. *Crítica de metamorfoses e símbolos da libido, de Jung*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2, p. 106.

⁸⁹⁰ VEYNE, P. *A despeito de Heidegger, o homem é um animal inteligente*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. In *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 120.

⁸⁹¹ “A porta tem de ficar aberta”. *Seminário sobre a Técnica Psicanalítica*. Notas do curso ministrado por Chaim Samuel Katz na Formação Freudiana - F.F, Rio de Janeiro, março-novembro de 2010.

estes animais. Vários, não muitos, talvez poucos, eventualmente alguns. Poucos pensadores. Pouca Filosofia. Pouco pensar.

O *Zaratustra* de Nietzsche, ao soltar os *animais*, ao afirmar o pensamento do *eterno retorno*⁸⁹² – ético – afirma a diferença da potência dos animais. Pelo menos na esfera da arte da eloquência, o que já é muito, se comparado ao *Prometeu* de Spitteler ou mesmo o *Filêmon* de Jung.

Entre meus amigos, só dois o aprovaram [o *Zaratustra*] abertamente: um acabou por suicidar-se em 2009 no Maranhão e o outro afunda-se como um gênio ignorado pelo pensamento da representação nas cadeiras pontifícias de Filosofia da cidade “maravilhosa” [Rio de Janeiro]. Nietzsche me abriu uma porta e *Zaratustra* fechou outra. Reencontrei *meus animais* com Freud – retornando ao *Zaratustra* e seus animais instintuais. Nossos animais. *Rememoro* a cada instante esta *animalidade* com o *Anjo da História*.

Portanto, existe um complexo diálogo do *Verdadeiro Político* [“do lugar histórico-filosófico da liberdade”⁸⁹³] entre *Zaratustra* [Nietzsche] e o *Anjo da História* [Benjamin] com *Prometeu* [Spitteler] e *Filêmon* [Jung].

No momento, gostaríamos de deixar registrado este encontro impetuoso das *forças demoníacas* com o *pensamento da representação*.

Mas, institucionalmente [nas Universidades “laicas”] é inútil falar aos outros sobre coisas que não sabem ou hostilizam como pensadores da representação. Para mim o *segundo Zaratustra* é mais do que uma experiência filosófica. É uma experiência da alma.

*Zaratustra*⁸⁹⁴ ao descer as montanhas, questionando o homem diante do macaco e logo do super-homem, sua dolorosa vergonha, e a necessidade de permanecer fiel a terra, não acreditando naqueles que falam de esperanças supra-terrestres. E *Zaratustra* “viu uma *águia* que pairava nos ares traçando

⁸⁹² Viver como se cada *instante* da vida fosse retornar eternamente; dar a *intensidade* no momento em que se vive; amar a *vida com intensidade*. NIETZSCHE. F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 82.

⁸⁹³ BENJAMIN, W. *Mundo e tempo* (1919) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 30 (Versão preparatória do ensaio perdido sobre “*O Verdadeiro Político*”).

⁸⁹⁴ NIETZSCHE. F. *Assim Falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. São Paulo: Brasil editora, 1965, p. 6.

largos rodeios e sustentando uma *serpente* que não parecia uma presa, mas um aliado, porque se lhe enroscava ao pescoço. – São os meus *animais!* Encontrei mais perigos entre os homens do que entre os animais. Guiem-me os meus animais”⁸⁹⁵ disse Zaratustra. E Nietzsche vai criar um diálogo com os animais – seus animais.

Fará o mesmo, Derrida, nas passagens das fronteiras entre o homem e o animal; passando estas fronteiras chegará ao animal e não a um passe – passe – ideologizado que marcará um discurso falado e logocêntrico. O *logocentrismo* é antes de mais nada uma tese sobre o animal, sobre o animal privado de *logos*. Nas passagens desta fronteira, entre o homem e o animal, passando as fronteiras ou os fins do homem, Derrida chega ao animal, “ao animal em mim” [*l’animal en moi*].⁸⁹⁶ Um “*animal indeterminado*” [*animal indéterminé*]: Derrida faz referência a Nietzsche. O *indeterminismo do instinto*: faço referência a Freud.⁸⁹⁷

Por outro lado, é interessante lembrar dos profundos estudos de Derrida sobre Freud e com Freud e até mesmo contra Freud. Alguns de seus textos: *Freud e a Cena da Escritura* (1967); *O Carteiro da Verdade* (1980); *Mal de Arquivo* (1994); *Estados-da-Alma da Psicanálise* (2000).⁸⁹⁸

Mas Nietzsche, através de seu personagem que *cria*, Zaratustra, traz também a canalha [*Da Canalha*], os *vermes e tarântulas* [*Das Tarântulas*] – os ressentidos não criativos. Em algum momento intempestivo Nietzsche dirá: são os Historiadores – guardiões de arquivos. Envenenaram as palavras.

Na passagem “Dos Homens Sublimes”, Zaratustra registra os *animais selvagens*, um animal não subjugado: “Ei-lo sempre como um *tigre* preparando

⁸⁹⁵ *Idem*, p. 18.

⁸⁹⁶ DERRIDA, J. *L’animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 17.

⁸⁹⁷ Ver BIRMAN, J. *Sujeito e estilo em psicanálise: sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In *As Pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995.

⁸⁹⁸ [Edições brasileiras: *Freud e a cena da escritura*. In *A Escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2009; *O Cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Trad. Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001; *Estados-da-alma da psicanálise - O Impossível para além da soberana crueldade*. Trad. Antonio Romane & Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.]

o salto; mas a mim não me agradam essas almas mesquinhas...”.⁸⁹⁹ Ainda sobre os ressentidos não criativos, aqueles que buscam *vontade de verdade*, *vontade de Estado*, Zaratustra continua seu ataque, utilizando-se de metáforas “animais” [*Dos Grandes Acontecimentos*]:

Igreja é uma espécie de Estado, e a mais enganosa. Calate, porém, cão hipócrita: tu conheces a tua raça melhor que ninguém! O Estado é um cão hipócrita como tu; como a ti, agrada-lha falar fumegando.

E nesta *vontade de verdade*, o Estado empenha-se em ser o animal mais importante da Terra. É o *Caso Leviathan*. O *Leviathan* [*Liviatan*]⁹⁰⁰ na bíblia hebraica era um animal, um grande peixe, uma serpente perigosa. Tinha intensidade. Força. Vigor. Pode-se também interpretar este animal numa descrição onde estão reunidas todas as energias que nos outros animais só se encontram separadamente. O *Leviathan* é um superanimal [*excesso de intensidade*]. A luta que se trava no final dos tempos entre *Leviathan* e *Behemoth*, na qual ambos são mortalmente feridos, leva Deus a despedaçá-los, preparando uma refeição para os Justos.⁹⁰¹ Apesar de algumas obscuridades de significativo, nisso há apenas o fato de que o *Leviathan* invariavelmente aparece em imagens míticas poderosas na figura de um enorme animal aquático, semelhante a um crocodilo, uma baleia ou, em geral, como um peixe imenso, ao passo que *Behemoth* aparece como um animal terrestre, por exemplo, como um grande touro ou elefante.⁹⁰² Mas, a oposição entre Deus e o monstro, revela durante os séculos que o enorme animal aquático separa-se em dois contrários [*Leviathan X Behemoth*], libertando-se a divindade de seu conflito. O elemento conflituoso aparece como um par de

⁸⁹⁹ NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. São Paulo: Brasil editora, 1965, p. 95.

⁹⁰⁰ JUNG, C.G. *A Ambivalência do símbolo de peixes*. In *AION, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. Dom Mateus Ramalho. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 163.

⁹⁰¹ *Idem*, p. 164.

⁹⁰² SCHMITT, C. *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes - sentido e fracasso de um símbolo político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008, p. 192.

monstros-irmãos adversários ou na *Gestalt* do inimigo.⁹⁰³ Devido a interpretação cristã por parte de Tomás Hobbes, séculos depois, de Carl Schmitt, foi transformado numa máquina – uma máquina que apaga todos os traços. A máquina Mestra ensina, “por si mesma, o encadeamento das multidões humanas, em operações em que cada um só tem de fazer uma coisa; ela fornece o modelo da organização de partido e da condução da guerra (...) faz de muitos uma só máquina, e de cada um, um instrumento para uma só meta”.⁹⁰⁴

“Símbolo Cristo”⁹⁰⁵ [o poder se faz pela *Seele*] passa a substituir a figura de *Leviathan*, sob a forma de peixe.⁹⁰⁶

Perguntariam os historiadores ou guardiões: “Mas no século XVII não existia ‘nazismo!’?” Pois é... faço das palavras de Frederico, as minhas: “Calate, *cão hipócrita!*”. À História pertence o movimento do eterno retorno. Nestes casos, retorno *do* mesmo. O Reitor Heidegger,⁹⁰⁷ como um bom nazista, estava certo. Como um bom cristão também [se é que culturalmente estes dois momentos possuem alguma diferença.] Ou são marcados pela identidade? Como vai lembrar Reich em “*Análise do Caráter*”: “Explosões epidêmicas da peste emocional manifestam-se em pequena e grande escala. A Inquisição católica foi uma dessas explosões epidêmicas; o fascismo do século XX é outra”.⁹⁰⁸ Todas marcadas por *vontade de verdade* na *determinação*, adestramento e eliminação do animal.

A peste emocional cultural da representação elimina forças demoníacas e espectrais.

⁹⁰³ JUNG. C.G. *A Ambivalência do símbolo de peixes*. In *AION, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. Dom Mateus Ramalho. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 164.

⁹⁰⁴ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, vol. II, p. 265 [HH II, II, § 218].

⁹⁰⁵ JUNG. C.G. *O Segredo da flor de ouro*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 65.

⁹⁰⁶ JUNG. C.G. *A Ambivalência do símbolo de peixes*. In *AION, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. Dom Mateus Ramalho. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 164.

⁹⁰⁷ Ver os importantes estudos de FAYE, J-P. *A Razão narrativa - a filosofia heideggeriana e o Nacional-Socialismo*. Trad. Paula Martins, Henrique Antoun e Joaquim Humberto Oliveira. São Paulo: ed. 34, 1996.

⁹⁰⁸ REICH, W. *A Peste emocional*. In *Análise do caráter* (1933) Trad. Ricardo Amaral do Rego. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 461.

Diante deste animal, do *animal indeterminado*, do animal que nos olha, diante da existência rebelde deste conceito, Derrida traz este importante alerta do adestramento do animal – da animalidade do homem. Da animalidade no homem domesticada. Seguir e perseguir esta animalidade. Domar o animal. Derrida faz referência a Quimera [*Chimère*].⁹⁰⁹ Quem foi e o que foi Quimera? *Khimaira*, monstro mitológico que se dizia possuir cabeça de *leão*, corpo de *cabra* e cauda de *dragão* ou *serpente* e lançar fogo pelas narinas, será morta pela *figura* de Belerofonte [*Bellérophon*].⁹¹⁰

Ele, Belerofonte [“Mestre ferrador”⁹¹¹] diria: eu sigo, eu persigo, caço e domo o animal. Palavras do Mestre ferrador, que fala em voz forte, num tom autoritário. O “estado de selvageria”⁹¹² *passa ser* a calma e a obediência.

Involuntariamente o Mestre ferrador ou Belerofonte voltou os olhos, inconscientemente interessado na fuga do *bicho*. É isso que Derrida quer anunciar em seu discurso filosófico: dos perigos do extermínio das intensidades. Esta animalidade deve ser domada pelo *discurso do ser*. “Belerofonte” [leia-se: “Lacan” ou “Jung” – pensadores da representação] é um caçador, um caçador de animais. Persegue os dragões, doma o animal. Uma ordem militar instituída em 1118 em plena modernidade [pós-modernidade pela *cibernética*]. “Muitas cadeias [erros das concepções morais, religiosas, metafísicas] foram postas no homem, para que ele desaprendesse de se comportar como um animal.”⁹¹³ Anéis de ferro *na voz* do Mestre ferrador – obediência cega que pode persistir a vida toda.

Atenção para o LIVRO II⁹¹⁴ de Jacques Lacan, quando fala da *cibernética* ou da natureza da linguagem, *logo(s)* sobre a máquina perfeita

⁹⁰⁹ DERRIDA, J. *L`animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 66.

⁹¹⁰ *Idem*.

⁹¹¹ FERENCZI, S. *Adestramento de um cavalo selvagem*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2, p. 14.

⁹¹² *Idem*, p. 13.

⁹¹³ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, vol. II, p. 310 [HH II, II, § 350].

⁹¹⁴ LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II [edição brasileira: *Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem* In *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Trad. Marie Christine Lasnik Penot e Antonio Luis Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: JZE, 1985, Livro 2].

[técnica-teologia], um espaço de domesticação dos animais. “Epimeteu troca sua alma por um brinquedo mecânico.”⁹¹⁵ Espaço de eliminação, de apagamento, extinção dos viventes considerados não humanos. “Viventes não humanos” [*vivants non humains*].⁹¹⁶ Não existe transferência entre “Lacan” e as forças espectrais do *animot*.

O humanismo é uma ideologia, ou seja: a exterioridade da figura [*Gestalt*] humana é idealizada.⁹¹⁷ O que Lacan deveria entender – ou compreende muito bem – é que o cerne inumano da humanidade é o humano, demasiado humano. A dimensão inumana é humana e o transferencial desta relação se dá exclusivamente entre os considerados humanos. Esta exclusão guia o “animal perfeito” ou “organismo humano” na marca humana da *Gestalt* idealizada.

Como registrou Chaim Samuel Katz, num texto marcante: “Exclusão e segregação das idéias, apagamento de diferenças em nome do ‘começo originário’: esta é sempre uma marca fascista”.⁹¹⁸

O *monstro* que cuspiam fogo – cuspiam intensidades – em linguagem mística seria um ser que simboliza o poder do *mal*, o *inimigo* do gênero humano, um *diabo*. Um *demônio* que deve ser detido pelo freio das cadeias. Eles, os humanos [*ils, les humains*]⁹¹⁹ se deram a *decisão* de eliminar os animais que logo somos. Este animal, fala, ainda? Quer falar? Este animal, deseja? Quer desejar?

É interessante observar ainda, na edição francesa do texto de Derrida, *L`animal que donc je suis*, que a parte III, “*E se o animal responder?*” [*Et si l`animal répondait?*] é dedicada à Lacan – à *Jacques Lacan*.

O animal em “Lacan” [pensadores da representação], *fala?*

Poucos pensadores. Pouca Filosofia. Pouca filosofia. Pouco pensar. Pouca ação. Nenhuma criatividade.

⁹¹⁵ SPITTELER, C. *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p. 34.

⁹¹⁶ DERRIDA, J. *L`animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 56.

⁹¹⁷ HEGEL, G.W.F. *Précis de l`encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970, p. 202.

⁹¹⁸ KATZ, C.S. *Psicanálise e Nazismo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985, p. 280.

⁹¹⁹ DERRIDA, J. *L`animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 56.

Mas – nós – estávamos aonde? Em nenhum lugar. Estávamos descendo a montanha com Zaratustra. Estávamos começando a soltar os animais que logo somos; criando um diálogo com os animais – *seus* animais – *nossos* animais. *Teu* animal.

Em A Hora Silenciosa⁹²⁰, o *urso* regressa sem alegria. “Ter o poder e não querer reinar, o mais indesculpável em ti”. Falta a voz do *leão* para mandar.

Depois de muitas viagens solitárias, o trepador de montanhas, em seu regresso [O Regresso]⁹²¹, liberta seu nariz do cheiro do ser humano, de todos os viventes humanos. Entre estes viventes, tudo fala: já ninguém sabe compreender. Tudo fala e nada se ouve.

Ao destruidor – a esse é que chamam *animal*.

O Diabo que abre tudo o que se encontra fechado – forças demoníacas. É o destruidor em que tudo é reduzido a nada.⁹²²

Uma manhã, depois de seu regresso, Zaratustra saltou do leito como um louco: começou a gritar com voz terrível; e a voz de Zaratustra troava, uma sinistra voz, que os *seus* animais fugiram, voando, arrastando-se e saltando.

Mas os *seus* animais não o abandonaram nem de dia nem de noite, a não ser quando a *águia* percorria os ares em busca de alimento. Nos pés de Zaratustra estavam estendidas duas *ovelhas* que a *águia* roubara dos humanos pastores.

Que estes homens, este homem que grita, solta a voz, é o mais cruel de todos os animais.

E tornaram a passar meses e anos, seus cabelos faziam-se-lhe brancos, mas *seus* animais, pensativos, andavam em torno dele e acabaram por se lhe por em frente. – “Mas, não queres subir hoje a uma alta montanha? O ar permite passagens da luz, e hoje vê-se o mundo melhor do que nunca”. – “Sim, animais *meus*”⁹²³ – respondeu Zaratustra.

⁹²⁰ NIETZSCHE. F. *Assim falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. São Paulo: Brasil editora, 1965, p. 120 - 122.

⁹²¹ *Idem*, p. 150.

⁹²² JUNG. C.G. *Septem sermones ad mortuos* (1916). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 338.

⁹²³ *Idem*, [A Oferta de mel], p. 194 - 197.

Seus animas indicam a necessidade à maravilha do *seu desejo*.

O animal e o desejo, o desejo e o animal, o animal do desejo, o desejo do animal.

Um mundo povoado de animais, de delícias de todos os ferozes cassadores [Mestre ferrador]. *Ó meus amigos*.⁹²⁴ – os amigos já conhecem na teoria psicanalítica quem foi Belerofonte [*Bellérophon*], digo, na “Teologia política” ou Filosofia [da representação]. E é difícil estabelecer se essa truculenta *técnica* de adestramento do animal atravessada pela *linguagem falada* [leia-se: *inconsciente humanizado*] pode prejudicar em seguida sua saúde.⁹²⁵ Este tipo de adestramento só tem interesse para *animais domesticados* cuja principal qualidade é a docilidade.⁹²⁶

O mundo dos homens, o mar dos homens – vamos *abrir* este abismo humano. Vamos *abrir* as portas desta cidade com as devidas hordas e suas intensidades. Vamos *abrir* a História – *passagens* para a história. História aberta.

Trazer para esta história *peixes e caranguejos, tubarões e crocodilos*. Todos os *bichos* que habitam o deserto. A *linguagem* não é a casa do ser. A linguagem é a casa dos *seres*. Os crocodilos sabem reconhecer o movimento repetitivo de sua presa na água; os tubarões, não oferecem perigo ao homem [homem humanizado], muito embora sua carne seja muito consumida (mas de uma forma ou de outra, a *forma* é idêntica nesta civilização [cultura], o *outro do outro*, considerado um vivente não humano, foi exterminado pelo movimento do Espírito). O *outro do outro* [*forças espectrais*] não existe para Belerofonte [*Bellérophon*]. As *abelhas* africanizadas atacam em massa. Por que será que estas abelhas migraram [atacaram] para os U.S.A.? O ataque, neste caso – que não é a de um Caso humano [ideologizado] – é um Caso “animal” ou *animot*.

⁹²⁴ “*O mes amis, il n’y a nul amy*”. DERRIDA, J. *Politiques de l’amitié*. Paris: Galilée, 1994, p. 17.

Ver a polêmica desta expressão em AGAMBEN, G. *L’amitié*. Traduit Martin Rueff. Paris: Payot, 2007, p. 11.

⁹²⁵ FERENCZI, S. *Adestramento de um cavalo selvagem*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2, p. 18.

⁹²⁶ *Idem*, p. 17.

Nesta *abertura*, descendo ou subindo a montanha, com *meu* animal, *meus* animais, *teu* animal – *nossos* animais, marcar a(s) animalidade(s) que nos olha como um *espectro*. *Espectros* que poderiam ou podem ser vistos melhor com a lente da psicanálise, da teoria psicanalítica e da literatura barroca. O “Mundo dos espectros”⁹²⁷ e seu Tempo – *de spectris* – envolvendo esta questão no *trauerspiel* benjaminiano.

“Mas afinal de contas por que não deveria haver fantasmas?”⁹²⁸

Soltando os *animais* que logo somos, abrindo a(s) porta(s) deste reino, quando Zaratustra deu a volta, mudou repentinamente a paisagem, e Zaratustra entrou no reino da morte. Surgiram ali negros e vermelhos penhascos, e não havia erva, árvores, nem o canto de pássaros. Era um reino que todos os animais desprezavam, até as *feras*, até mesmo o mais forte leão; só uma espécie muito feia de grandes *cobras* verdes ia ali morar, quando envelhecia.

Mas o que Zaratustra ouve no reino da morte é o som da voz humana e humana palavra.⁹²⁹ Esta humana palavra dorme enquanto Zaratustra está acordado. Os animais de Zaratustra estão acordados. “Chega o sinal”⁹³⁰, disse Zaratustra. E Zaratustra viu diante de si, um corpulento *animal* ruivo, que encostava a cabeça aos seus joelhos. Vendo tudo *isso*, Zaratustra só disse uma coisa: “Estão perto os *meus filhos*”⁹³¹. E depois disso emudeceu completamente.

Os filhos de Zaratustra não tardam: chega o *leão*. Magnífico como o *leão* no momento em que ataca a vítima. Nobre *animal*, como nenhum outro existe sobre a terra.

Em outra direção, numa posição de representação, presente em *Prometeu* [leia-se: Spitteler], quando num primeiro momento abandona seus

⁹²⁷ BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 139.

⁹²⁸ JUNG, C.G. *Anos de estudo*. In *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 96.

⁹²⁹ NIETZSCHE, F. [*O Homem mais feio*] *Assim falava Zaratustra.*, p. 215 - 220.

⁹³⁰ NIETZSCHE, F. [*O Sinal*], p. 266 - 268.

⁹³¹ *Idem*.

animais – *seu leão*,⁹³² reunindo este seus últimos restos de vida e caindo morto; “E em seguida foi enterrar o *leão* num canto do jardim”.⁹³³ Num segundo momento (“*Reviravolta*”),⁹³⁴ quando o *leão* retorna, aparece arrastando-se em uma melancólica alegria, mas seu “mestre e senhor” [*Prometeu*] abandona-o novamente deixando-o cair sem ruído ao fundo da cova. *Eliminando sua animalidade* de vez, declara *Prometeu*: “ ... não possuo nenhum *cão*, e se algum traz coleira com o meu nome, tal sinal terá sido roubado. Deve ser algum *cão* perdido que eu poupei por compaixão, e a não ser isso, nada me liga a ele, e o que quer que ele faça ou deixe de fazer, terá sido sem o meu conselho, e se ele cometer pecados, loucuras ou inconveniências, seja ele o único responsável e o único punido, sem a minha proteção ou apoio”.⁹³⁵

O processo que está na base desta epopéia mitológica [*spitteleriana-junguiana*] é a do mundo como punição. A nomeada *humanidade* está domada numa *infinita repetição do mito* [*repetição do mesmo*].⁹³⁶

Registra Benjamin que “muito antes de os símbolos arcaicos, o culto e a magia mortuários, os ritos da terra, terem despertado a atenção, não apenas dos investigadores da mentalidade primitiva, mas também dos psicólogos freudianos [leia-se: C.G. Jung] e dos letrados em geral”,⁹³⁷ J.J. Bachofen, cientista suíço, traçara um quadro da pré-história que colocava de lado tudo o que o senso comum do século XIX imaginava sobre as origens da religião, gerando grande interesse nos teorizadores do fascismo. O que desde logo se estabelece são os *símbolos arcaicos* na base do pensamento e da vida cultural. O Espírito [*crystalizações dos símbolos*] como adversário da alma [*psíquico*], “sistema, aliás, sem saída, e que se perde numa profecia ameaçadora dirigida aos humanos que se deixaram cegar pelas insinuações do

⁹³² SPITTELER, C. *O Leão*. In *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971, p. 116.

⁹³³ *Idem*.

⁹³⁴ *Idem*, p. 320.

⁹³⁵ *Idem*, p. 333.

⁹³⁶ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 156 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da história*”, Novas teses C.).

⁹³⁷ BENJAMIN, W. *Johann Jakob Bachofen (1934-35)* In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 80.

espírito”⁹³⁸ O que Jung reifica em seu pensamento arcaico da representação [leia-se: fidelidade à crença cristã] na cristalização das imagens é o que historicamente se revela na Alemanha nazi-fascista do século XX: o renascimento [retorno] do *mito branco*. O seu Cristianismo enraizado no Livro da Bíblia mergulha-se na mais profunda especulação dos símbolos. O pensamento “Ocidental” [discurso dos vencedores] reifica e representa inconscientemente a *imagem deste mito*.

A *animalidade* [forças espectrais e demoníacas] que este pensamento da representação sonega e só nega [*elimina*], desde a criação de um mito branco [“Mitologia branca”⁹³⁹], capturando os animais, nesta *Odisséia* [Odisséia *animot*] – sobre os “animais”, Derrida traz a questão das “Violências contra animais”,⁹⁴⁰ da violência industrial, científica, técnica, que não será suportável por muito tempo. Que não será suportável por muito tempo – retorno *animot*. A forma pela qual a auto-proclamada Filosofia [pensamento da representação], em seu conjunto, hegemônico [hegemonia],⁹⁴¹ tratou a questão *falada* [ou das muitas vozes] do “animal” é um signo do *logocentrismo* e de uma limitação desconstrutível da / na Filosofia.

Talvez seja por isso que Derrida inicie sua *Grammatologie* com a seguinte epígrafe ou inscrição do criador do profeta Zaratustra:

*Socrate, celui qui n`écrit pas*⁹⁴²

“Sócrates” – o animal *domesticado*. A presença desta *serpente negra e pesada* já anunciava o mito do herói falante durante os séculos até a modernidade. Belerofonte [*Bellérophon*] é profundo conhecedor deste mito falante.

⁹³⁸ *Idem*, p. 89 - 90.

⁹³⁹ DERRIDA, J. *A Mitologia branca*. In *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto: Rés, s/ data, p. 265 - 354.

⁹⁴⁰ DERRIDA, J. *De que amanhã ...* Trad. André Telles. Rio de Janeiro: JZE, 2004, p. 80 - 96.

⁹⁴¹ Supremacia ou superioridade (cultural, econômica ou militar) de um povo ou cidade-estado nas federações da Grécia antiga.

⁹⁴² DERRIDA, J. *De la grammatologie*. (1967). Paris: Minuit, 2006, p. 15: “Sócrates, aquele que não escreve”.

“A cada alma pertence um mundo diferente; para cada alma, toda outra alma é um além-mundo” [O *Convalescente*].⁹⁴³ É preciso morder a cabeça desta serpente [*destruir* este niilismo passivo e negativo]; “mas de uma dentada cortei-lhe a cabeça e cuspi-a para longe de mim!”.⁹⁴⁴

No pensamento Ocidental, “o que” “fala” em Nietzsche, Freud e Benjamin são os *animais*; quem “fala” em Hegel, Heidegger, Jung, Lacan, Schmitt é o *Espírito* [ou a imagem imaginária do mesmo].

O que diremos de um “Derrida”?

Aparência de liberdade [*Freischeinlichkeit*] mas não liberdade – a “árvore do conhecimento” não pode ser confundida com a “árvore da vida”.

Para finalizar sem finalizar, com Derrida ou sem Derrida, e até mesmo contra Derrida: Derrida registra nas primeiras páginas de seu texto o “instinto do animal autobiográfico” [*l'instinct de l'animal autobiographique*]⁹⁴⁵; texto marcado, que deixa uma marca pessoal do autor, uma espécie sem espécie de uma “zoo-auto-bio-biblio-graphie”;⁹⁴⁶ uma cena autobiográfica necessitando de uma psique [*psyché*].⁹⁴⁷

O animal ou animais [não] são capturados pelo espelho. Alguns sectários de Belerofonte [*Bellérophon*] diriam: o papel do espelho no comportamento do animal ou que o comportamento animal deve ser compreensível apenas a partir da emergência da pura imagem.⁹⁴⁸ Ou seja: captura do *instinto animot*. No “*drama cristão*”⁹⁴⁹ tem-se a impressão de uma imagem refletida em um espelho, como se o Deus-homem vindo do alto fizesse refletir sua imagem humana.⁹⁵⁰ No nomeado “*Livro Vermelho*”⁹⁵¹: a fuga

⁹⁴³ NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. São Paulo: Brasil editora, 1965, p. 180.

⁹⁴⁴ *Idem*.

⁹⁴⁵ DERRIDA, J. *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 16.

⁹⁴⁶ *Idem*, p. 57.

⁹⁴⁷ *Psyché* em francês tem dois sentidos: 1. psique; 2. grande espelho onde se pode ver-se da cabeça aos pés. DERRIDA, J. *O Animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002, p. 92 (Nota de rodapé 55. N.T. para edição brasileira).

⁹⁴⁸ PRADO JR., B. *Lacan: biologia e narcisismo ou a costura entre o real e o imaginário*. In *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 66.

⁹⁴⁹ JUNG, C. G. *Mysterium coniunctionis*. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 2011, vol. 14/ 1, p. 145.

⁹⁵⁰ *Idem*.

covarde de *Filêmon* às inconvenientes verdades acerca das pulsões presentes no *animal humano*;⁹⁵² afrouxamento da conexão dos fenômenos com a vida instintiva [*vida pulsional*].⁹⁵³

“E se tu agora quisesse morrer, Zaratustra, também sabemos como falarias a ti mesmo; mas os *teus animais* te suplicam não morras ainda”.⁹⁵⁴ Teus *instintos*, não morram ainda.

Quando *isso* me olha, quando *isso* me cheira, quando *isso* me rosna, quando *isso* se expressa, quando *isso* não representa esse vivente humanizado; quando *isso* – *leão* ou *gato* [da não possibilidade de separação do animal ou homem ou de sua animalidade]; quando *isso*: instintualmente seres de linguagem como expressão, sem mediações e representações, não tem o mínimo interesse em ser compreendido pelo discurso do “Ser” [de sua casa ou morada]. A *linguagem das coisas* já é linguagem *animot*, é manifestação de *forças espectrais e demoníacas*.⁹⁵⁵ “Tão forte como este *impulso destrutivo* é na autêntica historiografia o *impulso para a salvação [Rettung]*”.⁹⁵⁶

Este *inconsciente instintual* não pode ser capturado pelo “grande espelho”; é *rememoração* das intensidades “perdidas” em sua *salvação* a cada instante presente do *agora*. As irrupções deste inconsciente rompem com as adaptações do mundo extensivo;⁹⁵⁷ são “*Demônios de ação*”.⁹⁵⁸

⁹⁵¹ Ver a edição brasileira, JUNG. C.G. *O Livro vermelho: liber novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010.

⁹⁵² GAY. P. *Jung: o inimigo*. In *Freud: uma vida para nosso tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 227.

⁹⁵³ FREUD, S. *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico* (1914) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2008, vol. 14, p. 58.

⁹⁵⁴ NIETZSCHE. F. [*O Convalescente*] *Assim falava Zaratustra*, p. 183.

⁹⁵⁵ BENJAMIN, W. *Mundo e tempo* (1919) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 30 (Versão preparatória do ensaio perdido sobre “*O Verdadeiro Político*”).

⁹⁵⁶ BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4, p. 163 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “*Sobre o conceito da história*”, Fragmentos sem título, manuscrito 473).

⁹⁵⁷ BIRMAN, J. *Estilo e formas de subjetivação*. In *Para onde vamos?* Rio de Janeiro: Rio Artes, n.o. 33, 2003, p. 8.

⁹⁵⁸ BAUDELAIRE. C. *Espanquemos os pobres!* In *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 338.

Mas como dirá Derrida:

*« Je ne suis pas Benjamin, quand je me trouve nu au regard de l'animal, je ne suis pas prêt à le suivre dans cette belle méditation écrite en plein milieu de la première guerre mondiale, en 1916. »*⁹⁵⁹

Esta “bela meditação” que Derrida faz ref(v)erência chama-se: *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen* – “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens”.⁹⁶⁰

⁹⁵⁹ DERRIDA, J. *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 39. [Não sou Benjamin, quando me encontro nu diante do olhar do animal, não estou disposto a segui-lo nessa bela meditação escrita em 1916, em plena Primeira Guerra Mundial].

⁹⁶⁰ BENJAMIN, W. *Sur le langage en général et sur le langage humain* (1916). Trad. par Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000, p. 142 - 165.

*“O bode falou para o rato:
– O céu pegou fogo!
O rato falou para a pata:
– O céu pegou fogo!
A pata falou para o galo:
– O céu pegou fogo!
Fugiu o rato. Fugiu o galo. Fugiu a pata. Fugiu o bode.
O bode viu a coruja e falou:
– Foge, coruja! O céu pegou fogo! O fogo vai cair na mata!
A coruja viu o céu e falou:
– O fogo é um balão de São João.
O bode falou:
– Um balão de São João?
Vamos apagar o fogo do balão. O fogo não pode pegar na mata!
O balão caiu. O bode apagou o fogo e pendurou o balão. E todos deram vivas
a São João.” **

* FRANÇA, M. & FRANÇA, E. *Fogo no céu!* (1985). São Paulo: Ática, 2008.

Considerações finais

– fogo no céu!

Para além das representações da linguagem em sua substância fônica, o interesse nesta “conclusão” destes escritos de doutorado foi e está sendo desconstruir destruindo [*desconstrução destrutiva*] um imaginário que produz efeitos de barbárie *na* realidade da alma. Linguagem como representação da voz do homem ideologizado em seu humanismo conhecido como humano. Este drama trágico civilizacional que oculta revelando a verdade está presente no imaginário como produto mental de uma civilização que representa ou tenta representar todas as intensidades da vida viva transformando-as [com o apoio da nomeada “Teologia política”] *em* vida morta com o objetivo de domínio das chamadas massas ou “multidão”. O *poder* se faz pela *alma* [*Seele*]. A alma cria imagens de conteúdo religioso; estes conteúdos permanecem enquanto resíduos ou elementos culturais que sobrevivem as mudanças com os quais estão em aparente contradição numa pós-modernidade (ou Modernidade). Tirania da imagem – captura pela *imagem* gerando um efeito de suspensão.⁹⁶¹

Em todas as relações de força sempre foram inventadas formas representacionais que carregam o poder do simbólico na captura ou tentativa de captura das forças que pulsam no psíquico e no social. Da suspensão da imagem do supremo significante na cruz com muito sofrimento e crueldade ao seu drama “secularizado” nos ditos regimes totalitários ou nas democracias burguesas o objetivo de uma interpretação representacional da História foi e está sendo o mesmo a milênios: como dominar as *massas* e suas *almas*. Durante esta *magical mystery tour* [não tão misteriosa seria, mas muito mais

⁹⁶¹ « *Suspension de soi, caractérisée par l'effet paralysant de la captation par l'image.* » BIRMAN, J. *Je suis vu, donc je suis: la visibilité en question.* In *Les Tyrannies de la visibilité.* Paris: Érès, 2011, p. 40.

mágica se a linguagem fosse expressão do *animot* ou do *walrus*] problematizamos, desde a chamada “Introdução”, questões estruturais de nossa dita “civilização”: *soberania, linguagem e inimigo*; a tomar como exemplo a imagem da fundação da representação revelando-se *no* significante enquanto estrutura da *linguagem fônica* formando a forma do *inconsciente humano* e uma subjetivação primeira das chamadas massas no domínio da força do poder do simbólico e a tentativa de domínio da força.

Três elementos [*soberania, linguagem e inimigo*] que estruturaram as pesquisas em sua desconstrução destrutiva, elementos que dão *forma* a conhecida “Teologia política”; estes elementos estariam dialogando entre si e presentes na esfera do simbólico-imaginário na captura *das* almas das massas, com todos os seus efeitos políticos. Pedimos emprestados de maneira econômica e estratégica, os recursos sintáticos e lexicais da linguagem da metafísica no próprio momento em que a desconstruímos e destruímos. Esta *linguagem* em sua dimensão da *voz* ou *fônica* caminha junto com o poder, faz o poder, estrutura o poder – *discurso* enquanto estratégia do poder; o poder se faz através do discurso. Este discurso seria a forma da *mensagem* chegar as massas; num *determinado* momento da História, estas relações passam a ser dominadas pela *cibernética*; seria um sistema da substância fônica que se dá como significante que irá dominar neste imaginário a História do mundo; uma *fala* que se pretende plena e absoluta que vem colada com a força simbólica do poder simbólico. Um “símbolo” com seu poder simbólico *repetindo-se* nesta História produzindo *na* Modernidade (ou Pós-modernidade) uma nova situação da *fala*, uma nova forma de domínio, a *cibernética* – *forma* [aparentemente sem forma] mais cruel e sofrida do imaginário do *poder soberano*. Este “poder”, reconhecido pela chamada “Teologia política” pertenceria à esta *ordem da voz*, da linguagem enquanto dimensão fônica. O *inconsciente humano* formado pela linguagem – *inconsciente coletivo* dominado pela linguagem enquanto dimensão fônica, da *voz*, do discurso *num* complexo de imagens. A *linguagem* estaria só aí onde ela é falada, onde ela acontece entre os considerados *humanos*. Nesse sentido “secularizado” a linguagem seria uma atividade humana, pois só o homem (*este* homem: pelo homem como homem que *fala*) –

de modo diverso do considerado animal – *fala*. Nesta “civilização” encantada do *mito* soberano a linguagem [*Sprache*] é um falar [*Sprechen*]; este *falar* acontece entre *humanos*, seria uma *atividade humana*. E o *humano* é aquele ser vivo que dispõe dispositivamente de *linguagem*. Estamos aqui na situação do movimento circular borromeano, que representa a impossibilidade de rompimento deste *nó* – feito ou construído *no* Espírito. O que seria importante aqui rememorar [*Eingedenken*] Benjamin: “O espírito é *ditadura*”, esta que é a essência do *poder* como *violência mítica*, é de essência espiritual.⁹⁶² O *Geist* é a figura mais fatal do retorno do mesmo.

Neste sentido, a imagem de Deus nos *estados da alma humana* encarregam-se por si mesmo a fazer o chamado do “Soberano” [Mestre] que entra com a força simbólica do simbólico carregando a *voz* no comando das massas e suas almas. O chamado “Estado de exceção” seria antes de tudo interiorizado pela *linguagem humana*; passa – *passe* – ser o domínio do inconsciente – *inconsciente em exceção*. A *Gewalt* circula pela linguagem – circula pelo inconsciente. Este “inconsciente em exceção” parece ser a *regra* numa cultura logocêntrica. Um inconsciente formado pela linguagem enquanto ordem do discurso cuja inconsistência ou fragilidade deste inconsciente para resistir resultaria na barbárie de uma sociedade industrial representada pela fantasia espiritual do soberano ou do príncipe. O *inconsciente coletivo* efetivamente dominado pelas forças da monarquia; *determinadas* massas são consideradas humanas por *causa* de um *significante branco*. O estado de exceção seria internalizado *pela* linguagem enquanto dimensão da *voz*, da ordem do discurso; a verdade no discurso é velada mas é ela que sustenta o discurso; há algo que se instrumentaliza através do discurso. A *instituição da voz* comandando as massas; a *linguagem fônica erétil* enquanto *discurso* formadora do *poder*.

A *exceção soberana* não encontra-se somente no consciente da “violência mítica”; a exceção soberana encontra-se *no* inconsciente como linguagem fônica representada por sua *queda* na representação.

⁹⁶² Introdução.

O nomeado “estado de exceção” encontra-se na alma enquanto imagem. A política [o *político*] passa ser uma construção de imagens [ou *complexo de imagens*] no domínio das massas e suas almas.

Desta forma, um dos objetivos destes escritos, foi aproximar o *inconsciente* [formado por esta linguagem] no campo do *político* – uma abordagem estratégica do *inconsciente humano* [*L`inconscient humain*].⁹⁶³

Este tipo de esforço nos exigiu um alto grau de compreensão entre as relações das teorias política e psicanalítica [para além das tramas das racionalizações] e capacidade de trabalhar o material sem retirar seu “sentido” profundo; *sentido* que faz parte da estrutura “lacaniana-schmittiana”; de um significante “comunicação” que comunica um conteúdo *determinado* através dos séculos, um sentido identificável – *transmissão* de um *sentido*; através das variações da *voz*, reconhecendo a *identidade* de uma *forma significante*, vigiada por um aspecto de verdade. A fonte de uma *escrita fonética*, de um enunciado oral na primeira pessoa do presente do indicativo – *voz ativa* – presente na força discursiva “lacaniana-schmittiana”, de uma *oposição* de conceitos metafísicos numa hierarquia e ordem de uma subordinação. A palavra e sua forma de representar – *escrita fonética*, elemento da vida humana representacional que pretende *ser* ordem. Incapazes da responsabilidade ao outro [e ao outro do outro] em seu ser e em seu sentido, este(s) pensamento(s) seria o pensamento da *violência mítica*. Através dele, toda tradição filosófica seria cúmplice da opressão e do totalitarismo do mesmo. Velha amizade oculta entre a luz [Filosofia] e o poder [Política], cumplicidade entre a teoria e a prática técnico-política.

Desse diálogo entre estes elementos o *ser* passa *ser* um dos outros nomes da *repetição representativa*; a forma sob a qual podem repetir-se *na* palavra; o *ser* a palavra da repetição eterna, a vitória da imagem de Deus [simbólico, lei, estado, pai, soberano, razão, espírito etc) sobre o viver – a vida sob ou no tempo do ser; *ser* esse que chega ao “poder”, enquanto o vigorar do mundo acontece *na* linguagem e domínio das almas humanas. Essa relação

⁹⁶³ DERRIDA, J. *Et si l`animal répondait?* In *L`animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006, p. 165.

traz a imposição e ordenação, através da ênfase *na* representação, de uma relação unidimensional de temporalidade (elide e oculta a dimensão ética da *rememoração*) e a resutante eliminação das intensidades na História oficial.

Essa época ou História (da) metafísica decide determinando o *ser* como vida de uma subjetividade própria; a *linguagem articulada* em sua perfeição, por uma única e mesma *razão* “secularizada” imemorial. Nesta perspectiva, *esta* articulação só existe frente a uma linguagem que vem do homem enquanto humano. Desta forma, restaria apenas colocar esta linguagem como que sobre a constituição estrutural *do* amigo num movimento *circular*. Determinadas *massas* são consideradas *humanas* por *causa* de um “*mito branco*” [aquilo que não se identifica será *hostilizado*]. Censurou-se a Schmitt-Lacan ter feito do inimigo e não do amigo o critério *do político*. Numa palavra: a *hostilidade* é requerida por método e por definição, pela própria definição da definição; é portanto preciso partir desta oposição, logo *da hostilidade para aceder ao político*.

Mas nesta considerada ciência e na metafísica existe um perigo comum: deixar escapar a *diferença*. Uma concebe o objeto como produto, eficácia e um resultado, a outra concebe o ser como algo de uma perfeição imutável e servir como princípio de identidade e reconhecimento; ambas pretendem atingir a repetição eterna deste “ser” a partir do eterno combate de oposições. Novas formas que escondem velhos espíritos que se acreditavam exorcizados. Formas ou psicologia das formas como num *complexo de imagens*, a forma pela qual o outro semelhante se inscreve – nesta cultura da metafísica da escritura fonética: onde o humano se inscreve falando em sua fala. Nesta “cultura”, o inimigo tem a figura da questão: “*il est notre propre question comme figure (als Gestalt)*”.⁹⁶⁴

Para os seus leitores, “shmittianos” e “lacanianos” – pensadores da representação – o problema é uma relutância em aceitar a importância para Lacan e Schmitt da tradição cristã e dos conceitos que eles daí extraem. Num *determinado* espaço, na tentativa de “purificação” ou “imunização” destes

⁹⁶⁴ DERRIDA, J. *Politiques de l'amitié*. Paris: Galilée, 1994, p. 188.

conceitos e deste pensar, uma aversão à tradição cristã faz com que estes leitores não vejam que estes elementos [*soberania, linguagem e inimigo*] não estão “secularizados”, *mas* permanecem e existem enquanto resíduos “teológicos” ou [ii]. Há resíduos que permanecem ocultos nos estados da alma. O não-pensado do pensamento laciano-shmittiano é o seu envolvimento inextricável na tradição cristã. Uma vez que esta é a *repetição* do não-pensado da Filosofia ocidental, a obra destes pensadores torna-se central para o desenvolvimento de uma compreensão desta tradição – dos mundos extensivos-inextensivos –, assim como inacessível àqueles que não aceitam a necessidade de um encontro com a herança cristã na Filosofia ou nesta forma de pensar, ou seja: “a crítica não religiosa”, na ordem do dia.

Este questionar revela uma ligação ao precedente modelo teológico dos seres humanos como portadores da dita e auto-proclamada “razão”; revela ao mesmo tempo, o impacto desta cultura e idéias religiosas no pensar. Humanos em suas humanidades e várias comunidades – a metafísica da identidade torna-se problema *do* político; esta identidade aparece, através da História imemorial do pensamento ocidental com o caráter da unidade; *estados da alma* em que os seres humanos se encontram na maior parte das vezes.

A ameaça das montanhas e do mar enraivecido, a sublimidade das energias, o deleite das plantas e a magia das florestas, os instintos dos animais – tudo isso é exterminado pela *linguagem fônica* enquanto o vigorar de um centro unificado da existência histórica da humanidade que estrutura e mantém o mundo – *suspendendo-o*.

Quando os considerados animais fogem da floresta num primeiro momento, não se dão conta que o fogo no céu é um aviso real do poder imaginário soberano forjado no movimento ilusório do balão que refletia seu drama e sua luz no céu acinzentado por suas chamas. O *aviso de incêndio* com o *fogo no céu* alertava todas as coisas vivas do perigo das representações no domínio das expressões dos instintos e suas intensidades na experiência da vida viva, o que demonstra sua necessidade de desconstrução, por outro lado, destruição; qual um animal no instante em que é domado, ainda rosnasse desta representação – resistindo a *Gewalt*.

*Goo Goo Goo Joob*⁹⁶⁵

Resistindo a *violência mítica* [*poder mítico*] pela *linguagem animot* – uma tal atividade ou acontecimento da vida chegando no ponto mais intenso no animal ou no instinto. A pureza – divindade – dos instintos do *animot* descobrem os exterminadores.

⁹⁶⁵ *I am the walrus* (1968).

Anexo I



Perugino (Pietro Vannucci), Pinturicchio (Bernardino Di Betto)⁹⁶⁶
Batismo de Cristo (1481 – 1482)
3,40m X 5,41m.

⁹⁶⁶ *Enciclopédia dos Museus – Museus do Vaticano – Roma*, Arnoldo Mondadori Editore: Milão, 1968, p. 69.



Botticelli⁹⁶⁷
A Lamentação (1490 – 1500)
108,5 X 71 cm – Museu Poldi Pezzoli, Milão.

⁹⁶⁷ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 94.



Botticelli⁹⁶⁸

Natividade Mística (1500)

108,5 x 74,9 cm – Galeria Nacional, Londres.

⁹⁶⁸ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 95.



Botticelli ⁹⁶⁹
Madona do Magnificat (1480 – 1485)
1,18 m de diâmetro – Galeria degli Uffizi, Florença.

⁹⁶⁹ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 96.



Botticelli
Sant'Agostino nello studio (1480)
152 x 112



Rafael⁹⁷⁰
A Transfiguração (1517 – 1520)
4,05 X 2,7 m – Pinacoteca Vaticana, Roma.

⁹⁷⁰ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 120.



El Greco⁹⁷¹
Vista de Toledo

⁹⁷¹ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 128, 129.



El Greco⁹⁷²
A Ressurreição

⁹⁷² *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 128.



El Greco⁹⁷³
A Assunção da Virgem (1577)
4 X 2 m – Instituto de Arte de Chicago.

⁹⁷³ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 136.



El Greco⁹⁷⁴
A Santíssima Trindade (1577)

⁹⁷⁴ *Enciclopédia dos Museus – Prado – Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 61, 63.



El Greco⁹⁷⁵
O Enterro do Conde de Orgaz (1586)

⁹⁷⁵ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 132, 133.



El Greco⁹⁷⁶
A Crucificação (1559 - 1600)
3 x 1 m – Museo do Prado, Madri.

⁹⁷⁶ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 139; *Enciclopédia dos Museus – Prado – Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 68, 69.



El Greco⁹⁷⁷
A Adoração dos Pastores (1612 – 1614)
3,20 X 1,80 m – Museu do Prado, Madri.

⁹⁷⁷ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 144.



El Greco⁹⁷⁸
Pentecostes

⁹⁷⁸ *Enciclopédia dos Museus – Prado – Madri*, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968, p. 66, p. 69.



Rogier van der Weyden⁹⁷⁹
Triptico de Santa Columba (1455 – 1460)
Painel central: 1,40 X 1,50 m; Laterais: 1,40 X 0,70 m
Antiga Pinacoteca, Munique.

⁹⁷⁹ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 214.



Rogier van der Weyden⁹⁸⁰
A Deposição (1435 – 1440)
2,20 X 2,60 m – Museu do Prado, Madri.

⁹⁸⁰ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 204, 210.

Anexo II



Rogier van der Weyden⁹⁸¹

Retábulo dos Sete Sacramentos (1445 – 1450)

Painel central: 2,00 X 0,97 m; Laterais: 1,20 X 0,63 m

Museu Real de Belas Artes, Antuérpia.

⁹⁸¹ *Os Grandes Artistas*, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II, p. 212 - 213.

Anexo III



Michelangelo⁹⁸²
Juízo Final (1536 - 1541)

⁹⁸² *Enciclopédia dos Museus – Museus do Vaticano – Roma*, Arnoldo Mondadori Editore: Milão, 1968, p. 97, 98.

Bibliografia

- ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. *Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento*. (1944) In *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- AGAMBEN, G. *L'amitié*. Traduit Martin Rueff. Paris: Payot, 2007.
- ARTAUD, A. *O Teatro e seu duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BENJAMIN, W. *A Modernidade*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, vol. 3.
- BENJAMIN, W. *Critique de la violence* (1921). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000.
- BENJAMIN, W. *Crítica da violência (Crítica do poder)*. Trad. Willi Bolle. In *Documentos de cultura, documentos de barbárie*, São Paulo: USP, 1986.
- BENJAMIN, W. *Sobre a crítica do poder como violência*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4.
- BENJAMIN, W. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: 34, 2011.
- BENJAMIN, W. *Imagens de pensamento*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, vol. 2.
- BENJAMIN, W. *Johann Jakob Bachofen* (1934-35) In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4.
- BENJAMIN, W. *Le Caractère destructeur* (1931). Traduit Rainer Rochlitz. In *Oeuvres II*, Paris: Gallimard, 2000.
- BENJAMIN, W. *O Caráter destrutivo*. Trad. Willi Bolle. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, São Paulo: USP, 1986.
- BENJAMIN, W. *O Carácter destrutivo*. In *Imagens de pensamento*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, vol. 2.

BENJAMIN, W. *Mundo e tempo* (1919) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4 (Versão preparatória do ensaio perdido sobre “O Verdadeiro Político”).

BENJAMIN, W. *O Anel de saturno ou sobre a construção em ferro*. In *Passagens*. Trad. Irene Aron & Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo: UFMG, 2006.

BENJAMIN, W. *O Capitalismo como religião* (1921) (*Fragmentos: Filosofia da História e Política*). In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4.

BENJAMIN, W. *O Ensino de moral*. (1913). In *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2002.

BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. (1925) Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, vol. 1.

BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, W. *Origine du drame baroque allemand*. Traduit Sibylle Muller. Paris: Flammarion, 2009.

BENJAMIN, W. *El Origen del drama barroco alemán*. Traducción José Muñoz Millanes. Madrid: Taurus Humanidades, 1990.

BENJAMIN, W. *The Origin of german tragic drama*. Translated John Osborne. London / New York: Verso, 2003.

BENJAMIN, W. *Paralipômenos, reflexões preparatórias, fragmentos*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4 (As passagens cortadas por Benjamin nos originais de “Sobre o conceito da história”).

BENJAMIN, W. *Programa de um teatro infantil proletário*. (1928). In *Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2002.

- BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho & José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BENJAMIN, W. *Rua de sentido único e infância em Berlim por volta de 1900*. Trad. Isabel de Almeida e Sousa & Claudia de Miranda Rodrigues. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BENJAMIN, W. *One-way street and other writings*. Translated Edmund Jephcott & Kingsley Shorter. London / New York: Verso, 2006.
- BENJAMIN, W. *Sur le concept d'histoire* (1940). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000.
- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito da história*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4.
- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de história*. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de história*. In LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio - uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Trad. das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BENJAMIN, W. *Sur le langage en général et sur le langage humain* (1916). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000.
- BENJAMIN, W. *Théories du fascisme allemand* (1930). Traduit Pierre Rusch. In *Oeuvres II*, Paris: Gallimard, 2000.
- BENJAMIN, W. *Teorias do fascismo alemão*. Trad. Ilka Roth e Willi Bolle. In *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*, São Paulo: USP, 1986.
- BENJAMIN, W. *Teorias do fascismo alemão*. In *O Anjo da História*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4.

- BIRMAN, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BIRMAN, J. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BIRMAN, J. *“Derrida e a psicanálise”*. Notas do curso ministrado por Joel Birman no Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos - EBEP, Rio de Janeiro, 2007.
- BIRMAN, J. *Estilo e formas de subjetivação*. In *Para onde vamos?* Rio de Janeiro: Rio Artes, n.o. 33, 2003.
- BIRMAN, J. *Freud e a política, entre judaísmo e judeidade*. In SAID. E.W. *Freud e os Não-Europeus*. Trad. Arlene Clemesha. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BIRMAN, J. *Je suis vu, donc je suis: la visibilité en question*. In *Les Tyrannies de la visibilité*. Paris: Érès, 2011.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BIRMAN, J. *O Arquivo da psicanálise*. In *Jung: a psicologia analítica e o resgate do sagrado*. Memória da Psicanálise, n.o.2. São Paulo: Ediouro (s/ data).
- BIRMAN, J. *Sujeito e estilo em psicanálise: sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In *As Pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995.
- BIRMAN, J. *Uma desconstrução do biopoder?*. In *Gramáticas do Erotismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CALLADO, T.C. *O comportamento ex-officio do estadista na teoria da soberania em Origem do Drama Barroco Alemão*. In *Ética e Metafísica*. Fortaleza: UECE, 2007.
- CALLADO, T.C. *Walter Benjamin e a experiência da origem*. Fortaleza: UECE, 2006.
- CHAUÍ, M. *O Retorno do teológico-político*. In *Retorno ao Republicanismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- CHAUÍ, M. *Política em Espinosa*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- CHESTERTON, G.K. *Orthodoxy*. San Francisco: Ignatius Press, 1995.
- CORBISIER, R. *Filosofia política e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- CORTES, D. *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*. Buenos Aires: Americalee, 1943.
- COSTA, J.F. *O Risco de cada um: e outros ensaios sobre psicanálise e cultura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 2008.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*. In *A Ilha Deserta*. Trad. Hilton F. Japiassú. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, G. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Antonio M. Magalhães. Porto: Rés- editora, 2001.
- DELEUZE, G. *Nietzsche*. Trad. Alberto Campos. Lisboa: 70, 2001.
- DELEUZE, G. *O que é um dispositivo?* In *O Mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1996.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Contre le mythe et la tragédie*. In *L'anti-Oedipe: capitalisme et schizophrénie*. Paris: Minuit, 1972.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Contra o mito e a tragédia*. In *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.
- DERRIDA, J. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- DERRIDA, J. *De la grammatologie*. (1967). Paris: Minuit, 2006.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman & Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DERRIDA, J. *De que amanhã ...* Trad. André Telles. Rio de Janeiro: JZE, 2004.
- DERRIDA, J. *De l'esprit*. Paris: Flammarion, 2010.
- DERRIDA, J. *Do espírito*. Trad. Constança Marcondes. Campinas: Papyrus, 1990.

- DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise - o impossível para além da soberana crueldade*. Trad. Antonio Romane & Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.
- DERRIDA, J. *Force de loi: le « fondement mystique de l'autorité »*. Paris: Galilée, 1994.
- DERRIDA, J. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DERRIDA, J. *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 2006.
- DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: UNESP, 2002.
- DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto: Rés, s/ data.
- DERRIDA, J. *O Cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Trad. Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DERRIDA, J. *O Monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- DERRIDA, J. *O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?*. Trad. Evando Nascimento. In *Jacques Derrida: Pensar a Desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- DERRIDA, J. *Politiques de l'amitié*. Paris: Galilée, 1994.
- DERRIDA, J. *Políticas da amizade*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2003.
- DERRIDA, J. *Violence et métaphysique*. In *L'écriture et la différence*. (1967) Paris: Seuil, 2000.
- DERRIDA, J. *Violência e metafísica*. In *A Escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2009.

- FERENCZI, S. *Adestramento de um cavalo selvagem*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2.
- FERENCZI, S. *Crítica de metamorfoses e símbolos da libido, de Jung*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2.
- FOUCAULT, M. *Direito de morte e poder sobre a vida*. In *História da sexualidade I: A Vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. *Introdução à vida não fascista*, In Deleuze, G. & Guattari, F. *Anti-oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York: Viking Press, 1977.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- FOUCAULT, M. *Nietzsche, Freud & Marx; Theatrum philosophicum (1975)* Trad. Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio, 1997.
- FOUCAULT, M. *O Poder psiquiátrico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Especialmente a Aula de 21 de novembro de 1973 - O "Poder de soberania").
- FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970 - 1982)*. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: JZE, 1997.
- FREUD, S. *El Porvenir de una ilusión (1927)* Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 21.
- FREUD, S. *O Futuro de uma ilusão*. Trad. Jayme Salomão. In *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, ESB, vol. XXI.
- FREUD, S. *El Malestar en la cultura (1929)* Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 21.
- FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. Trad. Jayme Salomão. In *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, ESB, vol. XXI.

- FREUD, S. *Psicologia de las masas y análisis del yo* (1921) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2008, vol. 18.
- FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Trad. Jayme Salomão. In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, ESB, vol. XVIII.
- GAGNEBIN, J.M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GALVÃO JR. J.C. *Fechamento da ouverture de l'histoire [uma resposta à Carta do "Filósofo da Política" sobre a razão humana]* In *Leviathan cibernético*. Rio de Janeiro: NPL, 2008.
- HEGEL, G.W.F. *Précis de l'encyclopédie des sciences philosophiques*. Traduction J. Gibelin. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1970.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.
- HEIDEGGER, M. *A Pergunta pela essência da linguagem (Lógica)*. Trad. Maria Adelaide Pacheco & Helga Hooek Quadrado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- HEIDEGGER, M. *Sobre o "humanismo" - carta a Jean Beaufret, Paris*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Victor Civita, 1973.
- HODGE, J. *Heidegger e a ética*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- JUNG, C. G. *Mysterium coniunctionis*. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 2011, vol. 14/ 1.
- JUNG. C.G. *O Livro vermelho: liber novus*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2010.
- JUNG. C.G. *Septem sermones ad mortuos* (1916). In *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Milton Persson. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- JUNG. C.G. *Símbolos da transformação - análise dos prelúdios de uma esquizofrenia* (1911 - 1952) Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1995.

- KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KATZ, C.S. *Complexo de Édipo - Freud e a multiplicidade edípica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- KATZ, C.S. *O Coração distante*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.
- KATZ, C.S. "Seminário sobre a Técnica Psicanalítica". Notas do curso ministrado por Chaim Samuel Katz na Formação Freudiana - F.F, Rio de Janeiro, março-novembro de 2010.
- KATZ, C.S. "Seminário sobre a Técnica Psicanalítica". Notas do curso ministrado por Chaim Samuel Katz na Formação Freudiana - F.F, Rio de Janeiro, março-setembro de 2011.
- KONDER, L. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LACAN, J. *À quoi sert le mythe* (1957) In *La relation d'objet*. Paris: Seuil, 1994, Livre IV.
- LACAN, J. *Para que serve o mito*. In *A Relação de Objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: JZE, 1995, Livro 4.
- LACAN, J. *Au-delà du « Principe de réalité »* (1936) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, J. *Para-além do "Princípio de realidade"* In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- LACAN, J. *De locutionis significatione* (1954) In *Les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil, 1975, Livre I.
- LACAN, J. *De locutionis significatione*. In *Os Escritos técnicos de Freud*. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: JZE, s/ data, Livro 1.
- LACAN, J. *Du symbole, et de sa fonction religieuse* (1954). In *Le Mythe individual du névrosé*. Paris: Seuil, 2007.
- LACAN, J. *Do símbolo e de sua função religiosa*. In *O Mito individual do neurótico*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: JZE, 2008.

LACAN, J. *L'Esprit des noeuds* (1975) In *Le Sinthome*. Paris: Seuil, 2005, Livre XXIII.

LACAN, J. *O Espírito dos nós*. In *O Sinthoma*. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: JZE, 2007, Livro 23.

LACAN, J. *Le séminaire sur « la Lettre volée »* (1956) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, J. *O seminário sobre “a Carta roubada”* In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

LACAN, J. *Le signifiant et le Saint-Esprit* (1956) In *La relation d'objet*. Paris: Seuil, 1994, Livre IV.

LACAN, J. *O significante e o Espírito Santo*. In *A Relação de objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: JZE, 1995, Livro 4.

LACAN, J. *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je* (1936 - 1949) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do Eu* In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

LACAN, J. *Des noms-du-Père* (1953 / 1963). Paris: Seuil, 2005.

LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

LACAN, J. *Le Pouvoir des impossibles* (1970) In *L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991, Livre XVII.

LACAN, J. *O Poder dos impossíveis*. In *O Averso da psicanálise*. Trad. Ary Roitman. Rio de Janeiro: JZE, 1992, Livro 17.

LACAN, J. *Le Triomphe de la religion - précédé de discours aux catholiques*. (1960 / 74). Paris: Seuil, 2005.

LACAN, J. *O Triunfo da religião, precedido de, discurso aos católicos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

LACAN, J. *Où est la parole? Où est le langage?* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II.

LACAN, J. *Onde está a fala? Onde está a linguagem?* In *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Trad. Marie Christine Lasnik Penot e Antonio Luis Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: JZE, 1985, Livro 2.

- LACAN, J. *Propos sur la causalité psychique* (1946) In *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, J. *Formulações sobre a causalidade psíquica* In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: JZE, 1998.
- LACAN, J. *Psychanalyse et cybernétique, ou de la nature du langage* (1955) In *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978, Livre II.
- LACAN, J. *Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem* In *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Trad. Marie Christine Lasnik Penot e Antonio Luis Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: JZE, 1985, Livro 2.
- LESSA, R. *A Política como ela é...: Carl Schmitt e o realismo político*. In *Agonia e ceticismo - ensaios de Filosofia Política*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LÖWY, M. *Romantismo e messianismo*. Trad. Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- LÖWY, M. *O Capitalismo como religião: Walter Benjamin e Max Weber*. In *As utopias de Michael Löwy*, São Paulo: Boitempo, 2007.
- LÖWY, M. *Walter Benjamin: avertissement d'incendie - une lecture des thèses « Sur le concept d'histoire »*. Paris: PUF, 2001.
- LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio - uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. Trad. das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LEVINAS. E. *L'asymétrie du visage*. (1986) In *Grands articles Emmanuel Levinas*. Paris, PUF, 2006.
- MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: JZE, 2001.
- MAFFESOLI, M. *A transfiguração do político*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina-Meridional, 2005.

- MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MARCUSE, H. *Cultura e sociedade*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MARCUSE, H. *Raison et révolution - Hegel et la naissance de la théorie sociale*. Trad. Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Editions de Minut, 1968.
- MARCUSE, H. *Razão e revolução - Hegel e o advento da teoria social*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MARCUSE, H. *Guerra, tecnologia y fascismo - textos inéditos*. Medellín: Universidad de Antioquia e UNESP, 2001.
- MARCUSE, H. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Trad. Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: UNESP, 1999.
- MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Vitória, 1963.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983, Vol. 1 (especialmente sobre *O Caráter fetichista da mercadoria e seu segredo*).
- MARX, K. & ENGELS, F. *Tese contra Feuerbach*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Versão engelsiana, São Paulo: M.C, 2004).
- MENEGAT, M. *Depois do fim do mundo: a crise da modernidade e a barbárie*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital - rumo a uma teoria da transição*. Trad. Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo: 2006.
- MURICY, K. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- NIETZSCHE, F. *A Genealogia da moral - uma polêmica*. Trad. Carlos José de Meneses. Lisboa: Guimarães (s/ data).
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. São Paulo: Brasil editora, 1965.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- NIETZSCHE, F. *Necessidade do mito - o homem abstrato - o renascer do mito alemão*. In *O Nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PALMIER, J.M. *Sur Marcuse*. Paris: UGE, 1969.
- RATZINGER, J. *A União das nações*. Trad. Frans van de Vater. São Paulo: Loyola, 1975.
- REICH, W. *A Peste emocional*. In *Análise do caráter* (1933) Trad. Ricardo Amaral do Rego. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- REICH, W. *O assassinato de Cristo: a peste emocional da humanidade* (1952) Trad. Carlos Ralph Lemos Viana. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- ROUANET, S. P. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- SANTIAGO, S. *O Silêncio, o segredo, Jacques Derrida*. In *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- SCHMITT, C. *Catolicismo romano e forma política*. (1925). Trad. Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Hugin, 1998.
- SCHMITT, C. *Crise da democracia parlamentar*. Trad. de Inês Lohbauer. São Paulo: Scritta, 1996.
- SCHMITT, C. *El nomos de la tierra*. Trad. Dora Schilling Thon. Buenos Aires: Struhart, 2005.
- SCHMITT, C. *O Conceito do político*. (1932) Trad. Alvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1992.

- SCHMITT, C. *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes - sentido e fracasso de um símbolo político*. (1938) Trad. Cristiana Filizola & João C. Galvão Jr. In GALVÃO JR. J.C. *Leviathan cibernético - da quebra das máquinas ao Leviatã cibernético* (Manifesto II). Rio de Janeiro: NPL, 2008.
- SCHMITT, C. *Teologia política*. (1922) Trad. Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.
- SLOTERDIJK. P. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- SPINOZA, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SPINOZA, B. *Tratado teológico-político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SPITTELER. C. *Prometeu e Epimeteu*. Trad. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.
- VEYNE. P. *A Despeito de Heidegger, o homem é um animal inteligente*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. In *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- VEYNE. P. *Universalismo, universais, epigênese: os primórdios do Cristianismo*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. In *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- ŽIŽEK, S. *A Monstruosidade de Cristo: paradoxo ou dialética?* Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2008.
- ŽIŽEK, S. & DALY G. *Arriscar o impossível*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2006.
- ŽIŽEK, S. *Violência – seis notas à margem*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2009.

Fontes Artísticas

Enciclopédia dos museus - museus do Vaticano - Roma, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968.

Enciclopédia dos museus - Prado - Madri, Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1968.

Enciclopédia da civilização e da arte, São Paulo: Martins (s/ data), vol. III.

Gênios da arte - El Greco, São Paulo: Girassol, 2007.

História geral da arte - pintura I, Prado: Ediciones del Prado, 1995.

Michelangelo, Madri: Susaeta Ediciones, 2007.

Os grandes artistas, São Paulo: Nova Cultural, 1986, Vol. II.

Fontes Impressas

ABBA EBAN. *A História do povo de Israel*. Trad. Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.

AGAMBEN, G. *État d'exception*. Traduit par Joël Gayraud. Paris: Seuil, 2003.

AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGOSTINHO, A. *A Cidade de deus*. Trad. João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

AGOSTINHO, A. *A Cidade de deus: contra os pagãos*. Trad. Oscar Paes Leme. São Paulo: Universitária São Francisco, 2006.

ALLAN, T. *Conquistas mongólicas*. Trad. Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Abril, 1991.

ALTER, R. *Anjos necessários*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

- AQUINO, T. *Aurora consurgens*. In JUNG, C. G. *Mysterium coniunctionis (Epílogo; Aurora consurgens)*. Trad. Dora Mariana Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011, vol. 14/ 3.
- AQUINO, T. *Sobre os anjos (Tractatus de substantiis separatis)*. Trad. Luiz Astorga. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.
- AQUINO, T. *Sobre o mal (Quaestiones disputatae de malo)*. Trad. Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005, tomo I.
- AQUINO, T. *Suma teológica (Summae theologiae)*. São Paulo: Loyola, 2003, vol. I.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BARTOLETTI, S. C. *Juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BAUDELAIRE. C. *As Multidões*. In *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BAUDELAIRE. C. *Espanquemos os pobres!* In *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BAUDELAIRE. C. *O Estrangeiro*. In *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BARRENTO, J. *O Arco da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2006.
- BLUMENKRANZ, B. *Juifs et chrétiens dans le monde occidental*. Paris: Mouton, 1960.
- BODIN, J. *Das verdadeiras marcas de soberania*. In *Os seis livros da república (Livro primeiro)*. Trad. José Carlos Orsi Morel. São Paulo: Ícone, 2011.
- CANETTI, E. *Masse et puissance*. Traduit Robert Rovini. Paris: Gallimard, 1995.
- CANETTI, E. *Massa e poder*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- CELAN, P. *A Morte é uma flor*. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1998.
- CELAN, P. *Cristal*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- CELAN, P. *Fuga da morte*. In *Sete rosas mais tarde*. Trad. João Barrento e Y.K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996.
- CELAN, P. *Habitas duas casas*. In *Sete rosas mais tarde*. Trad. João Barrento e Y.K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996.
- CELAN, P. *Hermetismo e hermenêutica - Poemas II*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- CELAN, P. *No poço do tempo [Im Zeithub]* In *A Morte é uma flor*. Trad. João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1998.
- CELAN, P. *Sete rosas mais tarde*. Trad. João Barrento e Y.K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996.
- CHRISTMEIER, M. *Fascination and terror*. Documentation Centre Nazi Party Rally Nuremberg. Translations Maria O'Hanlon. Nürnberg: Museen der Stadt Nürnberg, 2006.
- COUTINHO, W. *Imediações: a crítica de Wilson Coutinho*. Rio de Janeiro: Conexão Artes Visuais, 2008.
- ENGELS, F. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, In *A Ideologia Alemã*, São Paulo: M.C, 2004.
- FAYE, J-P. *A Razão narrativa – a filosofia heideggeriana e o Nacional-socialismo*. Trad. Paula Martins, Henrique Antoun e Joaquim Humberto Oliveira. São Paulo: ed. 34, 1996.
- FEUERBACH, L. *A Essência do cristianismo*. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- FRANÇA, M. & FRANÇA, E. *Fogo no céu!* (1985). São Paulo: Ática, 2008.

- FREUD, S. *Antisemitismo en Inglaterra (Carta a Time and Tide)* (1938) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires / Madrid: Amorrortu, 2007, vol. 23.
- FREUD, S. *Anti-semitismo na Inglaterra*. Trad. Jayme Salomão. In *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Imago, 2006, ESB, vol. XXIII.
- FRIEDMAN, G. *Fim do Povo Judeu?* Trad. Alberto Guzik, Dora Ruhman, Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- GRASS, G. *Nas peles da cebola*. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2007.
- HEBECHE, L. *O Escândalo de Cristo*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- HEINE, H. *Três textos sobre o ódio racial*. Trad. Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Hedra, 2009.
- HERRMANN, P. *A Conquista da Ásia*. Trad. João Távora e Marina Guaspari. São Paulo: Boa Leitura, s/ data.
- HITLER, A. *Minha luta*. Trad. Klaus Von Puschén. São Paulo: Centauro, 2005.
- HITLER, A. *Minha nova ordem*. Trad. Leonel Vallandro e outros. Porto Alegre: Meridiano, 1941.
- HOBBSBAWN, E. *Era dos extremos*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HOPKINS, M. *Rex Deus: o verdadeiro mistério de Rennes-le-Château e a dinastia de Jesus*, Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- IZECKSOHN, Isaac. *O Anti-semitismo*. São Paulo: Formosa, 1954.
- JUNG, C.G. *Cartas (1906 - 1945)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 1.
- JUNG, C.G. *Cartas (1946 - 1955)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, vol. 2.
- JUNG, C.G. *Cartas (1956 - 1961)*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2003, vol. 3.
- JUNG, C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- JUNG, C.G. *O Movimento circular e o centro*. In *O Segredo da flor de ouro*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 2007.

- KAFKA, F. *Diários [1910 - 1924]*. Trad. Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, s/ data, vol. 10.
- KAFKA, F. *Parábolas e fragmentos*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.
- KATZ, C.S. *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1985.
- KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão popular, 2009.
- KEEGAN, J. *Waffen-SS: soldados da morte*. Rio de Janeiro: Renes, 1973.
- KERSHAW, I. *Hitler: um perfil do poder*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: JZE, 1993.
- LE GOFF, J. *O Deus da idade média*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MAN, J. *Átila - o huno*. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- MAN, J. *Gêngis Khan*. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- MARX, K. *Sobre a questão judaica*. Trad. Nélio Schneider Bensaïde e Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MÜLLER, I. *Hitler's justice*. Cambridge, Massachusetts: Harvard, 1991.
- PERRAULT, G. (Org.). *O Livro negro do capitalismo*, Rio de Janeiro: Record, 2000.
- POE. E.A. *O Jogador de xadrez de Maelzel*. In *Histórias extraordinárias*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Victor Civita, 1981.
- POE. E.A. *A Carta roubada*. In *Histórias extraordinárias*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Victor Civita, 1981.
- RATZINGER, J. [BENTO XVI]. *Jesus de Nazaré*. Trad. José Jacinto Ferreira de Farias. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- REICH, W. *Escute, zé-ninguém!* Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. (1942) Trad. Maria de Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTNER, E. L. *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: JZE, 1997.

- SCHMITT, C. *A Unidade do mundo*. In *Carl Schmitt contra o "império"*. Trad. José Maria Arruda. Recife: UFPE, 2009.
- SCHMITT, C. *Escritos de política mundial*. Buenos Aires: Heracles, 1996.
- SCHMITT, C. *Interpretación europea de Donoso Cortés*. Trad. Francisco de Asís Caballero. Buenos Aires: Struhart, 2006.
- SCHMITT, C. *Los fundamentos histórico-espirituales del parlamentarismo em su situación actual*. Trad. Pedro Madrigal Devessa. Madrid: Tecnos, 2008.
- SCHMITT, C. *O Führer protege o direito: sobre o discurso de Adolf Hitler no Reichstag em 13 de julho de 1934*. Trad. Peter Naumann (mimeo, s/ data).
- SCHOLEM, G. & BENJAMIN, W. *Théologie et utopie. Correspondance 1933 - 1940*. Traduit par Didier Renault & Pierre Rusch. Paris: Editions de l'éclat, 2010.
- SCHOLEM, G. & BENJAMIN, W. *Correspondência 1933 - 1940*. Trad. Neusa Soliz. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SCHOLEM, G. *O Golem, Benjamin, Buber e outros justos: judaica I*. Trad. Ruth Joanna Solon. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- SCHOLEM, G. *Walter Benjamin: a história de uma amizade*. Trad. Geraldo Gerson, Natan Nobert Zins. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos*. Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SHIRER, W. L. *Ascensão e queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933 - 1939)*. Trad. Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. I.
- SHIRER, W. L. *Ascensão e queda do Terceiro Reich: o começo do fim (1939 - 1945)*. Trad. Pedro Pomar e Leônidas Gontijo. Rio de Janeiro: Agir, 2008, vol. II.
- SIMONS, G. *Os bárbaros na Europa*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- SNYDER, L.L. *Hitler's third Reich*, Chicago: Nelson-Hall, 1981.
- STACKELBERG, R. *A Alemanha de Hitler*. Trad. A.B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- STARBIRD, M. *Maria Madalena e o santo graal*, Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

STEIGMANN-GALL, R. *O Santo reich: concepções nazistas do cristianismo, 1919 - 1945*. Trad. Claudia Gerpe Duarte: Rio de Janeiro: Imago, 2004.

TROTSKY, L. *Revolução e contra-revolução*. Trad. Mário Pedrosa. CLB: Lisboa, (s/ data).

WEPMAN, D. *Hitler*. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

WIESEL, E. *Holocausto: canto de uma geração perdida*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1978.

Internet

AGAMBEN, *A Ordem mundial em Estado de exceção*. Disponível em www.nplyriana.adv.br Consulta realizada em 17.06.2007.

BENTO, A. *Teologia e mitologia política: um retrato de Carl Schmitt*. Disponível em www.bocc.ubi.pt Consulta realizada em 30.04.2007.

BIRMAN, J. *Épica do mal*. Disponível em www.jbonline.terra.com.br Consulta realizada em 21/06/2006.

DERRIDA, J. *A Razão do mais forte*. Disponível em diplo.uol.com.br Consulta realizada em 06.09.2008.

KATZ, C.S. *Para os 100 anos de Lacan*. Disponível em www.estadosgerais.org Consulta realizada em 07.10.2008.

MILLER, J.A. *Sur Carl Schmitt*. Disponível em www.jorgeforbes.com.br Consulta realizada em 10.01.2009.

RATZINGER, J. *Discursos do Papa Bento XVI*. Disponível em L'Osservatore Romano www.vatican.va Consulta realizada em 30.01.2009.

TERTULIANO. *De Spectaculis*. Disponível em: www.tertullian.org/latin/de_spectaculis.htm Consulta realizada em 16.03.2008.
